PHARMACOPÊA

PORTUGUEZA

PHARMACOPÊA

PORTUGUEZA

EDIÇÃO OFFICIAL

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1876

DECRETO

APPROVANDO O PROJECTO DE PHARMACOPÊA

Tendo a commissão nomeada por decreto de 15 de novembro de 1871 feito subir á minha real presença o projecto de pharmacopêa geral do reino, que foi encarregada de elaborar; e attendendo a que no mesmo projecto estão convenientemente consideradas e aproveitadas as indicações das sciencias applicaveis, no seu progressivo desenvolvimento, o que torna esta obra recommendavel para o ensino e pratica da pharmacia em harmonia com as exigencias da epocha:

Hei por bem conceder a minha real approvação ao mencionado projecto, e determinar que, sob a denominação de *Pharmacopêa portugueza,* fique substituindo para todos os effeitos legaes o «Codigo pharmaceutico lusitano» approvado por decretos de 6 de outubro de 1835 e 14 de fevereiro de 1861, o que todavia só terá execução depois de decorridos seis mezes a contar da publicação d'este decreto no *Diario do governo.*

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 14 de setembro de 1876.

REI.

Antonio Rodrigues Sampaio.

DECRETO

MANDANDO ELABORAR UM PROJECTO DE PHARMACOPÊA

Tornando-se consideravelmente sensivel a falta de uma pharmacopêa geral ou codigo pharmaceutico do reino, que esteja a par do progresso das sciencias correlativas e corresponda ao actual systema de pesos e medidas; e annuindo ás instancias que, por parte de associações scientificas e pessoas competentes e zelosas do bem publico, me têem sido dirigidas sobre os inconvenientes e irregularidades que resultam da deficiencia do «Codigo pharmaceutico lusitano», auctorisado por decreto de 6 de outubro de 1835; hei por bem crear uma commissão composta das seguintes pessoas:

Dr. Bernardino Antonio Gomes, do meu conselho, lente jubilado de materia medica e therapeutica da escola medico-cirurgica de Lisboa.

Francisco José da Cunha Vianna, lente de pathologia interna da referida escola.

Dr. Carlos Augusto May Figueira, lente de clinica medica da mesma escola.

José Thomás de Sousa Martins, demonstrador das cadeiras de medicina na mesma escola e pharmaceutico de 1.ª classe.

José Tedeschi, professor jubilado de pharmacia da mesma escola e presidente da sociedade pharmaceutica lusitana.

Claudino José Vicente Leitão, professor de pharmacia da mesma escola.

Izidoro da Costa Azevedo, pharmaceutico de 1.ª classe e antigo preparador de chimica da escola polytechnica.

Joaquim Urbano da Veiga, pharmaceutico de 1.ª classe e vice-presidente da sociedade pharmaceutica lusitana.

Dr. Agostinho Vicente Lourenço, lente de chimica organica da escola polytechnica.

Antonio Augusto de Aguiar, lente de chimica inorganica da mesma escola.

Pedro José da Silva, demonstrador de chimica do instituto geral de agricultura e pharmaceutico de 1.ª classe.

Esta commissão, de que será presidente o dr. Bernardino Antonio Gomes, e secretario José Thomás de Sousa Martins, é encarregada de elaborar e propor ao governo um projecto de «Pharmacopêa geral do reino», que preencha, como é de esperar da competencia e luzes das pessoas acima nomeadas, os importantissimos fins a que taes obras se destinam.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 15 de novembro de 1871.

REI.

Antonio Rodrigues Sampaio.

RELATORIO

SENHOR:

A commissão encarregada por decreto de 15 de novembro de 1871 de formular um projecto de «Pharmacopêa geral do reino», vem hoje, decorridos quasi cinco annos, apresentar o resultado do seu ininterrompido trabalho.

Similhante delonga em obra de tão modesta apparencia poderia, ou traduzir pouco zêlo dos commissionados pelo serviço de que haviam sido incumbidos, ou fazer suppor que o fructo de tão laboriosa genese nascesse esperançado e vaidoso de compridissima longevidade.

Qualquer d'essas interpretações seria, porém, infundada. De pouca solicitude não se deixarão accusar os commissiodados, tendo, como tiveram, de interpor aos labores da sua vida publica e particular os encargos de uma commissão que consagrou mais de cem sessões geraes a discutir assumptos expressamente preparados em centenas de sessões parciaes celebradas pelas *secções* de chimica, de historia natural e de pharmacia, em que ella se subdividiu conforme á particular competencia dos seus differentes membros. Menos ainda poderá considerar-se a demora havida na construcção, como signal de que o edificio pretenda desafiar a corrosiva acção do tempo. São de sua natureza ephemeros os livros d'esta ordem. Destinados a espelharem um dos

lados da pharmacologia, sciencia que vae percorrendo actualmente a phase mais accelerada da sua evolução, as pharmacopêas deixam medir na precoce caducidade que as espera, a rapidez das metamorphoses experimentadas por aquelle incompleto organismo, que não logrou fixar até agora a definitiva formula da sua existencia. Baldado teria sido, pois, o empenho de marcar com o sêllo da perpetuidade o projecto de pharmacopêa que, em desempenho de honroso mandato, vae ser submettido á elevada apreciação do governo de Vossa Magestade.

A indole e o destino da obra foram as causas sufficientes do longo praso que medeou entre o começo e o fim do trabalho. De indole positivamente scientifica, e tendo destino essencialmente pratico, é a pharmacopêa o livro em que mais estreitada deve encontrar-se a sempre difficil alliança do desejavel com o exequivel. Realisar essa alliança, mantendo intactos os fóros da sciencia sem cercear as immunidades da pratica, importa vencer a maxima difficuldade de um livro de tal ordem.

Mas uma pharmacopêa que nasça predestinada para servir ao mesmo tempo de texto ao ensino official e de codigo á pratica nas extensas e variadas regiões que constituem o continente e possessões portuguezas, sente melhor do que qualquer outra, cuja missão seja menos ampla, todas as complicações do enredado problema. Succede, para mais, que a litteratura medica portugueza não possue, nem nas anteriores pharmacopêas nacionaes, nem nos seus tratados de materia medica, repositorios que se encarreguem de authenticar, definindo-os rigorosamente quanto á proveniencia e valor, todos os simplices que constituiram as materias-primeiras da pharmacia nas epochas proximamente preteritas, em tanto que o maior numero das actuaes pharmacopêas da Europa têem, seja nas suas precedentes edições, seja nos valiosos tratados de drogas, que lhes serviram de base, poderosos auxiliares que tornam sobrema-

neira facil nos respectivos paizes a empreza de uma nova pharmacopêa. Finalmente, as publicações do mesmo genero, que n'este ponto representam a nossa bibliographia nacional, estão de tal modo antiquadas em relação á sciencia contemporanea, que n'ellas mais haveria a additar e a substituir, do que a aproveitar integralmente; por melhores e mais completas que tivessem sido na sua epocha, não conseguiriam, attentas as rasões já expendidas, servir de molde em que podesse ter sido vasado o trabalho que hoje apresentâmos.

Ao lançar os alicerces da sua obra reconheceu pois a commissão, que dos materiaes a empregar estavam uns toscos e imperfeitos, outros dispersos ou confundidos, e todos ou quasi todos talhados com feitio diverso do que iriam receber. Por isso, quasi sem precedentes que dessem seguro exemplo e indisputavel auctoridade, falho do colossal apoio da experiencia, desprovido de alguns dos mananciaes que fertilisam em outros paizes o vastissimo campo da sciencia, tendo de attender com igual solicitude ás delicadas exigencias da theoria e ás soberanas imposições da pratica, compellido a repercutir os ultimos echos do passado, obrigado a inventariar todos os haveres do presente e desejoso de perscrutar as imminentes revelações do futuro, o actual projecto de pharmacopêa, longe de poder aspirar aos triumphos reservados para as obras perfeitas, deverá antes lisonjear-se de poder ser havido na conta de um rasoavel ensaio, sobre cujas bases venha mais tarde a erguer-se fabrica de melhor architectura.

Aperfeiçoar e uniformisar o exercicio da pharmacia, é a dupla missão pratica das pharmacopêas officiaes. Uniformidade sem aperfeiçoamento, seria a apotheose do erro. Aperfeiçoamento que se não tornasse de uso geral representaria, para a clinica a eterna duvida, para o enfermo um constante perigo.

Em todo o caso, melhor fôra á arte medica dispôr de um

arsenal therapeutico que, embora mais atrazado e menos correcto, fosse sempre o mesmo em todas as occasiões e em todos os logares, por modo a tornar unica e invariavel, perante circumstancias identicas, a actividade de cada uma das armas que o compozessem, do que encontrar á sua disposição agentes que, sob uma falsa identidade de nome, representassem energias variaveis consoante aos processos mais ou menos aperfeiçoados do fabrico. Porque nem sempre tem sido escutada esta verdade é que em livros classicos se dá aos clinicos, para os casos em que uma mesma prescripção na qual figurem substancias muito activas tenha de ser executada em officinas diversas, o conselho de averiguarem mediante previos ensaios comparativos a actividade relativa do medicamento que tenha sido renovado.

Depois, a uniformidade não importa simplesmente á pratica; por modo indirecto, mas não menos efficaz, promove os progressos da therapeutica, sendo que os complexos problemas cuja solução esta sciencia confia á perseverante observação clinica e á sagaz experimentação physiologica, ficam prodigiosamente simplificados desde o momento em que a uniformidade das preparações e o seu natural corollario, a identidade dos preparados pharmaceuticos, tanto quanto ella é realisavel, dêem a antecipada certeza de que, estabelecida perfeita igualdade em todas as outras circumstancias, a actividade medicamentosa de cada agente é variavel apenas nos limites das dóses.

A commissão trabalhou com igual esmero essas duas faces da sua obra: no tocante ao aperfeiçoamento, empenhou-se pela observancia das melhores regras de pharmacotechnia, e procurou aproveitar os mais avançados descobrimentos da chimica e as mais auctorisadas indagações da historia natural; para realisar a uniformidade, lidou por definir clara e precisamente os simplices, e por determinar com o maximo rigor a qualidade, quantidade e destino dos componentes de cada preparação.

Traçadas as linhas geraes, era mister limitar a área que devessem abranger.

Tratava-se, pois, de discriminar quaes as materias que houvessem de ter hoje direito de domicilio n'uma pharmacopêa portugueza, quaes as que d'ella devessem ser excluidas.

Livro principalmente pratico, deveria encontrar na pratica o criterio da verdade que procurava. Mas a arte medica é por tal modo protheica e voluvel, que não ha photographal-a n'um momento de immobilidade. A tanto a obriga a feição evolutiva, não revolucionaria, do progresso em medicina. Nas sciencias medicas, mais accentuadamente do que em quaesquer outras, as verdades são prenunciadas por uma aurora do mesmo modo que os erros são protelados por um crepusculo; d'isso resulta que, sobretudo em therapeutica, n'um qualquer periodo chronologico se encontram de mistura com os preceitos classicos, e por assim dizer orthodoxos, tanto os prejuizos de uma sciencia antiquada e os erros inveterados por um empirismo cego, como as solidas previsões de uma theoria luminosa e os ephemeros sonhos de um delirio especulativo; e por tal sorte se ajuntam os elos e tão suave é ás vezes a transição, que nem ao paladar mais educado é licito em alguns casos discriminar bem o fructo amadurecido d'aquelle que já esteja putrefacto ou do que não estiver ainda sasonado. Em tudo e sempre, a serie, a evolução. Reconhecel-o é ao mesmo tempo confessar e justificar o embaraço em que por vezes se encontrou a commissão quando se lhe deparavam, pedindo ingresso no projecto de pharmacopêa, algumas das reliquias do passado ou qualquer das promessas do futuro.

Receiando mais ser incompleta do que profusa, deliberou a commissão dar livre curso a simplices e compostos, dos quaes uns deveriam jazer de ha muito nos archivos da historia da pharmacologia, outros não lograrão talvez prolongar a vida em que têem tido apenas buliçosa infancia.

Ainda assim, nem as transigencias com o passado caduco, nem as concessões ao porvir nebuloso foram taes ou tantas que o livro tenha de envergonhar-se por haver reproduzido formulas polypharmacas já obsoletas, ou de arrepender-se por haver insufflado vitalidade a mil innovações acaso destinadas a fenecer antes mesmo de haverem desabrochado.

Apesar d'estes escrupulos, o projecto apresenta dimensões tão avantajadas que á critica menos reflectida poderiam afigurar-se improprias de uma codificação feita na epocha em que a volumosa e complicada pharmacia gallenica vae cedendo rapidamente o passo á muito mais singela e muito mais expedita pharmacia chimica, facto tornado evidente na progressiva simplificação das pharmacopêas das nações mais cultas. Se não fôra a ponderação, já adduzida, de que em Portugal está ainda por fazer o inventario official da materia pharmaceutica, muito menos extenso seria este projecto, do qual boa parte visa apenas a consignar precisamente os caracteres de drogas que, embora esquecidas hoje, podem de um momento para outro ser exhumadas quer por um simples capricho, quer por uma verdadeira necessidade da arte clinica.

Feita a selecção dos artigos que deveriam compor a futura pharmacopêa, cumpria determinar-lhes o modo de agrupamento.

Duas eram as veredas a seguir: ou classifical-os methodicamente, conforme ás affinidades e subordinações que entre si tivessem sob o ponto de vista pharmaceutico, ou dispol-os na ordem puramente systematica, em que a séde de qualquer artigo depende da letra inicial que o acaso lhe concedeu ao nome.

Se fôra exclusivamente scientifica a missão da pharmacopêa, tornar-se-íam ociosas quaesquer discussões de pre-

ferencia entre um methodo natural e um systema artificial; mas os destinos praticos de similhante livro prevalecem por maneira a tornar indisputavelmente preferivel a classificação em serie alphabetica, como sendo a que mais e melhor se presta ao quotidiano manusear da obra. Demais, o systema alphabetico approxima ainda as especies do mesmo genero, poisque as nomenclaturas chimicas e pharmaceuticas recorrem a nomes compostos em que o termo do genero antecede o da especie; assim, seguir-se-hão uns a outros os differentes *Acetatos,* os *Balsamos,* os *Oleos,* os *Sulfatos*, as *Tincturas,* etc.

Se outra justificação não tivesse a ordem adoptada, serviria a abonal-a o uso que d'ella têem feito quasi todas as pharmacopêas officiaes. N'algumas, é certo, como que se procura attenuar o rigor do alphabetismo reservando-o para elemento secundario de uma classificação que tenha por base, não já os fortuitos accidentes do nome, senão as immanentes propriedades dos corpos a classificar. É assim que se encontram constituindo duas grandes e primordiaes secções, os *simplices* e os *compostos,* isto é, as substancias de que o pharmaceutico é apenas collector e conservador, e aquellas de que elle é verdadeiro preparador. Foi este o plano seguido em tempo pela pharmacopêa britannica, e é ainda o adoptado pelas franceza, belga, hespanhola e americana; mas o ensinamento da experiencia bastou para que em ulteriores edições a pharmacopêa da Gran-Bretanha prescindisse de divisão tão arbitraria e tão pouco pratica. E de facto nada ha menos pratico do que distanciar enormemente especies congeneres, como sejam, por exemplo, os oleos fornecidos pelo commercio *(Oleo de ricinos)* e os preparados na officina *(Oleo de croton),* ou grupar em secções distinctas meras variedades da mesma especie, taes como o Acido sulfurico *impuro* e o Acido sulfurico *puro,* o Enxofre *sublimado* e o Enxofre *lavado.*

É certamente necessario que na pharmacopêa se distin-

gam á primeira vista os productos que o pharmaceutico tenha de pedir ao grande commercio, o qual póde fornecer-lh'os em condições economicas acceitaveis e com a pureza bastante para os usos medicos, e os productos cujas exequibilidade, alterabilidade e especial pureza exijam que o proprio pharmaceutico os prepare ou purifique opportunamente na sua officina; ora, similhante distincção sobresaírá claramente desde que o livro se obrigue, para os primeiros, a descrever resumidamente o modo de fabrico, enumerando em seguida os caracteres que dêem sufficientes garantias da pureza do corpo, para os segundos, a descrever miudamente as condições da preparação, dispensando-se por isso da enumeração dos signaes caracteristicos, que são, para assim dizer, forçado corollario d'aquellas condições. Seria totalmente perdido o conselho de preparar nos laboratorios pharmaceuticos o *Sulfato de quinina* ou o *Acido sulfurico,* que só as grandes industrias podem fabricar em rasoaveis condições economicas, como seria imprudente a auctorisação para que o pharmaceutico fosse mendigar ao commercio o *Acido cyanhydrico normal,* cuja importancia e instabilidade requerem cautelosa preparação e desvelada conservação; o *Sub-azotato de bismutho,* que os grandes fornecedores raras vezes apresentam livre de arsenico; o *Kermes mineral* e outros medicamentos, que têem por assim dizer a sua virtude therapeutica ligada a um determinado processo operatorio.

Estabelecida a distincção que vem feita, inutil será recorrer a divisões profundas para descrever em secções differentes os artigos que têem sido chamados de *materia pharmaceutica* e aquelles cuja somma constitue o que mais particularmente se denomina *pharmacopêa.* E assim, interpostos uns a outros os artigos em que se trata dos simplices e os que descrevem as preparações, dá-se mais unidade ao trabalho e presta-se culto á verdade de que, ainda mesmo que sob o ponto de vista *officinal* fosse acceitavel aquella

scisão, nem por isso ella seria applicavel sob o ponto de vista *magistral,* poisque a clinica ora synthetisa n'uma só formula de occasião differentes preparados officinaes, ora prescreve isoladamente os denominados simplices, que podem representar agentes tanto ou mais heroicos do que muitos dos compostos da pharmacia.

Preferida a ordem alphabetica, restava inquirir qual de entre os differentes nomes que representam a synonymia de cada substancia devesse capitanear os outros, e definir assim o logar do correspondente artigo na longa serie de que faz parte.

Não foi das menos espinhosas esta questão de nomenclaturas. Disputando primazias apresentavam-se as denominações triviaes na pratica e as denominações de genealogia puramente scientifica: a facilidade com que se usa das primeiras, é contrabalançada pela incorrecção de um grande numero d'ellas; para desmerecer a vantagem das segundas, apresenta-se a frequencia com que, ao menos durante o noviciado, se prestariam a equivocos. O litigio poderia ficar pendente se o systema alphabetico adoptado na classificação não pleiteasse em favor do seu natural complemento, a linguagem usual na nomenclatura; sendo a principal incumbencia da ordem alphabetica facilitar as indagações do leitor, essa missão ficaria gravemente compromettida desde que viesse complical-a a difficuldade de prever por qual dos nomes menos vulgares deveria ser invocado cada artigo da pharmacopêa.

Prevaleceu, como de rasão, o arbitrio que lisonjeasse a pratica sem menoscabar a verdade scientifica.

Em regra, invocou-se cada substancia pelo nome mais vulgar; numerosas excepções deixarão todavia bem patente o empenho que houve em não perpetuar d'esse modo de-

nominações falsas, e tão falsas que mais deveriam ser esquecidas do que relembradas.

Para a chimica adoptou-se, conforme ao que vem dito, a nomenclatura dualista, expurgada das viciosas applicações que o uso, antes abuso, lhe tem dado. Assim, aos nomes mais correctos e mais expressivos de *Anhydrido chromico, Carbonato mono-potassico, Sulfato di-sodico* e outros ensinados pela moderna concepção unitaria, antepozeram-se os de *Acido chromico, Bi-carbonato de potassa, Sulfato de soda,* nomes que, sendo o reflexo de uma theoria menos recebida hoje, acham-se, apesar d'isso, por tal modo vulgarisados no mundo medico, que n'elle mais difficultoso será de encontrar quem não perceba o valor dos ultimos do que quem ignore a existencia dos primeiros.

Mas, como já foi ponderado, a linguagem da chimica dualista acha-se indevidamente applicada a productos mui complexos, cujos componentes não cabem na resumida formula que pretende represental-os. O nome de *Carbonato de chumbo* applicado a uma variavel mistura de oxydo, hydrato e carbonatos d'esse metal, os nomes de *Deut'oxydo de chumbo, Carbonato de magnesia, Sub-acetato de cobre,* applicados a compostos mal definidos e nos quaes não existem apenas os corpos rigorosamente accusados por esses termos, são de todo o ponto erroneos e improprios, por isso, de apparecerem á testa dos respectivos artigos.

Foi para casos taes que a commissão, não encontrando na terminologia scientifica nomes ao mesmo tempo resumidos e exactos, recorreu aos nomes populares de *Alvaiade, Minio, Magnesia alva, Verdete,* poisque esses ao menos não prejudicam a verdade e possuem por convenção valores perfeitamente determinados. N'outros casos, falhando igual recurso, deliberou a commissão crear as denominações que teve por mais apropriadas; e assim succede que sob os nomes de *Cal chlorada, Enxofre iodado, Potassa sulfurada* figuram os productos immerecidamente

denominados, na linguagem usual, hypo-chlorito ou chlorureto de cal, iodureto de enxofre, sulfureto de potassa, etc.

Em referencia a outros compostos, a correcção do nome limitou-se á parte orthographica. Um lapso etymologico fizera construir a denominação portugueza dos saes haloides como se a palavra devesse derivar-se do nome francez do composto em vez de assentar sobre o vocabulo latino ou portuguez que representa o componente electro-negativo. Quer dizer, para appellidar os compostos binarios do chloro, do iodo, do bromio, do carbonio, etc., pospoz-se a desinencia *eto,* não a estes termos, que seriam as verdadeiras raizes, senão ás palavras, já de si compostas, *chlorure, iodure, bromure, carbure.* D'aqui o dizer-se chlorureto, bromureto, etc., em logar de *chloreto, brometo.* É de suppor que, formada segundo as boas regras a palavra sulfureto, de *sulfur,* a euphonia habituasse o ouvido a uma syllaba de todo superflua.

Á commissão pareceu não dever perder-se o ensejo que a pharmacopêa offereceria para substituir essas menos accuradas denominações por outras que mais fielmente acatassem as genuinas regras de nomenclatura, do mesmo modo que aproveitou a opportunidade de substituir o antigo symbolo chimico do cobre pelo novo symbolo *Cp,* no qual se encontram, em vez das duas primeiras letras, as duas primeiras consoantes da palavra *Cuprum.*

Tambem nos dominios da chimica organica foi mister corrigir abusos de linguagem.

A desinencia caracteristica de todos os alcaloides tem-se tornado extensiva a corpos mal definidos na sua composição e que nada têem de commum com as bases organicas. É manifesta a dupla desvantagem que d'isso resulta: para a sciencia, abolindo-lhe a precisão da terminologia; para a pratica, simulando-se identidade onde existe apenas remota analogia. Os productos vulgarmente chamados *Er-*

gotina e *Calabarina* estão longe de representar alcaloides das substancias de que procedem, do mesmo modo que a *Podophyllina* não passa de ser a resina de um determinado rhizoma. Para essas e analogas hypotheses a terminação na voz masculina, sendo a que melhor lembra o nome usual, é ao mesmo tempo salutar aviso contra a incorrecção que se deseja remediar. *Ergotino, Calabarino, Podophyllino,* etc., foram pois os nomes adoptados.

No respeitante aos artigos de historia natural, os mesmos principios foram seguidos. Deu-se a precedencia aos nomes vulgares e de entre elles, para a botanica e sempre que ser pôde, aos patrocinados pelas floras indigenas. Ha todavia d'essas denominações usuaes, algumas que estudadas á luz de uma sciencia mais avançada patenteam a confusão que lhes presidiu na origem. Sob o falso nome de *Musgos,* confundem-se *Algas* e *Lichens;* por entre os *Balsamos* figuram verdadeiras *Terebinthinas;* alguns *Veratros* appellidam-se de *Helleboros,* e assim muitos outros erros de igual vulto, como o de incluir no grupo das *Gommas,* certas gelatinas e os amidos. Fôra indesculpavel tolerancia propagar pela nomenclatura equivocos de tal ordem. As expressões *Alga perlada, Lichen* (o da Islandia), *Veratro branco, Terebinthina copahiba, Gelatina de peixe,* etc., são por isso as que este projecto de pharmacopêa aconselha aos praticos.

Em obediencia aos preceitos estabelecidos, tambem para denominar os preparados pharmaceuticos se antepoz a qualquer das nomenclaturas systematicas os nomes tradicionaes. Os *Electuarios,* os *Cerotos,* as *Pilulas,* as *Tincturas*, os *Xaropes,* etc., continuarão a ser invocados por estes nomes, que á força de terem valor prefixado de longa data são, na sua simplicidade, bastante eloquentes. Mas, em pharmacia, como já vimos succeder na chimica e na historia natural, nem todos os nomes vulgares merecem o logar que á maioria d'elles compete. É frequente depara-

rem-se-nos na linguagem usual da pharmacia denominações que implicam propriedades therapeuticas, justa ou injustamente attribuidas ás respectivas drogas ou preparados; não devem comtudo ser esses os nomes primeiros n'um livro que tenha por base a materia medica. Compenetrada d'esta verdade, a commissão preteriu essas denominações ou por outras que as substancias já tivessem, ou por nomes creados de novo para os casos em que a synonymia preexistente estivesse toda ella eivada do vicio que se tratava de extirpar. Por isso os nomes de *Especies carminativas, Vinho diuretico, Mistura anti-emetica* e analogos, se acham substituidos pelos nomes de *Especies dos mericarpos, Vinho de dedaleira composto, Soluto effervescente,* etc., do mesmo modo que em botanica se substituíra o nome de *Artemisia molle* ao de *Herva das sezões,* e em chimica os de *Hydrato de potassa* ou de *soda,* aos de *Potassa* ou *Soda causticas.*

Ainda mesmo depuradas, as denominações vulgares não dispensam a obrigação de aproveitar as bellezas que haja em nomenclaturas verdadeiramente scientificas, nem obscurecem a necessidade de insinuar na pratica o uso de termos mais correctos e mais significativos. Tratou-se pois de fazer com que no projecto de pharmacopêa apparecesse, a proposito de cada artigo, e logo após o nome trivial, o vocabulo aperfeiçoado que lhe correspondesse.

Do mesmo modo, um nome qualquer por mais divorciado que ande da boa linguagem, não poderá ser excluido de uma pharmacopêa emquanto o glossario medico não o houver de todo olvidado e tornado obsoleto. E porque, infelizmente, não soou ainda a derradeira hora para todos os aleijões da nomenclatura, é que se encontrarão, por entre os synonymos de alguns artigos, denominações que a commissão desejára bem ter podido eliminar do seu projecto.

Os termos correspondentes ás mais avançadas nomenclaturas e aquelles que pertencem a nomenclaturas viciosas mas protegidas pelo uso, tornaram-se d'este modo parcellas obrigadas na synonymia dos corpos que a tivessem. Conforme era de justiça, deu-se o logar de honra áquelles synonymos que traduzissem um progresso, como sejam em chimica as denominações unitarias e em pharmacia, por exemplo, as de *alcoolaturas* para as tincturas de plantas recentes, as de *alcoolados* para as tincturas alcoolicas de substancias que deixam residuo, as de *alcoolitos* para as tincturas por simples solução, e reservou-se os logares secundarios e ás vezes o ultimo da synonymia, para os nomes condemnados a esquecimento n'um futuro não muito remoto, como sejam os de *alcooleos, oinoleos, etheroleos,* etc., applicados a substancias em cuja composição não figuram principios oleosos; os nomes de *balsamos* servindo a appellidar compostos que não possuem qualquer dos acidos benzoico ou cinnamico; os nomes de *Carbonato de chumbo* e *Sub-acetato de cobre,* applicados incorrectamente, como já foi lembrado, ao Alvaiade e ao Verdete; o de *Chloro liquido* ao soluto do respectivo gaz.

Ha todavia casos em que a synonymia se compõe só ou ainda de outros elementos, poisque n'ella apparecem tambem nomes que nem primam pela novidade ou belleza, nem repugnam pela incorrecção ou archaismo. São denominações que a pratica de quando em quando invoca, e que a commissão transcreveu, uns para os definir, precisando-lhes o valor, ligando-os indissoluvelmente a determinadas substancias, como os de *Sal anti-periodico* e *Sal febrifugo* ao Sulfato de quinina; outros, porque são tão vulgares como o nome preferido, exemplos, *Butua* e *Abutua, Romeira* e *Romanzeira, Pomada de camphora* e *Pomada camphorada;* outros, porque pouco conhecidos no vulgo, como *Hydrargyrio* para o Mercurio, *Abeloura* para a Dedaleira, podem prestar á clinica o valioso serviço de occultar aos

preconceitos do enfermo a natureza de um medicamento contra o qual esses preconceitos se achem concitados; outros, finalmente, como os de *Gelea de amido* e *Gelea de sabugueiro* aos respectivos Arrobes, porque fazendo parte da nomenclatura usada pelo Codigo pharmaceutico lusitano, que ainda hoje é o livro legal, devem não ser esquecidos na transição de uma para outra pharmacopêa.

Por effeito de todas estas necessidades adquiriu a synonymia, n'este projecto, dimensões que poderão parecer exageradas. Para se reconhecer, porém, que só a necessidade e não o desejo de accumular palavras, deu causa ao que poderia afigurar-se prodigalidade de synonymos, bastará advertir que foram excluidos quantos como os de *Açafrão de Venus* (Oxydo de cobre), *Sal secreto de Glauber* (Sulfato de ammonia), etc., se acham por assim dizer fossilisados pelo completo desuso.

Das nomenclaturas scientificas que haviam de fornecer o primeiro synonymo a cada artigo, adoptou-se em chimica a da theoria unitaria; mas para muitos dos compostos organicos apresenta essa theoria denominações tão impraticaveis, por demasiado extensas e pouco euphonicas, que a commissão deliberou prescindir d'ellas.

Em historia natural, a nomenclatura genuinamente scientifica é a que pela somma dos nomes generico e especifico caracterisa cada uma das especies. Transcriptos esses nomes na indicação summaria de cada artigo, fôra pleonasmo apresental-os primeiramente como synonymos. Casos houve, todavia, em que a deficiencia de nomes vulgares obrigou a essa repetição.

Quanto ás nomenclaturas scientificas da parte pharmaceutica, pareceu á commissão que o ecclectismo era, no estado actual, o melhor caminho a seguir. A cada uma das nomenclaturas conhecidas foi, pois, colher o nome que mais fiel e lucido representante lhe pareceu do composto a denominar. E porque, para um ou outro grupo de pre-

parados, não encontrasse nome que melhor os representasse do que o termo vulgar, succede que artigos ha como os de *Electuarios, Pilulas, Xaropes,* etc., em que o projecto é mudo ácerca de synonymos verdadeiramente scientificos. Nem admira que tal acontecesse, se reflectirmos nas insuperaveis difficuldades que a uma nomenclatura pharmaceutica, methodica e completa, offerece o indefinido numero dos simplices, a heterogeneidade d'elles, a variabilidade na quantidade e qualidade dos componentes de cada preparado e a multiplicidade das operações e de fórmas a que póde sujeitar-se qualquer substancia medicamentosa para adquirir fóros de medicamento. De tão mutaveis elementos geram-se productos por tal modo complexos, que tornam em boa parte illusoria a tentativa de prefixar nomes que hajam de traduzir clara, precisa e elegantemente um certo numero de artefactos da pharmacia gallenica.

Não esqueceu á commissão aproveitar em favor da divulgação da projectada pharmacopêa o valioso subsidio da lingua latina, poisque sendo ainda hoje essa a lingua universal nos dominios das sciencias naturaes, e sendo por isso aquella em que muitas das nações europeas mandaram escrever os seus codigos pharmaceuticos, era a que melhor poderia dar nos paizes estrangeiros conhecimento da nossa pharmacopêa. Para realisar esse proposito, ou haveriamos de, copiando o exemplo da Belgica, pôr ao lado do texto vernaculo a traducção latina, ou seguindo a pratica da America do Norte, da França, da Hespanha e da Inglaterra, reservar o latim para simples elemento de nomenclatura. Rasões faceis de adivinhar, decidiram a commissão por este segundo alvitre. Por isso, intermedia ao nome principal e aos respectivos synonymos, apparece a denominação latina da substancia.

Pareceria singelissima a tarefa de achar essas denominações, poisque deveriam fornecel-as promptamente as pharmacopêas escriptas em latim, como são as do norte

da Europa. Não succedeu porém assim. Longe da uniformidade que fôra licito esperar, cada um d'esses livros offerece notaveis variantes a proposito do vocabulo latino, destinado a designar qualquer artigo. D'aqui a necessidade que a commissão teve de escolher, entre tantos, o termo que mais adequado lhe parecesse, e a liberdade que tomou de ir fóra das pharmacopêas, embora a fontes tanto ou mais auctorisadas, buscar os nomes em que aquellas fossem deficientes. Ás vezes o dever de aperfeiçoar, substituindo a um termo menos proprio um mais apropriado, e a obrigação de transigir com o uso que vivifica termos pouco rigorosos, deram de si a duplicidade e até multiplicidade dos nomes latinos para um mesmo artigo. No intuito de ser completa sem ser prolixa, adoptou a commissão como regra, para os casos em que uma substancia tivesse em latim nome igual ao de algum dos synonymos portuguezes, não fazer menção d'esse nome em mais de um logar, como se verá nos artigos *Parietaria, Melissa, Fragaria,* etc. Depararam-se comtudo hypotheses em que ou a importancia da droga, ou a differente desinencia do mesmo vocabulo em ambos os idiomas, ou a falta absoluta de synonymos em qualquer das duas linguas, obrigaram á repetição da mesma palavra nas linguagens vulgar e latina. Sirvam de exemplo, para esses differentes casos, os artigos *Mercurio, Aniz, Fel da terra, Jalapa, Malva,* etc.

Após as differentes denominações — nome principal, nome latino, e synonymos dispostos na ordem do seu merecimento relativo — segue-se o texto do correspondente artigo.

Em cada um d'elles, e conforme á sua natureza, ha a distinguir:

Em **historia natural:**

1.º Nome e proveniencia das especies;

2.º Caracteres distinctivos da parte ou producto a empregar.

Em **chimica**:

1.º Indicação summaria da procedencia do corpo;

2.º Caracteres que o distingam;

3.º Reacções comprovativas da pureza.

Em **pharmacia**:

1.º Componentes e suas relações ponderaes;

2.º Modo de preparação.

Em grande numero de artigos ha, para mais, notas ou observações.

Consideremos brevemente o valor d'esses esclarecimentos.

No primeiro paragrapho de cada artigo de historia natural medica, indica-se a especie, a familia ou, n'alguns casos, a ordem, a patria natural ou adoptiva, e para os vegetaes a duração ou porte e, algumas vezes, a epocha da floração.

Seria de todo o ponto ocioso insistir na importancia d'esses differentes dados e na da rigorosa determinação de qualquer d'elles.

Sem definir terminantemente a especie que fornece a droga, baldado seria o intento de uniformisar a arte pharmaceutica, e inutil ficaria para o ensino da materia medica o livro onde o alumno não adquirisse o habito de referir cada substancia medicamentosa á sua verdadeira origem.

Para conseguir tão necessaria definição, recorreu-se ás classificações e nomenclaturas mais auctorisadas. A nomenclatura linneana conserva ainda hoje tal importancia e tal prestigio, é por tal modo universal nos objectos que comprehende e acha-se tão generalisada na pratica, que fôra imperdoavel erro esquecel-a ou mesmo preteril-a. O incessante progredir das sciencias tem, todavia, imprimido á gigantesca obra perante a qual terão ainda de extasiar-se

os seculos vindouros, modificações importantes, que cumpre divulgar; bastará lembrar as innumeras especies linneanas que actualmente se acham filiadas em novos generos, e aquellas que ou se desdobraram em especies differentes, ou vieram a ser fundidas n'uma especie unica, ficando assim reduzidas á condição de simples *variedades*.

Tantas e tão fundas modificações convidaram a duplicar os nomes especificos, pondo ao lado do mais usual, mas nem sempre mais perfeito, o nome que, embora menos divulgado, representasse um qualquer adiantamento. A auctoridade de Linneu, impondo-se colossal a todos e apesar de tudo, e a tendencia que n'este projecto de pharmacopêa houve para pospor aos nomes mais vulgarisados os menos conhecidos, determinaram a commissão a antepor a qualquer outro nome especifico o nome linneano da respectiva especie, ainda mesmo que esse outro lhe fosse anterior, poisque nem assim haveria conseguido ser o mais vulgar. De resto, n'este como nos outros pontos de nomenclatura, o dever de não calar denominações que correm na linguagem da sciencia, justifica sobejamente a pluralidade dos nomes especificos.

Ao nome da especie, em que se assignalam cautelosamente as variedades quando ellas diffiram sob o ponto de vista pharmacologico, segue-se o nome da familia ou da ordem. Esta noção, que n'uma só palavra traz á memoria um grupo importante de propriedades, sejam morphologicas sejam therapeuticas, afigurou-se tão indispensavel que a commissão, desejosa por isso de que os nomes das familias naturaes viessem a caír no uso vulgar, tratou de darlhes desinencias portuguezas, a fim de que mais acceitaveis fossem na linguagem quotidiana. Para a classificação das familias ou ordens serviram de guia: quanto ás dicotyledoneas, o *Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis* de A. De Candolle; para as monocotyledoneas, a *Enume-*

ratio plantarum de C. Kunth; nas acotyledoneas, *The vegetable kingdom* por J. Lindley.

Conjugado ao nome de familia, apparece o vocabulo indicativo da duração ou porte do vegetal—annual, bisannual, vivaz, arbustivo, arboreo—dando assim uteis informações, que muito importam á colheita e renovação das plantas.

O conhecimento do logar onde uma especie brota espontanea e o d'aquelles em que ella ou vive naturalmente acclimada, ou apparece por effeito de cultura que lhe não enfraqueça nem perverta a acção medicamentosa, é de subida importancia pratica, quer seja para não irmos mendigar a estranhos o que em casa possuamos com abundancia, quer seja para evitar que, a convite da facilidade de acquisição, se recorra a substancias cujas virtudes therapeuticas a cultura possa modificar desvantajosamente. N'este ultimo caso estão, por exemplo, as especies exoticas que fornecem o *Aconito* e o *Colchico*. A proposito d'ellas e de quantas estivessem nas mesmas circumstancias, deixou de mencionar-se a cultura, para que se entendesse que só eram officinaes as especies desenvolvidas no seu paiz natal.

A rigorosa determinação do *habitat* foi estabelecida perante os testemunhos de mais fé. Na impossibilidade de os enumerar a todos, não póde a commissão deixar de lembrar particularmente os impagaveis subsidios ministrados, no respeitante ás plantas indigenas do continente, pelas *Flora* e *Phytographia* de Brotero, *Flore portugaise* de Hoffmansegg et Link, *Flora pharmaceutica* de Figueiredo; quanto a especies espontaneas ou acclimadas nas possessões portuguezas, pelas *Flora of Madeira* de Lowe, *Flora azorica* de Seubert, *Flora der Cap Verdischen Inseln* de Schmidt, *Reise nach Mossambique* de Peters, *Flora of tropical Africa* de Oliver. Os herbarios e escriptos do dr. Welwitsch, as publicações do dr. Gomes (pae) e os artigos de Machado, deram ainda aproveitavel contingente ao traba-

lho da commissão, no que se referia á flora do reino ou das suas colonias, do mesmo modo que os trabalhos de Martius e a *Flora fluminensis* de Velloso, auxiliaram a parte relativa á botanica medica do Brazil, a qual tanto interessa conhecer á clinica de um paiz preso ainda áquelle vasto imperio pela identidade da lingua.

De todos esses escriptos foram feitas as necessarias citações, a proposito de cada especie. Alem de authenticarem o *habitat,* as alludidas citações prestarão ainda o serviço de indicar promptamente livros auctorisados que synthetisem com rigor os caracteres summarios de uma perfeita diagnose. N'esse mesmo intuito de tornar facil e expedito o diagnostico das especies botanicas fazem algumas pharmacopêas, como a ingleza, tambem especial referencia ás estampas das iconographias mais auctorisadas, as quaes prestam assim precioso auxilio; a commissão, todavia, limitou-se n'esta parte quasi exclusivamente ás plantas indigenas, descriptas e figuradas nas floras respectivas, considerando sufficiente a respeito das outras o verificar por similhante fórma a sua identidade nas obras para isso mais competentes, como certamente o são as de Woodville, *Medical Botany;* Stephenson and Churchill, *Medical Botany;* Nees von Esenbeck, *Plantæ officinales,* e nas quaes os seus auctores muito especialmente se occuparam da descripção e iconographia das plantas de uso medicinal.

É pelo mesmo modo e com igual fim, que se deve aproveitar para verificações taes o subsidio dos herbarios e dos jardins botanicos, onde possam ser observadas, seccas ou vivas, as especies que assim temos a estudar; recurso de que hoje muito melhor dispomos, graças ao desenvolvimento que têem tido os meios praticos de ensino nos estabelecimentos respectivos do nosso paiz.

Uma breve noticia da epocha da floração, apparece nos artigos em que se trata de especies indigenas do continente ou possessões e cuja colheita ande ligada ou esteja subor-

dinada ao apparecimento das inflorescencias. Evita-se por similhante esclarecimento, que a pratica tenha de compulsar livros estranhos quando trate de satisfazer a preceitos da pharmacopêa.

Feita a exacta selecção da planta ou animal que deva fornecer á pharmacia uma determinada materia primeira, restava indicar se todos ou apenas alguns dos orgãos do individuo eram aproveitaveis aos usos medicos. Tratava-se, pois, de estabelecer quaes as *partes empregadas.*

Ainda aqui haveria a optar por dois systemas: ou o que faz de cada orgão empregado o objecto de um artigo especial, constituindo-se assim em series os artigos concernentes ás *folhas,* ás *flores, sementes, raizes,* etc.; ou o que começa por estabelecer a especie, descrevendo ao depois em paragraphos distinctos cada uma das partes que tem uso especial, como sejam por exemplo, na *Arnica,* o rhizoma e os capitulos, na *Cicuta,* as folhas e os mericarpos. Apesar de abonado por exemplos tão persuasivos como os das pharmacopêas britannica e germanica, o primeiro systema condemna-se não só porque, para assim dizer, separa violentamente orgãos do mesmo organismo, mas ainda porque torna inevitavel a repetição dos nomes especificos a proposito de cada fracção do individuo historico-natural. Por essas considerações perfilhou a commissão o segundo alvitre, que tem á sua parte a belleza de limitar nitidamente o valor pharmaceutico de certos vocabulos. Assim, nos casos em que um individuo vegetal forneça uma só especie pharmaceutica, o nome d'esse individuo ficará, por convenção, restricto ao orgão ou orgãos que constituem essa especie: isto é, na linguagem d'este projecto de pharmacopêa, dizer *Dedaleira,* equivale a indicar as *folhas radicaes* da planta, como dizer *Celidonia* equivale a denominar a *planta florida;* do mesmo modo que por *Aniz* se entende apenas os respectivos *mericarpos,* e por *Zimbro* tão sómente os *estrobilos.* Um singelo artificio typographico tornará facil de

perceber immediatamente em quaes e quantas especies pharmaceuticas se desdobra cada uma das especies vegetaes.

Houve todavia alguns casos em que a commissão julgou dever alterar o systema geralmente seguido. Esses casos são aquelles em que a parte empregada tem por assim dizer nome seu proprio, independente do da especie que a fornece, como succede a certos fructos *(Jujubas, Uvas)*, a determinadas sementes *(Noz vomica, Fava de Santo Ignacio)*, e a algumas flores *(Rosas, Santonico)*. Então, a vulgaridade do nome proprio aconselhava a tomal-o para base do artigo, que assim lhe fica subordinado.

Outro tanto foi observado para com os *productos* vegetaes ou animaes. Ainda a mesma rasão prevaleceu. É muito mais pratico separar em artigos distinctos a *Cera* e o *Mel*, do que fundil-os n'um artigo referido á *Abelha;* do mesmo modo o *Leite*, o *Fel* e o *Sebo* fornecidos pela especie bovina, constituem materias tão distinctas, que fôra esforçado artificio reunil-as n'um mesmo grupo, consagrado ao **Bos Taurus**. As *Essencias*, as *Gommas*, as *Terebinthinas*, etc., fazem, pelos motivos referidos, objecto de artigos particulares.

Obedecendo á regra de dar a conhecer qualquer substancia por todos os nomes que têem ou devam ter curso na pratica, apparece em muitos artigos do projecto como que uma synonymia a respeito das partes empregadas. Para estes casos, todavia, pareceu que aos nomes simplesmente vulgares deveriam antepor-se os termos francamente scientificos, já porque um grande numero d'aquelles andam muito arredados da verdade, já porque seria inadmissivel o receio de difficultar dentro de um artigo a busca de um paragrapho, já, finalmente, porque desapparece qualquer perigo de confusão uma vez que logo após o nome venha a extensa definição do seu valor. Por isso serão invocados como *rhizomas* os caules subterraneos, indevidamente chamados *raizes*, da Gilbarbeira, do Morangueiro e de muitas

outras plantas vivazes, e como *mericarpos* ou *shizocarpos* os fructos, erradamente denominados *sementes,* do Funcho, do Coentro e das restantes Umbelliferas; assim tambem em todos os casos em que a linguagem vulgar houvesse desacompanhado as regras impostas pela anatomia e physiologia vegetaes. Para a denominação latina conservou-se, porém, n'estes casos os nomes que eram os vulgares n'essa lingua, por serem ainda os usados na nomenclatura do maior numero das pharmacopêas escriptas em tal idioma.

De cada vegetal ou animal, ou de cada parte empregada descreveram-se os caracteres mais salientes, isto é, aquelles que melhor accentuassem a diagnose e a pureza das respectivas drogas. Conforme á importancia ou raridade das substancias a descrever, assim variaram em extensão as descripções, sendo que estas foram de todo supprimidas sempre que se tratava de apresentar substancias cujo emprego alimenticio ou qualquer outro igualmente vulgar, como succede com as *Amoras,* o *Chá,* o *Alecrim,* etc., as tornasse geralmente conhecidas.

Como complemento das descripções apparecem, em grande numero de artigos, observações concernentes aos cuidados que a substancia deve merecer:

Quanto á colheita, indicando-se a epocha adequada, visto que as propriedades medicinaes variam com as condições da vegetação; exemplo, as capsulas da *Dormideira,* os caules da *Doce-amarga;*

Quanto á escolha, ordenando-se, no intuito de separar as materias que natural ou accidentalmente possam tornar impura a droga, que alguns *rhizomas* sejam privados das raizes, algumas *raizes* despojadas da casca ou do meditullio, muitas *sementes* despidas do episperma, a *esponja* limpa da arêa, etc.

Quanto á conservação, attendendo-se á influencia do calor, da luz e da humidade sobre a textura e correlativas

propriedades medicinaes das plantas, influencia muito notavel sobretudo na *Cicuta* e na *Scilla;*

Quanto á renovação, recommendando-a, poisque, a despeito da mais cautelosa vigilancia, nem sempre a idade da droga lhe respeita as virtudes therapeuticas, como é notorio para a *Cravagem de centeio,* para a *Belladona* e para muitas outras;

Quanto á rejeição, tornando-a obrigatoria para todas as materias primeiras que não possuam ainda ou não possuirem já as qualidades que as tornam recommendaveis aos usos medicos: as *Cantharidas* corroidas pelo **Acarus,** o *Feto macho* amarellecido e esponjoso.

Tão importantes, e porventura mais ainda do que essas observações, são as que visam:

1.º A *não confundir* com a especie ou especies descriptas outras que por abuso de linguagem correm na pratica com denominações muito analogas e ás vezes identicas; exemplos: as *Angusturas* falsa e verdadeira, o *Helleboro verde* e o de *flor verde,* a *Cevadilha* e a *Sevadilha,* os differentes *Jaborandis,* etc.;

2.º A *prohibir* que determinadas especies de valor therapeutico reconhecido e sanccionado, *sejam substituidas* por outras que, embora mais ou menos affins sob o ponto de vista historico-natural, forem distinctissimas ou por emquanto pareçam sêl-o em respeito ao modo ou intensidade da acção medicamentosa, como succede entre os differentes *Colchicos,* entre a *Sabina* e o *Zimbro phenicio,* etc.;

3.º A *permittir* que, nos casos em que a actividade medicinal não diffira sensivelmente entre especies proximas, se substituam umas a outras essas especies; para os *Verbascos,* para as *Fumarias,* para as *Losnas,* etc., fizeram-se amplas concessões n'esse sentido.

Nos artigos de substancias inorganicas, assim dos *productos* mal definidos, como dos *compostos* rigorosamente determinados pela chimica, encontram-se os termos equivalentes a cada um dos paragraphos dos artigos de zoologia ou botanica. Ha, pois, indicação da especie, descripção do corpo e observações concernentes á sua pureza e inalterabilidade.

A perfeita definição da especie chimica encontra-se laconica mas expressiva no symbolo do elemento ou na formula do composto, do mesmo modo que em historia natural se encontra na addição dos nomes generico e especifico. N'um como n'outro caso se aproveitou a tradição e o progresso, representados, na chimica, a primeira pela formula em que o symbolo conserva o valor do *equivalente,* o segundo pela formula em que os symbolos representam os *pesos atomicos.* Inutil será lembrar que a formula chimica deixa de apparecer sempre que a indeterminada composição do corpo não houver permittido fixal-a. Caso analogo se dera em historia natural a respeito do *Sagapeno,* producto oriundo de uma **Ferula** não especificada.

Os restantes elementos que ajudam a authenticar a substancia encontram-se, para a chimica, na abreviada enumeração das principaes phases do processo ou processos a que a industria recorre no fabrico do corpo. Não dar idéa, embora superficial, d'esses processos seria esquecer a influencia que cada modo de preparação exerce sobre o preparado, sendo que um mesmo composto, chimicamente identico, póde não reproduzir essa identidade nas suas propriedades physicas, ou o que mais importa agora, nas suas propriedades pharmacologicas se acaso as variantes de preparação imprimiram differenças á densidade, á solubilidade, á aggregação ou a outras resultantes da architectura molecular do corpo. Por outro lado, entrar em pormenores na descripção do fabrico dos productos da chi-

mica, seria trabalho baldado, uma vez que as grandes industrias se não inspiram nas pharmacopêas.

Á idéa geral da preparação, ou da proveniencia (para as substancias nativas) segue-se a resenha dos caracteres do corpo. N'essa resenha avultam as propriedades physicas e organolepticas, — aspecto, fórma ou systema crystallino, côr, cheiro, sabor, densidade, solubilidade nos principaes vehiculos, fusibilidade, ponto de fervura, volatilidade, etc.—, como sendo as mais faceis de apreciar e as bastantes para *pelo seu conjuncto* garantirem na maioria dos casos a identidade e pureza da substancia, taes quaes as requer o seu destino therapeutico. N'alguns casos, porém, ha propriedades chimicas a um tempo tão caracteristicas e tão faceis de avaliar, que se tornava de obrigação não as excluir de um resumo de signaes diagnosticos. Do mesmo modo se referiram para uma ou outra substancia do dominio da chimica ou da historia natural, caracteres derivados da sua acção physiologica (estyptica, caustica, esternutatoria, sialagoga, etc.) mais evidente e facilmente apreciavel.

A titulo de complemento figura no maior numero dos artigos consignados á chimica, uma serie de reacções destinadas seja a comprovar a identidade do corpo, seja, o que é mais vulgar, por isso mesmo que a identidade fôra já affirmada pelos caracteres physicos e outros, a reconhecer que elle se não acha inquinado ou sophisticado por substancias que lhe diminuam a um tempo o valor venal e o valor medicinal. N'esta parte tratou a commissão de escolher de entre os ensaios e reacções conhecidas as que, sobre serem verdadeiramente caracteristicas, fossem praticaveis n'um laboratorio pharmaceutico. Em referencia aos compostos em que era exequivel um rigoroso doseamento dos principios medicamente activos e caracteristicos, como é nos *Vinhos* o alcool, nos *Vinagres* o acido acetico, tratou-se de fixar os limites toleraveis da percentagem, á similhança do que em historia natural se fizera para a qui-

nina em referencia ás *Quinas* e para a morphina em relação aos *Opios*.

Finalmente, ler-se-hão em muitos artigos indicações com respeito á conservação e renovação das substancias e á rejeição das que se apresentarem com determinadas impurezas ou por qualquer outro motivo houverem soffrido depreciação nas suas virtudes therapeuticas.

Por outro modo ainda se assemelham os artigos de chimica aos de historia natural. É frequente que uma mesma especie medicinal, inorganica ou organica, se apresente em variedades muito distinctas. Assim o Enxofre, conforme as operações soffridas, apresenta-se *em pedra, sublimado, lavado, precipitado;* no Acido acetico distinguem-se, quanto á concentração, o *glacial,* o *hydratado* e o *aquoso*, do mesmo modo que o Aloes ministra á pharmacia as variedades *socotrina, capense* e *barbadense,* e as especies de **Cinchona** lhe dão as Quinas *amarella, cinzenta* e *vermelha.* Para casos d'essa ordem, seguiu-se a regra de os incluir n'uma denominação commum, discriminando ao depois cada uma das subespecies e indicando sempre a qual d'ellas deverá recorrer-se quando explicitamente não for indicada a preferida.

Até aqui a *materia pharmaceutica,* fornecida pela natureza ou pela industria. Agora a *pharmacopêa* propriamente tal, ou collecção das prescripções e formulas que sirvam de regra na composição dos preparados nascidos na officina pharmaceutica.

N'esta parte foi, como devêra ser, diverso o plano adoptado. Não se tratava já de definir os productos pelos seus caracteres, senão pelas condições da sua genese. Cumpria, pois, determinar com a maxima clareza e exactidão os componentes de cada formula, as relações ponderaes entre elles e o modo como tenham de interferir na respectiva preparação.

Prefixados esses factores, tornava-se superfluidade a enumeração de quaesquer caracteres do preparado. Melhor do que as mal accentuadas propriedades physicas, do que as nem sempre caracteristicas propriedades organolepticas e do que as enredadas propriedades chimicas de qualquer preparado officinal ou magistral, o define a somma das circumstancias que o produziram. E porque muito importante é a absoluta uniformidade das preparações, foi que a commissão consagrára o seu melhor trabalho á perfeita determinação dos simplices, afastando-se assim da norma seguida pelas pharmacopêas hespanhola, franceza e americana e pelo actual Codigo pharmaceutico lusitano, livros que dos artigos de materia pharmaceutica ou fazem apenas leve menção ou, quando muito, dão noticia tão summaria, que por ella não ha modo de obter a desejada identidade das materias primeiras da industria pharmaceutica, nem, consequentemente, a dos artefactos d'essa industria.

Aspirando ainda á uniformidade das preparações, tratou-se de declarar positivamente o estado em que cada um dos componentes deveria entrar na formula de que fizesse parte. Para que todavia similhantes declarações não fossem muito extensas em cada formula e não viessem a ser repetidas tantas quantas vezes a mesma substancia tivesse de figurar como componente, seguiu-se o systema de declarar no artigo relativo a cada simples o modo pelo qual elle haveria de ser empregado; devendo, portanto, entender-se que uma substancia invocada n'uma formula deve ahi ser usada tal qual ficará depois de observadas todas as prescripções do respectivo artigo; por exemplo, as *Amendoas* e as *Sementes de cucurbita* deverão ter sido, no acto do emprego, privadas do episperma; as *Rosas rubras,* despojadas do calyx antes da seccura, etc.

Claro é que as conveniencias peculiares a cada preparação podem exigir que o simples tenha de soffrer, no proprio momento do emprego, novas modificações que só im-

portem ao caso, como sejam a trituração, a pulverisação, etc., e essas acham-se por isso indicadas opportunamente em cada formula.

As relações quantitativas entre os componentes foram todas referidas á unidade ponderal, que é o *gramma*. Mesmo para os liquidos, a commissão, attendendo á maior facilidade do processo e á pratica mais vulgar, preferiu a medida de peso á medida de volume; só quando houvesse a determinar grandes quantidades de liquido, a medida de capacidade seria mais expedita do que a pesagem, mas esses casos referem-se quasi exclusivamente ao emprego da *agua*, e então o operador recorrerá instinctivamente ao principio da equivalencia entre o peso do kilogramma e a capacidade do litro. A morosidade na contagem das gottas e a quasi impossibilidade de lhes garantir a igualdade de peso, que é funcção de elementos tão variaveis como a viscosidade do liquido e o diametro externo do canal de esgoto, determinaram a commissão a prescindir d'aquella infiel unidade, que a pratica acabará talvez por abandonar.

Os numeros representativos das quantidades ponderaes, vão escriptos por extenso e seguidos do seu valor em algarismos. Este systema, que é o do *Codex medicamentarius*, offerece a dupla vantagem de authenticar, por um lado, o peso de cada substancia, e de revelar immediatamente, pelo outro, a percentagem com que no composto entra cada elemento.

Sempre que fôra possivel prever a quantidade exacta do preparado obtido, se organisou a formula por modo que essa quantidade fosse um multiplo decimal do gramma: dez, cem, mil; só nos casos em que a relação de algum dos componentes fosse verdadeiramente exigua e insignificante em referencia ao peso total, se desprezou o seu valor na somma, a fim de não estabelecer mesquinhas fracções em quantidades relativamente enormes. Quando porém, durante a preparação, houvesse de abandonar-se re-

siduo variavel em peso, e não podesse por isso prefixar-se o *quantum* do preparado, tratou-se de determinar em decuplos do gramma os principaes agentes da formula.

No intuito de, pelo exemplo, obviar a que nas prescripções magistraes se empreguem abreviaturas que possam tornar confusa a receita, acham-se as formulas d'este projecto de pharmacopêa escriptas por extenso, até mesmo em referencia ás quantidades que por iguaes poderiam abranger-se na usual abreviatura *ãa*. Apenas para as quantidades arbitrarias ou indefiniveis se usaram as abreviadas e vulgarissimas notações *q. b.* ou *q. s.*

O *modus faciendi* foi litteralmente repetido em todas as formulas que o tivessem identico. Sendo por este lado autonoma cada uma das formulas, n'ella deverá encontrar-se tudo quanto interesse á respectiva execução.

Na impossibilidade de prever todas as exigencias da pratica, sobretudo em relação a preparados magistraes, e não lhe parecendo que um livro official deva a esse respeito ter pretensões iguaes á dos *formularios* particulares, que attendem principalmente ao *numero* de formulas, deliberou a commissão apresentar em outros tantos artigos regras genericas sobre *cozimentos, extractos, infusos, macerados, pilulas* e *tincturas,* que sirvam de paradigma na execução das preparações omissas n'este projecto.

Como remate de algumas formulas apparecem as necessarias observações em referencia umas á conservação dos compostos pharmaceuticos, outras á rejeição dos que manifestarem indicios de alteração importante, outras, finalmente, á occasião em que a formula deva ser executada, poisque a instabilidade de algumas preparações aconselha que ellas sejam feitas apenas no momento em que vão ser empregadas.

No conjuncto das differentes formulas transparece, mais claramente talvez do que na materia pharmaceutica, o empenho que houve de offerecer á clinica, ao lado do preparado classico, mas nem sempre bem definido, uma preparação equivalente, perfeitamente determinada e, por assim dizer, correcta conforme ás actuaes exigencias da therapeutica, sciencia que tende cada vez com mais firmeza a simplificar a composição e a precisar o valor dos agentes medicamentosos, sendo que por isso esqueceu ha muito a *Theriaga*, o *Diascordio* e analogas composições por tal maneira heterogeneas e complexas, que não era facil prever-lhes a *resultante* sobre o organismo.

D'est'arte, ao par do *Hydrato ferrico* ou *Hydrato de sesqui-oxydo de ferro,* preparado infiel, quando antigo, e difficil de preparar expeditamente na occasião do emprego, como conviria aos casos em que é destinado a combater os envenenamentos pelo arsenico, se encontrará a maneira de preparar um *Hydrato ferrico magnesico,* composto que verdadeiramente merece o synonymo—*Antidoto do arsenico*—poisque a sua rapida exequibilidade lhe garante opportuna preparação e com ella a integral virtude de contraveneno.

Mirando áquelle mesmo alvo, instituiu a commissão formulas para um grupo de tincturas de *alcaloides,* correspondente ao grupo de tincturas feitas com as plantas de que elles derivam e das quaes representam a melhor actividade therapeutica.

Para os *Extractos* procurou realisar melhoramento analogo. Os extractos alcoolicos, de si bastante activos, são ainda susceptiveis de um incremento na energia sem que por isso percam em estabilidade ou mudem de indole therapeutica; bastará, para de tal modo os enriquecer, submettel-os a um complementar tratamento pelo alcool a 90°. Assim depurados ou *rectificados,* a sua massa inerte ficou muitissimo reduzida, sendo por isso mesmo a sua actividade consideravelmente amplificada, e tanto que a com-

missão, receiando apresental-os como unicos extractos alcoolicos da pharmacopêa, para que a falta de habito no emprego d'elles não desse logar a lamentaveis equivocos, collocou-os em face dos antigos preparados e deu-lhes na synonymia denominações; que os tornassem lembrados como intermedios aos extractos usualmente empregados e aos alcaloides das respectivas plantas. De facto, os synonymos *Belladonio, Cicutio, Dedalario* avisarão os praticos de que entre o extracto alcoolico de belladona e a atropina, ha um meio termo no *Extracto de belladona rectificado;* do mesmo modo em referencia aos respectivos preparados da Cicuta e da Dedaleira.

No grupo das *Aguas distilladas* encontrar-se-hão formulas em que o alcool intervem a titulo de elemento conservador. Pareceria até que o aproveitamento d'esta incontestavel propriedade do alcool deveria tornar o emprego d'elle extensivo á conservação de todos os hydrolatos; mas não estando por emquanto a clinica habituada ao emprego de taes preparados, pareceu prudente que em regra se confiasse a conservação das *aguas* sómente ás condições da vasilha e da temperatura, e que apenas, como proposta dirigida aos clinicos, se fizesse em referencia a algumas substancias duas formulas de agua distillada, n'uma das quaes figurasse o alcool. As *Aguas alcoolisadas* e as *Aguas rectificadas,* que umas e outras receberam o synonymo de *Hydralcoolatos,* significam a realisação d'esse proposito.

Em grande numero de artigos, e notoriamente nos de formulas pharmaceuticas, apparece a nota de que o preparado *substitue* tal outro ou lhe é *equivalente.* A necessidade e justiça d'essas advertencias filiam-se tanto no direito, que a commissão tinha de modificar as velhas formulas segundo o ensinamento dado pela experiencia medica e pharmaceutica, como na impreterivel obrigação de não confundir sob nomes identicos preparados que, comquanto

conservem identidade nos pontos essenciaes, a não mantenham no tocante a circumstancias secundarias.

Por isso e para não accumular artigos que fossem apenas leves variantes uns dos outros, adoptou a commissão as formulas que á luz do seu criterio melhores lhe pareceram, tratando ao mesmo tempo de advertir, para salvar quaesquer escrupulos, que certas formulas não representam *exactamente* as preparações classicas, a que todavia *equivalem* sob o ponto de vista therapeutico e ás quaes podem por isso ser *substituidas* sem desvantagem de qualquer especie. Por estas, que não por outras rasões, foram muitos dos synonymos pharmaceuticos transplantados, do logar que pareceria pertencer-lhes, para os dominios das notas explicativas. E de facto, tanto erro haveria em denominar *Laudano liquido de Sydenham,* um preparado que não representasse escrupulosamente a formula do celebre medico inglez, como redundancia haveria em juntar n'uma mesma pharmacopêa official a genuina formula de Sydenham e outra que d'essa fosse apenas ligeira mas conveniente modificação, como finalmente indesculpavel seria não auctorisar a substituição d'aquella por esta. Tudo isso viria a acontecer sem o auxilio das notas que ou directamente, ou indirectamente assignalando-lhes a *equivalencia,* auctorisem a *substituição* de certas formulas tradicionaes por outras mais aperfeiçoadas. O que vem dito ácerca do *Laudano* é de todo o ponto applicavel ás *Pilulas de Blaud,* ás de *Morton,* ao *Vinho diuretico de Trousseau,* etc.

Alguns artigos figuram na pharmacopêa como que por incidente de outros. Estão n'esse caso aquelles que, tendo mediocre importancia e limitadissimo emprego, nem justificariam um artigo especial nem mereceriam absoluto esquecimento. O *Ethiope vegetal* e o *Pó de Algaroth* estão, como alguns outros, comprehendidos n'aquellas hypotheses;

por isso nos artigos *Bodelha, Chloreto antimonioso,* etc., se encontram succintos esclarecimentos ácerca de drogas taes. A formula do *Xarope de Kermes,* simples nota do artigo *Kermes animal*, apparece menos com o intuito de rehabilitar um preparado quasi esquecido, do que com a mira de definir o que por tal denominação deva entender-se, sendo que a falta de auctorisada definição tem dado logar a que n'umas officinas se empregue como base d'esse xarope o *Kermes mineral,* e n'outras a Grã do Carrasqueiro, que é o Kermes propriamente dito, o *animal.*

Encarregam-se algumas pharmacopêas de determinar a *dóse maxima* em que devam ser empregados os agentes susceptiveis de acção toxica. Umas, como a britannica, indicam-n'o a proposito de cada artigo; outras, como a germanica e a neerlandica, condensam todo esse trabalho em tabellas especiaes. Este projecto de pharmacopêa portugueza é mudo a tal respeito. Pareceu, com effeito, á commissão que esse *desideratum* não passa de fugitivo ideal. A menos que se não obrigue o clinico a indicar em cada prescripção todos os pormenores do uso d'ella, especialmente em relação ao numero, peso e distancia das dóses quotidianas, nunca o pharmaceutico poderá calcular se o medicamento vae alem da dóse taxada como *maxima.* Depois, nada mais contingente, segundo as doenças e os doentes, conforme ás idades e aos sexos, e consoante ás idiosyncrasias e ás immunidades, ás raças e ás constituições medicas, do que os limites ponderaes da innocuidade dos agentes pharmacologicos. O que hoje seria dóse therapeutica, será ámanhã dóse toxica; o opio, que mata uma creança, não envenenaria um adulto, e a quantidade que para este em muitos estados pathologicos seria lethifera, passaria despercebida n'um caso de alcoolismo ou de tetano.

Se mais argumentos fossem necessarios para defender o calculado silencio que a tal respeito guardou este projecto de pharmacopêa, bastaria confrontar as discrepantes opiniões dos livros mais auctorisados em referencia á *posologia;* ainda não ha muitos annos que do *Sub-azotato de bismutho* se applicava apenas fracções do grão (centigrammas) e do *Brometo de potassio* se dizia não dever ultrapassar-se a dóse de um decigramma... Não se receie pelos desastres que a falta de indicação da *dóse maxima* possa occasionar na pratica; sendo, como são, empiricamente conhecidas as quantidades *habitualmente receitadas* de cada medicamento, resta sempre ao pharmaceutico o recurso de indagar directamente se o medico excedeu por vontade ou por inadvertencia a dóse vulgar. Mas se alguma obrigação escripta devesse ser feita a tal respeito, parece á commissão que ao clinico cumpriria assignalar qualquer dóse menos usual, ou *sublinhando* as palavras que a indicarem, ou escrevendo-as não só por extenso, como é de praxe e de lei, se não tambem por algarismos, provando assim que mais de uma vez reflectiu sobre a quantidade prescripta.

Tambem pareceu á commissão não dever ella copiar o exemplo dado por alguma pharmacopêa, em que apparece explicita a *indicação therapeutica* de cada preparado. Em primeiro logar, uma pharmacopêa é codigo de preparações e não *memorandum* de indicações. Depois, não está a therapeutica tão completa, nem é tão singela a acção de qualquer medicamento, que podessemos definir-lhe um só uso ou não esquecer algum dos muitos que lhe tenham sido dados. Finalmente, e esta rasão suprema vale por todas as outras, o estado não póde decretar n'uma pharmacopêa legal, convicções scientificas que tendam a cercear a ampla liberdade do medico dentro dos extensissimos limites da pharmacologia.

Eis ao de leve esboçadas as principaes feições do projecto de pharmacopêa.

Sobre a validade dos principios que dirigiram a commissão, e ácerca da maneira pela qual foram na sua applicação respeitados esses principios, ajuizará o governo de Vossa Magestade.

E se ao depois de tão seguro julgamento, o projecto receber a honra de ser editado como pharmacopêa legal, virá ainda a pratica da clinica e da officina interpor a sua insubstituivel auctoridade na definitiva apreciação do livro. Só quando todos os nossos obreiros das sciencias medicas houverem cooperado com as luzes da sua critica, no aperfeiçoamento de uma tal obra, poderá ella ufanar-se de ser fiel representante da sciencia e seguro guia da pratica medica nacional. Nas successivas edições, que marcarão outros tantos aperfeiçoamentos, o modesto trabalho de hoje irá merecendo, cada vez com mais justiça, o nome que a commissão lhe propõe, o de *Pharmacopêa portugueza.*

Lisboa, sala das sessões da commissão, no edificio da sociedade pharmaceutica lusitana, aos 16 de agosto de 1876.

Bernardino Antonio Gomes, presidente.
Francisco José da Cunha Vianna.
Carlos May Figueira.
José Tedeschi.
Claudino José Vicente Leitão.
Izidoro da Costa Azevedo.
Joaquim Urbano da Veiga.
Dr. Agostinho Vicente Lourenço.
Antonio Augusto de Aguiar.
Pedro José da Silva (com voto em separado).
José Thomás de Sousa Martins, secretario.

ADVERTENCIAS

I

As TEMPERATURAS são referidas a graus do thermometro de Celsius ou de escala *centigrada*.

II

As DENSIDADES referem-se a graus da escala de Baumé, avaliados no *densimetro* de Thomas.

III

A FORÇA ALCOOLICA é avaliada em graus do *alcoometro centesimal* de Gay-Lussac.

IV

Quando a *densidade* ou o *grau alcoometrico* não forem referidos a determinada temperatura, entendam-se tomados a 15°.

V

As DIGESTÕES de que se não precise os limites de temperatura, serão feitas entre 35° e 40°.

VI

Por CALOR BRANDO entenda-se temperaturas comprehendidas entre 60° e 80°.

VII

Sempre que de uma especie vegetal tenham emprego differentes PARTES, deverá cada formula declarar qual n'esse caso seja a parte empregada. Assim, na *Fragaria*, se as *folhas*, se a *raiz*; no *Meimendro*, se a *planta*; se as *sementes*.

VIII

Nos casos em que de uma especie vegetal se descreve *exclusivamente* o individuo inteiro ou alguma das suas partes, entenda-se ser esse individuo ou essa parte o que deva empregar-se.

Exemplos:

Do *Taraxaco,* toda a planta com raiz;

Da *Fumaria,* a planta florida;

Da *Nicociana,* as folhas;

Da *Dedaleira,* as folhas radicaes;

Do *Aniz,* os mericarpos;

Do *Zimbro,* os estrobilos.

IX

Os SOLUTOS de que se não especifique o vehiculo, serão feitos em agua distillada.

X

A mensuração das GOTTAS, para as formulas magistraes, será feita pelo *conta-gottas* de Salleron.

ABREVIATURAS

DAS OBRAS CITADAS

De Cand. Prodr.	Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis. Auctore *Aug. Pyramo De Candolle*. Parisiis. MDCCCXXIV-MDCCCLXXIII.
Fl. azor.....	Flora azorica quam ex collectionibus schedisque Hochstetteri patris et filii elaboravit *Mauritius Seubert*. Bonnæ. 1844.
Fl. Cap Verd....	Beiträge zur Flora der Cap Verdischen Inseln. *Dr. Johann Anton Schmidt*. Heidelberg. 1852.
Fl. cochinch.....	Flora cochinchinensis. *J. de Loureiro*. Berolini. MDCCXCIII.
Fl. flum.....	Floræ fluminensis Icones. *José Marianno da Conceição Velloso*. Parisiis. 1827.
Fl. lusit.....	*Felicis Avellar Broteri*, Flora lusitanica. Olisipone. MDCCCIV.
Fl. Mad.....	A manual Flora of Madeira and the adjacent islands of Porto Santo and the Desertas. By *Richard Thomas Lowe*, M. A. London. MDCCCLXVIII.
Fl. pharm.....	Flora pharmaceutica e alimentar portugueza, por *Jeronymo Joaquim de Figueiredo*. Lisboa. 1825.
Fl. port.....	Flore portugaise, par *J. C. Comte de Hoffmansegg* et *H. F. Link*. Berlin. 1809–1820.
Fl. trop. Afr....	Flora of tropical Africa, by *Daniel Oliver*, F. R. S., F. L. S. London. 1868–1871.

Flück. & Hanb. Pharmacog.	Pharmacographia. A History of the principal drugs of vegetable origin, met with in Great Britain and British India. By *Friedrich A. Flückiger* and *Daniel Hanbury*, F. R. S. London. 1874.
Gomes. Mem. Ipec.	Memoria sobre a Ipecacuanha fusca do Brasil, por *Bernardino Antonio Gomes.* Lisboa. MDCCCI.
Gomes. Obs. bot. med.	Observações botanico-medicas sobre algumas plantas do Brazil, por *Bernardino Antonio Gomes.* Lisboa. MDCCCIII.
Hist. nat. des Orang.	Histoire naturelle des Orangers, par *A. Risso* et *A. Poiteau.* París. 1818–1822.
Jorn. Soc. Ph. Lus.	Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. Lisboa.
Mach. Cat. meth. Jorn. da Acad.	Catalogo methodico das plantas observadas em Portugal, por *Carlos Maria Gomes Machado.* No Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes, publicado sob os auspicios da Academia real das sciencias de Lisboa.
Mat. med. bras.	Systema materiæ medicæ vegetabilis brasiliensis. Composuit *Car. Frid. Phil. de Martius.* Lipsiæ. 1843.
Pharm. Journ. . .	Pharmaceutical Journal and Transactions. London.
Phyt. Lusit.	Phytographia Lusitaniæ selectior. Auctore *Felix Avellar Brotero.* Olisipone. MDCCCXVI. 1827.
Reise nach Mossamb.	Naturwissenschaftliche Reise nach Mossambique, von *Wilhelm C. H. Peters.* Berlin. 1862–1864.
Welw. Fl. lusit. exsic.	*Welwitsch.* Flora lusitanica exsiccata. (No museu da escola polytechnica.)

Correspondencia dos graus do densimetro com os do areometro de Baumé, para os liquidos mais densos que a agua distillada

Baumé	Densimetro	Baumé	Densimetro	Baumé	Densimetro
0	1,000	26	1,221	52	1,566
1	1,007	27	1,231	53	1,583
2	1,014	28	1,242	54	1,601
3	1,022	29	1,252	55	1,618
4	1,029	30	1,261	56	1,637
5	1,036	31	1,275	57	1,656
6	1,044	32	1,286	58	1,676
7	1,052	33	1,298	59	1,695
8	1,060	34	1,309	60	1,715
9	1,067	35	1,321	61	1,736
10	1,075	36	1,334	62	1,758
11	1,083	37	1,346	63	1,779
12	1,091	38	1,359	64	1,801
13	1,100	39	1,372	65	1,823
14	1,108	40	1,384	66	1,847
15	1,116	41	1,398	67	1,872
16	1,125	42	1,412	68	1,897
17	1,134	43	1,426	69	1,921
18	1,143	44	1,440	70	1,946
19	1,152	45	1,454	71	1,974
20	1,161	46	1,470	72	2,000
21	1,171	47	1,485	73	2,031
22	1,180	48	1,501	74	2,059
23	1,190	49	1,516	75	2,087
24	1,199	50	1,532	76	2,116
25	1,210	51	1,549		

Correspondencia dos graus do alcoometro centesimal com os do areometro de Cartier e com as densidades, para os liquidos menos densos que a agua distillada

Centesimal	Cartier	Densidade	Centesimal	Cartier	Densidade	Centesimal	Cartier	Densidade
0	10,0	1,000	34	15,4	0,961	68	25,4	0,896
1	10,2	0,998	35	15,6	0,959	69	25,8	0,893
2	10,4	0,997	36	15,8	0,958	70	26,3	0,891
3	10,6	0,996	37	16,0	0,957	71	26,7	0,888
4	10,8	0,994	38	16,2	0,955	72	27,1	0,886
5	11,0	0,993	39	16,4	0,954	73	27,5	0,883
6	11,2	0,991	40	16,7	0,952	74	28,0	0,880
7	11,3	0,990	41	16,9	0,951	75	28,4	0,878
8	11,5	0,989	42	17,1	0,949	76	28,9	0,875
9	11,7	0,988	43	17,4	0,947	77	29,3	0,873
10	11,8	0,987	44	17,6	0,946	78	29,8	0,870
11	12,0	0,985	45	17,9	0,944	79	30,3	0,867
12	12,1	0,984	46	18,1	0,942	80	30,8	0,864
13	12,3	0,983	47	18,4	0,940	81	31,3	0,862
14	12,4	0,982	48	18,7	0,938	82	31,8	0,859
15	12,6	0,981	49	19,0	0,937	83	32,3	0,856
16	12,7	0,980	50	19,2	0,935	84	32,8	0,853
17	12,8	0,979	51	19,5	0,933	85	33,3	0,850
18	13,0	0,978	52	19,8	0,931	86	33,8	0,847
19	13,1	0,977	53	20,1	0,929	87	34,4	0,844
20	13,2	0,976	54	20,5	0,927	88	35,0	0,841
21	13,4	0,975	55	20,8	0,925	89	35,6	0,838
22	13,5	0,974	56	21,1	0,923	90	36,2	0,835
23	13,7	0,973	57	21,4	0,921	91	36,9	0,831
24	13,8	0,972	58	21,8	0,918	92	37,5	0,828
25	14,0	0,971	59	22,1	0,916	93	38,2	0,824
26	14,1	0,970	60	22,5	0,914	94	38,9	0,820
27	14,3	0,969	61	22,8	0,912	95	39,7	0,817
28	14,4	0,968	62	23,2	0,910	96	40,5	0,813
29	14,6	0,967	63	23,5	0,907	97	41,3	0,809
30	14,7	0,966	64	23,9	0,905	98	42,2	0,804
31	14,9	0,964	65	24,3	0,903	99	43,2	0,799
32	15,0	0,963	66	24,7	0,900	100	44,2	0,795
33	15,2	0,962	67	25,0	0,898			

Tábua de correcção para os graus centesimaes do alcool graduado em temperaturas superiores ou inferiores a 15°

Graus de temperatura	Graus alcoometricos correspondentes								
	45	50	55	60	80	85	90	95	100
0	50,7	55,4	60,2	65,0	84,3	88,9	93,6	98,0	–
1	50,3	55,1	59,9	64,7	84,0	88,7	93,3	97,8	–
2	49,9	54,7	59,5	64,4	83,7	88,5	93,1	97,6	–
3	49,6	54,3	59,2	64,1	83,5	88,2	92,9	97,4	–
4	49,2	54,0	58,9	63,7	83,2	87,9	92,7	97,2	–
5	48,8	53,6	58,5	63,4	82,9	87,7	92,4	97,0	–
6	48,4	53,3	58,1	63,0	82,6	87,4	92,2	96,8	–
7	48,1	52,9	57,8	62,7	82,3	87,2	91,9	96,6	–
8	47,7	52,6	57,5	62,4	82,0	86,9	91,7	96,4	–
9	47,3	52,2	57,1	62,0	81,7	86,6	91,5	96,2	–
10	46,9	51,8	56,8	61,7	81,5	86,4	91,2	96,0	–
11	46,6	51,5	56,4	61,4	81,2	86,1	91,0	95,8	–
12	46,2	51,1	56,0	61,0	80,9	85,8	90,7	95,6	–
13	45,8	50,8	55,7	60,7	80,6	85,5	90,5	95,4	–
14	45,4	50,4	55,3	60,3	80,3	85,3	90,2	95,2	–
15	45,0	50,0	55,0	60,0	80,0	85,0	90,0	95,0	100,0
16	44,6	49,6	54,6	59,6	79,7	84,7	89,7	94,8	99,8
17	44,2	49,3	54,3	59,3	79,4	84,4	89,5	94,6	99,7
18	43,8	48,9	53,9	58,9	79,1	84,1	89,2	94,3	99,5
19	43,5	48,5	53,6	58,6	78,8	83,9	88,9	94,1	99,3
20	43,1	48,2	53,2	58,2	78,5	83,6	88,7	93,9	99,1
21	42,7	47,8	52,9	57,9	78,2	83,3	88,4	93,7	99,0
22	42,3	47,4	52,5	57,5	77,9	83,0	88,2	93,4	98,8
23	41,9	47,0	52,1	57,1	77,6	82,7	87,9	93,2	98,6
24	41,5	46,6	51,8	56,8	77,3	82,4	87,6	93,0	98,4
25	41,1	46,3	51,4	56,5	77,0	82,1	87,4	92,7	98,2
26	40,7	45,9	51,0	56,1	76,7	81,8	87,1	92,5	98,1
27	40,3	45,5	50,7	55,8	76,3	81,5	86,8	92,2	97,9
28	39,9	45,1	50,3	55,4	76,0	81,2	86,5	92,0	97,7
29	39,5	44,7	49,9	55,0	75,7	80,9	86,2	91,7	97,5
30	39,1	44,3	49,6	54,7	75,4	80,6	86,0	91,5	97,3

PHARMACOPÊA

PORTUGUEZA

ABROTANO.

Abrotanum.

ABROTANO MACHO. HERVA LOMBRIGUEIRA.

Artemisia Abrotanum Linn., Composta-senecionidea subarbustiva, da Europa meridional.

Summidades floridas — *Cacumina Abrotani florentia* — de folhas alternas, pecioladas, divididas em segmentos capillares, acinzentadas ou esbranquiçadas, inflorescencia de capitulos sesseis, dispostos como em espiga, hemisphericos, de flosculos amarellados; cheiro citrino e camphoraceo, sabor amargo e acre.

Póde substituir-se-lhe a **Artemisia paniculata** Lamk. e a **Artemisia procera** Willd., a primeira arbustiva, a outra subarbustiva, ambas indigenas do continente, onde florescem no verão (Fl. lusit. I. 356 — Fl. pharm. 450 — Fl. port. II. 272.)

AÇAFRÃO.

Crocus.

Variedade cultivada do **Crocus autumnalis** Mill. e Brot. (*Crocus sativus* Allioni), Iridea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 49 — Fl. pharm. 564.)

Estigmas — *Stigmata Croci* — filamentosos, de 2 a 3 centimetros de comprimento, tripartidos com engrossamento para o vertice das divisões, macios e um tanto elasticos, hygroscopicos, de côr louro-alaranjada; cheiro forte, privativo, sabor aromatico, um tanto amargo e acre. Costumam trazer adherentes alguns estyletes.

Rejeite o que contiver os flosculos quinquefidos e amarellados da Açafrôa — **Carthamus tinctorius** Linn. — Composta-cynarea annual, da India, cultivada no continente e na Madeira (Fl. lusit. I. 345 — Fl. pharm. 437 — Fl. Mad. I. 513.)

ACETATO DE CHUMBO.

Acetas plumbicus.

Di-acetato de chumbo. Sal de chumbo. Sal de Saturno.

$$PbO, C^4H^3O^3 + 3HO \text{———} (C^2H^3O^2)^2\overset{''}{P}b + 3H^2O$$

Composto obtido pela acção do acido acetico sobre o oxydo de chumbo.

Massas formadas de prismas rhomboidaes pertencentes ao systema monoclinico; incolor, sabor ao principio assucarado e depois adstringente e metallico, cheiro acetico; efflorescente, soluvel em 1,5 partes de agua fria, em 8 de alcool e em 5 de glycerina; densidade 2,345.

O soluto, tratado pela ammonia, não deve azular.

Addicionando-se-lhe um decimo do seu peso de acido acetico aquoso, dissolvendo-o em agua distillada, filtrando e fazendo crystallisar de novo, obtem-se o Acetato de chumbo purificado — *Acetas plumbicus depuratus.*

ACETATO DE COBRE.

Acetas cupricus.

ACETATO CUPRICO. VERDETE CRYSTALLISADO.
CRYSTAES DE VENUS.

$$\mathbf{CpO, C^4H^3O^3 + HO} \text{ ——— } (C^2H^3O^2)^2\overset{''}{C}p + H^2O$$

Composto obtido por solução do verdete no acido acetico.

Prismas rhomboidaes pertencentes ao systema clino-rhombico; verde azulado, sabor estyptico, inodoro, efflorescente, soluvel em 14 partes de agua fria, em 5 de agua fervente, em 10 de glycerina e pouco soluvel no alcool.

ACETATO DE MORPHINA.

Acetas morphinicus.

$$\mathbf{C^{34}H^{19}AzO^6, C^4H^3O^3 + HO} \text{ ——— } C^2H^4O^2, C^{17}H^{19}AzO^3$$

Composto obtido pela acção do acido acetico glacial sobre a morphina.

Agulhas ou pó branco, algumas vezes amarellado; sabor amargo, cheiro acetico fraco; exposto ao ar perde parte do acido; soluvel no alcool e na agua; pouco estavel. Aquecido sobre lamina de platina queima-se completamente.

Não precipita pelo azotato de prata nem pelo chloreto de bario. Tratado pela potassa dá precipitado branco, soluvel no excesso do reagente, e pelo acido azotico concentrado dá côr vermelha intensa. Com o soluto de chloreto ferrico, dá côr azul esverdeada.

ACETATO DE POTASSA.

Acetas kalicus.

Acetato de potassio. Terra foliada de tartaro.

$$KO, C^4H^3O^3 \text{ ——— } C^2H^3O^2, K$$

Composto obtido pela reacção do acido acetico sobre o carbonato de potassa.

Massas brancas e fibrosas ou pó crystallino; sabor alcalino, inodoro, deliquescente, soluvel em 4 partes de alcool e no seu peso de glycerina.

Não tem reacção alcalina; não precipita pelo acido sulfhydrico, nem pelo chloreto de bario, oxalato de ammonia, nem, quando em soluto diluido, pelo azotato de prata.

ACETATO DE ZINCO.

Acetas zincicus.

Di-acetato de zinco. Acetato de oxydo de zinco.

$$ZnO, C^4H^3O^3 + 3HO \text{ ——— } (C^2H^3O^2)^2 Zn'' + 3H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido acetico sobre o carbonato de zinco hydratado.

Laminas hexagonaes do systema monoclinico; incolor, sabor estyptico, inodoro, efflorescente, muito soluvel na agua, insoluvel no alcool e no ether. Dá precipitado branco pelo sulfhydrico.

ACIDO ACETICO.

Acidum aceticum.

HYDRATO DE ACETYLA. ACIDO PYRO-LENHOSO.

$$HO, C^4H^3O^3 \text{ ——— } C^2H^3O^2, H$$

Composto formado na distillação secca da madeira, redistillado, convertido successivamente em acetato de cal e em acetato de soda, sendo este ultimo decomposto por ulteriores operações.

Incolor, corrosivo, cheiro penetrante privativo, miscivel em todas as proporções com a agua e com o alcool; volatil; no estado de vapor é inflammavel.

α—**Acido acetico glacial.** — *Acidum aceticum fortissimum.*—ACIDO ACETICO MONO-HYDRATADO. ACIDO ACETICO CRYSTALLISAVEL. Obtido na reacção do acetato de soda puro com o acido sulfurico, separando do sulfato de soda, por congelação, o acido acetico.

Solido abaixo de 17°, em massa crystallina, ferve a 117°, densidade 1,060 (8° B.); 100 partes em peso neutralisam 88,30 de carbonato de soda anhydro.

β—**Acido acetico hydratado.** — *Acidum aceticum fortius.*—Obtido como o glacial, mas separando do sulfato de soda, por distillação, o acido acetico.

Liquido, ferve a 120°, densidade 1,050 (7° B.); 100 partes em peso neutralisam 26,5 de carbonato de soda anhydro.

γ—**Acida acetico aquoso.**—*Acidum aceticum dilutum.*—ACIDO ACETICO FRACO. Obtido pela mistura de 10 partes em peso de acido acetico glacial e 90 de agua distillada.

Liquido; densidade 1,015 (2° B.).

Nenhum d'estes acidos deve descorar o sulfato de anil, nem, convenientemente diluido, precipitar o chloreto de bario ou o azotato de prata.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Acido acetico aquoso.**

ACIDO ARSENIOSO.

Acidum arseniosum.

ANHYDRIDO ARSENIOSO.

ARSENICO BRANCO. OXYDO BRANCO DE ARSENIO.

AsO^3 —— As^2O^3

Composto obtido pela ustulação do *mispickel* (sulfo-arsenieto de ferro).

Massas consistentes; vitreo-transparente, que o tempo torna opaco e branco com o aspecto de porcellana; sabor a principio adocicado, depois muito acre e nauseoso, provocando a salivação; inodoro; o *vitreo* tem a densidade 3,73, é soluvel em 25 partes de agua fria e em 9 da fervente; o *opaco* tem a densidade 3,69, é soluvel em 80 partes de agua fria e em 24 da fervente. Completamente volatil; lançado sobre brasas exhala cheiro alliaceo.

ACIDO AZOTICO.

Acidum azoticum.

ACIDO NITRICO.

HO,AzO^5 —— AzO^3H

Composto obtido pela reacção do acido sulfurico sobre o azotato de soda ou de potassa, em apparelho distillatorio.

Liquido fumante, corrosivo, cheiro privativo; descora o sulfato de anil; muito oxydante.

α—**Acido azotico impuro.** — *Acidum azoticum venale.* — AGUA FORTE. É o producto da reacção indicada, obtido industrialmente.

Amarellado, densidade 1,33 a 1,38 (36° a 40° B.).

β—**Acido azotico puro.** —*Acidum azoticum depuratum.*— Obtem-se fazendo redistillar o acido azotico impuro com uma pequena quantidade de azotato de chumbo, rejeitando o primeiro distillado e não levando a operação até o fim.

Incolor, inteiramente volatil, densidade 1,30 a 1,33 (34° a 36° B.); 100 partes em peso neutralisam 49 a 52 de carbonato de soda anhydro.

Não precipita pelo azotato de barita, nem pelo de prata.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Acido azotico puro.**

ACIDO AZOTICO ALCOOLISADO.

Acidum azoticum spirituosum.

ACIDO NITRICO ALCOOLISADO. ALCOOL NITRICO.
ESPIRITO DE NITRO, DOCE. ALCOOLEO OXY-NITRICO.

Acido azotico puro.....	duzentos e cincoenta grammas	250
Alcool a 90°.....	setecentos e cincoenta grammas	750

Verta a pouco e pouco o acido sobre o alcool, em capsula de porcellana, agitando sempre com vareta de vidro.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

ACIDO BENZOICO.

Acidum benzoicum.

FLORES DE BENJOIM.

$$C^{14}H^{6}O^{4} \text{ ——— } C^{7}H^{6}O^{2}$$

Composto obtido pela sublimação do benjoim.

Laminas ou prismas pertencentes ao systema rhombico, brancos e brilhantes; sabor balsamico um pouco amargo, ligeiramente acido, cheiro aromatico; inalteravel ao ar; soluvel em 200 partes de agua fria, em 25 da fervente, em 10 de glycerina, muito soluvel no alcool e no ether. Aquecido sobre lamina de platina sublima sem deixar residuo.

Aquecido á seccura com o acido azotico e tocando o residuo com uma gotta de ammonia, não deve produzir coloração violete. Dissolvido em agua quente e addicionando-lhe o per-manganato de potassa, não deve desenvolver cheiro cyanhydrico.

ACIDO BORICO.

Acidum boricum.

ACIDO BORACICO.

$$3HO,BO^3 \text{ ——— } \overset{///}{B}O^3H^3$$

Composto obtido pela acção do acido sulfurico ou do chlorhydrico sobre um soluto, saturado a quente, de borato de soda.

Crystaes laminares ou escamas brilhantes; incolor, sabor ligeiramente acre, inodoro, unctuoso ao tacto, soluvel em 26 partes de agua fria, em 3 da fervente e em 10 de glycerina; o soluto alcoolico escurece o papel de curcuma e arde com chamma verde; densidade 1,48.

Totalmente soluvel no alcool. O soluto aquoso diluido não precipita pelo chloreto de bario nem pelo azotato de prata.

ACIDO CHLORHYDRICO.

Acidum chlorhydricum.

ACIDO HYDROCHLORICO. ACIDO MURIATICO.

$$HCl + nAq \text{ ——— } ClH + nAq$$

Composto gazoso obtido pela reacção do acido sulfurico sobre o chloreto de sodio e dissolvido na agua.

Liquido fumante, corrosivo; cheiro forte, privativo; precipita em *coalho de leite* o soluto de azotato de prata; densidade 1,18 (22° B.).

α—**Acido chlorhydrico impuro.**—*Acidum chlorhydricum venale.*—ESPIRITO DE SAL, FUMANTE. É o producto da reacção indicada, obtido industrialmente.

Amarellado.

β—**Acido chlorhydrico puro.**—*Acidum chlorhydricum depuratum.*—Obtem-se tratando o chloreto de sodio pelo acido sulfurico puro, em apparelho condensador contendo agua distillada.

Incolor, inteiramente volatil, sem acção sobre o sulfato de anil; 100 partes em peso neutralisam 52,52 de carbonato de soda anhydro.

Convenientemente diluido, não precipita pelo chloreto de bario, nem pelo sulfhydrico á temperatura de 50° a 60°.

Rejeite o que, ensaiado no apparelho de Marsh, der vestigios de arsenio.

Empregue, não havendo indicação especial, o **Acido chlorhydrico puro.**

ACIDO CHROMICO.

Acidum chromicum.

ANHYDRIDO CHROMICO.

CrO^3 —— CrO^3

Composto obtido na decomposição do bi-chromato de potassa pelo acido sulfurico.

Longas agulhas; vermelho intenso, sabor estyptico desagradavel, inodoro, deliquescente.

Reduzido a sesqui-oxydo pelo alcool puro, tratado pela agua distillada e filtrado, não deve o liquido precipitar pelo chloreto de bario.

ACIDO CITRICO.

Acidum citricum.

$3HO, C^{12}H^5O^{11}$ —— $C^6H^8O^7$

Composto obtido do sumo de limão, saturando-o pelo carbonato de cal e decompondo o citrato pelo acido sulfurico.

Prismas rhomboidaes terminados por quatro faces trapesoides; incolor, sabor acido, inodoro, efflorescente, soluvel no seu peso de agua fria, em 0,5 de agua fervente, em 4 partes de glycerina, menos soluvel no alcool.

Não precipita pelo chloreto de bario, pelo acetato de potassa, nem pelo sulfhydrico. Dissolvido na agua e addicionando-lhe algumas gottas de agua de cal, não precipita a frio.

ACIDO CYANHYDRICO NORMAL.

Acidum cyanhydricum dilutum.

ACIDO CYANHYDRICO MEDICINAL. ACIDO HYDROCYANICO DILUIDO. ACIDO PRUSSICO MEDICINAL.

$$HCy + nAq \text{ ——— } CyH + nAq$$

Cyaneto mercurico em pó fino	cem grammas	100
Chloreto d'ammonio em pó . . .	quarenta e cinco grammas	45
Acido chlorhydrico puro	noventa grammas	90

Misture intimamente as primeiras duas substancias, introduza-as em retorta de vidro tubulada de um litro de capacidade, a cujo collo se adapta um tubo de $0^m,50$ de comprimento e $0^m,15$ de diametro. Colloque no primeiro terço d'este tubo fragmentos de marmore branco e limpo, e nos dois terços restantes pedaços de chloreto de calcio anhydro. Ligue ao tubo, por meio de uma rolha de cortiça, outro mais estreito dobrado em angulo recto, de ramos deseguaes; o ramo mais comprido deve entrar só até a extremidade inferior do collo de um balão de vidro, de peso conhecido, o qual deve estar cercado de uma mistura de fragmentos de gêlo e de chloreto de sodio. Lute as juntas do apparelho com tiras de papel colladas, de modo que evite a menor fuga do gaz. Introduza rapidamente pela tubuladura da retorta o acido e rolhe bem. Aqueça moderadamente a retorta a banho de areia, até que, estando o liquido em plena fervura, se não veja condensar mais vapores nos tubos; percorra estes, a partir da retorta, com carvões accesos para obrigar o acido ahi condensado a passar para o recipiente. Desmonte o apparelho depois de frio, limpe a superficie externa do balão e pese-o; conhecido, por differença, o peso do producto, ajuntelhe 9 vezes o seu peso de agua distillada.

Prepare com todo o cuidado em chaminé bem ventilada.

Conserve em frasco de vidro opaco, com rolha esmerilhada.

Rejeite o que não estiver completamente incolor, por insignificante que pareça a alteração.

ACIDO ESTEARICO.

Acidum stearicum.

$C^{36}H^{36}O^{4}$ —— $C^{18}H^{36}O^{2}$

Composto resultante da saponificação das gorduras solidas e ulteriores tratamentos de refinação.

Solido, branco, insipido, inodoro, insoluvel na agua, muito soluvel no alcool e no ether, funde-se a 75° manchando o papel e sendo então facilmente miscivel com os corpos gordos.

Tem no commercio a impropria denominação de Estearina.

ACIDO GALHICO.

Acidum gallicum.

$C^{14}H^{6}O^{10} + 2HO$ —— $C^{7}H^{6}O^{5} + H^{2}O$

Composto obtido da noz de galha, previamente humedecida durante muitos dias e submettida a successivos tratamentos pela agua quente.

Crystaes aciculares sedosos; incolor, sabor adstringente, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 100 partes de agua fria, em 3 de agua fervente e em 20 de glycerina, muito soluvel no alcool, menos no ether. Córa de azul intenso os saes ferricos.

Não precipita os saes ferrosos nem a gelatina.

ACIDO LACTICO.

Acidum lacticum.

$C^{6}H^{6}O^{6}$ —— $C^{3}H^{6}O^{3}$

Composto obtido na decomposição do lactato de cal pelo acido sulfurico diluido.

Liquido de consistencia xaroposa, incolor ou levemente amarellado, sabor acido, inodoro, miscivel com a agua, com o alcool, com o ether e com a glycerina; densidade 1,215 (25° B.). Precipita os solutos concentrados do acetato de magnesia e do acetato de zinco.

Diluido não turva pelo sulfhydrico, chloreto de bario, azotato de prata e oxalato de ammonia.

ACIDO OXALICO.

Acidum oxalicum.

$$C^4H^2O^8 + 4HO \text{ ——— } C^2H^2O^4 + 2H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido azotico diluido sobre o melaço ou sobre o amido, e tambem pela acção dos alcalis sobre a serradura de madeira em temperatura elevada.

Crystaes prismaticos do systema monoclinico; incolor, sabor muito acido, inodoro, efflorescente, soluvel em 15,5 partes de agua a 10° e em 6 de glycerina, muito soluvel no alcool. Aquecido sobre lamina de platina não deve deixar residuo.

Tratando-o, no estado solido, pelo acido sulfurico concentrado até que se não evolva gaz algum, o liquido resultante d'esse tratamento não precipita pelo bi-chloreto de platina. Dissolve-se sem residuo na agua fervente e o soluto, depois de frio, não precipita pelo chloreto de bario nem pelo sulfhydrico. Não descóra o anil.

ACIDO PHENICO.

Acidum carbolicum.

Acido carbolico. Acido phenylico. Phenol.

$$HO, C^{12}H^5O \text{ ——— } C^6H^6O$$

Composto obtido em apparelho distillatorio, decompondo pelo acido chlorhydrico o phenato que se obtem saturando com potassa a parte do oleo da hulha que distilla entre 150° e 200°.

Massa crystallina formada de agulhas prismaticas pertencentes ao systema rhombico; branco translucido, que o tempo avermelha; sabor urente, cheiro de creosota, fusivel a 35°, deliquescente, soluvel em todas as proporções no alcool, no ether, na glycerina, nos oleos e nas essencias; ataca fortemente a pelle e as membranas mucosas; densidade 1,065; neutro ao papel de tornesol.

ACIDO PHOSPHORICO.

Acidum phosphoricum.

$3HO, PhO^5$ —— PhO^4H^3

Composto obtido pela reacção do phosphoro amorpho sobre o acido azotico a 1,2 operando em apparelho distillatorio.

α—**Acido phosphorico crystallisavel.**—*Acidum phosphoricum fortissimum.*—ACIDO ORTHO-PHOSPHORICO. Producto da reacção indicada, depois de convenientemente evaporado.

Liquido xaroposo; densidade 1,88 (67° B.); miscivel com a agua em todas as proporções, não coagula a albumina, neutralisado dá precipitado branco com os saes de barita e amarello com os saes de prata, sendo este precipitado soluvel na ammonia e no acido azotico.

β—**Acido phosphorico medicinal.**—*Acidum phosphoricum dilutum.*—Mistura de 1 parte em peso do acido phosphorico crystallisavel e 9 de agua distillada.

Incolor; densidade 1,08 (11° B.).

Empregue, não havendo indicação especial, o **Acido phosphorico medicinal.**

ACIDO SALICYLICO.

Acidum salicylicum.

$C^{14}H^6O^6$ —— $C^7H^6O^3$

Composto que se obtem fervendo o soluto de hydrato de potassa com a essencia da **Gaultheria procumbens** Linn. (*Gaultheria humilis* Salisbury), Ericacea subarbustiva da America do norte; tratando o producto pelo acido chlorhydrico, lavando o precipitado em agua fria e fazendo-o crystallisar na agua fervente ou no alcool.

Crystaes aciculares compridos, ou grandes prismas obliquos de quatro faces; incolor, inodoro, pouco soluvel na agua fria, muito na fervente, no alcool e no ether; fusivel a 158°; o soluto aquoso adquire côr violete pelo chloreto ferrico.

Póde substituir-se-lhe o que provém da decomposição dos phenatos de soda, de cal ou de barita, a quente, pelo gaz carbonico secco.

ACIDO SULFURICO.

Acidum sulfuricum.

HO, SO^3 —— SO^4H^2

Composto obtido pela acção simultanea de corpos nitrosos, ar e vapor de agua sobre o gaz sulfuroso, resultante da combustão do enxofre ou da ustulação das *pyrites.*

Liquido, corrosivo, inodoro, hygroscopico, miscivel com a agua em todas as proporções, produzindo elevação de temperatura, que póde attingir 100°; precipita os compostos de bario, dando precipitado branco insoluvel nos acidos energicos.

α—**Acido sulfurico impuro.**—*Acidum sulfuricum venale.*—Oleo de vitriolo. É o producto concentrado, obtido nas camaras de chumbo.

Incolor ou ligeiramente córado; densidade 1,84 (66° B.).

β—**Acido sulfurico puro.**—*Acidum sulfuricum depuratum.*—Obtem-se por distillação fraccionada do acido sulfurico impuro.

Incolor, limpido; densidade 1,84 (66° B.); 100 partes em peso neutralisam 173,65 de carbonato de soda anhydro.

Muito diluido, não precipita pelo sulfhydrico nem pelo sulfhydrato de ammonia. Misturado com o seu peso de agua distillada, e sobreposto de um soluto de sulfato ferroso, não se deve ver coloração vermelha na zona de contacto dos dois liquidos. Dissolve o anil sem o descorar.

γ—**Acido sulfurico diluido.**—*Acidum sulfuricum dilutum.*—Mistura de 1 parte em peso do acido sulfurico puro e de 9 de agua distillada.

Incolor, limpido.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

Rejeite o que, ensaiado no apparelho Marsh, der vestigios de arsenio.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Acido sulfurico diluido.**

ACIDO SULFURICO ALCOOLISADO.

Acidum sulfuricum spirituosum.

Acido sulfurico puro	duzentos e cincoenta grammas	250
Alcool a 90^{c}	setecentos e cincoenta grammas	750

Verta a pouco e pouco o acido sobre o alcool, em capsula de porcellana, agitando sempre com vareta de vidro.

Substitue a Agua de Rabel.

ACIDO TANNICO.

Acidum tannicum.

Tannino. Acido galho-tannico. Acido querci-tannico.

$$C^{54}H^{22}O^{34} \text{ ——— } C^{27}H^{22}O^{17}$$

Composto obtido da noz de galha em pó, lixiviando-a pelo ether addicionado de pequena quantidade de alcool e de agua.

Laminas amarelladas; sabor adstringente, inodoro, inalteravel ao ar secco, muito soluvel na agua, no alcool e na glycerina, quasi insoluvel no ether puro. Precipita a gelatina e a albumina; queima-se sem deixar residuo; produz nos saes ferricos precipitado negro azulado.

ACIDO TARTRICO.

Acidum tartricum.

Acido tartarico.

$$C^{8}H^{6}O^{12} \text{ ——— } C^{4}H^{6}O^{6}$$

Composto obtido pela reacção do acido sulfurico diluido sobre o tartrato de cal, que se prepara tratando o bi-tartrato de potassa pelo carbonato de cal e chloreto de calcio.

Prismas rhomboidaes obliquos terminados por vertices diedros; incolor, sabor acido, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em metade do seu peso de agua fria, soluvel no alcool a 90^{c}, insoluvel no ether; densidade 1,75; queima-se sem deixar residuo.

Com a agua de cal e com a de barita dá precipitado branco, soluvel no excesso de reagente. Dá precipitado branco crystallino nos solutos concentrados dos saes de potassa. Não precipita pelo sulfhydrico.

ACIDO VALERICO.

Acidum valericum.

ACIDO VALERIANICO.

$C^{10}H^{10}O^{4}$ —— $C^{5}H^{10}O^{2}$

Composto obtido do alcool amylico, oxydando-o pela mistura do bi-chromato de potassa com o acido sulfurico.

Liquido incolor; sabor acido e picante, cheiro forte similhante ao da valeriana, miscivel com a agua, com o alcool, com a glycerina e com o ether; densidade 0,937; queima-se sem deixar residuo.

Não deve precipitar pelo azotato de prata nem pelo chloreto de bario.

ACONITINA.

Aconitinum.

$C^{60}H^{47}AzO^{14}$ —— $C^{30}H^{47}AzO^{7}$

Alcaloide obtido do residuo da distillação da tinctura de raiz de aconito, tratando-o pela cal e successivamente pelo acido sulfurico, pela agua, pela ammonia e pelo ether.

Pó granuloso, branco; sabor amargo e acre, seguido de sensação de torpor; inodora, inalteravel ao ar, soluvel em 150 partes de agua fria, em 50 da fervente, muito no alcool, no ether e no chloroformio; fusivel a 85°; queima-se sem deixar residuo.

O acido azotico dissolve-a sem a córar. O acido sulfurico quente córa-a de amarello passando depois a violete.

Rejeite a que for crystallisada.

ACONITO.

Aconitum.

NAPELLO.

Aconitum Napellus Linn., Ranunculacea vivaz, da Europa septentrional.

Raiz—*Radix Aconiti*—tuberosa, fusiforme, de 5 a 8 centimetros de comprimento, da grossura de um dedo (no collo), compacta, pesada, por fóra anegrada e com cicatrizes de grossas radiculas, branca por dentro, muitas vezes adherente ainda á raiz do anno anterior, que está engelhada, é pouco densa e escurecida por dentro e *deve rejeitar-se;* cheiro terroso, sabor amargo, acre, deixando na bôca prolongado sentimento de torpor.

Folhas—*Folia Aconiti*—de peciolo sulcado, palmatipartidas em segmentos cuneiformes subdivididos em lacinias lineares, glabras, verde-escuras na pagina superior, mais claras na inferior; inodoras, sabor como o da raiz, um pouco menos intenso.

Costumam apresentar-se no commercio misturadas com algumas flores azul-arroxadas, de corolla caracteristica *(capuz de frade).*

AGARICO BRANCO.

Fungus Laricis vel *Agaricum album.*

AGARICO DOS MEDICOS.

Boletus purgans Pers. *(Polyporus officinalis* Fries), Fungo parasita dos troncos do LARICIO—**Pinus Larix** Linn. *(Larix europæa* De Cand.)—Conifera arborea, das regiões alpinas.

Fungo preparado—*Fungus Laricis decorticatus*—em pedaços sem epiderme, leves, esponjosos, friaveis e alvos; inodoro, sabor a principio doce, logo enjoativo e amargo, por fim muito acre.

AGARICO DOS CARVALHOS.

Fungus igniarius.

AGARICO DOS CIRURGIÕES.

Boletus fomentarius Linn. (*Polyporus fomentarius* Fries), Fungo parasita dos velhos carvalhos, nogueiras, faias e outras arvores da Europa.

Fungo preparado, vulgarmente *Isca de sola*—*Fungus igniarius preparatus*—em pedaços de côr amarellada mais ou menos escura, macios, esponjosos n'uma das faces e na outra lisos com ondulações.

Rejeite o que estiver impregnado de nitro.

AGRIÃO.

Cardamum.

Sisymbrium Nasturtium Linn. (*Nasturtium officinale* R. Brown), Crucifera annual, indigena do continente, da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 587—Fl. pharm. 375—Fl. Mad. I. 23—Fl. azor. *sp.* 317—Fl. Cap Verd. 264).

Planta recente—*Herba Cardami*—de caule ramoso, fistuloso, ás vezes avermelhado, folhas alternas, pinnuladas, de foliolos carnosos, distanciados, os lateraes ellipticos, o terminal quasi cordiforme; cheiro levemente aromatico, sabor um tanto picante.

AGRIÃO DO PARÁ.

Spilanthus.

Spilanthes oleracea Jacq. *(Pyrethrum Spilanthus* Medikus), Composta-senecionidea annual, do Brazil, muito cultivada.

(Fl. flum. VIII. Tab. 89 — Mat. med. bras. 68.)

Planta florida — *Herba Spilanthi florens* — de caule ramoso e diffuso, folhas oppostas, pecioladas, ovaes, subcordiformes, subdenteadas, inflorescencia em capitulos ovoides, compactos e discoides, longamente pedunculados e solitarios, com flosculos ora ligulados e femininos, ora tubolosos e hermaphroditas, fuscos ou amarellos; inodora, mas aromatica, quando esmagada; sabor muito acre, especialmente nos capitulos, provocando forte salivação.

Póde substituir-se-lhe o **Spilanthes radicans** Schrader *(Cotula piper* Velloso), vivaz, tambem do Brazil (Fl. flum. VIII. Tab. 136 — Mat. med. bras. 68.).

AGRIMONIA.

Eupatorium.

Agrimonia Eupatoria Linn. *(Agrimonia officinalis* Lamk.), Rosacea-dryadea vivaz, indigena do continente, da Madeira e dos Açores.

(Fl. lusit. II. 292 — Fl. pharm. 232 — Fl. Mad. I. 243. — Fl. azor. *sp.* 362.)

Folhas — *Folia Eupatorii* — alternas, pinnuladas, de foliolos uns maiores outros menores, ovaes ou ovaes-oblongos, denteados, pubescentes, esbranquiçados na pagina inferior; cheiro levemente aromatico, sabor adstringente um pouco amargo.

Deve ser colhida ao apontar da floração.

Não confunda com a Agrimonia bastarda — **Poterium agrimonifolium** Cavanilles var. **hybridum** Linn. — tambem vivaz e indigena do continente (Fl. lusit. II. 297.).

AGUA.

Aqua.

AGUA COMMUM. AGUA POTAVEL.

Evaporada á seccura não deve deixar de materia fixa mais de 0,5 por 1000. Não deve marcar mais de 25° no hydrotimetro de *Boutron* e *Boudet*.

AGUA ALBUMINADA.

Aqua albuminata.

AGUA ALBUMINOSA.

Albumina de ovos	cem grammas	100
Agua distillada	novecentos grammas	900

Agite fortemente a albumina em pequena quantidade da agua, ajunte a restante; côe.

AGUA DE ALCATRÃO.

Aqua picea.

Alcatrão	cincoenta grammas	50
Agua distillada	dois mil grammas	2:000

Macere por 24 horas em metade da agua, agitando repetidas vezes; decante, rejeitando o liquido; repita a maceração por 5 dias com a agua restante; filtre.

AGUA DE ALFACE.

Aqua Lactucæ virosæ.

AGUA DISTILLADA DE ALFACE. HYDROLATO DE ALFACE VIROSA.

Alface virosa, contusa	mil grammas	1:000
Agua	cinco mil grammas	5:000

Distille até obter mil grammas; filtre.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA ALUMINOSA.

Aqua aluminata.

SOLUTO DE ALUMEN.

Sulfato de alumina e de potassa.....	dez grammas	10
Agua distillada.....	novecentos e noventa grammas	990

Dissolva.

AGUA ALUMINOSA COMPOSTA.

Aqua aluminata composita.

AGUA ESTYPTICA. SOLUTO ZINCO-ALUMINOSO.

Sulfato de alumina e de potassa.....	quinze grammas	15
Sulfato de zinco.....	quinze grammas	15
Agua distillada.....	novecentos e setenta grammas	970

Dissolva.

AGUA DE AMENDOAS AMARGAS.

Aqua Amygdalarum amararum.

AGUA DISTILLADA DE AMENDOAS AMARGAS.
HYDROLATO DE AMENDOAS AMARGAS.

Amendoas amargas, contusas	mil grammas	1:000
Agua	dois mil grammas	2:000

Separe, por espressão a frio, o oleo fixo das amendoas; macere o residuo na agua por 24 horas, distille a vapor de agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE AMENDOAS AMARGAS, ALCOOLISADA.

Aqua Amygdalarum amararum spirituosa.

HYDRALCOOLATO DE AMENDOAS AMARGAS.

Amendoas amargas, contusas	mil grammas	1:000
Agua	seis mil grammas	6:000
Alcool a 90ᶜ	duzentos grammas	200

Separe, por espressão a frio, o oleo fixo das amendoas; macere o residuo por 24 horas na mistura da agua e do alcool, distille até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA AMMONIO-CAMPHORADA.

Aqua ammonio-camphorata.

AGUA SEDATIVA.

Tinctura de camphora	dez grammas	10
Ammonia liquida	cincoenta grammas	50
Chloreto de sodio	quarenta grammas	40
Agua	novecentos grammas	900

Dissolva o chloreto na agua, ajunte os restantes liquidos, agite; não filtre.

AGUA AMMONIO-MERCURIAL.

Aqua ammonio-hydrargyrica.

AGUA PHAGEDENICA.

Chloreto de ammonio	trinta centigrammas	0,30
Chloreto mercurico	trinta centigrammas	0,30
Agua distillada	cem grammas	100

Dissolva.

AGUA DE ANIZ.

Aqua Anisi.

AGUA DISTILLADA DE HERVA DOCE. HYDROLATO DE ANIZ.

Aniz contuso . . . . . duzentos e cincoenta grammas 250

Distille a vapor de agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE CAL.

Aqua Calcis.

HYDRO-SOLUTO DE CAL.

Oxydo de calcio . . . . . vinte grammas 20
Agua distillada . . . . . dois mil grammas 2:000

Misture o oxydo com metade da agua em vaso de louça, agitando repetidas vezes; deixe em repouso por 2 horas, decante rejeitando o liquido; ajunte ao residuo o resto da agua.

Guarde em vaso esmerilhado. Filtre só na occasião do emprego.

AGUA DE CAL, COMPOSTA.

Aqua Calcis composita.

AGUA DE CAL COM QUINA.

Agua de cal, *filtrada* . . . . . setecentos grammas 700
Cozimento de quina cinzenta . . . . . trezentos grammas 300

Misture; não filtre.

AGUA DE CAMOMILLA.

Aqua Chamœmeli.

AGUA DISTILLADA DE CAMOMILLA. HYDROLATO DE CAMOMILLA.

Camomilla..... duzentos e cincoenta grammas 250

Distille a vapor de agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA CAMPHORADA.

Aqua camphorata.

SOLUTO DE CAMPHORA AQUOSO.

Camphora em pó..... dez grammas 10
Agua distillada..... mil grammas 1:000

Macere por 5 dias, agitando frequentemente.

Guarde em vaso esmerilhado. Filtre só na occasião do emprego.

AGUA DE CANELLA.

Aqua corticis Cinnamomi.

AGUA DISTILLADA DE CANELLA. HYDROLATO DE CANELLA.

Canella em pó grosso..... cento e vinte cinco grammas 125
Agua..... cinco mil grammas 5:000

Macere por 24 horas, distille até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA CARBONICA.

Aqua acidulo-carbonica.

AGUA ACIDULA CARBONICA. AGUA GAZOSA.
SOLUTO DE GAZ CARBONICO.

Agua distillada	mil grammas	1:000
Acido tartrico	dezoito grammas	18
Bi-carbonato de soda	vinte e dois grammas	22

Prepare no apparelho de *Briet.*

AGUA DE CEREJAS PRETAS.

Aqua Cerasorum.

AGUA DISTILLADA DE CEREJAS PRETAS. HYDROLATO DE CEREJAS PRETAS.

Cerejas pretas	mil grammas	1:000

Contunda por modo a esmagar a semente, deixe em repouso por 24 horas; distille a vapor de agua até obter mil grammas; filtre.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE CEREJAS PRETAS, ALCOOLISADA.

Aqua Cerasorum spirituosa.

HYDRALCOOLATO DE CEREJAS PRETAS.

Cerejas pretas	mil grammas	1:000
Agua	seis mil grammas	6:000
Alcool a 90^{c}	duzentos grammas	200

Contunda as cerejas por modo a esmagar a semente, macere por 24 horas na mistura da agua e do alcool; distille até obter mil grammas; filtre.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE COBRE AMMONIACAL.

Aqua cupro-ammoniata.

SOLUTO DE SULFATO DE COBRE AMMONIACAL.
AGUA SAPHIRINA. AGUA CELESTE.
AGUA AZUL.

Sulfato de cobre	quinze centigrammas	0,15
Ammonia liquida	tres grammas	3
Agua distillada	cem grammas	100

Dissolva o sulfato na agua, ajunte a pouco e pouco a ammonia; quando dissolvido o precipitado, filtre rapidamente.

AGUA DISTILLADA.

Aqua distillata.

HYDROLATO SIMPLES.

Agua	vinte mil grammas	20:000

Distille até obter quatro mil grammas; rejeite o producto obtido e continue a distillar até colhêr dez mil grammas.

Deve ser inodora e insensivel aos reagentes, tolerando-se comtudo a que revelar apenas vestigios de acido carbonico ou de ammoniaco.

AGUA DE FLORES DE LARANJEIRA.

Aqua florum Aurantii.

AGUA DISTILLADA DE FLORES DE LARANJEIRA.
HYDROLATO DE FLORES DE LARANJEIRA.

Flores de laranjeira, recentes e escolhidas	quinhentos grammas	500

Distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE FUNCHO.

Aqua Fœniculi.

AGUA DISTILLADA DE FUNCHO. HYDROLATO DE MERICARPOS DE FUNCHO.

Funcho, mericarpos contusos..... duzentos e cincoenta grammas 250

Distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE HORTELÃ.

Aqua Menthæ hortensis

AGUA DISTILLADA DE HORTELÃ. HYDROLATO DE ORTELÃ VULGAR.

Hortelã recente, contusa..... mil grammas 1:000

Distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE HORTELÃ PIMENTA.

Aqua Menthæ piperitæ.

AGUA DISTILLADA DE HORTELÃ PIMENTA.
HYDROLATO DE HORTELÃ PIMENTA.

Hortelã pimenta recente, contusa.... mil grammas 1:000

Distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE HORTELÃ PIMENTA, RECTIFICADA.

Aqua Menthæ piperitæ rectificata.

HYDRALCOOLATO DE HORTELÃ PIMENTA.

Agua de hortelã pimenta	dois mil grammas	2:000
Alcool a 90°	cem grammas	100

Distille até obter mil grammas; filtre.

AGUA DE HYSSOPO.

Aqua Hyssopi.

AGUA DISTILLADA DE HYSSOPO. HYDROLATO DE HYSSOPO.

Hyssopo recente, contuso.....	mil grammas	1:000

Distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE LOUREIRO-CEREJEIRA.

Aqua Lauro-cerasi.

AGUA DISTILLADA DE LOUREIRO-CEREJEIRA.
HYDROLATO DE LOURO-CEREJO.

Loureiro-cerejeira, contuso.....	quinhentos grammas	500
Agua.....	tres mil grammas	3:000

Distille até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE MELISSA.

Aqua Apiastri.

AGUA DISTILLADA DE HERVA CIDREIRA.
HYDROLATO DE MELISSA.

Melissa recente, contusa.....	mil grammas	1:000

Distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE MELISSA, RECTIFICADA.

Aqua Apiastri rectificata.

HYDRALCOOLATO DE MELISSA.

Agua de melissa.....	dois mil grammas	2:000
Alcool a 90ᶜ	cem grammas	100

Distille até obter mil grammas; filtre.

AGUA PHENICA.

Aqua carbolica mitior.

AGUA PHENICA, FRACA. SOLUTO DE ACIDO PHENICO, DILUIDO.

Acido phenico.....	um gramma	1
Agua distillada.....	novecentos noventa e nove grammas	999

Dissolva.

Deve dar-se esta, quando não houver indicação especial.

AGUA PHENICA, FORTE.

Aqua carbolica fortior.

SOLUTO DE ACIDO PHENICO.

Acido phenico	dez grammas	10
Agua distillada	novecentos e noventa grammas	990

Dissolva.

AGUA RAZ.

Oleum Pini æthereum.

ESSENCIA DE TEREBINTHINA, DO COMMERCIO.

Carboneto de hydrogenio $C^{10}H^{16}$, contendo quasi sempre alguma resina, obtido pela distillação aquosa do succo leitoso do pinheiro bravo e de outras especies do genero **Pinus.**

Liquido incolor ou amarellado; densidade 0,870; levogyra ou dextrogyra, conforme a proveniencia; ferve entre 156° e 158°; cheiro forte e caracteristico, sabor quente e acre.

AGUA DE ROSAS.

Aqua Rosarum.

AGUA DISTILLADA DE ROSAS. HYDROLATO DE ROSAS.
AGUA ROSADA.

Rosas pallidas, recentes	mil grammas	1:000

Distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE SABUGUEIRO.

Aqua Sambuci.

AGUA DISTILLADA DE FLORES DE SABUGUEIRO.
HYDROLATO DE CYMEIRAS DE SABUGUEIRO.

Sabugueiro, cymeiras	duzentos e cincoenta grammas	250

Distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA SATURNINA.

Aqua plumbica.

AGUA VEGETO-MINERAL. AGUA BRANCA.

Soluto de sub-acetato de chumbo	vinte grammas	20
Agua	novecentos e oitenta grammas	980

Misture; agite.

AGUA SATURNINA, ALCOOLISADA.

Aqua plumbica spirituosa.

AGUA VEGETO-MINERAL DE GOULARD. AGUA DE GOULARD.

Soluto de sub-acetato de chumbo	vinte grammas	20
Alcool a 85°.	oitenta grammas	80
Agua distillada.	novecentos grammas	900

Misture.

AGUA DE TEREBINTHINA.

Aqua Terebinthinæ vulgaris.

Terebinthina.	cincoenta grammas	50
Agua distillada	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias, agitando; filtre.

AGUA DE TILIA.

Aqua Tiliæ.

AGUA DISTILLADA DE TILIA. HYDROLATO DE TILIA.

Tilia..... duzentos e cincoenta grammas 250

Distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AGUA DE TILIA, RECTIFICADA.

Aqua Tiliæ rectificata.

HYDRALCOOLATO DE TILIA.

Agua de tilia..... dois mil grammas 2:000
Alcool a 90c..... cem grammas 100

Distille até obter mil grammas; filtre.

AGUA DE VALERIANA.

Aqua Valerianæ.

AGUA DISTILLADA DE VALERIANA.
HYDROLATO DE VALERIANA.

Valeriana em pó grosso... duzentos e cincoenta grammas 250
Agua distillada..... duzentos e cincoenta grammas 250

Macere por 24 horas; distille a vapor d'agua até obter mil grammas; filtre por papel previamente molhado.

Guarde em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

AIPO.

Apium.

Apium graveolens Linn. var. **lusitanicum** De Cand. (*Apium lusitanicum* Mill.), Umbellifera vivaz, indigena do continente e da Madeira.

(Fl. lusit. I. 463—Fl. pharm. 154—Fl. Mad. I. 346.)

Raiz—*Radix Apii*—fusiforme, da grossura do pollegar, muito ramosa, de casca cinzenta, meditullio carnoso e branco com veios de differentes côres; cheiro privativo, sabor aromatico um tanto doce.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, o Aipo hortense ou Celeri — **Apium graveolens** Linn. var. **dulce** De Cand. —

ALCAÇUS.

Glycyrrhiza vel *Liquiritia.*

Regoliz.

Glycyrrhiza glabra Linn. (*Liquiritia officinalis* Mönch), Leguminosa-papilionacea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 157—Fl. pharm. 418.)

Raiz—*Radix Glycyrrhizæ*—muito comprida, cylindrica, da grossura de um dedo, de casca um pouco grossa, cinzento-escura e longitudinalmente rugosa, lenho amarello-claro, fibroso, duro, tendo canal medullar e raios periphericos; cheiro terroso, peculiar; sabor adocicado, por fim levemente acre.

Empregue descorticada.

ALCARAVIA.

Carvi.

ALCAROVIA. CHIRIVIA. ALCHIRIVIA.

Carum Carvi Linn. *(Seseli Carvi* Scop.), Umbellifera vivaz, dos prados da Europa, muito cultivada.

Mericarpos ou **Akenios**, vulgarmente *Sementes — Fructus Carvi* — alongados, um tanto arqueados, com 5 costellas filiformes menos escuras que os regos interpostos; cheiro forte, que lembra o dos cominhos, sabor quente e picante.

ALCATRÃO.

Pix liquida.

CARBUROLEO DO PINHEIRO. BREU CRU.
ALCATRÃO DE PINHEIRO.

Producto condensado da combustão gradual e incompleta do lenho secco do Pinheiro.

Liquido espesso, granuloso, viscoso, escuro, um tanto avermelhado quando estendido em camada delgada; cheiro empyreumatico privativo, sabor amargo e acre. Communica á agua reacção acida.

ALCATRÃO MINERAL.

Pix mineralis.

CARBUROLEO DA HULHA. ALCATRÃO DE HULHA. COALTAR.

Producto condensado da distillação secca da *hulha* (vulgarmente *carvão de pedra).*

Liquido viscoso, negro, que visto em camada delgada se mostra esverdeado; cheiro forte, empyreumatico e desagradavel; sabor acre. Póde communicar á agua reacção mui levemente acida.

ALCATRÃO DE ZIMBRO.

Pix Juniperi.

CARBUROLEO DO ZIMBRO. MERA.

Producto condensado da distillação secca do tronco e raiz do Zimbro.

Liquido espesso, granuloso, de côr anegrada, cheiro forte e empyreumatico similhante ao do alcatrão, sabor acre e nauseoso.

ALCOOL.

Spiritus.

HYDRATO DE OXYDO DE ETHYLA. ALCOOL ETHYLICO. ALCOOL VINICO.

$$C^4H^6O^2 \text{ ——— } C^2H^6O$$

Composto formado na fermentação alcoolica dos liquidos saccharinos.

Liquido, incolor, limpido, cheiro privativo, sabor mais ou menos urente, volatil, inflammavel, miscivel com a agua em todas as proporções.

α—**Alcool a 90°.**—*Spiritus fortior.*—ESPIRITO DE VINHO.

Producto immediato da distillação dos liquidos alcoolicos em apparelhos distillatorios especiaes.

Cheiro suave, sabor urente, miscivel com o ether; densidade 0,834 (90° G.-L.).

β—**Alcool a 85°.**—*Spiritus medius.*—ESPIRITO DE VINHO, FRACO. AGUA-ARDENTE DE PROVA.

Mistura de proximamente 950 partes em peso de alcool a 90° com 50 d'agua distillada.

Cheiro suave, sabor ardente; densidade 0,850 (85° G.-L.).

γ—**Alcool a 65°.**—*Spiritus dilutus.*—AGUA-ARDENTE.

Mistura de proximamente 650 partes em peso de alcool a 90° com 350 d'agua distillada.

Cheiro suave, sabor quente; densidade 0,905 (65° G.-L.).

Empregue, quando não houver indicação especial, o Alcool a 85°.

ALECRIM.

Rosmarinum.

Rosmarinus officinalis Linn. (*Salvia Rosmarinus* Schleid.), Labiada arbustiva, indigena do continente, dos Açores e de Cabo Verde. Floresce principalmente no verão.

(Fl. lusit. I. 16 — Fl. pharm. 8 — Fl. port. I. 148 — Fl. azor. *sp.* 249 — Fl. Cap Verd. 221.)

Summidades floridas — *Cacumina Rosmarini florentia.* — Vulgar.

ALFACE.

Lactuca sativa.

ALFACE HORTENSE.

Lactuca sativa Linn.: var. **longifolia** (*Lactuca Romana* Garcin), var. **capitata** (*Lactuca Capitata* G. Bauh. e De Cand.) e var. **crispa** (*Lactuca crispa* G. Bauh. e De Cand.), Composta-chicoreacea annual, da India, muito cultivada no continente e na Madeira. Floresce no verão.

(Fl. lusit. I. 315 — Fl. pharm. 434 — Fl. Mad. I. 545.)

Planta florida ou *Alface espigada* — *Herba Lactucæ sativæ florens.* — Vulgar.

Rejeite as folhas externas.

ALFACE VIROSA.

Lactuca virosa.

ALFACE BRAVA, MAIOR.

Lactuca virosa Linn., Composta-chicoreacea annual, indigena do continente, onde floresce no verão.

(Fl. lusit. I. 315 — Fl. port. II. 115.)

Planta florida — *Herba Lactucæ virosæ florens* — de succo lactescente, caule erecto, ramoso, aculeado na base, folhas alternas, horisontaes, semi-amplexicaules, com aculeos sedosos na nervura dorsal, oblongo-sagittadas, denteadas, as inferiores sinuadas, as superiores inteiras; inflorescencia em capitulo paniculado de semiflosculos amarellos; cheiro viroso, sabor amargo e acre.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, a ALFACE BRAVA, MENOR — **Lactuca Scariola** Linn. — indigena do continente e da Madeira. (Fl. lusit. *id. ibid.* — Fl. port. II. 114 — Fl. Mad. I. 544.)

ALFAZEMA.

Lavandula.

Lavandula spica Linn. (*Lavandula vera* De Cand. e *Lavandula spica* De Cand.), Labiada subarbustiva, das regiões meridionaes da Europa e da Africa, muitissimo cultivada no continente, onde floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. I. 170 — Fl. pharm. 317.)

Flores — *Flores Lavandulæ* — ripadas. Vulgar.

ALFORVAS.

Buceras.

HERVINHA. FENOGREGO.

Trigonella Fœnum græcum Linn., Leguminosa-papilionacea annual, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 117 — Fl. pharm. 419.)

Sementes — *Semina Buceratis* — rhomboides-tetragonas, truncadas obliquamente nos extremos, divididas por um sulco profundo e obliquo em dois lóbos deseguaes, de episperma escuro ou amarello, muito duro, e amendoa amylacea, mucilaginosa e amarellada; cheiro forte agradavel, sabor amargo.

ALGA DE CORSEGA.

Helminthocorton venale.

MUSGO DE CORSEGA.

Mistura da **Plocaria Helminthocorton** Endl. *(Gigartina Helminthocortos* Lamour.) com outras Algas (impropriamente *Musgos)* do Mediterraneo.

Pequenos tufos de filamentos molles, escuros, heterogeneos; cheiro caracteristico da origem, sabor amargo, salino e nauseoso.

Limpe da arêa e das materias terrosas.

ALGA PERLADA.

Carragaheen.

MUSGO BRANCO. MUSGO DE IRLANDA.

Fucus crispus Linn. *(Chondrus crispus* Lyngbye), Alga-ceramiacea vivaz (impropriamente *Musgo),* dos mares do norte e das costas de Portugal.

Frondes seccas — *Folia Carragaheen* — planas ou canaliculadas, dichotomas, com lacinias lineares, cartilagineas, brancas ou ligeiramente amarelladas, translucidas; cheiro fraco, privativo, sabor mucilaginoso.

ALGODÃO POLVORA.

Pyroxylum.

PYROXYLA.

Azotato de potassa em pó.....	dois mil grammas	2:000
Acido sulfurico puro.....	tres mil grammas	3:000
Algodão em rama.....	cem grammas	100

Misture em vaso de louça o azotato com o acido e logo depois o algodão, agite por 10 minutos com vareta de vidro, lave repetidas vezes o producto em muita agua, até que esta não avermelhe o papel de tornesol; seque ao ar.

Conserve em frasco destapado.

ALGODOEIRO.

Gossypium vel *Xylon.*

Gossypium herbaceum Linn. e outras especies congeneres, Malvaceas vivazes ou arbustivas, da Asia, muito cultivadas nas regiões tropicaes.

(Fl. cochinch. 505—Fl. trop. Afr. I. 211.)

Sementes—*Semina Gossypii*—ovoides, de episperma coriaceo, anegrado e coberto de filamentos brancos, amendoa branca na superficie, interiormente esverdeada e pontilhada de negro; inodoras, quasi insipidas.

Filamentos das sementes cardados, vulgarmente *Algodão em rama*—*Lanugo Gossypii.*

ALHO.

Allium.

Allium sativum Linn. e **Allium Scorodoprasum** var. β Linn. (*Allium Ophioscorodon* Don.), Asphodeleas vivazes, da Europa meridional, muito cultivadas no continente.

(Fl. lusit. I. 541—Fl. pharm. 171-172.)

Bolbos ou **Bolbilhos**, vulgarmente *Dentes de alho*—*Bulbi* vel *Bulbuli Allii.*

Empregue privados da tunica papyracea.

ALMEIRÃO.

Intybum.

CHICOREA BRAVA.

Cichorium Intybus Linn. (*Cichorium sylvestre* G. Bauh.), Composta-chicoreacea vivaz, indigena do continente e dos Açores.

(Fl. lusit. I. 333 — Fl. pharm. 427 — Fl. port. II. 175 — Fl. azor. *sp.* 218.)

Raiz — *Radix Intybi* — comprida, fusiforme, da grossura de um dedo, carnosa, de casca escurecida, meditullio claro, lactescente quando recente; inodora, sabor muito amargo.

Póde substituir-se-lhe a ALMEIRÔA — **Crepis intybacea** Brot. (*Lagoseris intybacea* Hoffmseg. et Link. ou *Crepis laciniata* Lowe) — e o **Cichorium Intybus** Linn. var. β **divaricatum** De Cand. (*Cichorium divaricatum* Schousb.), ambas annuaes, indigenas do continente e da Madeira, onde tambem são conhecidas pelo nome de ALMEIRANTE. (Fl. lusit. I. 321 — Phyt. Lusit. I. 57. Tab. 26 — Fl. pharm. 429 — Fl. port. II. 149 e 177 — Fl. Mad. I. 521.)

ALMISCAR.

Moschus tonquinensis.

Producto segregado nos folliculos prepuciaes do **Moschus moschiferus** Linn., Ruminante-moschideo, do Thibet e da China.

Granuloso, molle, de aspecto unctuoso, côr castanho-escura; cheiro caracteristico, penetrante, não ammoniacal e muito diffusivel, sabor amargo. Premido sobre uma folha de papel, dá-lhe côr escuro-avermelhada e não deixa perceber corpo duro. Soluvel na agua com residuo de um quarto de seu peso; este soluto é quasi descorado pelo acido azotico fraco.

Expurgue dos pellos que o acompanham, procedentes da bolsa secretoria na qual ás vezes vem incluido, e que é approximadamente hemispherica, com uma face plana e lisa e a outra convexa, pilosa, tendo um orificio em torno do qual os pellos affectam a disposição concentrica.

ALOES.

Aloe.

Azevre vegetal.

Succo concreto das folhas de differentes especies de **Aloe,** Asphodeleas vivazes.

α — **Aloes socotrino.** — *Aloe socotrina.* — Proveniente do **Aloe perfoliata** var. ξ Linn. *(Aloe soccotorina* Lamk.), especie da ilha Socotrá e costa fronteira africana.

Massas opacas, escuro-avermelhadas, de aspecto vitreo, quebradiças, fractura conchoide e lustrosa de bordos translucidos e côr vermelho-hyacintho, dando pó amarello dourado; cheiro suave não desagradavel, sabor muito amargo.

β — **Aloes capense.** — *Aloe capensis.* — Proveniente do **Aloe spicata** Thunb. e do **Aloe sinuata** Thunb. *(Aloe purpurascens* Haworth), especies ambas do Cabo da Boa Esperança.

Massas opacas, escuro-esverdeadas, de aspecto vitreo, quebradiças, fractura conchoide e lustrosa de bordos translucidos e côr de castanha, dando pó amarello esverdeado; cheiro forte um tanto enjoativo, sabor muito amargo.

γ — **Aloes barbadense.** — *Aloe barbadensis.* — Proveniente do **Aloe perfoliata** var. π **vera** Linn. *(Aloe barbadensis* Mill.), especie oriunda da America, quasi espontanea na Europa meridional e em o norte de Africa.

Massas opacas, negras ou escuro-amarelladas, pouco brilhantes e pouco quebradiças, de fractura conchoide e baça, dando pó amarello açafroado; cheiro forte desagradavel, sabor amargo nauseoso.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Aloes socotrino.**

ALTHEA.

Althæa vel *Bibiscum.*

MALVAISCO.

Althæa officinalis Linn., Malvacea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 280—Fl. pharm. 379.)

Raiz—*Radix Althææ*—comprida, de grossura variavel, casca rugosa e acinzentada, liber espesso mas flexivel, meditullio branco, carnoso e radiado; cheiro peculiar, fraquissimo, sabor adocicado e mucilaginoso.

Empregue descorticada e livre do rhizoma que lhe possa vir adherente.

ALVAIADE.

Cerussa.

CARBONATO BASICO DE CHUMBO. SUB-CARBONATO DE CHUMBO. CARBONATO DE CHUMBO.

Producto complexo obtido por differentes processos industriaes, em que o acetato tri-basico de chumbo é decomposto pelo acido carbonico.

Pó ou massas brancas e duras; insipido, inodoro, inalteravel ao ar, insoluvel na agua e no alcool.

Totalmente soluvel com effervescencia no acido acetico; este soluto tratado pelo gaz sulfhydrico, filtrado, fervido até expellir o excesso d'este gaz, não precipita pelo carbonato de soda.

AMBAR.

Succinium vel *Electrum.*

SUCCINO. AMBAR AMARELLO. ALAMBRE.

Resina fossil do **Pinus succinifera** Goepp., Conifera arborea, dos terrenos terciarios das margens do Baltico.

Fragmentos amarellos ou avermelhados, translucidos ou opacos, friaveis, de fractura conchoide; inodoro, mas lançado sobre brazas exhala aroma; mastigado dá sabor levemente acido; quasi insoluvel no alcool, no ether, nos oleos e nas essencias.

AMBAR CINZENTO.

Ambra grisea.

Concreção formada no tubo digestivo do **Physeter macrocephalus** Linn., Cetaceo dos Oceanos.

Massas irregulares, opacas, de consistencia cirosa, côr cinzento-amarellada ou anegrada, com a superficie coberta ás vezes por efflorescencia branca *(Ambraino)*, constituidas ora pela disseminação de grãos amarellados no seio de massa homogenea acinzentada, ora pela sobreposição de camadas concentricas; densidade 0,908 a 0,92; cheiro que lembra o do almiscar, quasi insipido, incompletamente soluvel no alcool, quasi de todo insoluvel nos alcalis.

AMEIXAS PASSADAS.

Pruna siccata.

Drupas seccas da AMEIXIEIRA MANSA—**Prunus domestica** Linn.—Rosacea-amygdalea arborea, da Europa meridional, cultivada no continente e na Madeira.

(Fl. lusit. II. 250—Fl. pharm. 251—Fl. Mad. I. 234.)

Vulgar.

AMENDOAS.

Amygdalæ.

Sementes da AMENDOEIRA—**Amygdalus communis** Linn.—Rosacea-amygdalea arborea, do norte de Africa, muito cultivada no continente e na Madeira.

(Fl. lusit. II. 249—Fl. pharm. 255—Fl. Mad. I. 232.)

α—**Amendoas doces**, vulgarmente *Miolo de amendoa.*—*Amygdalæ dulces.*—Provenientes da especie referida, var. β **dulcis** De Cand. (*Prunus Amygdalus* var. β *dulcis* Baillon).

Prive do episperma, só na occasião do emprego.

β—**Amendoas amargas.**—*Amygdalæ amaræ.*—Provenientes da especie referida, var. α amara De Cand. (*Prunus Amygdalus* var. α *amara* Baillon).

Mais pequenas e mais convexas do que as *doces;* sabor amargoso; quando contusas e humedecidas, desenvolvem cheiro caracteristico.

Conserve no endocarpo lenhoso, do qual, bem como do episperma, privará só na occasião do emprego.

Empregue, quando não houver indicação especial, as **Amendoas doces.**

AMIDO.

Amylum.

AMYLO. FECULA.

$C^{12}H^{10}O^{10}$ —— $C^{6}H^{10}O^{5}$

Principio immediato extrahido de differentes orgãos vegetaes.

Pó branco constituido por granulos microscopicos organisados, de fórma e dimensões que variam com a procedencia; inodoro, insipido, insoluvel no ether, no alcool e na agua fria, mas quando triturado com esta, em almofariz de paredes asperas, dissolve-se parcialmente; a agua nas temperaturas de 75° a 100° intumesce-o, convertendo-o em massa gelatiniforme. Azula pelo iodo.

α—**Amido da mandioca**: Vide *Mandioca* (fecula).

β—**Amido do trigo**: Vide *Trigo* (fecula).

γ—**Amido da batata**: Vide *Batata* (fecula).

δ—**Amido da marantha**: Vide *Araruta*.

ε—**Amido do sagu**: Vide *Sagu*.

ζ—**Amido da serpentina**.—*Amylum Ari*.—Proveniente da SERPENTINA ou SERPENTARIA VULGAR—**Arum Dracunculus** Linn. (*Dracunculus vulgaris* Schott)—e de outras especies do genero **Arum**, Aroideas vivazes, indigenas do continente e dos Açores ou ahi cultivadas.

(Fl. lusit. II. 380-381—Fl. pharm. 504-505—Fl. azor. *sp.* 161-162.)

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Amido da mandioca**.

AMIEIRO NEGRO.

Frangula vel *Siler*.

Rhamnus Frangula Linn., Rhamnea arbustiva, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 301—Fl. pharm. 72.)

Casca dos ramos—*Cortex Frangulæ*—fibrosa, tenaz, flexivel, de epiderme acinzentada, purpurea na camada suberosa, que é mui tenue, ruiva na superficie interna; inodora, sabor nauseoso, quando recente, amargo e adstringente, quando secca.

Deve ser colhida dos ramos e ramusculos. Nunca empregue antes de decorrido um anno depois da colheita.

AMMONIA LIQUIDA.

Solutum Ammoniæ causticæ.

ALCALI VOLATIL. ALCALI AMMONIACO CAUSTICO.
ESPIRITO DE SAL AMMONIACO.

$$AzH^4O + nAq \text{ —— } OAzH^4 + nAq$$

Composto que se obtem recebendo em agua distillada o gaz desenvolvido pelo aquecimento do sulfato ou do chloreto de ammonio com o oxydo de calcio.

Liquido incolor; sabor muito caustico, cheiro vivo e suffocante; exposto ao ar, evolve-se o gaz; espalha abundantes fumos brancos pela approximação do acido chlorhydrico; tem reacção alcalina; densidade 0,916.

Não deixa residuo pela evaporação. Tratada pelo acido azotico em excesso, não deve produzir grande effervescencia, nem precipitar pelo azotato de prata ou pelo chloreto de bario.

AMORAS.

Morum.

AMORAS HORTENSES.

Soroses recentes da AMOREIRA NEGRA — **Morus nigra** Linn.—Moracea arborea, da Persia, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 209 — Fl. pharm. 501.)

Vulgar.

ANEMOLA.

Phenion.

PULSATILLA. ANEMONA.

Anemone Pulsatilla Linn. *(Pulsatilla vulgaris* Mill.), Ranunculacea vivaz, da Europa septentrional.

Planta florida—*Herba Phenii florens*—acaule, de folhas radicaes, pecioladas, impubescidas, bi ou tri-pinnadas, de lacinias lineares, hastea de uma só flor violacea; inodora, mas quando contusa desenvolve aroma irritante; sabor muito urente.

Póde substituir-se-lhe a ANEMOLA DOS BOSQUES—**Anemone nemorosa** Linn.—indigena do continente, onde floresce no principio da primavera. (Fl. lusit. II. 362—Fl. pharm. 304.)

ANGELICA.

Archangelica.

HERVA DO ESPIRITO SANTO.

Angelica Archangelica Linn. *(Archangelica officinalis* Hoffm. e Koch), Umbellifera bis-annual, da Europa septentrional, que a cultura torna perenne.

Raiz—*Radix Archangelicæ* vel *Syriaca radix*—grossa, fusiforme, com ramificações numerosas e parallelas, rugosa e cinzento-escura por fóra, quasi branca e cannaliculada por dentro, encerrando, emquanto fresca, succo gommo-resinoso amarellado; cheiro fragrante lembrando o do almiscar, sabor a principio adocicado, por fim acre e amargo.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, a ANGELICA SYLVESTRE—**Angelica sylvestris** Linn.—nem a ANGELICA DOS MONTES—**Angelica montana** Brot.—a primeira vivaz, a segunda bis-annual, ambas indigenas do continente. (Fl. lusit. I. 426—Fl. pharm. 132-133.)

ANGUSTURA.

Galipea vel *Cusparia.*

Galipea officinalis Hancock e **Galipea Cusparia** S.t Hil. *(Bonplandia trifoliata* Willd.), Diosmeas arboreas, da America meridional.

Casca — *Cortex Galipeæ* — em pedaços delgados e achatados mais ou menos enrolados sobre os bordos, ou em tubos mais espessos, de periderme rugoso, macio e cinzento-amarellado, e de côr amarello-escuro na superficie interna, a que ás vezes vem adherentes fibras do lenho; tecido pouco denso, lamellar e quebradiço, fractura resinosa, mostrando á lente pequenos pontos ou linhas esbranquiçadas; cheiro forte, desagradavel, sabor amargo, por fim acre e persistente.

Não confunda com a Falsa Angustura, proveniente de um **Strychnos**, que é compacta, difficil de quebrar, de côr mais clara na face interna, não lamellar, de fractura resinosa, quasi inodora, intensamente amarga e que tocada na face interna com o acido azotico adquire côr vermelho-de-sangue, o que não succede na verdadeira *Angustura.*

Rejeite a que apparecer misturada com a *falsa.*

ANIZ.

Anisum vel *Anicetum.*

Aniz verde. Herva doce.

Pimpinella Anisum Linn. *(Sison Anisum* Spreng.), Umbellifera annual, do Egypto, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 462 — Fl. pharm. 149.)

Mericarpos ou Akenios, vulgarmente *Sementes* — *Fructus Anisi* — ovoides, amarello-esverdeados, levemente pubescentes, com 5 costellas pouco elevadas; ás vezes unidos em *schizocarpos* de aspecto pyriforme; cheiro fragrante, caracteristico, sabor adocicado e quente.

ANIZ ESTRELLADO.

Anisum badium.

BADIANA. ANIZ DA CHINA.

Illicium anisatum Lour. (*Illicium religiosum* Sieb.), Magnoliacea arbustiva, da China e do Japão.

(Fl. cochinch. 432.)

Syncarpos—*Fructus Anisii badii*—de 6 a 12 (ordinariamente 8) capsulas ovaes lanceoladas, dehiscentes pela sutura superior, dispostas em fórma de estrella, contendo cada qual uma semente oval-achatada de casca coriacea, lustrosa e avermelhada; cheiro como o do Aniz verde, sabor adocicado e quente.

ANTIMONIO.

Stibium.

ANTIMONIO PURO.

Sb —— Sb^{v}

Oxy-chloreto de antimonio, secco.....	cem grammas	100
Carbonato de soda anhydro..	cento e quarenta grammas	140
Carvão vegetal em pó.....	vinte grammas	20
Azotato de potassa em pó.....	vinte grammas	20

Misture o oxy-chloreto com 80 grammas do carbonato e com o carvão, funda em cadinho de grés por 10 minutos, deixe arrefecer, quebre o cadinho e tire do centro da massa o botão metallico. Funda este com o resto do carbonato e com o azotato; separe novamente o botão metallico.

APIOL.

Apioleum.

SALSOLEO.

Salsa, mericarpos em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Alcool a 85^{c}.....	seis mil grammas	6:000
Ether.....		q. b.
Oxydo de chumbo em pó.....		q. b.
Carvão animal.....		q. b.

Macere por 10 dias os mericarpos em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante; descore pelo carvão e distille até obter tres quartos do alcool empregado; trate o residuo por egual peso de ether, filtre e evapore na estufa até ficar reduzido a um terço. Junte um oitavo do seu peso de oxydo de chumbo, deixe em repouso por 48 horas e filtre por novo carvão.

ARANDO.

Myrtillus.

UVA DO MONTE.

Vaccinium Myrtillus Linn. var. **baccis cæruleonigris** De Cand., Vaccinea arbustiva, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 20 — Fl. pharm. 206 — Fl. port. I. 417.)

Bagas — *Fructus Myrtilli* — pequenas, globosas, umbilicadas, negro-azuladas, lustrosas, com 8 a 10 sementes esbranquiçadas e dispersas na polpa, que é vermelha; inodoras, sabor acidulo, levemente adstringente.

Póde substituir-se-lhe a UVA DA SERRA — **Vaccinium maderense** Link (*Vaccinium padifolium* Sm.) — tambem arbustiva, indigena da Madeira e dos Açores. (Fl. Mad. I. 580 — Fl. azor. *sp.* 290.)

ARARUTA.

Amylum Marantæ.

AMIDO DA MARANTHA. ARROW-ROOT.

Fecula do rhizoma, vulgarmente *raiz,* da **Maranta arundinacea** Linn., Amomacea vivaz, da America tropical e das Antilhas.

Pó fino constituido por grãos brancos, que o microscopio mostra serem de volume proximamente egual, ellipsoides ou ovoides, nacarados, brilhantes, muitos d'elles fendidos, com o hilo quasi sempre excentrico e circumdado de zonas concentricas, menos distinctas que nos grãos da fecula da batata.

ARNICA.

Arnica.

Arnica montana Linn. *(Doronicum Arnica* Desfont.), Composta-senecionidea vivaz, indigena do continente, onde floresce de junho a agosto.

(Fl. lusit. I. 387 — Fl. pharm. 462 — Fl. port. II. 311.)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz — Radix Arnicæ* — flexuoso, da grossura de uma penna, amarellado, aspero, duro, por fóra escuro, inferiormente guarnecido de abundantes raizes compridas e quebradiças, superiormente com vestigios das folhas, de casca espessa, lenho amarellado, radiado, cannaliculado e cheio de materia gommo-resinosa, canal medullar amplo, contendo medulla branca; cheiro aromatico privativo, sabor acre e amargo como apimentado.

Capitulos, vulgarmente *Flores — Flores Arnicæ* — terminaes, solitarios, radiados, amarellos, flosculos todos pappilhosos na base, os centraes tubolosos e quinquedentados, os periphericos ligulados e tridentados; cheiro fraco, esternutatorios quando contusos, sabor quente, acre e amargo.

Empregue privados dos involucros.

AROEIRA.

Lentiscum.

LENTISCO.

Pistacia Lentiscus Linn., Terebinthacea-anacardia arbustiva, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 478 — Fl. pharm. 535.)

Drupas, vulgarmente *Bagas* — *Fructus Lentisci* — muito pequenas, ovoides, não succolentas, de endocarpo quasi osseo, monospermico; cheiro resinoso, sabor adstringente.

Devem ser colhidas antes da completa maturação.

ARROBE DE AMORAS.

Defrutum Mori.

GELEA DE AMORAS. XAROPE DE AMORAS.

Succo de amoras	dois mil grammas	2:000
Assucar granuloso	quinhentos grammas	500

Evapore o succo, a calor brando e em vaso não metallico, até ficar reduzido a 700 grammas; ajunte o assucar, continue a evaporação, em banho de agua, até a consistencia do mel espesso.

ARROBE DE SABUGUEIRO.

Defrutum Sambuci.

GELEA DE SABUGUEIRO. XAROPE DE SABUGUEIRO.

Succo de bagas de sabugueiro	dois mil grammas	2:000
Assucar granuloso	quinhentos grammas	500

Evapore o succo, a calor brando e em vaso não metallico, até ficar reduzido a 700 grammas; ajunte o assucar, continue a evaporação, em banho de agua, até a consistencia do mel espesso.

ARROZ.

Oryza.

Oryza sativa Linn., Graminea annual, da Asia, muito cultivada no continente.

(Fl. pharm. 189.)

Sementes — *Semina Oryzæ.* — Caryopses descorticadas. Vulgar.

Farinha — *Farina Oryzæ.* — Sementes em pó.

Pó — *Pulvis Oryzæ.* — Sementes em pó fino.

A pulverisação do arroz deve ser precedida de lavagem em agua fria e maceração, durante algumas horas, em nova agua.

ARRUDA.

Ruta.

RUDA.

Ruta graveolens Linn. (*Ruta hortensis* Mill.), Rutacea vivaz ou subarbustiva, indigena do continente, onde floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. II. 16 — Fl. pharm. 204.)

Planta florida — *Herba Rutæ florens* — de caules numerosos, folhas supra-decompostas em lacinias oblongo-obovaes finamente crenuladas, de côr verde-azulado, inflorescencia em corymbo, flores de 4 ou 5 petalas concavas e amarellas; cheiro forte, enjoativo e caracteristico, sabor amargo e acre.

Póde substituir-se-lhe o ARRUDÃO — **Ruta montana** Clus. (*Ruta sylvestris* Mill. ou *Ruta tenuifolia* Brot.) — tambem indigena do continente, onde floresce no verão, e a **Ruta bracteosa** De Cand. (*Ruta angustifolia* Lowe), indigena da Madeira, onde floresce de março a junho. (Fl. lusit. *id. ibid.* — Fl. pharm. 206 — Fl. Mad. I. 103.)

ARSENIATO DE POTASSA.

Arsenias kalicus.

ARSENIATO MONO-POTASSICO. ARSENIATO ACIDO DE POTASSIO.

$$KO,2HO,AsO^5 \text{———} AsO^4H^2K$$

Composto que se obtem lixiviando o producto da fusão do acido arsenioso com o azotato de potassa.

Crystaes octaedricos de base quadrada; incolor, sabor levemente acido, inodoro, inalteravel ao ar, muito soluvel na agua e na glycerina.

ARSENIATO DE SODA.

Arsenias natricus.

ARSENIATO DI-SODICO. ARSENIATO BI-BASICO DE SODIO.

$$2NaO,HO,AsO^5+16HO \text{———} AsO^4HNa^2+8H^2O$$

Composto que se obtem lixiviando o producto da fusão do acido arsenioso com o azotato de soda, tratando depois pelo carbonato d'esta base o soluto e fazendo-o crystallisar na temperatura de 30° a 35°.

Crystaes prismaticos hexagonaes ou de fórmas pertencentes ao systema rhombico; incolor, sabor alcalino, inodoro, não efflorescente, muito soluvel na agua e na glycerina.

Rejeite o que fôr efflorescente.

ARTEMISIA.

Artemisia.

ARTEMISIA VERDADEIRA.

Artemisia vulgaris Linn. (*Artemisia officinalis* Gal.), Composta-senecionidea vivaz, indigena do continente, onde floresce de junho a agosto.

(Fl. lusit. I. 355 — Fl. pharm. 448 — Fl. port. II. 268.)

Summidades floridas — *Cacumina Artemisiæ florentia* — de folhas alternas, as inferiores pecioladas e de lacinias ovaes, as superiores sesseis de lacinias pinnatifidas e agudas, todas um pouco glabras na pagina superior e tomentosas na inferior; inflorescencia em espiga paniculada de capitulos com flosculos escuros; cheiro forte, sabor amargo.

ARTEMISIA MOLLE.

Artemisia mollis.

HERVA DAS SEZÕES.

Artemisia mollis Gay (*Artemisia Chinensis* Burm. non Linn.), Composta-senecionidea subarbustiva ou vivaz, de patria desconhecida, muito cultivada.

Folhas — *Folia Artemisiæ mollis* — sedosas e esbranquiçadas, molles, as caulinares decompostas, as superiores palmato-trifidas de lóbos linear-lanceolados; cheiro um tanto aromatico e enjoativo, sabor amargo.

ARTHANITA.

Cyclaminum.

PÃO PORCINO.

Cyclamen europæum Linn. (*Cyclamen littorale* Sadler), Primulacea vivaz, da Europa central, cultivada no continente.

Tuberoide, vulgarmente *Raiz* — *Tuber Cyclamini* — orbicular, achatado, carnoso, escuro por fóra, branco por dentro, guarnecido inferiormente de raizes finas e anegradas; inodoro, sabor acre e caustico.

ÁSSACU.

Hura.

Oassacu.

Hura crepitans var. **genuina** De Cand. *(Hura brasiliensis* Willd.), Euphorbiacea-hippomanea arborea, da America tropical.

(Mat. med. bras. 87.)

Casca—*Cortex Huræ*—revestida da espessa camada suberosa, internamente dura, compacta e de côr escura-esverdeada; inodora, sabor acre.

Succo leitoso, vulgarmente *Leite de assacu*—*Latex Huræ*—extrahido por incisões do tronco. Liquido mais ou menos espesso, pardacento, miscivel com a agua; cheiro fraco, privativo, sabor muito acre e amargo.

ASSAFETIDA.

Asa fœtida vel *Laser.*

Resina-gomma obtida, mediante resecções, da raiz da **Ferula Asa fœtida** Linn. *(Scorodosma fœtidum* Bunge), da **Ferula Narthex** Boiss. *(Narthex Asa fœtida* Falconer) e porventura de outras especies congeneres, Umbelliferas vivazes, da Persia e dos paizes vizinhos.

Massas constituidas por lagrimas amygdaloides e duras, ás quaes está interposta substancia mais ou menos branda e avermelhada; brilho como o da cêra, fractura conchoide; as superficies de secção ou de fractura apresentam-se primeiro esbranquiçadas, no fim de algumas horas mudam para violete avermelhado, e só decorridas semanas adquirem e conservam a côr vermelho-desmaiada que as massas têem na superficie exterior; cheiro forte, alliaceo, repugnante, sabor ligeiramente amargo, um tanto picante.

ASSUCAR.

Saccharum.

SACCHAROSE.

$C^{12}H^{11}O^{11}$ —— $C^{12}H^{22}O^{11}$

Principio immediato extrahido do colmo do **Saccharum officinarum** Linn., Graminea vivaz, da India, cultivada nas regiões tropicaes, ou da raiz da **Beta vulgaris** Moq. var. *C* De Cand. (*Beta Rapa* Dumort), Salsolacea bis-annual ou vivaz, dos Açores, muito cultivada no continente.

(*De Cand.* Prodr. XIII, sect. post. 55-56.)

α—**Assucar crystallisado** ou **candi.**—*Saccharum crystallisatum.*—Em grossos crystaes.

β—**Assucar crystallino** branco.—*Saccharum purificatum.*—Nas tres variedades: *granuloso, pilão, de fôrma.*

γ—**Assucar de caixa** branco—*Saccharum album.*

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Assucar granuloso.**

ASSUCAR CAMPHORADO.

Saccharum camphoratum.

Camphora em pó.....	dez grammas	10
Assucar de fôrma, em pó.....	noventa grammas	90

Misture.

ASSUCAR DE LEITE.

Saccharum Lactis.

LACTOSE. LACTINA.

$C^{24}H^{24}O^{24}$ —— $C^{12}H^{24}O^{12}$

Principio immediato extrahido do soro do leite, por evaporação e crystallisação.

Massas crystallinas duras, formadas por prismas rhomboidaes obliquos; branco sujo, sabor assucarado muito fraco, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel com elevação de temperatura em 6 partes de agua fria e em 2,5 da fervente, insoluvel no alcool anhydro e no ether; densidade, 1,53; dextrogyro.

ATROPINA.

Atropinum.

$C^{34}H^{23}AzO^{6}$ —— $C^{17}H^{23}AzO^{3}$

Alcaloide obtido do pó da raiz de belladona, lixiviando-o pelo alcool a 90°, submettendo-o a successivos tratamentos pela cal, pelo acido sulfurico e pelo carbonato de potassa, e fazendo-o crystallisar no alcool.

Crystaes aciculares prismaticos, sedosos; incolor, sabor acre e amargo, inodora, soluvel em 200 partes de agua fria, em 54 da fervente, em 2,5 de alcool, em 35 de ether e em 3 de chloroformio; funde-se a 90°; volatilisa-se a 140°, decompondo-se em parte; queima-se sem deixar residuo.

AVEIA.

Avena.

Avena agraria Brot. e var. **mutica** e **sesquialtera** Brot. (*Avena strigosa* Schreber var. *elatior* Kunth), Graminea annual, indigena do continente e ahi muito cultivada.

(Fl. lusit. I. 105-106 — Fl. pharm. 25.)

Caryopses, vulgarmente *Sementes*—*Fructus Avenæ.*

Farinha—*Farina avenacea.* —Caryopses pulverisadas e espoadas.

AVENCA.

Capillus Veneris.

CAPILLARIA.

Adiantum Capillus Veneris Linn. Feto-polypodiaceo, indigena do continente, da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde.

(Fl. lusit. II. 396 — Fl. pharm. 555 — Fl. azor. *sp.* 72 — Fl. Cap Verd. 130.)

Frondes, vulgarmente *Folhas* — *Folia Capilli Veneris* — radicaes, de rachis filiforme, indiviso ou ramificado, liso, lustroso e vermelho escuro, com pequenos foliolos alternos, pedicellados, cuneiformes, sempre verdes, tendo 2 ou 3 lobulos terminaes e o bordo superior dobrado sobre a face inferior protegendo os esporanjos; inodoras, sabor um tanto doce, levemente adstringente.

Rejeite o rhizoma que lhes possa vir adherente.

AZEITE.

Oleum Olivarum.

FLUIDOLEO DE AZEITONAS.

Oleo espresso do fructo da oliveira.

α — **Azeite virgem.** — *Oleum Olivarum primæ pressuræ.* — Obtido a frio e da primeira espressão.

Liquido muito fluido, limpido, amarello-pallido, não siccativo; densidade 0,916 a 0,919; cheiro e sabor fracos, privativos; turva-se logo acima de 0°; deposita a 6° a pouca margarina que contém.

β — **Azeite do commercio.** — *Oleum Olivarum venale.* — OLEO COMMUM. AZEITE DOCE. — Obtido por espressões successivas a frio e a quente.

Liquido amarello ou esverdeado, de cheiro e sabor pronunciados e caracteristicos; deposita a margarina logo a 8°, convertendo-se em massa nas temperaturas inferiores.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Azeite do commercio.**

AZOTATO DE AMMONIA.

Azotas ammonicus.

Azotato de ammonio. Nitrato de ammoniaco.

AzH^4O,AzO^5 —— AzO^3,AzH^4

Composto obtido pela reacção do acido azotico sobre a ammonia ou sobre o carbonato d'esta base.

Crystaes aciculares ou prismas rhomboidaes; incolor, sabor picante, inodoro, um tanto deliquescente; soluvel em 2 partes de agua fria, produzindo consideravel abaixamento de temperatura; insoluvel no alcool.

AZOTATO DE POTASSA.

Azotas kalicus.

Azotato de potassio. Nitrato de potassa. Nitro.

KO,AzO^5 —— AzO^3K

Composto obtido pela purificação e refinação do *salitre* (azotato de potassa do commercio), mediante repetidas crystallisações.

Prismas rhomboidaes pertencentes ao systema rhombico; incolor, sabor fresco e depois picante e amargo, inalteravel ao ar, muito soluvel na agua, insoluvel no alcool; projectado sobre uma superficie candente, deflagra vivamente; densidade 1,93.

O soluto, acidulado com acido azotico, não precipita pelo azotato de prata nem pelo chloreto de bario.

AZOTATO DE PRATA.

Azotas argenticus.

NITRATO DE PRATA.

$$AgO, AzO^5 \text{ ——— } AzO^3Ag$$

Composto formado pela reacção do acido azotico puro sobre a prata pura.

Solido, inodoro, corrosivo, soluvel em metade do seu peso d'agua quente e em peso igual ao seu d'agua fria, em 4 partes d'alcool e em 2 de glycerina; fusivel; ennegrece pela luz e ao contacto com materias organicas. O soluto aquoso é neutro, incolor e limpido.

α — **Azotato de prata crystallisado.** — *Azotas argenticus crystallisatus.* — NITRATO DE PRATA EM CRYSTAES. — É o producto crystallisado da reacção indicada; os crystaes, inteiramente privados da agua mãe, devem ser dissolvidos em pouca agua distillada fervente, que pelo resfriamento os depõe.

Laminas rhomboidaes incolores.

β — **Azotato de prata fundido.** — *Azotas argenticus fusus.* — NITRATO DE PRATA FUNDIDO. PEDRA INFERNAL. CAUSTICO LUNAR. — Obtido pela fusão do azotato de prata crystallisado, moldado em fôrma.

Cylindros brancos ou levemente corados á superficie, de fractura crystallina e irradiante.

O soluto de azotato de prata trata-se pelo acido chlorhydrico em excesso; filtra-se; o precipitado é todo soluvel na ammonia; divide-se o liquido filtrado em duas partes: uma, addicionada de chloreto de platina e levada á seccura, não dá residuo que seja insoluvel no alcool a 90°; a outra, tratada pela ammonia em excesso, não dá vestigios de côr azul.

Empregue, salvo indicação especial, o **Azotato de prata crystallisado.**

BALSAMO PERUVIANO.

Balsamum peruvianum.

Succo proveniente de differentes especies de **Myroxylon,** Leguminosas-papilionaceas arboreas.

α—**Balsamo peruviano liquido.**—*Balsamum peruvianum fuscum.*—Balsamo de S. Salvador. Fluidbalsamo do Peru. Obtido por contusão e aquecimento do tronco do **Myroxylon Pereiræ** Klotzsch *(Myrospermum Pereiræ* Royle), especie do Estado de S. Salvador na America central.

Liquido xaroposo, não siccativo, vermelho-escuro retinto, mas transparente e purpureo quando visto em tenue camada; cheiro balsamico que lembra o da baunilha, sabor amargo e urente; muito soluvel no alcool rectificado; densidade 1,15; avermelha o tornesol.

β—**Balsamo peruviano solido.**—*Balsamum peruvianum siccum.*—Obtido, por incisões, do tronco do **Myroxylon peruiferum** Linn. fil. *(Myrospermum peruiferum* De Cand.), especie do Peru, da Nova Granada, da Columbia, do Mexico e do Brazil.

(*Flück.* & *Hanb.* Pharmacog. 184.)

Massa consistente, tenaz, louro-avermelhada, translucida, de fractura um tanto crystallina, cheiro aromatico muito pronunciado, sabor acre, mas não desagradavel.

Ao **Balsamo peruviano solido** póde substituir-se o Balsamo de Tolu secco.

Empregue, não havendo indicação especial, o **Balsamo peruviano liquido.**

BALSAMO DE TOLU.

Balsamum tolutanum.

Succo concreto obtido, por incisões, do tronco do **Myroxylon toluifera** Humb., Bonpl. e Kunth *(Myrospermum toluiferum* Rich.), Leguminosa-papilionacea arborea, de Nova Granada.

Massa de consistencia e tenacidade variaveis, de côr amarellada ou escuro-avermelhada; translucida, quando em laminas; cheiro balsamico, que lembra o da baunilha, sabor adocicado, levemente acre; muito soluvel no alcool rectificado e no chloroformio; menos soluvel no ether, de todo insoluvel na benzina e no sulfureto de carbonio.

Endurecido pelo tempo, constitue o Balsamo de Tolu secco—*Balsamum tolutanum siccum.*

BANHA.

Axungia preparata.

Banha preparada.

Banha em rama..... q. s.

Prive da membrana adherente, corte em pequenos pedaços, contunda-os em gral de pedra e funda a banho de agua; côe espremendo.

Conserve em vasos não porosos, de pequena capacidade e completamente cheios, em logar fresco.

BANHA EM RAMA.

Axungia vel *Adeps suillus.*

Tecido conjunctivo-adiposo incluido na cavidade abdominal do **Sus scrofa** Linn., Pachyderme domestico.

Massas gordurosas, consistentes, brancas.

Rejeite as que não forem recentes.

BARBATIMÃO.

Avaremotemo.

Angico. Abaremotemo.

Pithecollobium Avaremotemo Mart. *(Mimosa cochliacarpos* Gomes ou *Mimosa vaga* Velloso), Leguminosa-mimosea arborea, do Brazil.

(Mat. med. bras. 53 — *Gomes.* Obs. bot. med. I. 30. Est. 4 — Fl. flum. XI. Tab. 13.)

Casca — *Cortex Avaremotemo* — grossa, fundamente fendilhada, rubra tirante a cinzenta por fóra, vermelho-escurecida por dentro; fractura fibrosa, sobretudo no bordo interno; inodora, sabor adstringente um tanto amargo.

Costuma apparecer tambem privada do periderme, em pedaços de 12 a 15 centimetros de comprimento e 4 a 5 centimetros de largura, tortuosos, delgados, achatados, densos e compactos, tendo na superficie lagrimas amarellas e transparentes de substancia gommosa.

Póde substituir-se-lhe a **Acacia Angico** Mart., a **Acacia Jurema** Mart. e a **Stryphnodendron Barbatimão** Mart. *(Mimosa Barba* Timam), todas do Brazil. (Mat. med. bras. 53-54 — Fl. flum. XI. Tab. 7.)

BARDANA.

Persolata.

Pegamaço. Bardana maior.

Arctium Lappa Linn. *(Lappa tomentosa* Lamk. e *Lappa major* Gärtn.), Composta-cynarea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 349 — Fl. pharm. 438 — Fl. port. II. 184.)

Raiz — *Radix Persolatæ* — comprida, grossa, cylindro-fusiforme, carnosa, parda por fóra, branca por dentro, com as radiculas dispostas em duas series longitudinaes; cheiro enjoativo, sabor adocicado, um pouco adstringente e nauseoso.

Póde substituir-se-lhe a Bardana menor — **Arctium minus** Schkuhr *(Lappa minor* De Cand.) — especie bis-annual, indigena da Madeira. (Fl. Mad. I. 516.)

BATATA.

Tuber Solani.

SEMILHA.

Tuberculo caulinar do **Solanum tuberosum** Linn. *(Lycopersicum tuberosum* Mill.), Solanacea vivaz, da America meridional, cultivada no continente, na Madeira e em Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 282 — Fl. pharm. 68 — Fl. Mad. II. 83 — Fl. Cap Verd. 238.)

Vulgar.

Fecula ou **Amido** — *Amylum tuberis Solani* — em grãos brancos e lustrosos, que o microscopio mostra serem maiores que os da fecula do trigo, esphericos uns, outros ellipticos, ovoides ou triangulares, bosselados e com estrias regularmente concentricas ao hilo, o qual está situado em um dos extremos.

BAUNILHA.

Vanilla.

Epidendrum Vanilla Linn. *(Vanilla aromatica* Swartz) e **Vanilla planifolia** Andrews *(Myrobroma fragrans* Salisbury), Orchideas vivazes, da America meridional e, a primeira, do Brazil.

(Mat. med. bras. 108.)

Capsula — *Fructus Vanillæ* — alongada, siliquiforme ou em fórma de vagem, unilocular, molle, flexivel, um tanto enrugada, estriada, escuro-amarellada, lustrosa, ás vezes coberta de crystaes aciculares e brilhantes *(Vanillino);* sementes numerosas, miliares, envolvidas em polpa negra, espessa, de cheiro peculiar, muito suave e balsamico, sabor agradavel.

BDELLIO.

Bdellium.

Resina exsudada do tronco do **Balsamodendron africanum** Arnott *(Heudelotia africana* Rich.), Terebinthacea-burseracea subarborea, da Africa portugueza.

(Fl. trop. Afr. I. 325.)

Lagrimas arredondadas, amarelladas, verdes ou avermelhadas, um tanto transparentes ou opacas, de fractura cirosa; cheiro fraco, privativo, sabor amargo.

BEBERINA.

Bebirinum.

BEBEERINA.

$$C^{38}H^{21}AzO^{6} \text{ ——— } C^{19}H^{21}AzO^{3}$$

Alcaloide obtido da casca do *Beberu,* fervendo-a na agua acidulada pelo acido sulfurico, precipitando o cozimento pela ammonia, redissolvendo o precipitado no acido sulfurico diluido, precipitando novamente pela ammonia e tratando-o pelo ether.

Pó branco amorpho; inodora, sabor amargo, inalteravel ao ar, mui pouco soluvel na agua, soluvel no alcool e no ether; funde-se a 198°. Tratada pelo acido azotico concentrado e quente, adquire côr amarella.

BEBERU.

Bebiru vel *Nectandra.*

BEBEERU.

Nectandra Rodiei Schomburgk, Lauracea arborea, da Guiana ingleza.

(*Flück & Hanb.* Pharmacog. 481.)

Casca—*Cortex Bebiru*—em grandes pedaços planos, de 3 a 7 decimetros de comprimento, 10 a 12 centimetros de largura e 8 a 10 millimetros de espessura, duros, densos, quebradiços; fractura granulosa,um tanto foliacea, sómente fibrosa no bordo interno; escura levemente acinzentada por fóra, de côr de canella tirante a escuro na face interna, que se apresenta fortemente estriada no sentido longitudinal; totalmente inodora, sabor excessivamente amargo e muito adstringente.

BECCABUNGA.

Anagallis aquatica.

MORRIÃO DE AGUA.

Veronica Beccabunga Linn. (*Veronica limosa* Lejeune), Escrophulariacea vivaz, indigena do continente, onde floresce de abril a julho.

(Fl. lusit. I. 13—Fl. pharm. 6—Fl. port. I. 289.)

Planta—*Herba Anagallidis aquaticæ*—de caule reptante na base, folhas oppostas, curtamente pecioladas, ovaes-oblongas, serreadas, glabras e carnosas; inodora, sabor amargo, por fim acre e picante.

Faça a colheita ao apontar da floração.

BELLADONA.

Belladonna.

Herva mydriatica.

Atropa Belladonna Linn. *(Belladonna baccifera* Lamk.), Solanacea bis-annual ou vivaz, da Europa meridional, muito cultivada.

Raiz — *Radix Belladonnæ* — comprida, acylindrada, ramificada, de 2 a 4 centimetros de diametro, estriada e acinzentada por fóra, branca e carnosa por dentro, tornando-se amarellada e farinacea pela exsiccação; inodora, sabor um pouco adocicado, depois amargo e acre.

Deve ser colhida da planta de dóis annos, logo ao apontar da floração. Renove annualmente.

Rejeite os pedaços lenhosos e denegridos.

Planta — *Herba Belladonnæ* — de caule herbaceo, cylindrico, trichotomo e tomentoso, folhas alternas, curtamente pecioladas, ovaes ponteagudas, de 10 a 15 centimetros de comprimento, inteiras, molles, de côr verde-sombrio mais intensa na pagina superior, levemente pubescentes na inferior, nervuras arroxeadas; cheiro viroso, que a contusão augmenta, sabor um tanto amargo, acre e nauseoso.

Faça a colheita ao apontar da floração. Renove annualmente.

Pó — *Pulvis Belladonæ.* — Obtem-se aproveitando apenas tres quartos da parte empregada *(folhas* ou *raiz).*

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Pó das folhas.**

BENJOIM.

Benzoinum vel *Asa dulcis.*

Balsamo obtido, por incisões, do tronco do **Styrax Benzoin** Dryander (*Benzoin officinale* Hayne), Estyracacea arborea, de Sumatra, de Java e de Siam.

Lagrimas brancas, opacas, soltas ou agglutinadas, ou massas mais ou menos brilhantes tendo disseminadas numerosas lagrimas amygdaloides, que lhes dão aspecto marmoreo de fundo avermelhado; cheiro agradavel, que lembra o da baunilha, sabor fraco um tanto acidulo; totalmente soluvel no alcool a 90° e no soluto de hydrato de potassa. Lançado sobre brasas deixa evolver, em vapores, grande quantidade de acido benzoico.

BENZINA.

Benzinum.

HYDROGENETO DE PHENYLA. BENZOL.

$$C^{12}H^{6} \text{ ——— } C^{6}H^{6}$$

Composto obtido do Alcatrão mineral: distillando-o, tratando o producto mais volatil successivamente pelo acido sulfurico diluido, pela agua e pelo hydrato de potassa, submettendo-o a nova distillação fraccionada e aproveitando apenas o que passa entre 80° e 85°.

Liquido limpido, incolor; densidade 0,85; ferve a 85°, solidificavel a 0° em massa crystallina, branca e transparente; arde com chamma brilhante e fuliginosa; sabor assucarado, cheiro ethereo particular; pouco miscivel com a agua, totalmente com o alcool e com o ether.

BENZOATO DE AMMONIA.

Benzoas ammonicus.

Benzoato de ammonio. Benzoato neutro de ammonio.

$$AzH^4O, C^{14}H^5O^3 \text{ ——— } C^7H^5O^2, AzH^4$$

Composto obtido pela acção do acido benzoico sobre a ammonia, e crystallisação no seio do liquido alcalino.

Crystaes aciculares; incolor, inodoro, deliquescente; exposto ao ar, ainda mesmo estando dissolvido na agua, perde parte da ammonia; pouco soluvel no alcool; queima-se sem deixar residuo.

BENZOATO DE SODA.

Benzoas natricus.

Benzoato de sodio.

$$NaO, C^{14}H^5O^3 + HO \text{ ——— } C^7H^5O^2Na + H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido benzoico sobre o carbonato de soda.

Crystaes aciculares; incolor, sabor picante adocicado, inodoro, efflorescente, soluvel na agua, quasi insoluvel no alcool.

BI-ANTIMONIATO DE POTASSA.

Stibias kalicus.

META-ANTIMONIATO ACIDO DE POTASSIO.
DI-ANTIMONIATO DE POTASSIO. ANTIMONIO DIAPHORETICO LAVADO.

$$KO, 2Sb^2O^5 \text{ ——— } 2SbO^3K, S\overset{v}{b}^2O^5$$

Antimonio em pó.....	trezentos grammas	300
Azotato de potassa em pó	setecentos grammas	700

Misture intimamente, lance a pouco e pouco em cadinho aquecido ao rubro, conserve-o n'esta temperatura por 30 minutos, deixe arrefecer, reduza o producto a pó fino e lave-o repetidas vezes com agua distillada até que ella sáia insipida; côe espremendo e seque na estufa.

Tem sido impropriamente chamado OXYDO BRANCO DE ANTIMONIO.

BI-CARBONATO DE POTASSA.

Bi-carbonas kalicus.

CARBONATO MONO-POTASSICO. CARBONATO ACIDO DE POTASSIO.

$$KO, HO, 2CO^2 \text{ ——— } CO^3HK$$

Composto obtido pela acção de uma corrente de acido carbonico sobre o carbonato de potassa.

Prismas rhomboidaes incolores; sabor alcalino não acre, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 4 partes de agua, pouco soluvel no alcool.

Não deve precipitar pelos saes de magnesia. Totalmente soluvel com effervescencia no acido azotico diluido; este soluto não precipita pelo chloreto de bario nem pelo azotato de prata.

BI-CARBONATO DE SODA.

Bi-carbonas natricus.

CARBONATO MONO-SODICO. CARBONATO ACIDO DE SODIO.

$$NaO, HO, 2CO^2 \text{ ——— } CO^3HNa$$

Composto obtido pela acção de uma corrente de acido carbonico sobre o carbonato de soda.

Pó branco; inodoro, sabor fracamente alcalino, inalteravel ao ar, soluvel em 4 partes de agua e em 12 de glycerina, insoluvel no alcool.

Não deve precipitar pelos saes de magnesia. Totalmente soluvel com effervescencia no acido azotico diluido; este soluto não precipita pelo chloreto de bario nem pelo azotato de prata. Dissolvido em 40 partes de agua, não deve precipitar de vermelho côr de tijolo o soluto de chloreto mercurico.

BI-CHROMATO DE POTASSA.

Bi-chromas kalicus.

DI-CHROMATO DE POTASSIO. CHROMATO VERMELHO DE POTASSA.

$$KO, 2CrO^3 \text{ ——— } Cr^2O^7K^2$$

Composto obtido pela reacção do acido acetico sobre o chromato neutro, que resulta da calcinação ao rubro do *ferro chromado* com o azotato de potassa.

Prismas rectangulares derivados do prisma dissymetrico; vermelho alaranjado, sabor metallico, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 10 partes de agua, insoluvel no alcool.

BILVA.

Bela.

MABUA. MARMELO DA INDIA.

Hesperideo da **Cratæva Marmelos** Linn. (*Ægle Marmelos* Corrêa da Serra), Auranciacea arborea, da India.

(Pharm. Journ. 1.ª serie. X. 165 — *Flück & Hanb.* Pharmacog. 116.)

Da fórma e volume de uma laranja grande, epicarpo tenue, acinzentado e liso, mesocarpo espesso, de consistencia lenhosa e escuro-alaranjado, endocarpo de 10 a 15 loculos, contendo cada um 6 a 10 sementes achatadas, oblongas e lanuginosas, dispersas na polpa tambem alaranjada, transparente e viscosa, que a exsiccação endurece e escurece; cheiro muito fragrante, sabor agradavel.

Deve ter sido colhido meio sazonado.

Costuma vir cortado em talhadas ou fragmentos, de sabor mucilaginoso levemente acido.

BI-OXALATO DE POTASSA.

Bi-oxalas kalicus.

OXALATO MONO-POTASSICO. OXALATO ACIDO DE POTASSIO. SAL DE AZEDAS.

$$KO, HO, C^4O^6 + 2HO \text{ ——— } C^2HO^4K + H^2O$$

Composto extrahido do succo das azedas, ou obtido pela addição do acido oxalico ao soluto do oxalato neutro.

Prismas rhomboidaes; incolor, sabor acido, inodoro, inalteravel ao ar, pouco soluvel na agua fria, bastante na agua quente, insoluvel no alcool.

BI-OXYDO DE MANGANESIO.

Oxydum manganicum.

PER-OXYDO DE MANGANESIO. MANGANEZ. PYROLUSITE.

$$MnO^2 \text{ ——— } O^{2''}Mn$$

Composto que se encontra no estado nativo.

Massas crystallinas formadas por agulhas brilhantes e cinzentas como o aço, ou pó negro amorpho; insipido, inodoro, inalteravel ao ar, insoluvel na agua e no alcool.

BISMUTHO.

Bismuthum.

$$Bi \text{ ——— } \overset{v}{B}i^4$$

Corpo simples que se encontra no estado nativo, ou se obtem reduzindo pelo carvão o oxydo ou o sulfureto.

Crystaes cubicos; branco, com brilho metallico e reflexo avermelhado; laminar, friavel, fusivel a 264°; densidade 9,83.

Purifica-se do arsenio, que habitualmente o acompanha, fundindo-o repetidas vezes com azotato de potassa e separando as escorias.

Só deve considerar-se *puro* o que, dissolvido em acido azotico e calcinado depois com acido sulfurico, não apresente manchas arsenicaes no apparelho de Marsh. N'este estado constitue o BISMUTHO PURIFICADO.—*Bismuthum depuratum.*

BISTORTA.

Bistorta.

Polygonum Bistorta Linn. (*Polygonum ellipticum* Willd.) Polygonacea vivaz, de toda a Europa.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz*—*Radix Bistortæ*—acylindrado, da grossura de um dedo, curvo em dois sentidos, quebradiço, por fóra pardo com rugas annellares, internamente rosado; inodoro, sabor muito adstringente.

BI-TARTRATO DE POTASSA.

Bi-tartras kalicus.

TARTRATO MONO-POTASSICO. TARTRATO ACIDO DE POTASSIO. CREMOR DE TARTARO.

$KO, HO, C^8H^4O^{10}$ —— $C^4H^5O^6K$

Composto obtido por successivas crystallisações do sarro de vinho, previamente clarificado pela argilla.

Prismas rhomboidaes pertencentes ao systema rhombico; incolor, sabor acido, inodoro, soluvel em 240 partes de agua fria, em 15 da fervente, insoluvel no alcool.

Dissolvido na agua acidulada pelo acido azotico e tratado pelo chloreto de bario, pelo azotato de prata ou pelo oxalato de ammonia, deve dar ligeira turvação, mas não precipitado. Dissolvido na ammonia e tratado pelo sulfhydrico ou pelo sulfureto de ammonio, não deve turvar nem córar.

BODELHA.

Quercus marina.

SARGAÇO VESICULOSO. VAREK VESICULOSO.

Fucus vesiculosus Linn., Alga-fucacea vivaz, das praias de toda a costa do continente.

(Fl. lusit. II. 434 — Fl. pharm. 558.)

Frondes — *Folia Quercûs marinæ* — membranosas, verde-escuras, de nervura mediana saliente, com vesiculas aereas dispostas ordinariamente aos pares; divididas em lobulos terminados pelos receptaculos dos esporanjos.

O carvão d'estas frondes constitue o ETHIOPE VEGETAL. — *Æthiops vegetalis.*

BORATO DE SODA.

Boras natricus.

Di-borato de sodio. Borax. Tinkal.

$$NaO,2BO^3+10HO \text{ ——— } B^4O^7Na^2+10H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido borico sobre o carbonato de soda.

Prismas rectangulares do systema monoclinico; incolor, sabor e reacção ligeiramente alcalinos, um pouco efflorescente, soluvel em 12 partes de agua fria, em 2 de agua fervente e em 2 de glycerina, insoluvel no alcool. Aquecido, funde-se na agua de crystallisação, depois intumesce reduzindo-se a massa vitrea transparente.

Não effervesce com os acidos. Não precipita pelo carbonato de soda.

BORRAGEM.

Borrago.

Borrago officinalis Linn., Borraginea annual, indigena do continente, onde floresce na primavera.

(Fl. lusit. I. 295 — Fl. pharm. 51 — Fl. port. I. 188.)

Folhas — *Folia Borraginis* — as radicaes pecioladas e ovaes, as caulinares sesseis e oblongo-lanceoladas, umas e outras agudas, onduladas e hispidas; inodoras, sabor herbaceo.

Flores — *Flores Borraginis* — em cacho terminal, de calyx hispido, corolla roxa ou azul, rotacea, tendo na fauce appendices escamosos, obtusos e chanfrados; cheiro levemente aromatico, sabor herbaceo.

BRIONIA.

Bryonia.

NORÇA BRANCA.

Bryonia alba Desfont. *(Bryonia dioica* Jacq. e Brot.), Cucurbitacea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 308 — Fl. pharm. 527 — Fl. port. II. 25.)

Raiz—*Radix Bryoniæ*—muito volumosa, ás vezes bifurcada em ramos fusiformes, externamente amarellada e com rugas transversaes parallelas, internamente branca, carnosa, succolenta e radiada, com o estojo medullar marcado por pontos dispostos circularmente; cheiro nauseoso, sabor acre e caustico, que a exsiccação torna amargo.

Deve ser colhida no outomno.

BROMETO FERROSO.

Brometum ferrosum.

BROMETO DE FERRO. BROMURETO DE FERRO.

FeBr —— Br^2Fe

Composto obtido pela acção do bromio sobre um excesso de ferro, filtração e rapida evaporação do liquido até a seccura.

Pó crystallino; amarello-claro, muito fusivel, deliquescente, esverdeado no soluto aquoso, sabor metallico, cheiro que lembra o do bromio.

Conserve em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

BROMETO DE POTASSIO.

Brometum kalicum.

Bromureto de potassio. Hydrobromato de potassa. Bromhydrato de potassa.

$$KBr \text{ ——— } BrK$$

Composto que se obtem calcinando e crystallisando depois o producto da reacção do bromio sobre o hydrato de potassa.

Cubos ou prismas rectangulares; incolor, inodoro, sabor picante, inalteravel ao ar, muito soluvel na agua e na glycerina, pouco no alcool; densidade 2,41.

O soluto tratado pelo chloreto de bario, não deve precipitar; ajuntando-lhe cozimento de amido e tratando depois pelo soluto de chloro, não deve manifestar-se côr azul; ajuntando-lhe uma gota de soluto de chloro e agitando depois com sulfureto de carbonio, não deve este adquirir côr violete.

BROMHYDRATO DE QUININA.

Brometum quininicum.

Brometo de quinina.

$$C^{40}H^{24}Az^2O^4, HBr + 2HO \text{ ——— } BrH, C^{20}H^{24}Az^2O^2 + 2H^2O$$

Composto obtido por dupla decomposição entre os solutos alcoolicos do brometo de bario e do sulfato de quinina.

Crystaes aciculares sedosos e nacarados, brancos ou levemente amarellados; inodoro ou de cheiro um tanto bromado, sabor amargo com sensação de frescura, soluvel em 60 partes de agua fria, em 5 da fervente, em 10 de glycerina, na terça parte do seu peso de alcool a 85^c e em todas as proporções no alcool anhydro; queima-se sem deixar residuo.

BROMIO.

Bromum.

BROMO.

$$Br \text{ ——— } Br^2$$

Corpo simples que se obtem fazendo atravessar as aguas mães das marinhas por uma corrente de chloro, tratando-as depois pelo ether, saturando o soluto ethereo pela potassa e decompondo em apparelho distillatorio, pelo bi-oxydo de manganesio e acido sulfurico, o brometo formado; ou distillando com acido sulfurico e bi-oxydo de manganesio as aguas mães das sodas *vareks,* libertadas já do iodo.

Liquido vermelho escuro; sabor acre e caustico, cheiro forte e desagradavel; exposto ao ar espalha vapores rutilantes; soluvel em 30 partes de agua, em 50 de glycerina, mais no alcool e muito no ether; ferve a 63°, densidade 2,96; mancha a pelle, destruindo-a.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

BRUCINA.

Brucinum.

$$C^{46}H^{26}Az^2O^8 + 8HO \text{ ——— } C^{23}H^{26}Az^2O^4 + 4H^2O$$

Alcaloide obtido dos solutos alcoolicos de que se extrahiu a estrychnina, saturando-os pelo acido oxalico, submettendo-o a successivos tratamentos pela agua, pela cal e fazendo-o crystallisar no alcool fervente.

Prismas rhomboidaes obliquos, efflorescentes; branca, sabor muito amargo, inodora, soluvel em 850 partes de agua fria, em 500 de agua fervente, muito soluvel no alcool, insoluvel no ether, levogyra no soluto alcoolico. O soluto aquoso tratado pelo acido azotico adquire côr vermelha intensa, que passa a violete pela addição do chloreto de estanho; tratado pelo chromato de potassa dá precipitado crystallino, insoluvel no acido acetico. Dissolvida no alcool e tratada por um soluto alcoolico de acido picrico dá precipitado branco, completamente soluvel no acido acetico.

BUCCO.

Barosma vel *Diosma.*

Bucku.

Barosma betulina Bartling, **Barosma serratifolia** Willd. e **Barosma crenulata** Hook., Diosmeas arbustivas, do Cabo da Boa Esperança.

Folhas—*Folia Barosmæ*—curtamente pecioladas, de aspecto lustroso, glabras, de côr verde amarellada menos intensa na face inferior, finamente denteadas na margem, pontilhadas de glandulas translucidas, especialmente junto á base de cada dente e na pagina inferior; cheiro activo peculiar, sabor quente e como camphoraceo. As folhas d'estas tres especies apparecem no commercio misturadas, sendo facil distinguil-as, porque: as da **B. betulina** são as mais pequenas, muito rijas, obovaes, com o apice recurvado, parecendo por isso truncadas; as da **B. serratifolia**, geralmente as maiores, chegam a ter o comprimento de 3 a 4 centimetros, são linear-lanceoladas, adelgaçadas nos extremos e trinervias; as da **B. crenulata** são ovaes-lanceoladas, obtusas nos extremos, mais finamente crenuladas e quinque-nervias.

Expurgue dos corpos estranhos (fructos, pedunculos, etc.) *que contenham.*

Correm na linguagem usual com o improprio nome de **Diosma crenata** Linn.

BUGLOSSA.

Buglossum.

LINGUA DE VACCA.

Anchusa officinalis Brot. non Linn. (*Anchusa italica* Retzius), Borraginea bis-annual ou vivaz, indigena do continente, onde floresce em março e abril.

(Phyt. Lusit. II. 173. Tab. 156—Fl. port. I. 175.)

Folhas—*Folia Buglossi*—sesseis ou decorrentes, lanceoladas, agudas, integerrimas, hispidas; inodoras, sabor herbaceo, mucilaginoso.

Flores—*Flores Buglossi*—em cacho paniculado, de calyx hispido com lacinias lineares, corolla azul, raras vezes branca, hypocrateriforme, com appendices escamosos e pilosos; inodoras, insipidas.

Póde substituir-se-lhe a BUGLOSSA ONDEADA — **Anchusa undulata** Linn. — v vaz e igualmente indigena. (Phyt. Lusit. II. 175. Tab. 157—Fl. port. I. 177 Pl. 22.)

BUTUA.

Pareira.

ABUTUA. PARREIRA BRAVA.

Cissampelos Pareira Linn. e **Cocculus platyphylla** S. Hil., Menispermaceas arbustivas, a primeira da Africa oriental portugueza, a segunda do Brazil.

(Fl. trop. Afr. I. 45-46—Mat. med. bras. 42.)

Raiz—*Radix Pareiræ*—em pedaços acylindrados, achatados, alguns fendidos longitudinalmente, casca cinzento-escura, estriada no sentido longitudinal, enrugada no transversal, lenho cinzento-amarellado, poroso, com raios medullares numerosos e canal medullar excentrico; inodora, sabor doce e aromatico, depois fortemente amargo.

O nome de PARREIRA BRAVA fôra primitivamente dado ao **Cocculus Chondodendron** De Cand. (*Chondodendron tomentosum* Ruiz e Pavon ou *Botryopsis platyphylla* Miers), tambem arbustiva, do Peru e do Brazil, e cuja raiz apresenta no centro da secção transversal uma columna de lenho muito poroso, escuro-amarellado, ás vezes escuro-esverdeado, composta de 3 ou 4 zonas separadas por linhas claras, ondeadas e interceptadas pelos raios medullares, que dividem a columna em 10 a 20 segmentos cuneiformes de apparencia resinosa. (*Flück & Hanb.* Pharmacog. 25-27.)

BUXO.

Buxus.

Buxus sempervirens Linn. var. **arborescens** Lamk. e var. **suffruticosa** Lamk., Buxaceas, a primeira indigena do continente, a segunda ahi muito cultivada.

(Fl. lusit. I. 212 — Fl. pharm. 502.)

Casca da raiz — *Cortex radicis Buxi* — pouco espessa, amarellada e enrugada por fóra, lisa e de côr desmaiada por dentro; inodora, sabor amargo.

CACAO.

Semina Theobromæ.

Sementes do **Theobroma Cacao** Linn. (*Cacao sativa* Lamk.) e de outras especies congeneres, Byttneriaceas arboreas, da America meridional, cultivadas na Africa occidental portugueza.

(Mat. med. bras. 19.)

Vulgar.

Prive do episperma na occasião do emprego.

CAFÉ.

Semina Coffeæ.

Sementes do **Coffea arabica** Linn., Rubiacea arbustiva, da Arabia feliz e da Ethiopia, muito cultivada na Madeira, na Africa portugueza e no Brazil.

(Fl. Mad. I. 384 — Fl. Cap Verd. 210 — Reise nach Mossamb. I. 291 — Mat. med. bras. 58.)

Vulgar.

Empregue, quando não houver indicação especial, as sementes convenientemente *torrefactas*.

CAFEINA.

Coffeinum.

THEINA.

$$C^{16}H^{10}Az^{4}O^{4} \text{ ——— } C^{8}H^{10}Az^{4}O^{2}$$

Alcaloide que se obtem do infuso de chá ou de café, tratando-o pelo soluto de sub-acetato de chumbo e em seguida pela ammonia e pelo sulfhydrico.

Crystaes aciculares sedosos; incolor, ligeiramente amarga, inodora, inalteravel ao ar, soluvel em 93 partes de agua, em 25 de alcool, em 300 de ether e em 9 de chloroformio; densidade 1,23; fusivel a 178°, volatil a 185°; queima-se sem deixar residuo. Dissolvida no acido azotico concentrado e evaporado á seccura, o residuo apresenta côr vermelha carregada, que pequena porção de ammonia muda para violete, e a ammonia em excesso destróe.

CAINÇA.

Cahinca.

CAINANA, CRUZEIRINHA.

Chiococca racemosa Jacq. e porventura outras especies congeneres, Rubiaceas arbustivas, do Brazil.

(Mat. med. bras. 93.)

Raiz—*Radix Cahincæ*—subdividida em ramificações da grossura de uma penna a um dedo, cylindricas, flexuosas, tendo, as mais grossas, proeminencias longitudinaes e arredondadas constituidas pela soldadura de raizes secundarias; lenho amarellado, inodoro e insipido (inerte); casca escurecida por fóra, vermelho-alaranjada por dentro, rachada no sentido transversal, de cheiro particular, sabor amargo, acre, um pouco adstringente.

CAJÚ.

Anacardium.

ACAJU.

Anacardium occidentale Linn. *(Cassuvium pomiferum* Lamk.), Terebinthacea-anacardia arborea, de Cabo Verde, da Africa oriental e do Brazil, acclimada na Africa occidental portugueza.

(Fl. Cap Verd. 310 — Fl. cochinch. 304 — Fl. flum. IV. Tab. 45 — Mat. med. bras. 15 e 33 — Fl. trop. Afr. I. 443.)

Drupa, vulgarmente *Noz* ou *Castanha de cajú* — *Fructus Anacardii* — reniforme, de epicarpo cinzento, lustroso e coriaceo, mesocarpo alveolar cheio de succo oleo-viscoso, escuro e caustico, endocarpo tambem coriaceo, incluindo uma semente reniforme e avermelhada, de amendoa branca, oleosa e saborosa.

Receptaculo carnoso, vulgarmente *Cajú* ou *Maçã de cajú* — *Receptaculum Anacardii* — da fórma e grandeza de uma pera, amarello ou avermelhado; inodoro, sabor acidulo, um tanto adstringente.

CAL CHLORADA.

Chloris calcicus venalis.

HYPO-CHLORITO DE CAL, CHLORURETO DE CAL.

Producto obtido pela acção de uma corrente de chloro sobre a cal hydratada.

Pó branco ou amarellado; sabor caustico muito desagradavel, cheiro de chloro; deliquescente, soluvel em parte na agua.

CAL SULFURADA.

Hepar sulfureum calcicum.

POLY-SULFURETO DE CALCIO. SULFURETO DE CAL SOLIDO. FIGADO DE ENXOFRE, CALCAREO.

Enxofre sublimado.....	mil grammas	1:000
Cal hydratada.....	tres mil grammas	3:000
Agua	cinco mil grammas	5:000

Misture, ferva até reconhecer que a mistura póde solidificar-se pelo resfriamento; verta a massa sobre uma superficie de pedra; guarde-a ainda quente.

CALABARINO.

Calabarinum.

CALABARINA. CALABARDINA.

Producto obtido do extracto da fava do Calabar, tratando-o pelo ether, que depois é abandonado á evaporação espontanea.

Massa amorpha, amarello-escurecida, unctuosa; pouco soluvel na agua, que adquire reacção alcalina; soluvel no alcool, no ether, na benzina, nos solutos acidos e nos alcalinos.

Não confunda com o alcaloide da fava do Calabar, a PHYSOSTIGMINA ou ESERINA—*Physostigminum* vel *Eserinum*—que é incolor ou levemente rosada, crystallisavel em delgadas laminas rhombicas e fusivel a 69°.

CALAMINA.

Carbonas zincicus nativus.

PEDRA CALAMINAR.

Mineral formado na maior parte de carbonato de zinco anhydro.

Massas ou pó amarello avermelhado; inodora, sabor estyptico, inalteravel ao ar, insoluvel na agua, no alcool e no ether, soluvel com effervescencia nos acidos.

CALAMO AROMATICO.

Acorum verum.

CANNA CHEIROSA.

Acorus Calamus Linn. (*Acorus odoratus* Lamk.), Aroidea vivaz, da Asia, da Europa e da America boreal.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz* — *Radix Acori veri* — descorticado, em fragmentos cylindricos um tanto deprimidos, da grossura de um dedo ou mais, nodosos, de superficie amarellada, com pontos negros n'um dos lados e cicatrizes transversaes no outro, internamente branco e cannaliculado, cheiro fragrante privativo, sabor aromatico, acre, levemente amargo.

CALUMBA.

Calumba.

Jateorhiza Columba Miers (*Cocculus palmatus* De Cand.) e **Jateorhiza Miersii** Oliv. (*Cocculus palmatus* Hook. non De Cand.), Menispermaceas arbustivas, da Africa oriental portugueza.

(Fl. trop. Afr. I. 42 — Reise nach Mossamb. I. 172.)

Raiz — *Radix Calumbæ* — cortada em discos levemente biconcavos, compactos, rugosos e acinzentados na peripheria, amylaceos e de côr amarello-esverdeada nas superficies de secção, em que ha circulos concentricos escurecidos, interceptados por numerosos raios medullares; cheiro fraco enjoativo, sobretudo em massa; sabor muito amargo.

CAMBROEIRA.

Lycium.

ESPINHEIRO ALVAR NA CASCA.

Lycium europæum Linn. (*Lycium spinosum* Hass.), Solanacea arbustiva, indigena do continente e da Madeira.

(Fl. lusit. I. 284 — Fl. port. I. 209 — Fl. Mad. II. 100.)

Folhas — *Folia Lycii* — lanceoladas, obliquas, flexuosas nos bordos, integerrimas, glabras, molles, de côr verde clara; inodoras, sabor herbaceo.

Não confunda com o PIRLITEIRO — **Cratægus Oxyacantha** Linn. (*Mespilus Oxyacantha* Gärtn.) — Rosacea-pomacea arbustiva, indigena do continente, e que ainda em algumas partes tem o nome de ESPINHEIRO ALVAR DE CASCA VERDE. (Fl. lusit. II. 290.)

CAMEDRIOS.

Chamædrys.

HERVA CARVALHINHA.

Teucrium Chamædrys Linn. (*Chamædrys officinalis* Mönch), Labiada vivaz, da Europa meridional.

Planta florida — *Herba Chamædryos florens* — de caule tombado e muito ramificado, ramos pubescentes, folhas oppostas, de curto peciolo, ovaes lanceoladas, crenadas, glabras e ás vezes lustrosas na pagina superior, avelludadas na inferior, inflorescencia em cacho terminal de flores purpurinas ou rosadas; cheiro fraco, sabor amargo um tanto acre

CAMOMILLA.

Chamæmelum.

MACELLA DOURADA. CAMOMILLA ROMANA.

Anthemis nobilis Linn. (*Anthemis aurea* Brot.), Composta-senecionidea vivaz, indigena do continente, onde floresce na primavera.

(Fl. lusit. I. 394 — Fl. pharm. 475 — Fl. port. II. 355.)

Capitulos, vulgarmente *Flores* — *Flores Chamæmeli* — terminaes, solitarios, singelos, de receptaculo convexo e paleaceo, flosculos centraes tubolosos e amarellos, os periphericos de ligula branca e tridentada, que ás vezes falta; cheiro activo e agradavel, sabor quente, um tanto acre e amargo.

Póde substituir-se-lhe:

1.º O **Anacyclus aureus** Linn. (*Anthemis aurea* De Cand.), indigena dos Açores (Fl. azor. *sp.* 201).

2.º A CAMOMILLA DOBRADA OU CAMOMILLA DOS FRANCEZES — **Anthemis nobilis** Linn. var. **flore pleno** De Cand. — que é obtida por cultura e tem os flosculos centraes igualmente ligulados e brancos, como os periphericos.

Não se lhe substitua, sem indicação especial:

1.º A CAMOMILLA DOS ALLEMÃES — **Matricaria Chamomilla** Linn. — especie annual, cultivada;

2.º A MACELLA LEGITIMA DE GRISLEY OU MARGAÇA DAS BOTICAS — **Matricaria suaveolens** Linn. (*Matricaria Chamomilla* Brot.) — especie annual, indigena do continente (Fl. lus. I. 375 — Fl. pharm. 457 — Fl. port. II. 332).

CAMPECHE.

Lignum campechianum.

PAU DE CAMPECHE.

Duramen (lenho privado do alburno) do **Hæmatoxylon campechianum** Linn., Leguminosa-cesalpinea arborea, da America central.

Achas muito consistentes, compactas e pesadas, de côr vermelho-escura, mais carregada na superficie peripherica; cheiro fraco, agradavel, sabor primeiro adocicado e depois adstringente, córando a saliva de violete.

CAMPHORA.

Camphora.

ALCANFOR.

$C^{20}H^{16}O^{2}$ —— $C^{10}H^{16}O$

Principio immediato obtido por sublimação da camphora bruta que resulta da distillação aquosa do lenho do **Laurus Camphora** Linn. *(Camphora officinarum* G. Bauh. e C. G. Nees), Lauracea arborea, do Japão e da China.

(Fl. cochinch. 306.)

Massas brancas, translucidas, crystallinas, friaveis; sensivelmente volatil á temperatura ordinaria e muitissimo quando aquecida; fusivel a 175°; ferve a 205°; soluvel em 1000 partes de agua fria e em todas as proporções no alcool, no ether, no chloroformio, no sulfureto de carbonio, nos oleos e nas essencias, menos soluvel na glycerina; fortemente dextrogyra, quando fundida ou em soluto concentrado; densidade 0,986 a 0,996; cheiro penetrante e privativo, sabor aromatico, amargo e urente, seguido de sensação de frescura. Arde com chamma fuliginosa.

Pó — *Pulvis camphoræ.* — Obtido na occasião do emprego, por intermedio do alcool.

CAMPHORA MONO-BROMADA.

Camphora bromata.

BROMETO DE CAMPHORA. BROMURETO DE CAMPHORA.

$C^{20}H^{15}BrO^{2}$ —— $C^{10}H^{15}OBr$

Composto obtido tratando a frio a camphora pelo bromio, aquecendo entre 100° e 132° o producto assim formado, descórando-o pelo carvão animal e purificando-o por successivas crystallisações no alcool a 95° fervente.

Massas de prismas aciculares de base rectangular, brancos; cheiro que lembra ao mesmo tempo o da camphora e o da terebinthina, sabor levemente amargo e camphoraceo; insoluvel na agua, soluvel no alcool, no ether, nos oleos e nas essencias, muito soluvel no chloroformio e na benzina; funde-se a 76°; ferve a 274°, decompondo-se parcialmente.

Aquecida a 100°, não deve sublimar a camphora.

CANELLA.

Cortex Cinnamomi.

Canella de Ceylão.

Liber ou Entrecasco, vulgarmente *Casca,* do **Laurus Cinnamomum** Linn. *(Cinnamomum zeylanicum* Breyn var. *commune* Nees), Lauracea arborea, de Ceylão e da Cochinchina, acclimada em todos os paizes tropicaes.

(Fl. cochinch. 305.)

Flexivel, fibrosa, da espessura do papel cartão, de côr amarella clara caracteristica, enrolada muitas vezes sobre o seu eixo, formando tubos que se incluem; cheiro fragrante, privativo, sabor adocicado, quente e um pouco adstringente.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, a Canella da China, proveniente do **Cinnamomum Cassia** Blume *(Cinnamomum aromaticum* Nees), que é mais espessa, tem fractura menos fibrosa, vem enrolada em tubos singelos e é dotada de sabor menos suave e mais acre.

CANELLA BRANCA.

Canella alba.

Winterana Canella Linn. *(Canella alba* Murray), Canellacea arborea, das Antilhas.

Casca dos ramos—*Cortex Canellæ albæ*—privada da epiderme, em pedaços espessos, duros, de côr branco-amarellada na superficie externa, esbranquiçada na interna, que é lisa ou mui levemente estriada; fractura granulosa, de aspecto marmoreo; cheiro que lembra o do cravinho, sabor picante e amargo.

CANHAMO.

Cannabis.

CÁNAMO. LINHO CANHAMO.

Cannabis sativa var. α e β Linn., Cannabinea annual e dioica, da India, cultivada na Europa.

α—**Canhamo indiano.**—*Cannabis indica.*—Variedade que provém da India.

Summidades floridas e em parte fructiferas—*Cacumina Cannabis florentia*—de ramos alternos, folhas floraes lanceolado-lineares e serreadas, bracteas ruivas, glandulosas, espathiformes, agglomeradas, incluindo cada qual uma flor ou o respectivo fructo. Apresentam-se no commercio em pequenas massas comprimidas, asperas, agglutinadas por substancia resinosa *(Cannabino)*, verde-escuras, de cheiro viroso caracteristico e sabor um tanto amargo.

São estas *summidades* o que deve empregar-se por HASCHICH, salvo quando expressamente se indique o producto complexo e butyraceo, com ellas preparado no Oriente, e ao qual se tem dado o mesmo nome.

β—**Canhamo europeu.**—*Cannabis nostras.*—Variedade cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 470—Fl. pharm. 533.)

Akenios—*Fructus Cannabis*—ovaes achatados, lisos, lustrosos, cinzento-esverdeados, marginados, crustaceos, contendo uma semente branca e oleosa; cheiro e sabor fracos.

CANNAFISTULA.

Casia.

Cassia Fistula Linn. (*Cathartocarpus Fistula* Pers.), Leguminosa-cesalpinea arborea, da India e de Cabo Verde, acclimada em Moçambique, na Guiné e no Brazil.

(Fl. Cap Verd. 338 — Reise nach Mossamb. I. 12 — Fl. trop. Afr. II. 270— Mat. med. bras. 29.)

Vagem—*Fructus Casiæ*—indehiscente, muito comprida, cylindrica, escura, lisa, lenhosa, tendo saliente uma das suturas longitudinaes, dividida transversalmente em muitos loculos contendo cada qual uma semente discoide, acastanhada, lustrosa, muito dura, envolvida em polpa negra, doce e acidula.

CANTHARIDAS.

Cantharides vel *Muscæ hispanicæ.*

Meloe vesicatorius Linn. (*Cantharis vesicatoria* Geoffroy), Coleoptero da Europa, o qual no continente existe principalmente nas Beiras, vivendo em enxame nas arvores sylvestres.

Animal de corpo alongado, cabeça cordiforme, antennas filiformes de 11 articulos, elytros cobrindo totalmente o abdomen, flexiveis e com 2 nervuras longitudinaes no bordo interno; o todo é de côr verde com reflexo dourado, excepto nos 9 ultimos articulos das antennas, que são negros, e nos tarsos, que são violaceos; cheiro forte e desagradavel.

Rejeite as que forem unctuosas e as que houverem sido atacadas pelos vermes (Acarus).

CANTHARIDINA.

Cantharidinum.

$C^{10}H^{6}O^{4}$ —— $C^{5}H^{6}O^{2}$

Principio immediato que se obtem das cantharidas, lixiviando-as pelo chloroformio, distillando e tratando o residuo da distillação pelo sulfureto de carbonio.

Laminas ou prismas rhomboidaes; branca, inodora, sabor acre, volatil á temperatura ordinaria, soluvel no chloroformio, no ether no alcool, nos oleos e nas essencias, insoluvel na agua; funde-se a 210°; queima-se sem deixar residuo. Dissolvida no acido sulfurico, é precipitada pela agua; dissolvida na potassa, é precipitada pelo acido acetico.

CAPARROSA VERDE.

Calcanthum.

SULFATO FERROSO-FERRICO. VITRIOLO VERDE.

Producto da ustulação moderada e exposição ao ar humido das *pyrites marciaes* (sulfuretos de ferro nativos), ou obtido pela sulfatisação das ferragens velhas.

Grupos de prismas rhomboidaes obliquos; verde esmeralda, efflorescente, com a superficie coberta ás vezes por pó esbranquiçado ou avermelhado; inodora, sabor metallico, soluvel na agua, pouco no alcool, insoluvel no ether.

Contém sempre outros sulfatos metallicos e póde não ser isenta de arsenico.

CARACÓES.

Limaces.

Helix Pomatia Linn., **Helix aspersa** Müll. e outras especies congeneres, Molluscos-gasteropodos, acclimados no continente ou ahi indigenas.

Animal, privado da concha, dos intestinos e do figado.

CARBONATO DE AMMONIA.

Carbonas ammonicus.

CARBONATO DI-AMMONICO CARBONATADO. SESQUI-CARBONATO DE AMMONIA. ALCALI VOLATIL CONCRETO.

$$2(AzH^4O)3CO^2+2HO \text{ —— } (CO^3)^3(AzH^4)^4H^2+2H^2O$$

Composto obtido por sublimação, aquecendo o sulfato ou o chloreto de ammonio com o *cré nativo* (carbonato de cal pulverulento).

Massas brancas com textura crystallina; sabor caustico e picante, cheiro fortemente ammoniacal; exposto ao ar deixa desenvolver ammoniaco, perde a transparencia e a aggregação, transformando-se em bi-carbonato de ammonia; soluvel em 4 partes de agua e em 5 de glycerina, insoluvel no alcool forte. Inteiramente volatil.

CARBONATO DE BISMUTHO.

Carbonas bismuthicus.

SUB-CARBONATO DE BISMUTHO.

$$2(BiO^3,CO^2)HO \text{ —— } (CO^3)^3\overset{///}{Bi^2}+2Bi^2O^3$$

Composto obtido na precipitação do azotato acido de bismutho pelo carbonato de soda.

Pó branco; insipido, inodoro, inalteravel ao ar, insoluvel na agua e no alcool, totalmente soluvel com effervescencia no acido azotico.

Tratado pelo acido sulfurico e levado á seccura, não deve apresentar manchas arsenicaes no apparelho de Marsh. Dissolvido no acido azotico, não deve precipitar pelo sulfato de soda.

CARBONATO DE CAL.

Carbonas calcicus.

CARBONATO DE CALCIO.

$$CaO,CO^2 \text{ ——— } CO^3\overset{//}{C}a$$

Chloreto de calcio crystallisado	mil grammas	1:000
Carbonato de soda	dois mil e seiscentos grammas	2:600
Agua distillada	vinte mil grammas	20:000

Dissolva separadamente o chloreto e o carbonato, ajunte os solutos depois de filtrados, deixe precipitar, decante, lave repetidas vezes o precipitado com agua distillada, até que esta não precipite pelo azotato de prata; côe espremendo e seque na estufa.

Substitue o CRÉ PREPARADO — *Creta preparata* — obtido pela purificação do *Cré nativo.*

CARBONATO DE LITHIA.

Carbonas lithicus.

CARBONATO DI-LITHICO. CARBONATO NEUTRO DE LITHIO.

$$LiO,CO^2 \text{ ——— } CO^3Li^2$$

Composto obtido na decomposição do chloreto de lithio pelo carbonato de ammonia.

Pó branco ou granulos crystallinos; inodoro, sabor alcalino, inalteravel ao ar, pouco soluvel na agua, insoluvel no alcool.

Neutralisado pelo acido sulfurico diluido, evaporado á seccura, calcinado e redissolvido em agua distillada, não precipita pelo oxalato de ammonia.

CARBONATO DE MANGANEZ.

Carbonas manganosus.

CARBONATO MANGANOSO. CARBONATO DE MANGANESIO.
CARBONATO DE PROT'OXYDO DE MANGANESIO.

$$MnO,CO^2 \text{ ——— } CO^3\overset{\prime\prime}{Mn}$$

Composto obtido na decomposição do chloreto de manganesio pelo carbonato de soda.

Pó branco ligeiramente rosado, insipido, inodoro, inalteravel ao ar, insoluvel na agua; densidade 3,5.

Dissolvido na agua acidulada pelo acido chlorhydrico puro, não azula pelo ferro-cyaneto de potassio.

CARBONATO DE POTASSA.

Carbonas kalicus.

CARBONATO DI-POTASSICO. CARBONATO NEUTRO DE POTASSIO.
ALCALI VEGETAL. SAL DE TARTARO.

$$KO,CO^2 \text{ ——— } CO^3K^2$$

Composto obtido por lixiviação da potassa *perlassa,* ou pela deflagração do cremor de tartaro.

Pó granuloso branco; sabor acre, muito deliquescente, soluvel no seu peso de agua fria, insoluvel no alcool forte.

CARBONATO DE SODA.

Carbonas natricus.

CARBONATO DI-SODICO. CARBONATO NEUTRO DE SODIO.
ALCALI MINERAL. CRYSTAES DE SODA.

$$NaO,CO^2+10HO \text{ ——— } CO^3Na^2+10H^2O$$

Composto obtido por lixiviação e crystallisação do *sal de soda* (carbonato de soda secco).

Prismas rhomboidaes obliquos; incolor, sabor acre ligeiramente caustico, inodoro, efflorescente, muito soluvel na agua, soluvel na glycerina, insoluvel no alcool; densidade 1,423.

CARDAMOMO.

Cardamomum.

CARDAMOMO MENOR.

Elettaria Cardamomum White e Maton *(Alpinia Cardamomum* Roxb.), Amomacea vivaz, do Malabar.

Sementes — *Semina Cardamomi* — pequenas, rugosas, quasi tetragonas, duras, anegradas por fóra, brancas por dentro; cheiro aromatico, sabor quente e camphoraceo.

Conserve no pericarpo capsular, que é papyraceo, ovoide, de 8 a 12 millimetros de comprimento, trigono, trilocular, estriado longitudinalmente e côr de palha.

CARDO SANTO.

Carduus benedictus.

Centaurea benedicta Linn. *(Cnicus benedictus* Gärtn.), Composta-cynarea annual, indigena do continente, onde floresce de abril a julho.

(Fl. lus. I. 370 — Fl. pharm. 482 — Fl. port. II. 235.)

Planta florida — *Herba Cardui benedicti florens* — de caule ramoso, anguloso, sulcado, hirsuto e avermelhado, folhas alternas, sub-decorrentes, oblongas, lanceoladas, rugosas, roncinadas, recortadas em lobulos oppostos celheados na margem e denteados em espinho, capitulos terminaes, solitarios, de flosculos amarellos envolvidos em bracteas oblongas e espinhosas; cheiro ingrato, sabor muito amargo e salino.

CARVALHO.

Quercus.

Quercus Robur Linn. sub-spec. **pedunculata** var. **vulgaris** De Cand. (*Quercus racemosa* Lamk.) e sub-spec. **sessiliflora** var. **communis** De Cand. (*Quercus robur* Brot.), Cupuliferas arboreas, indigenas do continente.

(Fl. lusit. II. 31 — Fl. pharm. 510.)

Casca dos ramos — *Cortex Quercûs* — grossa, quebradiça, fibrosa, um pouco fendilhada e cinzenta na face externa, amarellada ou avermelhada na interna; cheiro enjoativo, sabor fortemente adstringente e amargo.

Deve ser colhida na primavera, dos ramos de dois ou tres annos.

Glandes, vulgarmente *Boletas* — *Glandes querneæ.*

CARVÃO ANIMAL.

Carbo animalis.

CARVÃO DOS OSSOS. CARVÃO CALCAREO.

Mistura de carvão muito dividido e de saes calcareos, obtida pela calcinação dos ossos em vaso fechado.

Fragmentos ou pó; negro, insipido, inodoro, insoluvel na agua e no alcool; descóra os liquidos vegetaes e animaes; absorve os gazes; arde sem chamma.

CARVÃO VEGETAL.

Carbo Ligni.

CARVÃO DE CHOUPO.

Producto da calcinação dos ramos do Choupo, em vaso fechado.

Massas ou pó; negro, leve, inodoro, insipido, insoluvel na agua e no alcool; absorve os gazes; arde sem chamma.

Equivale ao CARVÃO DE BELLOC.

CASCARILHA.

Cascarilla.

Croton Eluteria Bennett non Swartz, Euphorbiacea-crotonea arbustiva, das ilhas Bahama.

Casca dos ramos—*Cortex Cascarillæ*—enrolada sobre os bordos formando tubos delgados, compacta, dura, quebradiça, escuro-avermelhada, de fractura resinosa e radiada, revestida em parte ou no todo por tenue periderme esbranquiçado e fendilhado; quasi inodora, mas posta em ignição exhala aroma forte e almiscarado; sabor ardente e amargo.

CASTANHA DO MARANHÃO.

Nux Castanæ brasiliensis.

CASTANHA DO PARÁ.

Semente da **Bertholletia excelsa** Humb., Bonpl. e Kunth, Myrtacea arborea, do Brazil.

(Mat. med. bras. 17.)

Trigona, de episperma lenhoso, escuro-acinzentado e escabroso; amendoa branca, oleosa, de sabor agradavel.

CASTANHEIRO DA INDIA.

Hippocastanum.

Æsculus Hippocastanum Linn. (*Hippocastanum vulgare* Gärtn.), Hippocastanea arborea, da Asia, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. II. 5—Fl. pharm. 199.)

Casca dos ramos—*Cortex Hippocastani*—um tanto rugosa, escura na superficie externa, avermelhada na interna, fractura granulosa e côr de carne; inodora, sabor amargo e adstringente.

Deve ser colhida dos ramos de dois a tres annos.

Sementes, vulgarmente *Castanhas da India*—*Semina Hippocastani*—volumosas, orbiculares ou angulosas, de episperma luzidio e côr de castanha, amendoa branca, oleosa e amarga.

CASTOREO.

Castoreum canadense.

Folliculos e respectiva secreção, que acompanham os orgãos genitaes dos **Castor Fiber** Linn. (*Castor americanus* Cuv.), Roedor-sciurideo, do Canadá.

Bolsas pyriformes, deprimidas, alongadas, consistentes quando bem seccas, quasi sempre unidas aos pares, mas desiguaes, de superficie engelhada e escura, cheias de uma substancia de côr loura, amarella, ou um tanto escura, de fractura resinosa ou fibrosa, entremeada de membranas esbranquiçadas; cheiro caracteristico e activo, sabor acre e amargo.

CATAPLASMA ALUMINOSA.

Cataplasma aluminata.

CATAPLASMA DAS NECESSIDADES.

Farinha de centeio	trinta e cinco grammas	35
Gemmas de ovos	dez grammas	10
Alumen anhydro em pó	cinco grammas	5
Mellito simples	cincoenta grammas	50

Misture a farinha e o alumen com o mellito para formar cataplasma homogenea; ajunte as gemmas de ovos.

CATAPLASMA DE ARROZ.

Cataplasma Oryzæ.

Farinha de arroz	cem grammas	100
Agua	novecentos grammas	900

Misture; ferva até a consistencia propria.

CATAPLASMA DE CARVÃO.

Cataplasma Carbonis.

Carvão vegetal em pó	cinco grammas	5
Miolo de pão	dez grammas	10
Farinha de linhaça	dez grammas	10
Agua fervente	setenta e cinco grammas	75

Humedeça o pão com a agua e passe através de um tamis; ajunte a linhaça e aqueça até formar cataplasma branda; misture-lhe metade do carvão; estenda em panno adequado e polvilhe a superficie com o carvão restante.

CATAPLASMA DE FARINHA DE MANDIOCA.

Cataplasma farinæ Manihot.

CATAPLASMA AMERICANA.

Farinha de mandioca em pó fino	vinte e cinco grammas	25
Mellito simples	quinze grammas	15
Vinho branco	sessenta grammas	60

Misture.

CATAPLASMA DE LINHAÇA.

Cataplasma farinæ lineæ.

Farinha de linhaça	duzentos grammas	200
Agua	oitocentos grammas	800

Misture, aqueça a fogo brando até a consistencia propria.

CATAPLASMA DE LINHAÇA, COMPOSTA.

Cataplasma farinæ lineæ composita.

CATAPLASMA DE LINHAÇA COM GALBANO.
CATAPLASMA MATURATIVA.

Farinha de linhaça.....	cento e sessenta grammas	160
Galbano em pó.....	cem grammas	100
Gemmas de ovos.....	cem grammas	100
Agua.....	seiscentos e quarenta grammas	640

Misture a farinha com a agua, aqueça a fogo brando até a consistencia propria; ajunte o galbano previamente emulsionado nas gemmas de ovos.

CATAPLASMA DE QUINA COM CAMPHORA.

Cataplasma corticis Cinchonæ camphorata.

CATAPLASMA ANTI-SEPTICA.

Farinha de cevada.....	cem grammas	100
Quina cinzenta em pó.....	cem grammas	100
Camphora em pó	cincoenta grammas	50
Agua.....	setecentos e cincoenta grammas	750

Misture a farinha e a quina com a agua; ferva até adquirir consistencia propria; deixe arrefecer, ajunte a camphora.

CATAPLASMA DE QUINA COM CARVÃO.

Cataplasma corticis Cinchonæ cum Carbone.

CATAPLASMA ANTI-SEPTICA COM CARVÃO.

Farinha de cevada.....	cem grammas	100
Quina cinzenta em pó.....	cem grammas	100
Carvão vegetal em pó.....	cem grammas	100
Agua.....	setecentos grammas	700

Misture, ferva até adquirir consistencia propria.

CATAPLASMA SATURNINA.

Cataplasma plumbica.

CATAPLASMA DE MIOLO DE PÃO EM AGUA VEGETO-MINERAL.

Miolo de pão	duzentos grammas	200
Agua	setecentos e oitenta grammas	780
Soluto de sub-acetato de chumbo.	vinte grammas	20

Ferva o pão na agua, passe através de um tamis, ajunte o soluto.

CATO.

Catechu.

TERRA JAPONICA. TANOMA CATO.

Extracto do lenho da **Mimosa Catechu** Linn. fil. (*Acacia Catechu* Willd.), Leguminosa-mimosea arborea, da India e da Africa oriental portugueza.

(Fl. trop. Afr. II. 344.)

Massas irregulares, de superficie exterior escuro-avermelhada, fractura lustrosa e de côr mais carregada, compactas, porosas, quebradiças, muito homogeneas, inodoras, de sabor um tanto amargo e por fim adstringente; em parte soluvel na agua, completamente soluvel no alcool.

Póde substituir-se-lhe o CATO GAMBIR, que é preparado com as folhas da **Uncaria Gambir** Roxb. (*Nauclea Gambir* Hunt.), Rubiacea arborea, da India.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, o CATO DE ARECA, que é preparado com as sementes da **Areca Catechu** Linn., Palmacea arborea, da India.

CEBOLA.

Cæpa.

Allium Cepa Linn., Asphodelea annual ou bis-annual, de patria desconhecida, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 548 — Fl. pharm. 173.)

Bolbo — *Bulbus Cæpæ.* — Vulgar.

Empregue privado das tunicas externas.

CELIDONIA.

Chelidonia.

HERVA ANDORINHA.

Chelidonium majus Linn. (*Chelidonium umbelliferum* Stokes), Papaveracea vivaz, indigena do continente e dos Açores, quasi espontanea na Madeira. Floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. II. 255 — Fl. pharm. 288 — Fl. azor. *sp.* 312 — Fl. Mad. I. 13.)

Planta florida — *Herba Chelidoniæ florens* — de caule ramoso, um tanto aspero, impubescido, folhas molles, alternas, de peciolos alados, divididas em segmentos oppostos e crenados, glabros e verdes na pagina superior, pubescentes e glaucos na inferior; succo lactescente, açafroado; flores de corolla amarello-dourada, dispostas como em umbella; cheiro forte e desagradavel, sabor amargo e acre.

Colha em plena floração. Seque rapidamente.

CENOURA.

Staphylinus vel *Pastinaca.*

Daucus Carota Linn. var **sativa** De Cand., Umbellifera bisannual, indigena do continente e da Madeira, muito cultivada.

(Fl. lusit. I. 445 — Fl. pharm. 113 — Fl. port. II. 396 — Fl. Mad. I. 367.)

Raiz — *Radix Staphylini.* — Vulgar.

CENTEIO.

Secale.

Secale cereale Linn., Gramineа annual, do Caucaso-Caspio, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 95 — Fl. pharm. 22.)

Caryopses, vulgarmente *Sementes* — *Fructus Secalis.*

Farinha — *Farina secalitia.* — Caryopses pulverisadas e espoadas.

CERA.

Cera animalis.

Cera de abelhas.

Parte cirosa dos favos construidos pelo **Apis mellifica** Linn., Hymenoptero indigena do continente.

α — **Cera amarella.** — *Cera flava.* — Proveniente da fusão dos favos limpos do mel.

Corpo gordo, difficilmente saponificavel, em massas ou pães amarellos não unctuosos, de fractura granular; densidade 0,96; fusivel a 62°; cheiro proprio, agradavel; totalmente insoluvel a frio no alcool rectificado.

β — **Cera branca.** — *Cera alba.* — Proveniente da cera amarella, descórada pelo concurso da luz, da humidade e do ar.

Grumos alvos, duros, um tanto diaphanos, não unctuosos; densidade 0,97; fusivel a 65°. Não communica ao alcool quente reacção acida.

Não se lhes substitua, sem indicação especial, qualquer das especies de Cera vegetal, procedentes:

1.° A Cera de carnauba, da **Copernicia cerifera** Mart., Palmacea arborea, do Brazil;

2.° A Cera de palma, da **Ceroxylon andicola** Humb. e Bonpl. (*Iriartea andicola* Spreng.), Palmacea arborea, da America meridional;

3.° A Cera de myrica, da **Myrica cerifera** Linn., Myricacea arborea, da America septentrional.

Empregue, quando não houver indicação especial, a **Cera branca.**

CEREFOLHO.

Pæderos.

Scandix Cerefolium Linn. (*Chærophyllum sativum* Lamk. e Brot.), Umbellifera annual, da Europa meridional, cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 458 — Fl. pharm. 140.)

Planta — *Herba Pæderotis* — de caule erecto, quasi anguloso, ramoso, estriado e glabro, folhas alternas, pecioladas, decompostas, de segmentos ovaes pinnatifidos; cheiro aromatico, que a contusão torna mais intenso, sabor que lembra o do aniz.

CEREJAS PRETAS.

Cerasa nigra.

Drupas recentes do **Prunus avium** Linn. (*Cerasus avium* Mönch), Rosacea-amygdalea arborea, dos bosques da Europa, muito cultivada no continente e na Madeira.

(Fl. lusit. II. 252 — Fl. pharm. 253 — Fl. Mad. I. 235.)

Vulgar.

CEROTO DE CHUMBO.

Ceratum plumbicum.

CERATO DE CHUMBO. CEROTO DE SATURNO.
CEROTO DE GOULARD.

Ceroto simples	noventa grammas	90
Soluto de sub-acetato de chumbo	dez grammas	10

Misture.

Prepare na occasião do emprego.

CEROTO DE ESPERMACETE.

Ceratum Spermaceti.

CERATO DE ESPERMACETE. CEROTO BRANCO.

Cera branca.	duzentos grammas	200
Espermacete	duzentos grammas	200
Oleo de amendoas	seiscentos grammas	600

Funda a banho de agua, côe; agite até arrefecer, por modo que fique homogeneo.

CEROTO DE SABINA.

Ceratum Sabinæ.

CERATO DE SABINA.

Sabina recente, contusa	quatrocentos grammas	400
Cera amarella	cento e cincoenta grammas	150
Banha	oitocentos e cincoenta grammas	850

Funda a banha e a cera a banho de agua, ajunte a sabina, digira por 1 hora, côe espremendo; agite até arrefecer, por modo que fique homogeneo.

CEROTO SIMPLES.

Ceratum simplex.

CERATO SIMPLES.

Cera branca	trezentos grammas	300
Oleo de amendoas	setecentos grammas	700

Funda a banho de agua a cera no oleo, côe; agite até arrefecer, por modo que fique homogeneo.

CEROTOS.

Cerata.

CERATOS.

A relação dos componentes de cada formula póde ser alterada conforme as exigencias dos climas ou das estações, por modo que o preparado adquira e conserve a consistencia que lhe é propria.

CEVADA.

Hordeum commune.

CEVADA ORDINARIA.

Hordeum hexastichon Linn., Graminea annual, de patria desconhecida, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 85 — Fl. pharm. 24.)

Caryopses, vulgarmente *Sementes* — *Fructus Hordei communis.*

Farinha — *Farina Hordei communis.* — Caryopses pulverisadas e espoadas.

As caryopses germinadas, deseccadas, privadas das radiculas e pulverisadas, constituem o MALTE — *Maltum.*

CEVADA SANTA.

Hordeum cœleste.

Hordeum distichon Linn. var. **seminibus nudis** Kunth *(Hordeum nudum* Arduin), Graminea annual, da Tartaria, cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 85 — Fl. pharm. 24.)

Caryopses, vulgarmente *Sementes* — *Fructus Hordei cœlestis.*

As caryopses descorticadas e arredondadas, constituem a CEVADINHA ou CEVADA PERLADA — *Hordeum decorticatum.*

CEVADILHA.

Veratrum officinale vel *Sabadilla.*

Sabadilla officinarum Brandt (*Asagræa officinalis* Lindl.), Melanthacea annual, do Mexico.

Capsula — *Fructus Veratri officinalis* — trilocular, aberta na parte superior, membranosa, oblonga e aguda, de 12 millimetros de comprimento, amarello-avermelhada, contendo em cada loculo 1 a 3 sementes alongadas e ponteagudas, de 4 a 6 millimetros de comprimento, recurvadas, plano-convexas, rugosas, escuras e brilhantes por fóra, brancas por dentro, inodoras, mas fortemente esternutatorias quando em pó, de sabor extremamente acre, amargo e ardente.

Não confunda com o Loendro — **Nerium Oleander** Linn. (*Nerium lauriforme* Lamk.) — Apocynacea arbustiva, indigena do continente, cultivada em Cabo Verde, tambem conhecido pelo nome de Sevadilha (Fl. lusit. I. 279 — Fl. port. I. 378 — Fl. Cap Verd. 214.)

CHÁ.

Thea.

Chá da India.

Thea viridis Linn. e **Thea Bohea** Linn., especies reunidas na *Thea chinensis* Sims, Ternstremiacea arbustiva, da China e do Japão.

Folhas seccas — *Folia Theæ.* — Vulgar.

Empregue, das especies commerciaes de chá *verde*, o Hysson; das de chá *preto*, o Pouchong ou Oolong.

CHICOREA.

Cichorium vel *Endivia.*

Escarolla.

Cichorium Endivia Linn. (*Cichorium Endivia* var. *sativa* Willd.), Composta-chicoreacea annual ou bis-annual, da India, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 333 — Fl. pharm. 428.)

Raiz — *Radix Cichorii* — cylindrica ou fusiforme, escura por fóra, avermelhada por dentro, com radiculas numerosas; inodora, sabor amargo.

CHIRAYTA.

Chirata.

Ophelia Chirata Grisebach *(Agathotes Chirayta* D. Don), Gencianacea annual, do norte da India.

Toda a planta—*Herba Chiratæ cum radice*—de raiz fibrosa e collo intumecido formando angulo com o caule, que é cylindrico nos dois terços inferiores e obtusamente tetragono no terço superior, da grossura de uma penna ou mais, ramificado, glabro, escuro-alaranjado, ás vezes purpureo carregado, fistuloso, com folhas oppostas, sesseis, cordato-ovaes ou ovaes-acuminadas, glabras; inflorescencia em cymeiras umbelliformes, laxas, com pequenas flores de corolla amarella; inodora, sabor excessivamente amargo.

CHLORATO DE POTASSA.

Chloras kalicus.

Chlorato de potassio. Muriato oxygenado de potassa. Sal de Berthollet.

$$KO, ClO^5 \text{ ——— } ClO^3K$$

Composto obtido pela reacção do chloro sobre a mistura do chloreto de potassio com oxydo de calcio e agua.

Laminas rhomboidaes; incolor, sabor fresco e salino, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 16 partes de agua fria, em 3 de agua fervente, em 30 de glycerina, insoluvel no alcool.

O soluto não precipita pelo oxalato de ammonia, e acidulado pelo acido azotico, não deve precipitar pelo azotato de prata nem pelo azotato de barita.

CHLORETO DE AMMONIO.

Chloretum ammonicum.

CHLORURETO DE AMMONIO. CHLORHYDRATO DE AMMONIACO. HYDROCHLORATO DE AMMONIACO. SAL AMMONIACO.

AzH^4Cl —— $ClAzH^4$

Composto obtido por sublimação da mistura do sulfato de ammonia com o chloreto de sodio.

Massas fibrosas formadas de crystaes octaedricos; incolor, sabor picante e desagradavel, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 3 partes de agua fria, no seu peso de agua fervente, em 5 partes de glycerina e menos no alcool; sublima-se totalmente sem decomposição, em temperatura inferior ao rubro escuro; densidade 1,45.

Não dá precipitado azul pelo ferro-cyaneto de potassio. O soluto, acidulado pelo acido azotico, não deve precipitar pelo chloreto de bario.

CHLORETO DE AMMONIO E DE FERRO.

Chloretum ammonicum ferrosum.

CHLORURETO DE FERRO AMMONIACAL.

Chloreto ferroso, secco....	duzentos e cincoenta grammas	250
Chloreto de ammonio.....	setecentos e cincoenta grammas	750
Agua distillada.....	mil grammas	1:000

Dissolva em separado os dois chloretos na agua, misture os solutos; evapore á seccura, agitando constantemente.

Conserve em vidro opaco, de rolha esmerilhada.

Substitue o FERRO AMMONIACAL, tambem conhecido com o nome de FLORES DE SAL AMMONIACO MARCIAES.

CHLORETO ANTIMONIOSO.

Chloretum stibiosum.

TRI-CHLORETO DE ANTIMONIO. SESQUI-CHLORURETO DE ANTIMONIO. CHLORURETO DE ANTIMONIO.

Composto formado na reacção do acido chlorhydrico sobre a *estibina* (sulfureto de antimonio nativo).

Inodoro, incolor, corrosivo, volatil, facilmente soluvel em agua acidulada pelo acido chlorhydrico.

α — **Chloreto antimonioso crystallino.** — *Chloretum stibiosum butyraceum.* — CHLORETO ANTIMONIOSO ANHYDRO. MANTEIGA DE ANTIMONIO. — Sb^2Cl^3 ou Cl^3Sb. — Obtido na reacção indicada, distillando em apparelho de vidro.

Solido, em massa de consistencia de manteiga, crystallino, transparente; funde-se a 73°,2; ferve a 230°; deliquescente. A agua, em pequenissima quantidade, dissolve-o; em maior quantidade, decompõe-n'o.

β — **Chloreto antimonioso liquido.** — *Chloretum stibiosum per deliquium.* — CHLORETO ANTIMONIOSO HYDRATADO. — $Sb^2Cl^3 + Aq$ ou $Cl^3Sb + Aq$ — Obtido expondo ao ar humido o chloreto antimonioso anhydro, até deliquescer.

Liquido xaroposo; inalteravel ao ar, mas decompondo-se pela addição de agua.

Qualquer d'estes chloretos tratado por agua em excesso dá o OXY-CHLORETO DE ANTIMONIO — *Chloretum stibiosum stibiatum* — $SbOCl$ — tambem conhecido pelo nome de PÓ DE ALGAROTH.

Empregue, não havendo indicação especial, o **Chloreto antimonioso liquido.**

CHLORETO DE BARIO.

Chloretum bariticum.

CHLORURETO DE BARIO. HYDROCHLORATO DE BARITA. CHLORHYDRATO DE BARITA.

$$BaCl + 2HO \text{ ——— } Cl^2Ba'' + 2H^2O$$

Composto obtido na decomposição do carbonato de barita pelo acido chlorhydrico.

Prismas de quatro faces; incolor, inodoro, sabor acre, inalteravel ao ar, soluvel em 2,5 partes de agua fria, em 1,5 de agua fervente e em 10 de glycerina, pouco soluvel no alcool.

Não precipita pelo sulfhydrico.

CHLORETO DE CALCIO.

Chloretum calcicum.

CHLORURETO DE CALCIO.

Composto obtido pela reacção do acido chlorhydrico sobre o *calcareo* (carbonato de cal nativo).

Solido, inodoro, muito deliquescente, soluvel no alcool.

α—**Chloreto de calcio crystallisado.**—*Chloretum calcicum crystallisatum.*—CHLORHYDRATO DE CAL. HYDROCHLORATO DE CAL.—$CaCl + 6HO$ ou $Cl^2Ca'' + 6H^2O$.—Obtido na crystallisação do producto da reacção indicada.

Massas crystallinas ou prismas hexaedricos, incolores, estriados e terminados por pyramides; sabor amargo; dissolvido em 0,25 do seu peso de agua produz notavel abaixamento de temperatura, que desce a —45° quando a mistura é feita com fragmentos de gêlo.

β—**Chloreto de calcio anhydro.**—*Chloretum calcicum exsiccatum.*—CHLORURETO DE CALCIO FUNDIDO.—$CaCl$ ou Cl^2Ca''.—Obtido na fusão ignea do chloreto de calcio crystallisado.

Fragmentos brancos, de fractura crystallina; hygroscopico; ao hydratar-se produz notavel elevação de temperatura.

Empregue, salvo indicação especial, o **Chloreto de calcio crystallisado.**

CHLORETO FERRICO.

Chloretum ferricum.

SESQUI-CHLORURETO DE FERRO. PER-CHLORURETO DE FERRO.

Composto obtido na reacção do acido chlorhydrico sobre o oxydo ferrico, e na do chloro sobre o ferro ou sobre o chloreto ferroso.

Solido, deliquescente, sabor metallico forte e estyptico, volatil acima de 100°, soluvel na agua, no alcool e no ether.

α—**Chloreto ferrico anhydro.**—*Chloretum ferricum sublimatum.*—Fe^2Cl^3 ou $Cl^6\overset{VI}{Fe^2}$.—Obtido pela acção do chloro sobre o ferro em fio, operando ao rubro.

Laminas violaceas, de brilho metallico.

β—**Chloreto ferrico crystallisado.**—*Chloretum ferricum crystallisatum.*—$Fe^2Cl^3 + 5HO$ ou $Cl^6\overset{VI}{Fe^2} + 5H^2O$.—Obtido pela acção do chloro sobre o soluto neutro do chloreto ferroso, ou dissolvendo o oxydo ferrico no acido chlorhydrico e evaporando o producto á consistencia xaroposa.

Crystaes volumosos; vermelho-alaranjado retinto.

Rejeite qualquer d'estes chloretos, que der manchas arsenicaes no apparelho de Marsh.

Empregue, não havendo indicação especial, o **Chloreto ferrico anhydro.**

CHLORETO FERROSO.

Chloretum ferrosum.

PROTO-CHLORURETO DE FERRO.

$FeCl$ —— $Cl^2\overset{II}{Fe}$

Ferro em fio.....	vinte e cinco grammas	25
Acido chlorhydrico puro.....	cem grammas	100
Agua distillada.....	cem grammas	100

Misture, aqueça em capsula de porcelana a fogo brando até terminar a reacção; filtre, evapore rapidamente á seccura.

Conserve em frasco opaco, de rolha esmerilhada.

CHLORETO DE MAGNESIO.

Chloretum magnesicum.

CHLORURETO DE MAGNESIO. HYDROCHLORATO DE MAGNESIA. CHLORHYDRATO DE MAGNESIA.

$$MgCl + 6HO \text{ ——— } Cl^2\overset{\prime\prime}{Mg} + 6H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido chlorhydrico sobre a magnesia alva.

Crystaes prismaticos ou massas crystallinas; incolor, sabor amargo e quente, inodoro; deliquescente.

CHLORETO DE MANGANESIO.

Chloretum manganosum.

CHLORETO MANGANOSO. PROTO-CHLORURETO DE MANGANESIO.

$$MnCl + 4HO \text{ ——— } Cl^2\overset{\prime\prime}{Mn} + 4H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido chlorhydrico sobre o bi-oxydo de manganesio.

Prismas de quatro faces; côr de rosa, sabor metallico, inodoro, deliquescente, soluvel no alcool.

CHLORETO MERCURICO.

Chloretum hydrargyricum.

BI-CHLORURETO DE MERCURIO. DEUTO-CHLORURETO DE MERCURIO. SUBLIMADO CORROSIVO.

$$HgCl \text{ ——— } Cl^2\overset{\prime\prime}{Hg}$$

Composto obtido por sublimação da mistura do sulfato mercurico com o chloreto de sodio.

Massas crystallinas; incolor, sabor a metallico muito desagradavel, inodoro, pesado; ennegrece pela luz directa; soluvel em 16 partes de agua fria, em 3 de agua fervente, em 3 de alcool a 90°, em 4 de ether e em 20 de glycerina; densidade 6,5; forma com a albumina um composto insoluvel.

Inteiramente volatil. Associado com peso igual de chloreto de ammonio, torna-se promptamente soluvel na agua.

Conserve em vidro opaco.

CHLORETO MERCUROSO.

Chloretum hydrargyrosum.

PROTO-CHLORURETO DE MERCURIO. SUB-CHLORURETO DE MERCURIO. CALOMELANOS.

$$Hg^2Cl \text{ ——— } Cl^2Hg^{\prime\prime}{}^2$$

Composto obtido na reacção entre o chloreto de sodio e o sulfato mercuroso, ou pela acção do mercurio sobre o chloreto mercurico, operando em temperaturas elevadas.

Solido, insipido, inodoro, volatil, alteravel á luz, insoluvel na agua, no alcool e no ether, soluvel a quente no acido chlorhydrico e mais facilmente nos chloretos alcalinos.

α — **Chloreto mercuroso crystallisado.** — *Chloretum hydrargyrosum crystallisatum.* — CALOMELANOS CRYSTALLISADOS. — Obtem-se pela sublimação, em matraz de vidro, da mistura do mercurio metallico com o chloreto mercurico.

Massas crystallinas, fibrosas, pesadas, um tanto translucidas, lisas de um lado e com faces drusicas do outro; densidade 7,17.

Empregue reduzido a pó impalpavel, levigado com agua distillada.

Rejeite o que não for totalmente insoluvel na agua, no alcool e no ether.

β — **Chloreto mercuroso amorpho.** — *Chloretum hydrargyrosum amorphum.* — CALOMELANOS POR VAPOR. — Obtem-se aquecendo a mistura do sulfato mercuroso com o chloreto de sodio e recebendo os vapores em camaras espaçosas.

Pó branco, pesado; densidade 6,5.

Não deve ennegrecer nem dar vapores nitrosos, quando aquecido gradualmente a temperatura inferior á da sublimação.

Rejeite o que, tratado pelo ether, der residuo, e o que, tratado pela agua distillada, precipitar pelo azotato de prata.

Conserve-os em vidros opacos, de rolha esmerilhada.

Empregue, salvo indicação especial, o **Chloreto mercuroso amorpho**.

CHLORETO DE OURO.

Chloretum auricum.

CHLORURETO DE OURO. PER-CHLORURETO DE OURO. HYDROCHLORATO DE OURO.

$$Au^2Cl^3 \text{ ——— } Cl^3\overset{III}{A}u$$

Composto obtido pela dissolução do ouro na agua regia e evaporação á seccura.

Pequenas massas crystallinas; vermelho intenso, sabor metallico, inodoro, deliquescente, soluvel no alcool e no ether.

Pela calcinação deve dar 68,18 por 100 de ouro.

Conserve em vidro opaco, de rolha esmerilhada.

CHLORETO DE OURO E DE SODIO.

Chloretum auro-natricum.

CHLORURETO DE OURO E DE SODIO. CHLORO-AURATO DE SODIO. SAL DE CHRESTIEN.

$$Au^2Cl^3, NaCl + 4HO \text{ ——— } Cl^3\overset{III}{A}u, ClNa + 2H^2O$$

Composto obtido por crystallisação da mistura do chloreto de ouro com o de sodio.

Prismas quadrangulares alongados; amarello, sabor desagradavel, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel na agua.

Pela calcinação deve dar 48,75 por 100 de ouro.

CHLORETO DE PLATINA.

Chloretum platinicum.

TETRA-CHLORETO DE PLATINA. ACIDO CHLORO-PLATINICO. BI-CHLORURETO DE PLATINA.

$$PtCl^2 \text{ ——— } Cl^4\overset{IV}{P}t$$

Composto obtido pela dissolução da platina na agua regia e evaporação á seccura.

Massas crystallinas; vermelho-escuro, sabor estyptico, inodoro, deliquescente; soluvel na agua, córando-a de amarello avermelhado.

Conserve em vidro opaco, de rolha esmerilhada.

CHLORETO DE POTASSIO.

Chloretum kalicum.

CHLORURETO DE POTASSIO. CHLORHYDRATO DE POTASSA. HYDROCHLORATO DE POTASSA.

KCl —— ClK

Composto obtido pela reacção do acido chlorhydrico sobre o carbonato de potassa, ou pela acção da agua sobre a *carnalithe natural* (chloreto duplo de magnesio e de potassio) e subsequente purificação.

Cubos transparentes; incolor, sabor salgado e amargo; inodoro, inalteravel ao ar; soluvel em 3 partes de agua, produzindo consideravel abaixamento de temperatura; insoluvel no alcool; densidade 1,94.

CHLORETO DE PRATA.

Chloretum argenticum.

CHLORURETO DE PRATA.

AgCl —— ClAg

Composto obtido na precipitação do azotato de prata pelo acido chlorhydrico.

Pó branco; insipido, inodoro; a luz directa ennegrece-o e a diffusa torna-o violete; insoluvel na agua e no alcool, completamente soluvel na ammonia e tambem no hypo-sulfito de soda.

Conserve em frasco opaco.

CHLORETO DE SODIO.

Chloretum natricum.

CHLORURETO DE SODIO. CHLORHYDRATO DE SODA. HYDROCHLORATO DE SODA. SAL COMMUM.

NaCl —— ClNa

Composto obtido pela evaporação espontanea da agua do mar (SAL MARINHO), ou extrahido das minas (SAL GEMMA).

Crystaes cubicos; incolor, inodoro, sabor salgado, inalteravel ao ar, soluvel na agua e na glycerina, insoluvel no alcool; densidade 2,13.

CHLORETO DE ZINCO.

Chloretum zincicum.

CHLORURETO DE ZINCO.

$$ZnCl \text{ ——— } Cl^2Zn''$$

Composto obtido pela dissolução do zinco no acido chlorhydrico e evaporação á seccura.

Massas brancas ou pó branco amorpho; sabor caustico, muito deliquescente, muito soluvel no alcool, soluvel em 2 partes de glycerina. Dissolve-se no seu peso de agua, produzindo soluto com ligeira turvação, que pequena quantidade de acido chlorhydrico faz desapparecer.

CHLORHYDRATO DE MORPHINA.

Chloretum morphinicum.

CHLORETO DE MORPHINA. HYDROCHLORATO DE MORPHINA.

$$C^{34}H^{19}AzO^6, HCl + 6HO \text{ ——— } ClH, C^{17}H^{19}AzO^3 + 3H^2O$$

Composto obtido pela acção do acido chlorhydrico diluido sobre a morphina.

Crystaes aciculares sedosos; branco, sabor amargo, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel no alcool, em 20 partes de agua fria e no seu peso de agua fervente; queima-se sem deixar residuo. Tratado pela ammonia dá precipitado branco, soluvel no excesso de reagente.

CHLORHYDRATO DE QUININA.

Chloretum quininicum.

CHLORETO DE QUININA. HYDROCHLORATO DE QUININA.

$$(C^{40}H^{24}Az^2O^4)^2HCl + 3HO \text{ ——— } ClH, 2(C^{20}H^{24}Az^2O^2) + 3H^2O$$

Composto obtido por dobrada decomposição entre o sulfato de quinina e o chloreto de bario.

Grupos formados de crystaes aciculares sedosos; branco, sabor amargo, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel no alcool, em 18 partes de agua fria e em 4 da fervente.

Dissolvido na agua e tratado pelo acido sulfurico diluido, ou pelo chloreto de bario, não deve precipitar.

CHLOROFORMIO.

Chloroformum.

CHLORETO DE METHYLA DI-CHLORADO.

C^2HCl^3 —— $CHCl^3$

Composto obtido por distillação do alcool misturado com a cal chlorada, o oxydo de calcio e a agua, tratamento posterior pela agua e pelo carbonato de potassa e subsequente rectificação com o chloreto de calcio.

Liquido transparente, incolor, muito movel; sabor adocicado, cheiro caracteristico, muito volatil, miscivel com a agua na proporção de 1 : 10, e em todas as proporções com o alcool e com o ether, não miscivel com a glycerina; densidade 1,48; neutro; arde com chamma verde.

Misturado com agua não deve tornal-a leitosa. Addicionando-lhe uma mistura de bi-chromato de potassa com o alcool, não se córa de verde. Agitado com a tinctura de tornesol, não a avermelha nem a descóra; com um soluto de azotato de prata, não deve precipitar nem turvar; com o acido sulfurico, sobrenada sem córar. Aquecido com o soluto de hydrato de potassa, não deve escurecer.

Conserve em pequenos frascos opacos, de rolha esmerilhada, completamente cheios.

CHOCOLATE DE ARARUTA.

Chocolata Amyli Marantæ.

Araruta	trinta grammas	30
Chocolate commum	novecentos e setenta grammas	970

Amolleça o chocolate na pedra aquecida, misture a araruta; divida pelos moldes.

CHOCOLATE DE BAUNILHA.

Chocolata Vanillæ.

Baunilha	dois grammas	2
Assucar de fôrma, em pó	quarenta e oito grammas	48
Chocolate commum	novecentos e cincoenta grammas	950

Reduza a baunilha a pó por intermedio do assucar, misture com o chocolate amollecido na pedra aquecida; divida pelos moldes.

CHOCOLATE COMMUM.

Chocolata simplex.

CHOCOLATE SIMPLES.

Cacao torrado e escolhido	quinhentos grammas	500
Assucar de fôrma, em pó	quinhentos grammas	500

Reduza o cacao a pasta na pedra aquecida, misture o assucar; divida pelos moldes.

CHOCOLATE DE FERRO.

Chocolata Ferri.

CHOCOLATE FERRUGINOSO.

Ferro reduzido pelo hydrogenio	dez grammas	10
Chocolate commum	novecentos e noventa grammas	990

Amolleça o chocolate na pedra aquecida, misture o ferro; divida pelos moldes.

CHOCOLATE DE LICHEN.

Chocolata Lichenis islandici.

CHOCOLATE DE MUSGO ISLANDICO.

Sacchareto de lichen, em pó	cem grammas	100
Chocolate commum.	novecentos grammas	900

Amolleça o chocolate na pedra aquecida, misture o sacchareto; divida pelos moldes.

CHOCOLATE DE LICHEN SEM AMARGO.

Chocolata Lichenis sine amaritudine.

CHOCOLATE DE MUSGO DOCE.

Sacchareto de lichen sem amargo, em pó	cem grammas	100
Chocolate commum	novecentos grammas	900

Amolleça o chocolate na pedra aquecida, misture o sacchareto; divida pelos moldes.

CHOCOLATE DE SALEPO.

Chocolata Salep.

Salepo em pó.....	vinte grammas	20
Chocolate commum.....	novecentos e oitenta grammas	980

Amolleça o chocolate na pedra aquecida, misture o salepo; divida pelos moldes.

CHOUPO.

Populus.

Populus nigra Linn. var. α **genuina** De Cand. *(Populus Pannonica* Kit.), Salicinea arborea, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 46 — Fl. pharm. 540.)

Renovos, vulgarmente *Gommos* ou *Olhos de choupo* — *Gemmæ Populi* — ovoides-ponteagudos, alourados, compostos de escamas entelhadas, revestidos de inducto viscoso e resinoso; cheiro balsamico, sabor resinoso e amargo.

Ramos desfolhados — *Stipites Populi* — de tres a quatro annos, cylindricos, de casca lisa e cinzento-escurecida por fóra, branca e fibrosa por dentro, lenho alvo, muito leve, com o canal medullar delgado; inodoros, insipidos.

Devem ser colhidos na primavera.

Rejeite os que, na arvore, estiverem descorticados.

CICUTA.

Conium.

CEGUDE. ANSARINHA MALHADA. CICUTA MAIOR.
CICUTA TERRESTRE.

Conium maculatum Linn. *(Cicuta maculata* Lamk.), Umbellifera bis-annual, indigena do continente, onde floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. I. 436 — Fl. pharm. 118 — Fl. port. II. 409.)

Planta — *Herba Conii* — de caule fistuloso, ramoso, estriado, glabro, manchado de nodoas atro-purpureas, folhas muito grandes, decompostas, tri-pinnuladas, de foliolos recortado-serreados, glabras, de côr verde-escura e lustrosas na pagina superior, verde-desmaiada na inferior, com peciolos invaginantes na base, fistulosos, estriados e manchados como o caule; cheiro viroso e murino, sobresaíndo quando se esfregam entre os dedos ou se abrem as cavidades do caule ou dos peciolos, sabor desagradavel. Triturada com o soluto de hydrato de potassa deixa evolver a *Conicina,* de cheiro caracteristico, a qual dá fumos brancos em presença do acido chlorhydrico.

Faça a colheita no vigor da floração. Seque immediatamente a 50°, fóra da acção da luz solar. Conserve em sitio fresco e em vaso secco, opaco e bem fechado. Renove annualmente.

Mericarpos ou **Akenios,** vulgarmente *Sementes* — *Fructus Conii* — ovoides, cinzento-esverdeados, com 5 costellas muito salientes, crenuladas ou tuberculosas. Triturados com o soluto de hydrato de potassa, deixam evolver a *Conicina.*

Devem ser colhidos antes da completa maturação. Conserve como a planta.

Pó — *Pulvis Conii.* — Obtem-se das folhas, aproveitando apenas tres quartos da quantidade empregada.

Não confunda com a CICUTA AQUATICA — **Cicuta virosa** Linn.; com a CICUTA MENOR — **Æthusa Cynapium** Linn.; com o EMBUDE — **Œnanthe apiifolia** Linn.; com o TORDYLIO MENOR DAS SEARAS — **Tordylium peregrinum** Brot. (Fl. lusit. I. 420 — Phyt. Lusit. I. 74 e 91. Tab. 33 e 40 — Fl. pharm. 109, 120 e 122.)

CIGARROS DE BELLADONA.

Cigaretæ Belladonnæ

Belladona, folhas seccas..... um gramma 1

Córte miudamente; faça um cigarro em papel apropriado.

CIGARROS DE ESTRAMONIO.

Cigaretæ Stramonii.

Estramonio, folhas seccas..... um gramma 1

Córte miudamente; faça um cigarro em papel apropriado.

CINCHONINA.

Cinchoninum.

$$C^{40}H^{24}Az^2O^2 \text{———} C^{20}H^{24}Az^2O$$

Alcaloide obtido das aguas mães do sulfato de quinina, precipitando-as pela potassa ou pela ammonia e crystallisando o precipitado no alcool a 90°.

Crystaes aciculares ou prismas quadrilateros; incolor, sabor amargo estyptico e persistente, inodora, inalteravel ao ar, quasi insoluvel na agua e no ether, soluvel no alcool; funde-se a 165°; dextrogyra no soluto alcoolico; queima-se sem deixar residuo.

CITRATO DE FERRO.

Citras ferricus.

Citrato ferrico. Citrato de sesqui-oxydo de ferro.

$$Fe^2O^3, C^{12}H^5O^{11} + 6HO \text{———} (C^6H^5O^7)^2(Fe^2) + 6H^2O$$

Composto obtido pela acção do acido citrico sobre o hydrato ferrico.

Laminas brilhantes, vermelho-escuras; inodoro, sabor ferruginoso adocicado, um pouco deliquescente, pouco soluvel na agua, insoluvel no alcool anhydro.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

CITRATO DE FERRO AMMONIACAL.

Citras ferricus ammoniatus.

CITRATO DE FERRO SOLUVEL.

Producto obtido pela acção do acido citrico sobre o hydrato ferrico e a ammonia.

Laminas avermelhadas; sabor estyptico, inodoro, deliquescente, quasi insoluvel no alcool anhydro.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

CITRATO DE FERRO E DE QUININA.

Citras ferricus quininicus.

Producto obtido pela mistura dos solutos de citrato de ferro ammoniacal e de citrato de quinina.

Laminas amarello-esverdeadas; inodoro, sabor amargo, deliquescente, muito soluvel na agua, insoluvel no alcool anhydro.

Tratado pelo chloreto de bario não deve turvar.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

CITRATO DE POTASSA.

Citras kalicus.

CITRATO TRI-POTASSICO. CITRATO NEUTRO DE POTASSIO.

$$3KO, C^{12}H^{5}O^{11} \longrightarrow C^{6}H^{5}O^{7}K^{3}$$

Composto obtido pela reacção do acido citrico sobre o carbonato de potassa.

Pó granuloso, branco; inodoro, sabor salino, deliquescente, insoluvel no alcool.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

CITRATO DE QUININA.

Citras quininicus.

Composto obtido por dobrada decomposição entre o sulfato de quinina e o citrato de soda.

Crystaes aciculares sedosos; branco, inodoro, sabor amargo, inalteravel ao ar, pouco soluvel na agua, soluvel no alcool fervente; queima-se sem deixar residuo.

CÓCA.

Coca.

YPADÚ.

Erythroxylon Coca Lamk., Erythroxylea arbustiva, do Peru e do Brazil.

(Mat. med. bras. 61.)

Folhas — *Folia Coca* — curtamente pecioladas, tenues e membranosas, oblongo-lanceoladas ou um tanto obtusas; cheiro e sabor aromaticos.

Não confunda com as drupas do **Menispermum Cocculus** Linn. (*Cocculus suberosus* De Cand.), Menispermacea arborea, do Malabar, que constituem a CÓCA DO LEVANTE — *Cocculi Indi* — tambem conhecida pelo simples nome de *Cóca.*

COCHLEARIA.

Cochlearia.

COCHLEARIA MAIOR.

Cochlearia officinalis Linn., Crucifera bis-annual, da Europa septentrional, muito cultivada.

Planta recente — *Herba Cochleariæ* — de caule cylindrico, ramoso, glabro, tenro, folhas alternas: as radicaes, pecioladas, obtusas, cordiformes e em colhér; as caulinares, sesseis, ovaes-alongadas e um tanto sinuosas; as cimeiras, amplexicaules; todas ellas glabras e succolentas; inodora, quando contusa exhala cheiro picante; sabor acre, um tanto amargo.

Colha até o principio da floração.

Póde substituir-se-lhe a COCHLEARIA MENOR — **Cochlearia acaulis** Desfont. (*Cochlearia Olisiponensis* Brot. na Fl. ou *Cochlearia pusilla* Brot. na Phyt.) — especie vivaz, indigena do continente. (Fl. lusit. I. 571 — Phyt. Lusit. I. 100. Tab. 21, fig. II e III — Fl. pharm. 355.)

COCHONILHA.

Coccinilla.

COCHONILHA DOS CACTOS.

Femea do **Coccus Cacti** Linn., Insecto-hemiptero do Mexico, acclimado em Hespanha e na Algeria, que vive sobre differentes NOPAES, especies do genero **Cactus** Linn. ou **Opuntia** Mill.

Animal de fórma ovoide, 3 a 6 millimetros de comprimento, plano ou concavo na face ventral, fortemente convexo na dorsal, com 12 anneis transversaes, superficie acinzentada e pulverulenta; inodoro, um tanto amargo. O pó é negro-escuro, córando de rubro o alcool.

A materia córante, convenientemente isolada, constitue o CARMIM.

CODEINA.

Codeinum.

$$C^{36}H^{21}AzO^{6} \text{ ——— } C^{18}H^{21}AzO^{3}$$

Alcaloide obtido das aguas mães da morphina, precipitando-as pela potassa, dissolvendo o precipitado no acido chlorhydrico diluido, descórando o soluto pelo carvão animal, precipitando novamente pela potassa e fazendo crystallisar no ether aquoso.

Prismas rhomboidaes; incolor, sabor amargo, inodora, inalteravel ao ar, soluvel em 10 partes de agua, no alcool e no ether; levogyra no soluto alcoolico; queima-se sem deixar residuo.

Tratada pelo acido azotico não deve dar coloração vermelha, nem pelo chloreto ferrico dar coloração azul. Não ennegrece pelo acido sulfurico diluido.

COENTRO.

Coriandrum.

Coriandrum sativum Linn., Umbellifera annual, indigena da Madeira, muito cultivada no continente.

(Fl. Mad. I. 376 — Fl. lusit. I. 462 — Fl. pharm. 139.)

Schizocarpos ou **Diakenios**, vulgarmente *Sementes — Fructus Coriandri* — globosos, ponteagudos, amarellados, com costellas deprimidas e flexuosas, alternando com outras salientes e lineares; facilmente separaveis nos *mericarpos* ou *akenios*, que são hemispherícos e papyraceos; cheiro ingrato emquanto frescos, aromatico e agradavel quando seccos, sabor fraco um tanto aromatico.

COLCHICO.

Colchicum.

Colchicum autumnale Linn., Melanthacea vivaz, do norte da Europa.

Tuberculo radical, vulgarmente *Bolbo — Tuber Colchici* — da grandeza de uma castanha, plano e escavado em gotteira n'uma das faces, em que existe o rudimento do outro tuberculo, convexo na face opposta. Quando *recente*, revestido de duas tunicas, a externa escura, a interna amarellada, interiormente branco, carnoso e lactescente; inodoro, mas sendo cortado tem cheiro desagradavel; sabor amargo, acre e irritante. Quando *secco*, rugoso em ambas as faces, inteiro ou cortado em talhadas branco-acinzentadas, amylaceas, levemente chanfradas de um lado, ás vezes de ambos, inodoro, conservando o sabor amargo, acre e irritante.

Sementes — *Semina Colchici* — esphericas, rugosas, de dureza cornea, escuro-avermelhadas por fóra, acinzentadas por dentro; inodoras, sabor muito acre e amargo.

Rejeite as que forem de côr clara e leves.

Não lhe substitua, sem indicação especial, a especie que for cultivada nos jardins, e bem assim:

1.º O Colchico menor — **Colchicum bulbocodioides** Brot.

2.º O Colchico maior — **Colchicum multiflorum** Brot.

3.º O Colchico lusitano — **Colchicum Lusitanum** Brot. *(Colchicum Bivonæ* Guss.) — especies tambem vivazes, indigenas do continente. (Fl. lusit. I. 597 — Phyt. Lusit. I. 119. Tab. 50 e II. 211. Tab. 173 e 174 — Fl. pharm. 191-192.)

COLLODIO.

Collodium.

COLLODIO FLEXIVEL. COLLODIO ELASTICO.

Algodão polvora	cinco grammas	5
Oleo de ricino	cinco grammas	5
Alcool a 90ᶜ	vinte grammas	20
Ether	setenta grammas	70

Dissolva o algodão na mistura do ether com o alcool, ajunte o oleo.

Guarde em vidro de rolha esmerilhada.

COLLODIO CANTHARIDADO.

Collodium cantharidatum.

Algodão polvora	cinco grammas	5
Tinctura de cantharidas, ethe-rea	noventa e cinco grammas	95

Dissolva.

Guarde em vidro de rolha esmerilhada.

COLOMBRO.

Cucurbita alba.

ABOBORA CARNEIRA.

Peponideo da **Cucurbita lagenaria** Linn. var. **teres oblonga** Brot. (*Lagenaria vulgaris* var. *Cougourda* Seringe), Cucurbitacea annual, das regiões tropicaes, muito cultivada no continente, na Madeira e em Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 311 — Fl. pharm. 526 — Fl. Mad. I. 289 — Fl. Cap Verd. 273.)

Vulgar.

Empregue privado do epicarpo e das sementes.

COLOPHONIA.

Resina Terebinthinæ.

TEREBINTHINA COZIDA. RESINA DO LARICIO.

Terebinthina de Veneza	cem grammas	100
Agua distillada.	mil grammas	1:000

Ferva em capsula de porcelana, a calor brando, até que a resina, quando resfriada, tenha consistencia pilular; decante a agua e lave a resina malaxando-a em nova porção de agua distillada tepida.

COLOQUINTIDAS.

Colocynthis.

MAÇÃ COLOQUINTIDA.

Peponideo, privado do epicarpo, do **Cucumis Colocynthis** Linn. (*Citrullus Colocynthis* Arnott e Schrader), Cucurbitacea annual, da Asia e de Cabo Verde, cultivada na Europa meridional.

(Fl. Cap Verd. 272.)

Globoso, do volume de maçã pequena, branco, esponjoso, muito leve, papyraceo, incluindo muitas sementes escuras, ovoides-achatadas; cheiro enjoativo, sabor extremamente amargo e acre.

Empregue privado das sementes.

COMINHOS.

Cyminum.

Cuminum Cyminum Linn., Umbellifera annual, do Egypto, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 422 — Fl. pharm. 137.)

Mericarpos ou **Akenios**, vulgarmente *Sementes — Fructus Cymini* — alongados, fusco-cinzentos, com 5 costellas primarias e 4 secundarias, umas e outras ligeiramente aculeadas; ás vezes unidos em *schizocarpo* oblongo; cheiro activo, caracteristico, sabor urente um pouco amargo.

CONCHELOS.

Cotyledon.

Sombreirinhos dos telhados.

Cotyledon Umbilicus Linn. (*Umbilicus pendulinus* De Cand.), Crassulacea bis-annual ou vivaz, indigena do continente, da Madeira e dos Açores.

(Fl. lusit. II. 203 — Fl. pharm. 225 — Fl. Mad. I. 322 — Fl. azor. *sp.* 303.)

Folhas recentes — *Folia Cotyledonis* — radicaes, peltadas, arrodeladas, concavas, crenuladas, um tanto carnosas; inodoras, sabor levemente acre.

Póde substituir-se-lhe o **Cotyledon horisontalis** Guss. (*Umbilicus horisontalis* De Cand.), especie vivaz, indigena de Cabo Verde. (Fl. Cap Verd. 258.)

CONSERVA DE CANNAFISTULA

Conserva Casiæ.

Polpa de cannafistula	quinhentos grammas	500
Assucar de fôrma, em pó	quinhentos grammas	500

Misture; aqueça por 1 hora, a banho de agua.

CONSERVA DE ROSAS.

Conserva Rosarum.

Rosas rubras em pó	cem grammas	100
Agua de rosas	duzentos grammas	200
Assucar de fôrma, em pó	setecentos grammas	700

Macere por 2 horas as rosas na agua; ajunte o assucar.

CONSERVA DE TAMARINDOS.

Conserva Tamarindorum.

Polpa de tamarindos.....	quatrocentos grammas	400
Assucar de fôrma, em pó.....	seiscentos grammas	600

Misture; aqueça por 1 hora, a banho de agua.

CONSOLDA MAIOR.

Symphyton.

Symphytum officinale Linn. (*Symphytum patens* Sibthorp), Borraginea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 298 — Fl. pharm. 48.)

Raiz — *Radix Symphyti* — comprida, fusiforme, da grossura de um dedo, ramosa, anegrada por fóra, branca por dentro; inodora, sabor mucilaginoso, um tanto adstringente.

CONSOLDA REAL.

Consolida regalis.

Delphinium Consolida Linn., Ranunculacea annual, indigena do continente, da Madeira e dos Açores. Floresce de abril a setembro.

(Fl. lusit. II. 302 — Fl. pharm. 296 — Fl. Mad. I. 7 — Fl. azor. *sp.* 311.)

Planta florida — *Herba Consolidæ regalis florens* — de caule ramoso, diffuso, quasi glabro, folhas alternas, multifendidas em lacinias lineares um tanto impubescidas, inflorescencia em cacho de flores com a corolla azul-violacea e a petala superior em esporão acinzentado; cheiro fraco, sabor amargo.

CONSOLDA VERMELHA.

Tormentilla vel *Heptaphyllon.*

SOLDA. SETE EM RAMA.

Tormentilla erecta Linn. (*Potentilla Tormentilla* Nestler), Rosacea-dryadea vivaz, indigena do continente e dos Açores.

(Fl. lusit. II. 352 — Fl. pharm. 276 — Fl. azor. *sp.* 358.)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz* — *Radix Tormentillæ* — tuberoso, irregular, pesado, consistente, um tanto fibroso, escuro por fóra, avermelhado por dentro; inodoro, sabor adstringente, levemente aromatico.

CONTRAHERVA.

Dorstenia vel *Contrayerva.*

Dorstenia brasiliensis Lamk. (*Dorstenia tomentosa* Fisch. e Mey.), Moracea vivaz, da America meridional, principalmente do Brazil.

(Mat. med. bras. 106 — *Gomes.* Obs. bot. med. I. 38. Est. 5.)

Raiz — *Radix Dorsteniæ* — tuberosa, ovoide, amylacea, de côr fusca tirante a ruiva por fóra, esbranquiçada por dentro, escamosa no topo, annelada na base, prolongando-se inferiormente em ramificações curvas e lenhosas; cheiro fraco, um tanto agradavel, sabor adstringente por fim acre.

COUSSO.

Cusso.

KOUSSO.

Brayera anthelminthica Kunth *(Hagenia abyssinica* Lamk.), Rosacea-dryadea arborea, da Abyssinia.

Paniculas femininas, vulgarmente *Flores—Flores Cusso*—muito ramosas, pelludas e multiflores, de calyx turbinado, envolto em 2 bracteas arredondadas e composto de 10 sepalas avermelhadas ou esverdeadas, membranosas, reticuladas, tendo approximadamente 1 centimetro de comprimento e sendo as 5 exteriores mais compridas que as internas; petalas meudas e lineares. Costumam vir comprimidas e seccas, apresentando no todo côr verde-amarellada, cheiro fraco, que lembra o do chá, sabor nauseoso e um tanto amargo.

Rejeite os pedunculos.

Pulverise na occasião do emprego, evitando qualquer aquecimento.

COZIMENTO DE AMIDO.

Decoctum Amyli.

DECOCTO DE AMYLO.

Amido	dez grammas	10
Agua distillada	mil grammas	1:000

Ferva por 5 minutos, agitando constantemente.

COZIMENTO DE CATO.

Decoctum Catechu.

DECOCTO DE CATO.

Cato em pó grosso	dez grammas	10
Agua	mil e duzentos grammas	1:200

Ferva até reduzir a mil grammas, côe, deixe arrefecer; decante.

COZIMENTO DE CEVADINHA COMPOSTO.

Decoctum Hordei decorticati compositum.

DECOCTO DE CEVADINHA COMPOSTO. DECOCTO PEITORAL.

Cevadinha	quarenta grammas	40
Uvas passadas	cem grammas	100
Alcaçus contuso	dez grammas	10
Agua	mil e quinhentos grammas	1:500

Ferva a cevadinha e as uvas na agua até esta ficar reduzida a mil grammas; infunda o alcaçus por meia hora; côe, deixe depositar, decante.

COZIMENTO DE CEVADINHA COM SENNE.

Decoctum Hordei decorticati cum Senna.

DECOCTO DE CEVADINHA COM SENNE. DECOCTO PEITORAL SOLUTIVO.

Cevadinha	quarenta grammas	40
Uvas passadas	cem grammas	100
Alcaçus contuso	dez grammas	10
Senne	trinta grammas	30
Tartrato de potassa e de soda	cem grammas	100
Agua	mil e quinhentos grammas	1:500

Ferva a cevadinha e as uvas na agua até esta ficar reduzida a mil grammas; infunda por meia hora o alcaçus e o senne; côe, dissolva o tartrato; deixe depositar, decante.

COZIMENTO DE PONTA DE VEADO, COMPOSTO.

Decoctum cornu Cervi compositum.

DECOCTO DE CORNO DE VEADO, COMPOSTO.
COZIMENTO BRANCO.

Ponta de veado, em raspas.....	cem grammas	100
Miolo de pão.....	cincoenta grammas	50
Agua	mil e quinhentos grammas	1:500
Xarope de gomma	cem grammas	100

Ferva a ponta de veado e o pão na agua até esta ficar reduzida a novecentos grammas; côe, ajunte o xarope.

Equivale ao COZIMENTO BRANCO DE SYDENHAM.

COZIMENTO DE QUINA.

Decoctum corticis Cinchonæ flavi.

DECOCTO DE QUINA. DECOCTO DE QUINA CALISAYA.

Quina amarella em pó grosso.....	cem grammas	100
Agua distillada.....	mil e quinhentos grammas	1:500

Ferva até ficar reduzido a mil grammas; côe espremendo, deixe depositar, decante; não filtre.

COZIMENTO DE QUINA CINZENTA.

Decoctum corticis Cinchonæ fusci.

DECOCTO DE QUINA HUANUCO.

Quina cinzenta em pó grosso	cem grammas	100
Agua distillada.....	mil e quinhentos grammas	1:500

Ferva até ficar reduzido a mil grammas; côe espremendo, deixe depositar, decante; não filtre.

COZIMENTO DE QUINA COMPOSTO.

Decoctum corticis Cinchonæ compositum.

DECOCTO DE QUINA COM SERPENTARIA.

Quina vermelha em pó grosso.	oitenta grammas	80
Serpentaria contusa.	vinte grammas	20
Agua distillada	mil e quinhentos grammas	1:500
Espirito de canella	cincoenta grammas	50

Ferva a quina na agua até reduzir esta a novecentos e cincoenta grammas; infunda a serpentaria por 1 hora; côe, deixe arrefecer, decante; ajunte o espirito.

Substitue o COZIMENTO ANTI-FEBRIL DE LEWIS.

COZIMENTO DE ROMEIRA.

Decoctum radicis Granati.

DECOCTO DE CASCA DE RAIZ DE ROMEIRA.

Romeira: casca da raiz, recente e contusa	duzentos grammas	200
Agua	mil e quinhentos grammas	1:500

Macere por 12 horas; ferva até reduzir a mil grammas; côe espremendo.

COZIMENTO DE ROMEIRA COMPOSTO.

Decoctum radicis Granati compositum.

DECOCTO DE CASCA DE RAIZ DE ROMEIRA COMPOSTO.

Romeira: casca da raiz, em pó grosso	duzentos grammas	200
Agua	dois mil grammas	2:000
Tinctura de romeira	cem grammas	100

Ferva a romeira na agua até esta ficar reduzida a novecentos grammas; côe espremendo, deixe depositar, decante, ajunte a tinctura; não filtre.

COZIMENTO DE SALSAPARRILHA COMPOSTO.

Decoctum Sarsaparillæ compositum.

DECOCTO DE SALSAPARRILHA COMPOSTO.

Salsaparrilha cortada	cincoenta grammas	50
Guaiaco rasurado	vinte grammas	20
Sassafraz rasurado	quinze grammas	15
Alcaçus contuso	quinze grammas	15
Trovisco cortado	tres grammas	3
Agua	mil e quinhentos grammas	1:500

Ferva a salsaparrilha e o guaiaco na agua até esta ficar reduzida a mil grammas; infunda por meia hora o sassafraz, o alcaçus e o trovisco; côe, deixe depositar, decante.

COZIMENTOS.

Decocta.

DECOCTOS.

Serão preparados em vaso não atacavel pelas substancias empregadas.

Observe, quando não houver indicação especial, a seguinte formula:

Substancia a empregar	cem grammas	100
Agua	mil e quinhentos grammas	1:500

Contunda, corte ou pulverise grosseiramente a substancia, conforme a sua natureza; ferva até reduzir a mil grammas; côe espremendo; deixe arrefecer, decante.

Nos Cozimentos concentrados a quantidade de substancia a empregar será de cento e cincoenta grammas (150).

Das substancias muito activas não se fará cozimento sem formula, que expressamente indique a relação dos componentes.

CRAVAGEM DE CENTEIO.

Ergota vel *Secale cornutum.*

ESPORÃO DE CENTEIO.

Mycelio do **Claviceps purpurea** Tulasne, Fungo desenvolvido nos ovarios do centeio.

Pequenos corpos alongados, escuros, irregularmente triangulares, com arestas rombas, sulcados longitudinalmente, attenuados nas extremidades, quasi sempre arqueados, um tanto elasticos; quando seccos, teem fractura lisa e são internamente brancos e homogeneos; inodoros, sabor nauseoso.

Conserve ao abrigo da humidade. Renove annualmente. Pulverise só na occasião do emprego.

Rejeite os que houverem sido atacados pelas larvas do **Trombidium**.

CRAVINHO.

Caryophyllum.

CRAVO DA INDIA.

Flores, em estivação, do **Caryophyllus aromaticus** Linn. (*Eugenia caryophyllata* Thunb.), Myrtacea arborea, das ilhas Moluccas e da Cochinchina, acclimada na India e em Moçambique.

(Fl. cochinch. 406 — Reise nach Mossamb. I. 62.)

Botões floriferos, com a fórma de prego, em cuja extremidade mais grossa se divisam os 4 dentes do calyx tuboloso e tetragono, abraçando os outros verticillos; cheiro e sabor caracteristicos.

CREOSOTA.

Creasotum.

Producto obtido por distillação secca do alcatrão vegetal, tratamento pela potassa, decomposição pelo acido sulfurico diluido, e posteriores distillações.

Liquido oleoso incolor, que a luz córa de vermelho intenso; sabor caustico, cheiro empyreumatico caracteristico; quasi insoluvel na agua, muito soluvel no alcool, no ether, no acido acetico e no soluto de hydrato de potassa; coagula a albumina, desorganisa a pelle; ferve a 203°; densidade 1,037; dextrogyro. Tratado pela ammonia converte-se em massa crystallina.

CROTON.

Croton Tiglium.

CROTON TIGLIO.

Croton Tiglium Linn. (*Tiglium officinale* Klotzsch), Euphorbiacea-crotonea arbustiva, da India, da Cochinchina, de Java e das Moluccas.

(Fl. cochinch. 714.)

Sementes—*Semina Crotonis Tiglii*—ovoides, como quadrangulares, mais abauladas n'uma da faces, conservando algumas vezes um revestimento epidermico amarellado, que envolve o episperma escuro em cuja superficie se notam saliencias lineares, sendo as lateraes mais apparentes, que intumecem pouco antes de convergirem na base; amendoa branca e oleosa; inodoras, sabor nauseoso, acre, por fim urente.

CUBEBAS.

Piper caudatum.

PIMENTA CUBEBA.

Drupas, vulgarmente *Bagas,* do **Piper Cubeba** Linn. fil. *(Cubeba officinalis* Miquel), Piperacea arbustiva, da India, particularmente cultivada em Java.

Da fórma e grandeza da pimenta ou um pouco maiores, levemente acuminadas, pedicelladas; escuras e reticuladas á superficie, que ás vezes está coberta de pó acinzentado; esbranquiçadas internamente; cheiro fragrante privativo, sabor apimentado.

Devem ter sido colhidas antes da completa maturação.

CUCURBITA.

Cucurbita flava.

ABOBORA AMARELLA.

Cucurbita Pepo Linn. var. **1–2–3** Brot. e **Cucurbita maxima** Duch. *(Cucurbita Potiro* Pers.), Cucurbitaceaes annuaes, a primeira da Asia, a segunda de patria desconhecida, muito cultivadas no continente, em Angola e, a primeira, em Cabo Verde.

(Fl. cochinch. 728 — Fl. lusit. I. 311 — Fl. pharm. 527 — Fl. trop. Afr. II. 555-556 — Fl. Cap Verd. 273.)

Sementes, vulgarmente *Pevides — Semina Cucurbitæ flavæ.*

Prive do episperma, só na occasião do emprego.

CUSCUTAS.

Cuscuta.

CIPÓ DE CHUMBO.

Cuscuta umbellata Humb., **Cuscuta racemosa** Mart. e outras especies congeneres, Convolvulaceas parasitas, todas do Brazil.

(Mat. med. bras. 6.)

Planta — *Herba Cuscutæ* — de caules aphyllos, filiformes, amarello-alaranjados e flores dispostas como em umbella; inodora, sabor amargo.

CYANETO MERCURICO.

Cyanetum hydrargyricum.

CYANURETO DE MERCURIO. HYDROCYANATO DE MERCURIO. PRUSSIATO DE MERCURIO.

$$HgCy \text{ ——— } Cy^2Hg''$$

Composto obtido pela reacção, a quente, do azotato mercurico sobre o cyaneto de potassio.

Prismas rhomboidaes, ora opacos e brancos, ora transparentes e incolores; sabor metallico nauseoso, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 20 partes de agua fria, em 3 de agua fervente, em 10 de alcool e em 4 de glycerina.

CYANETO DE POTASSIO.

Cyanetum kalicum.

CYANURETO DE POTASSIO. HYDROCYANATO DE POTASSA. PRUSSIATO DE POTASSA.

$$KCy \text{ ——— } CyK$$

Composto obtido pela calcinação do ferro-cyaneto de potassio, lixiviação do residuo e evaporação á seccura.

Pó ou massas crystallinas; branco, sabor amargo e alcalino, cheiro de amendoas amargas, deliquescente, pouco soluvel no alcool, soluvel em 4 partes de glycerina, muito alteravel.

Rejeite o que tratado por um acido diluido der effervescencia.

Conserve em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

CYNOGLOSSA.

Cynoglossos.

LINGUA DE CÃO.

Cynoglossum officinale Brot. non Linn. *(Cynoglossum clandestinum* Desfont.), Borraginea annual, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 295 — Fl. pharm. 45 — Fl. port. I. 190.)

Raiz — *Radix Cynoglossi* — fusiforme, grossa, de 5 a 25 millimetros de espessura, carnosa, ramificada superiormente, de casca rubro-anegrada, meditullio branco; cheiro viroso, sabor adocicado, enjoativo.

Prive do meditullio, na occasião do emprego.

CYPRESTE.

Cupressus.

Cupressus sempervirens Linn. *(Cupressus fastigiata* De Cand.), Conifera arborea, das regiões mediterraneas, da Asia menor, da China e da Persia, muito cultivada no continente.

(Fl. cochinch. 711 — Fl. lusit. I. 216 — Fl. pharm. 520.)

Estrobilos, vulgarmente *Maçãs de cypreste* — *Fructus Cupressi* — globosos, quasi do volume de uma noz, bosselados, glabros, verde-escuros; separaveis, quando seccos, em escamas carnosas e pedicelladas como pregos; sementes pequenas, angulosas, aladas e vermelhas; cheiro resinoso, particular, sabor adstringente e amargo.

Devem ser colhidos antes da maturação.

DEDALEIRA.

Digitale.

DIGITAL. ABELOURA. HERVA DEDAL.

Digitalis purpurea Linn. var. **tomentosa** Brot. (*Digitalis tomentosa* Hoffmseg. et Link), Escrophulariacea bis-annual, indigena do continente, onde floresce de maio a julho.

(Fl. lusit. I. 200—Phyt. Lusit. II. 159. Tab. 149—Fl. pharm. 346.—Fl. port. I. 220. Pl. 29.)

Folhas radicaes—*Folia Digitalis*—ovaes-lanceoladas, de peciolo alado e semi-amplexicaule, bordos crenulados, verde-escuras e pubescentes na pagina superior, esbranquiçadas e lanuginosas na inferior, reticuladas, com a nervura dorsal angulosa nos dois terços inferiores; inodoras, sabor amargo nauseoso.

Devem ser colhidas da planta espontanea, no segundo anno de vegetação, antes de terminada a floração. Conserve ao abrigo da luz e da humidade. Renove annualmente.

Pó—*Pulvis Digitalis.*—Obtem-se aproveitando apenas tres quartos da quantidade empregada.

DEXTRINA.

Dextrinum.

$$C^{12}H^{10}O^{10} \text{ ——— } C^{6}H^{10}O^{5}$$

Composto que se obtem do amido, tratando-o pela agua levemente acidulada com o acido azotico, seccando a massa e submettendo-a á torrefacção entre 110° e 120°.

Pó amarellado; quasi insipida, inodora, soluvel na agua tornando-a espessa, insoluvel no alcool anhydro; dextrogyra; adquire pelo iodo côr vinosa.

O soluto aquoso tratado pela tinctura de iodo não azula.

DIGITALINA.

Digitalinum.

DIGITALINA INSOLUVEL.

Producto obtido do macerado concentrado de dedaleira, tratando-o pelo soluto de sub-acetato de chumbo e subsequentemente pelos carbonato de soda, phosphato de soda e de ammonia, acido tannico, oxydo de chumbo, alcool e chloroformio.

Massa resinoide porosa ou pó amorpho; branca amarellada, sabor muito amargo e persistente, inodora, mas fortemente esternutatoria; quasi insoluvel na agua e no ether, muito soluvel no alcool e no chloroformio; neutra; completamente volatil quando aquecida. Tratada pelo acido chlorhydrico concentrado, adquire coloração verde esmeralda.

DOCE-AMARGA.

Dulcamara.

UVA DE CÃO.

Solanum Dulcamara Linn. (*Dulcamara flexuosa* Mönch), Solanacea vivaz ou arbustiva, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 282 — Fl. pharm. 67 — Fl. port. I. 202.)

Caules desfolhados, vulgarmente *Talos* — *Stipites Dulcamaræ* — um pouco flexuosos, sub-angulares ou quasi cylindricos, da grossura de uma penna, de casca escura, tuberculosa e longitudinalmente estriada na superficie externa, branca na interna, lenho amarellado, poroso e fistuloso com algum tecido medullar; inodoros, mas de cheiro enjoativo quando recentes, sabor amargoso na casca, adocicado no lenho.

Faça a colheita no segundo e terceiro anno da vegetação, no outomno, quando as bagas estiverem maduras e as folhas houverem caído. Seque immediatamente.

DOLICHOS.

Pubes Mucunæ.

MUCUNA. PÓ DE MICO.

Pellos das vagens do **Dolichos pruriens** Linn. *(Mucuna pruriens* De Cand.) e do **Dolichos urens** Linn. *(Mucuna urens* De Cand.), Leguminosas-papilionaceas arbustivas, da Africa portugueza, a primeira da Cochinchina e a segunda do Brazil.

(Fl. trop. Afr. II. 187 e 185 — Fl. cochinch. 533.)

Escuros ou ruivos, lustrosos, rijos e finissimos; promovem na pelle vivissimo prurido.

DORMIDEIRAS.

Papaver.

PAPOILA BRANCA.

Papaver somniferum Linn. var. **album** De Cand. *(Papaver indehiscens* Dumort), Papaveracea annual, indigena da Madeira, onde floresce de abril a junho, quasi espontanea e muito cultivada no continente, onde floresce no verão.

(Fl. Mad. I. 11 — Fl. lusit. II. 254 — Fl. pharm. 287.)

Folhas — *Folia Papaveris* — amplexicaules, ovaes-oblongas, onduladas, com lobulos irregulares e dentes obtusos, glabras; cheiro viroso, sabor amargo um tanto acre.

Devem ser colhidas no começo da floração.

Capsulas, vulgarmente *Cabeças de dormideiras* — *Capita Papaveris* — ovaes-globosas, coroadas pelo estigma radiado, indehiscentes (pela obliteração ou ausencia dos furamens), pericarpo coriaceo, amarellado, de aspecto multilocular devido ás numerosas placentas laminares, com grande numero de sementes muito pequenas, reniformes, brancas, translucidas e oleosas; cheiro nullo, sabor amargo nauseoso.

Colha em plena maturação, antes de começarem a amarellecer. Empregue expurgadas das sementes.

ELECTUARIO DE CUBEBAS.

Electuarium Piperis caudati

ELECTUARIO DE COPAIBA E CUBEBAS.

Cubebas em pó	quarenta grammas	40
Terebinthina copahiba	vinte e cinco grammas	25
Sub-azotato de bismutho	cinco grammas	5
Conserva de rosas	trinta grammas	30

Misture.

ELECTUARIO DE SENNE.

Electuarium Sennæ.

Senne em pó	cem grammas	100
Aniz em pó	cincoenta grammas	50
Polpa de tamarindos	quinhentos grammas	500
Mellito simples	trezentos e cincoenta grammas	350

Misture; aqueça a banho de agua, até a consistencia propria.

ELEMI.

Elemi.

ALMECEGA DO BRAZIL. GOMMA-LIMÃO.

Succo resinoso obtido, por incisões, do tronco da **Icica Icicariba** De Cand. e de outras especies congeneres, Terebinthaceas-burseraceas arboreas, da America meridional, especialmente do Brazil.

(Mat. med. bras. 118.)

Massas de branda consistencia, de côr amarello-clara marcada de pontos esverdeados, tornando-se pela exsiccação opacas ou ligeiramente translucidas, de aspecto resinoso e brilhante, quebradiças quando frias, molles quando aquecidas pela mão; cheiro que lembra o do funcho, sabor amargo e aromatico; soluvel no alcool concentrado e quente, que separa as impurezas e deixa depositar pelo resfriamento a resina *(Elemino)* crystallisada em agulhas.

EMPLASTRO DE ALCATRÃO.

Emplastrum piceum.

EMPLASTRO DOS POBRES.

Alcatrão	trezentos e cincoenta grammas	350
Pez louro	quinhentos grammas	500
Cera amarella	cento e cincoenta grammas	150

Funda; côe.

Estenda sobre papel, para formar o esparadrapo.

EMPLASTRO DE BELLADONA.

Emplastrum Belladonnæ.

Extracto de belladona, alcoolico	dez grammas	10
Emplastro de chumbo	noventa grammas	90

Funda o emplastro a banho de agua, ajunte o extracto; agite até arrefecer.

EMPLASTRO DE CANTHARIDAS.

Emplastrum Cantharidum.

EMPLASTRO VESICATORIO.

Banha	duzentos e cincoenta grammas	250
Cera amarella	duzentos e cincoenta grammas	250
Pez louro	duzentos e cincoenta grammas	250
Cantharidas em pó fino e recente	duzentos e cincoenta grammas	250

Funda as tres primeiras substancias, côe, ajunte as cantharidas; aqueça por 1 hora a banho de agua; agite levemente até arrefecer, faça magdaliões.

Estenda em Adhesivo para formar os *escudetes*, vulgarmente VESICATORIOS.

EMPLASTRO DE CHUMBO.

Emplastrum plumbicum.

EMPLASTRO COMMUM. EMPLASTRO DIACHYLÃO MENOR. SABÃO DE CHUMBO.

Azeite	quinhentos grammas	500
Banha	quinhentos grammas	500
Oxydo de chumbo em pó	quinhentos grammas	500
Agua	quinhentos grammas	500

Misture, ferva em vaso de cobre, agitando constantemente com espatula de madeira, substituindo a agua que se evapora, até que a massa se tenha tornado de todo branca e adquirido a consistencia propria; deixe arrefecer, separe a agua, faça magdaliões.

EMPLASTRO DE CHUMBO, COMPOSTO.

Emplastrum plumbicum compositum.

EMPLASTRO ADHESIVO.

Emplastro de chumbo	oitocentos e cincoenta grammas	850
Pez louro	cem grammas	100
Terebinthina	cincoenta grammas	50

Funda a calor brando, agite até arrefecer, faça magdaliões.

Estenda em panno para formar o esparadrapo, vulgarmente ADHESIVO.

As proporções do pez e da terebinthina podem variar segundo os climas e estações em que o emplastro for preparado.

EMPLASTRO DE CICUTA.

Emplastrum Conii.

Extracto de cicuta, alcoolico	dez grammas	10
Emplastro de chumbo	noventa grammas	90

Funda o emplastro a banho de agua, ajunte o extracto; agite até arrefecer.

EMPLASTRO DE ESPERMACETE.

Emplastrum Spermaceti.

Cera branca	duzentos e cincoenta grammas	250
Espermacete	duzentos e cincoenta grammas	250
Oleo de amendoas	quinhentos grammas	500

Funda a banho de agua, côe, agite até engrossar; verta em moldes de papel em fórma de magdaliões.

EMPLASTRO GOMMO-RESINOSO.

Emplastrum Diachylon compositum.

EMPLASTRO DIACHYLÃO GOMMADO.

Emplastro de chumbo	setecentos e cincoenta grammas	750
Cera amarella	cento e vinte grammas	120
Galbano em pó	vinte grammas	20
Gomma-ammoniaca em pó	vinte grammas	20
Terebinthina	cincoenta grammas	50
Alcool a 65^{c}	quarenta grammas	40

Funda o emplastro e a cera, ajunte a terebinthina e depois o galbano e a gomma-ammoniaca, previamente amollecidos a fogo brando no alcool; agite até arrefecer, faça magdaliões.

EMPLASTRO DE MEIMENDRO.

Emplastrum Hyoscyami.

Extracto de meimendro, alcoolico	dez grammas	10
Emplastro de chumbo	noventa grammas	90

Funda o emplastro a banho de agua, ajunte o extracto; agite até arrefecer.

EMPLASTRO MERCURIAL.

Emplastrum hydrargyricum.

Mercurio	duzentos grammas	200
Terebinthina	cem grammas	100
Emplastro gommo-resinoso	seiscentos grammas	600
Cera amarella	cem grammas	100

Funda o emplastro e a cera a calor brando; ajunte o mercurio previamente extincto na terebinthina; agite até arrefecer, faça magdaliões.

Substitue o Emplastro de Vigo com mercurio.

EMPLASTRO DE OPIO.

Emplastrum Opii.

Extracto de opio	dez grammas	10
Emplastro de chumbo	noventa grammas	90

Funda o emplastro a banho de agua, ajunte o extracto; agite até arrefecer.

EMPLASTRO DE OXYDO FERRICO.

Emplastrum Oxydi ferrici.

Emplastro confortativo.

Emplastro de chumbo	seiscentos grammas	600
Emplastro gommo-resinoso	duzentos grammas	200
Cera amarella	cem grammas	100
Terebinthina	cincoenta grammas	50
Oxydo ferrico anhydro, em pó fino	cincoenta grammas	50

Funda os dois emplastros e a cera a calor brando, ajunte a terebinthina e depois o oxydo; agite até arrefecer, faça magdaliões.

EMPLASTRO DE PEZ DE BORGONHA.

Emplastrum Picis burgundicæ.

Pez de Borgonha.....	setecentos e cincoenta grammas	750
Cera amarella.....	duzentos e cincoenta grammas	250

Funda a calor brando, côe; agite até arrefecer, faça magdaliões.

EMPLASTRO DE PEZ DE BORGONHA COM EUPHORBIO.

Emplastrum Picis burgundicæ cum Euphorbio.

Emplastro de pez de Borgonha.....	novecentos e setenta grammas	970
Euphorbio em pó fino.....	trinta grammas	30

Funda o emplastro, ajunte o euphorbio; agite até arrefecer, faça magdaliões.

EMPLASTRO QUEIMADO.

Emplastrum fuscum.

Azeite.....	duzentos e setenta grammas	270
Banha.....	cento e quarenta grammas	140
Manteiga.....	cento e quarenta grammas	140
Sebo.....	cento e quarenta grammas	140
Oxydo de chumbo, em pó fino..	cento e quarenta grammas	140
Cera amarella.....	cento e quarenta grammas	140
Pez negro.....	trinta grammas	30

Funda as quatro primeiras substancias em vaso de cobre e aqueça-as até que comecem a desenvolver vapores; ajunte a pouco e pouco o oxydo, agitando sempre até a mistura ter adquirido côr escura carregada; ajunte a cera e o pez; deixe arrefecer, agitando; quando estiver na consistencia de linimento, verta em moldes de papel em fórma de magdaliões.

Equivale ao Unguento da madre Thecla.

EMPLASTRO DE SABÃO.

Emplastrum saponatum.

Emplastro de chumbo	novecentos grammas	900
Cera branca	vinte grammas	20
Sabão vegetal em pó	oitenta grammas	80

Funda a calor brando o emplastro com a cera, ajunte o sabão; deixe arrefecer, faça magdaliões.

EMPLASTRO DE TAPSIA.

Emplastrum Thapsiæ.

Cera amarella	trezentos e noventa grammas	390
Pez louro	cento e trinta e cinco grammas	135
Pez de Borgonha	cento e trinta e cinco grammas	135
Terebinthina cozida	cento e trinta e cinco grammas	135
Terebinthina de Veneza	quarenta e cinco grammas	45
Glycerina	quarenta e cinco grammas	45
Mel	quarenta e cinco grammas	45
Extracto de tapsia, alcoolico	setenta grammas	70

Funda as quatro primeiras substancias, ajunte logo a terebinthina de Veneza; côe; conserve a mistura em fusão a banho de agua; ajunte as restantes substancias; agite até que a massa esteja homogenea; faça magdaliões.

Estenda sobre panno, para formar o esparadrapo.

EMULSÃO COMMUM.

Emulsio Amygdalarum.

EMULSÃO DE AMENDOAS.

Amendoas doces	dez grammas	10
Assucar de fôrma, em pó	dez grammas	10
Agua	cem grammas	100

Contunda as amendoas e o assucar, em gral de pedra, até obter pasta homogenea; ajunte a pouco e pouco a agua; côe espremendo.

EMULSÃO CYANO-HYDRARGYRICA.

Emulsio cyano-hydrargyrica.

Amendoas amargas	vinte grammas	20
Chloreto mercurico	vinte centigrammas	0,20
Chloreto de ammonio	cincoenta centigrammas	0,50
Agua distillada	cem grammas	100

Contunda as amendoas, em gral de pedra, até obter pasta homogenea; addicione a pouco e pouco a agua, côe espremendo; ajunte os chloretos, previamente dissolvidos em parte da agua.

Substitue a Loção ou Licôr de Gowland.

EMULSÃO DE OLEO DE RICINO.

Emulsio olei Ricini.

Oleo de ricino	trinta grammas	30
Gema de ovo	dez grammas	10
Xarope de flores de laranjeira	dez grammas	10
Emulsão commum	cincoenta grammas	50

Misture em gral de pedra o oleo, a gema e o xarope; ajunte a pouco e pouco a emulsão.

EMULSÃO DE SEMENTES DE CUCURBITA.

Emulsio seminum Cucurbitæ flavæ.

Emulsão de pevides de abobora.

Sementes de cucurbita	cincoenta grammas	50
Assucar de fôrma, em pó	vinte grammas	20
Agua	oitenta grammas	80

Contunda as sementes com o assucar, em gral de pedra, até obter pasta homogenea; ajunte a pouco e pouco a agua; côe espremendo.

ENDRO.

Anethum.

Endrão.

Anethum graveolens Linn. (*Pastinaca Anethum* Spreng.), Umbellifera annual, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 464 — Fl. pharm. 145 — Fl. port. II. 425.)

Mericarpos ou **Akenios**, vulgarmente *Sementes* — *Fructus Anethi* — ellipticos, comprimidos, escuros, com 5 costellas, tendo as 2 lateraes a margem membranosa mais clara; cheiro aromatico, sabor estimulante, um tanto amargo.

Póde substituir-se-lhe o Endro menor — **Anethum segetum** Linn. — simples variedade do primeiro, igualmente indigena, de mericarpos ovaes, menos comprimidos, carecendo quasi de margens membranosas. (Fl. lusit. I. 465 — Fl. pharm. 146 — Fl. port. II. 426.)

ENÚLA CAMPANA.

Inula vel *Helenium.*

Inula Helenium Linn. (*Corvisartia Helenium* Mérat), Composta-asteroidea vivaz, da Europa septentrional.

Raiz — *Radix Inulæ* — em pedaços cylindricos ou irregulares, duros, pesados, quebradiços, mas tenazes quando humedecidos, por fóra cinzento-escuros e rugosos, por dentro carnosos, cinzento-amarellados e cheios de canaliculos oleiferos; cheiro aromatico privativo, sabor amargo, um tanto acre e persistente.

ENXOFRE.

Sulfur.

S —— S^2

Corpo simples obtido por distillação das terras sulfureas.

Solido, inodoro, insipido, combustivel, fusivel a 114°,5; ferve a 445°, insoluvel na agua, pouco soluvel no alcool e na glycerina, mais no ether, nos oleos e nas essencias, muito no sulfureto de carbonio.

α—**Enxofre em pedra.**—*Sulfur fusum.*—ENXOFRE MOLDADO.—É o enxofre fundido do commercio.

Fragmentos, massas ou cylindros amarellos, de textura crystallina, facilmente pulverisaveis.

β—**Enxofre sublimado.**—*Sulfur sublimatum.*—FLOR DE ENXOFRE.—Obtem-se fazendo ferver o enxofre e recebendo os vapores em camaras espaçosas.

Pó amarello citrino, que o microscopio mostra ser constituido por pequenas gottas solidificadas; menos denso que o enxofre pulverisado por meios mechanicos.

γ—**Enxofre lavado.**—*Sulfur lotum.*—FLOR DE ENXOFRE LAVADA.—É o enxofre sublimado, tratado repetidas vezes pela agua distillada fervente, até que não avermelhe o tornesol.

δ—**Enxofre precipitado.**—*Sulfur precipitatum.*—LEITE DE ENXOFRE.—Prepara-se fazendo reagir o acido chlorhydrico diluido sobre o soluto de cal sulfurada, lavando repetidas vezes o precipitado com agua distillada até o tornesol não mudar de côr.

Pó impalpavel, branco amarellado.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Enxofre lavado.**

ENXOFRE DOURADO DE ANTIMONIO.

Sulfuretum stibicum luteum.

SULFURETO ANTIMONICO SULFURADO.

Sulfureto de antimonio, em pó.....	sessenta grammas	60
Enxofre sublimado.....	duzentos e dez grammas	210
Carbonato de soda anhydro..	trezentos e sessenta grammas	360
Carvão vegetal em pó fino...	quarenta e cinco grammas	45
Acido sulfurico diluido.....		q. b.

Misture as quatro primeiras substancias, funda em cadinho de grés; deixe arrefecer, pulverise o producto e lixivie-o com a menor quantidade possivel de agua distillada; filtre, ajunte a gotta e gotta o acido até não produzir mais precipitado; deixe assentar, decante e lave o precipitado repetidas vezes com agua distillada; seque na estufa a calor brando.

ENXOFRE IODADO.

Sulfur iodatum.

IODURETO DE ENXOFRE. SULFURETO DE IODO.

Producto obtido pela fusão do iodo com o enxofre.

Massas informes; cinzento-escuro com apparencia metallica e crystallina, cheiro e sabor do iodo; alteravel, volatilisando-se o iodo; insoluvel na agua, levemente soluvel no soluto concentrado de iodeto de potassio.

ERGOTINO.

Ergotinum vel *Extractum Ergotæ.*

ERGOTINA. EXTRACTO DE CRAVAGEM DE CENTEIO.
EXTRACTO DE CRAVAGEM, PELO ALCOOL.

Cravagem de centeio, em pó grosso....	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000
Alcool a 90°.....	trezentos grammas	300

Macere por 24 horas a cravagem em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de mel. Trate o producto pelo alcool, deixe depositar, filtre e evapore a banho d'agua até a consistencia de extracto molle.

Guarde em frascos opacos, bem rolhados.

Equivale á ERGOTINA DE BONJEAN.

Não confunda com a ERGOTINA DE WIGGERS, que se obtem separando pelo ether a parte oleosa da cravagem, lixiviando o residuo pelo alcool fervente, concentrando o soluto e precipitando d'elle, pela agua, um pó vermelho escuro, de sabor acre e amargo, insoluvel na agua e no ether, soluvel no alcool e no soluto de hydrato de potassa.

ERYSIMO.

Erysimum.

RINCHÃO.

Erysimum officinale Linn. (*Sisymbrium officinale* Scop.), Crucifera annual, indigena do continente, da Madeira e dos Açores.

(Fl. lusit. I. 575 — Fl. pharm. 366 — Fl. Mad. I. 25 — Fl. azor. *sp.* 320*)

Folhas — *Folia Erysimi* — pecioladas, pinnatifidas, de lacinias oblongas e serreado-denteadas, um tanto empubescidas nas duas faces, principalmente ao longo das nervuras; cheiro fraco, sabor um pouco acre e adstringente.

ESCABIOSA.

Scabiosa.

Scabiosa Succisa Linn. (*Asterocephalus Succisa* Wallroth), Dipsacea vivaz, indigena do continente e da Madeira. Floresce no verão.

(Fl. lusit. I. 145 — Fl. pharm. 26 — Fl. port. II. 85 — Fl. Mad. I. 410.)

Planta florida — *Herba Scabiosæ florens* — de caule um tanto anguloso, erecto, folhas oppostas, as radicaes pecioladas, as superiores sesseis, oblongo-lanceoladas, inteiras ou irregularmente serreadas, hirsutas ou glabras, inflorescencia em capitulos pedunculados, de flores azues ou purpurinas; inodora, sabor adstringente e amargo.

Póde substituir-se-lhe a Escabiosa dos campos — **Scabiosa arvensis** Linn. (*Knautia arvensis* Coulter) — igualmente vivaz e indigena do continente, que floresce de maio a julho. (Fl. lusit. I. 144 — Fl. pharm. 27 — Fl. port. II. 83.)

ESCAMONÉA.

Scammonium.

Escamonéa de Alepo.

Resina-gomma obtida, por incisões, da raiz do **Convolvulus Scammonea** Linn., Convolvulacea vivaz, da Asia menor.

Massas escuro-esverdeadas, leves, porosas, friaveis, de fractura brilhante, inflammando-se facilmente com chamma amarellada e deixando, após a combustão, 7 a 8 por cento de residuo; cheiro caseoso particular, sabor nauseoso, por fim acre. Emulsionada em pequena quantidade de agua dá um liquido leitoso tirante a verdoengo. Cede ao ether não menos de 75 por cento de resina.

Um papel embebido na tinctura alcoolica ou etherea, não muda de côr em presença dos vapores do acido hypo-azotico. O residuo da evaporação da tinctura etherea, dissolvido no soluto quente de hydrato de potassa, não deve precipitar pelo acido sulfurico diluido.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, a Escamonéa franceza ou de Montpellier, na composição da qual entra o succo inspissado da raiz do Cynancho agudo — **Cynanchum acutum** Linn. var. **Monspeliaca** De Cand. (*Cynanchum Monspeliacum* Brot. non Linn.) — Asclepiadea vivaz, indigena do continente. (Fl. lusit. I. 411 — Fl. pharm. 100 — Fl. port. I. 379.)

ESPARADRAPO DE GELATINA.

Sparadrapum Collæ piscium.

TAFETÁ INGLEZ.

Gelatina de peixe, cortada.....	seis grammas	6
Agua distillada.....	quarenta e sete grammas	47
Alcool a 65°.....	quarenta e sete grammas	47

Macere por 24 horas a gelatina na agua, ajunte o alcool; aqueça a banho d'agua em vaso tapado até a dissolução, côe; emquanto quente, estenda com pincel, em successivas camadas, sobre tafetá, que deve estar tenso em caixilho de madeira.

ESPARADRAPOS.

Sparadrapa.

Serão estendidos em pellica, quando expressamente se não indique o tecido.

A folha de papel, que serve para unidade de superficie dos esparadrapos, terá 60 × 40 centimetros.

Nas dimensões indicadas para o esparadrapo, não se incluem as margens.

Só por indicação especial deverão as margens ser adhesivadas.

ESPARGO.

Asparagus.

Asparagus officinalis Linn. (*Asparagus sativus* Bauh.), Asparaginea vivaz, quasi espontanea no continente e ahi muito cultivada.

(Fl. lusit. I. 522 — Fl. pharm. 179.)

Raiz — *Radix Asparagi* — comprida, da grossura de uma penna, carnosa, acinzentada, branca e glutinosa por dentro; inodora, sabor mucilaginoso e amargo.

Prive do rhizoma que lhe possa vir adherente.

Turiões recentes, vulgarmente *Pontas de espargo* — *Turiones Asparagi* — alongados, cylindricos, ponteagudos, com escamas ovaes-lanceoladas e entelhadas, esbranquiçados ou de todo brancos inferiormente, esverdeados e violaceos na parte superior, carnosos, molles; inodoros, sabor herbaceo.

ESPECIES AROMATICAS.

Species aromaticæ.

Alecrim	duzentos grammas	200
Alfazema	duzentos grammas	200
Hyssopo	duzentos grammas	200
Losna	duzentos grammas	200
Salva	duzentos grammas	200

Corte miudamente; misture.

ESPECIES DAS FLORES.

Species florum.

FLORES PEITORAES.

Malvas, flores	duzentos grammas	200
Borragem, flores	duzentos grammas	200
Tossilagem, capitulos	duzentos grammas	200
Violetas, petalas	duzentos grammas	200
Papoilas	duzentos grammas	200

Misture.

ESPECIES DOS MERICARPOS.

Species fructuum.

ESPECIES DAS SEMENTES. ESPECIES CARMINATIVAS.

Aniz	quarenta grammas	40
Coentro	trinta grammas	30
Funcho, mericarpos	trinta grammas	30

Misture, contunda.

Prepare na occasião do emprego.

ESPECIES DAS RAIZES.

Species radicum.

ESPECIES DAS CINCO RAIZES. ESPECIES APERIENTES.

Aipo	duzentos grammas	200
Espargo, raiz	duzentos grammas	200
Funcho, raiz	duzentos grammas	200
Gilbarbeira	duzentos grammas	200
Salsa, raiz	duzentos grammas	200

Corte miudamente; misture.

ESPERMACETE.

Spermaceti vel *Cetina.*

Parte solidificavel do oleo contido nas cavidades cartilaginosas do craneo do **Physeter macrocephalus** Linn. e de outras especies de CACHALOTES, Cetaceos dos Oceanos.

Corpo gordo, difficilmente saponificavel, em massas muito alvas, brilhantes, translucidas, macias ao tacto, de fractura crystallina e laminar; fusivel a 50°; densidade 0,94; inodoro, insipido. A frio não põe nodoa no papel ou nos tecidos. Triturado com algumas gottas de alcool rectificado, reduz-se facilmente a pó. Dissolvido no alcool não dá reacção acida.

ESPIGELIA.

Spigelia.

CRAVO DA CAROLINA.

Spigelia marilandica Linn., Loganiacea-spigeliacea vivaz, da America do norte.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz* — *Radix Spigeliæ* — curto, nodoso, espesso e escuro, com raizes numerosas, tenues e tortuosas; cheiro enjoativo, sabor acre e amargo.

Não confunda com a Spigelia glabrata Mart., que na linguagem vulgar corre tambem com o nome de *Espigelia.* (Mat. med. bras. 70.)

ESPINHEIRO CERVAL.

Spina cervina.

ESCAMBROEIRO.

Rhamnus cathartica Linn., Rhamnea arbustiva, de toda a Europa.

Drupas, vulgarmente *Bagas* — *Fructus Spinæ cervinæ* — como ervilhas, lusidias, negras, tendo 4 loculos monospermicos, parenchyma verdoengo com succo vermelho-escuro, que os acidos avivam e os alcalis mudam para verde; cheiro nauseoso, sabor acre e amargo.

ESPIRITO DE ALECRIM.

Spiritus Rosmarini.

ALCOOLATO DE ALECRIM.

Alecrim recente, contuso	quinhentos grammas	500
Agua	duzentos grammas	200
Alcool a 85°	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias; distille a banho d'agua até obter mil grammas.

ESPIRITO DE ALFAZEMA.

Spiritus Lavandulæ.

ALCOOLATO DE ALFAZEMA.

Alfazema recente	quinhentos grammas	500
Agua	duzentos grammas	200
Alcool a 85ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias; distille a banho d'agua até obter mil grammas.

ESPIRITO AMMONIACAL AROMATICO.

Spiritus Ammoniæ aromaticus.

ALCOOLATO AMMONIACAL AROMATICO.

Carbonato de ammonia	sessenta grammas	60
Ammonia liquida	trinta grammas	30
Canella em pó grosso	quinze grammas	15
Noz moschada em pó grosso	vinte grammas	20
Epicarpo de limão	cincoenta grammas	50
Agua	quinhentos grammas	500
Alcool a 85ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 2 dias; distille em retorta de vidro até obter mil grammas.

ESPIRITO AROMATICO.

Spiritus fragrans.

ALCOOLATO AROMATICO. AGUA DE COLONIA.

Essencia de canella	dois grammas	2
Essencia de flores de laranjeira	seis grammas	6
Essencia de alecrim	seis grammas	6
Essencia de alfazema	seis grammas	6
Essencia de bergamotta	dez grammas	10
Essencia de limão	dez grammas	10
Alcool a 90ᶜ	mil grammas	1:000

Misture; no fim de 5 dias distille a banho d'agua até obter mil grammas.

ESPIRITO DE CANELLA.

Spiritus corticis Cinnamomi.

ALCOOLATO DE CANELLA.

Canella em pó grosso	cem grammas	100
Agua	duzentos grammas	200
Alcool a 85ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias; distille a banho d'agua até obter mil grammas.

ESPIRITO DE COCHLEARIA.

Spiritus Cochleariæ.

ALCOOLATO DE COCHLEARIA.

Cochlearia recente, contusa	mil grammas	1:000
Alcool a 85ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias; distille a banho d'agua até obter mil grammas.

ESPIRITO DE COCHLEARIA COMPOSTO.

Spiritus Cochleariæ compositus.

ALCOOLATO POLYAMICO DE COCHLEARIA.
ALCOOLATO DE COCHLEARIA COMPOSTO.

Cochlearia recente, contusa	oitocentos grammas	800
Rabão rustico recente, contuso	duzentos grammas	200
Alcool a 85ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias; distille a banho d'agua até obter mil grammas.

ESPIRITO DE MELISSA COMPOSTO.

Spiritus Apiastri compositus.

ALCOOLATO POLYAMICO DE MELISSA.
ALCOOLATO DE MELISSA COMPOSTO.

Melissa recente, contusa	duzentos grammas	200
Epicarpo de limão	cincoenta grammas	50
Canella em pó grosso	vinte grammas	20
Coentro em pó grosso	vinte grammas	20
Cravinho em pó grosso	vinte grammas	20
Angelica cortada	dez grammas	10
Noz moschada em pó grosso	vinte grammas	20
Agua	duzentos grammas	200
Alcool a 85°	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias; distille a banho de agua até obter mil grammas.

Equivale á AGUA DE MELISSA DOS CARMELITAS.

ESPIRITO DE TEREBINTHINA COMPOSTO.

Spiritus Terebinthinæ compositus.

ALCOOLATO POLYAMICO DE TEREBINTHINA.
ALCOOLATO DE TEREBINTHINA COMPOSTO.

Terebinthina	duzentos grammas	200
Elemi	oitenta grammas	80
Canella em pó grosso	vinte grammas	20
Cravinho em pó grosso	vinte grammas	20
Ambar em pó grosso	vinte grammas	20
Estoraque liquido	vinte grammas	20
Noz moschada, contusa	vinte grammas	20
Gengibre em pó grosso	vinte grammas	20
Alcool a 85°	mil e quinhentos grammas	1:500

Macere por 5 dias; distille a banho de agua até obter mil grammas.

Substitue o BALSAMO DE FIORAVANTI.

ESPIRITO DE ZIMBRO, COMPOSTO.

Spiritus Juniperi compositus.

ALCOOLATO DE JUNIPERO, AROMATICO. GENEBRA.

Zimbro contuso	cem grammas	100
Alcaravia contusa	quarenta grammas	40
Funcho, mericarpos contusos	quarenta grammas	40
Alcool a 90°	quinhentos grammas	500
Agua	mil grammas	1:000

Macere por 24 horas as tres primeiras substancias no alcool; ajunte a agua; distille até obter mil grammas.

Póde substituir-se-lhe o producto commercial conhecido com o nome de GENEBRA DE HOLLANDA.

ESPONJA.

Spongia.

ESPONJA FINA.

Esqueleto secco da **Spongia officinalis** Linn. (*Spongia usitatissima* Lamk.), Espongiario do Mediterraneo.

Amarello-clara, muito leve, com orificios meudos; macia ao tacto, quasi inodora.

Expurgue completamente da arêa e de outras materias estranhas.

ESPONJA ALBUMINADA.

Spongia albuminata.

Esponja	cem grammas	100
Albumina de ovo		q. b.

Lave a esponja, corte-a em cones de 3 a 8 centimetros de altura e de 2 a 5 centimetros de diametro na base, faça-os seccar, impregne-os da albumina, atravesse-os no sentido do eixo por estylete metallico; comprima-os fortemente por meio de um barbante que, partindo do vertice, os vá contornando em espiral até os involver totalmente; retire o estylete, seque na estufa a 30°, tire o barbante; regularise a superficie, limando-a.

Conserve em vaso bem rolhado.

ESPONJA ENCERADA.

Spongia cerata.

Esponja.....	cem grammas	100
Cera amarella.....		q. b.

Lave a esponja, corte-a em pedaços laminares, faça-os seccar, mergulhe-os na cera fundida, comprima-os fortemente entre duas laminas de ferro aquecidas; tire a cera excedente.

ESSENCIA DE ALCARAVIA.

Oleum Carvi æthereum.

MYROLEO DE ALCARAVIA. ELEOLATO DE CHIRIVIA.

Mistura da **Carvena** $C^{10}H^{16}$ e do **Carvol** $C^{10}H^{14}O$, obtida pela distillação aquosa da alcaravia.

Liquido muito fluido, incolor, que o tempo amarellece e escurece; densidade 0,883 a 0,938; ferve entre 190° e 245°; dextrogyra; cheiro e sabor da origem.

ESSENCIA DE ALECRIM.

Oleum Rosmarini æthereum.

MYROLEO DE ALECRIM. ELEOLATO DE ALECRIM.

Mistura de uma **Camphora** $C^{10}H^{16}O$ e do **Carboneto de hydrogenio** $C^{10}H^{16}$, obtida pela distillação aquosa do alecrim.

Liquido muito fluido, limpido, incolor ou amarellado; densidade 0,885 a 0,911; ferve entre 166° e 168°; fortemente dextrogyra; cheiro da origem, sabor camphoraceo.

ESSENCIA DE ALFAZEMA.

Oleum Lavandulæ æthereum.

MYROLEO DE ALFAZEMA. ELEOLATO DE ALFAZEMA.

Producto complexo da distillação aquosa da alfazema.

Liquido incolor ou ligeiramente amarellado; densidade 0,875 a 0,94; ferve entre 186° e 210°; levogyra; cheiro da origem, sabor quente e amargo; soluvel no acido acetico concentrado.

ESSENCIA DE AMENDOAS AMARGAS.

Oleum Amygdalarum æthereum.

MYROLEO DE AMENDOA. ELEOLATO DE AMENDOAS AMARGAS.

Mistura do **Hydrogeneto de benzoila** C^7H^5O,H *(Aldehyde benzoico* $\mathbf{C^{14}H^6O^2}$) e do **Acido cyanhydrico** CyH, obtida pela distillação aquosa das amendoas amargas.

Liquido incolor ou alambreado, muito refrangente; densidade 1,043 a 1,059; ferve a 180°; cheiro que lembra o do acido cyanhydrico, sabor amargo e muito acre. Exposto ao ar transforma-se, pela maior parte, em acido benzoico.

Agitando fortemente 5 centimetros cubicos da essencia com 40 centimetros cubicos de um soluto de sulfito acido de sodio *(bi-sulfito de soda)* a 28° B., e ajuntando depois 5 centimetros cubicos de benzina, não deve a mistura dar, pelo repouso, camada oleosa.

Esta mesma essencia póde ser obtida pela distillação aquosa do loureiro-cerejeira, competindo-lhe então mais particularmente os nomes de—**Essencia de Loureiro-cerejeira.**—*Oleum Lauro-cerasi æthereum.*—MYROLEO DE LOUREIRO-CEREJEIRA. ELEOLATO DE LOURO-CEREJO.

ESSENCIA DE ANIZ.

Oleum Anisi æthereum.

MYROLEO DE ANIZ. ELEOLATO DE ANIZ.

Mistura da **Camphora do aniz** $C^{10}H^{12}O$ e do **Carboneto de hydrogenio** $C^{10}H^{16}$, obtida pela distillação aquosa do aniz verde ou do aniz estrellado.

Liquido incolor ou côr de palha; densidade 0,977 a 0,983; solidifica-se a 10° em massa crystallina, que só é fusivel a 17°; um pouco levogyra; cheiro da origem, sabor quente e adocicado.

ESSENCIA DE ANIZ, SULFURADA.

Oleum Anisi æthereum, sulfuratum.

MYROLITO SULFUREO DE ANIZ. BALSAMO DE ENXOFRE, ANIZADO.

Essencia de aniz	oitenta grammas	80
Enxofre sublimado	vinte grammas	20

Funda o enxofre n'um matraz em temperatura de 200° até que, liquefeito, se solidifique novamente; mergulhe então o matraz em agua fria, ajunte a essencia e conserve-o durante meia hora em banho de agua; deixe repousar por 24 horas; decante.

Guarde em vaso opaco, bem rolhado.

ESSENCIA DE ARRUDA.

Oleum Rutæ æthereum.

MYROLEO DE ARRUDA. ELEOLATO DE ARRUDA.

Producto complexo em que predomina o composto $C^{11}H^{22}O$, e é obtido pela distillação aquosa da arruda ou do arrudão.

Liquido amarello-esverdeado, que o tempo escurece; densidade 0,958; ferve a 228°; cheiro penetrante, sabor acre e amargo; bastante soluvel na agua. Dissolve o iodo, tornando-se viscosa.

ESSENCIA DE BERGAMOTTA.

Oleum Bergamottæ æthereum.

MYROLEO DE BERGAMOTTA. ELEOLATO DE BERGAMOTTA.

Mistura de uma essencia oxygenada não definida e do **Carboneto de hydrogenio** $C^{10}H^{16}$, obtida por espressão do epicarpo do **Citrus Bergamia** var. **vulgaris** Risso, Auranciacea arbustiva, da Asia, cultivada na Europa meridional.

(Hist. nat. des Orang. 111. Tab. 53.)

Liquido amarello, que o tempo esverdêa; densidade 0,869 a 0,885; solidifica-se a alguns graus abaixo de 0°; ferve entre 183° e 195°; dextrogyra; cheiro da origem, sabor quente.

ESSENCIA DE CAJEPUTE.

Oleum Cajuputi æthereum.

MYROLEO DE CAJUPUTI. ELEOLATO DE CAJEPUT.

Producto constituido na maxima parte pelo **Monohydrato de cajuputena** $C^{10}H^{16}$, H^2O, e obtido pela distillação aquosa da casca e folhas do **Melaleuca Cajuputi** Roxb. *(Melaleuca minor* Smith), Myrtacea arbustiva, das ilhas Moluccas.

Liquido muito fluido, limpido, levemente esverdeado; densidade 0,926; começa a ferver a 175°, e em perdendo dois terços vae a temperatura subindo até 250°; levogyra; cheiro e sabor um tanto camphoraceos.

Rejeite a que aquecida sobre lamina de platina deixar residuo.

ESSENCIA DE CANELLA.

Oleum Cinnamomi æthereum.

MYROLEO DE CANELLA. ELEOLATO DE CANELLA.

Mistura do **Hydrogeneto de cinnamyla** *(Aldehyde cinnamico)* C^9H^8O, de um **Carboneto de hydrogenio,** indeterminado, e do **Acido cinnamico** $C^9H^8O^2$, obtida pela distillação aquosa da canella de Ceylão ou da canella da China.

Liquido amarello-dourado, que o tempo avermelha; densidade 1,025 a 1,050; solidifica-se a 0°, mas funde-se a 5°; ferve entre 220° e 225°; fracamente levogyra; cheiro e sabor da origem.

ESSENCIA DE CASCA DE LARANJA.

Oleum corticis Aurantii æthereum.

MYROLEO DE EPICARPO DE LARANJA. ESSENCIA DE PORTUGAL. ELEOLATO DE CASCA DE LARANJA.

Carboneto de hydrogenio $C^{10}H^{16}$, obtido por espressão ou pela distillação aquosa do epicarpo da laranja azeda.

Liquido incolor ou amarellado; densidade 0,835 a 0,850; ferve entre 174° e 180°; fortemente dextrogyra; cheiro da origem, sabor um tanto amargo.

ESSENCIA DE COPAHIBA.

Oleum Copaivæ æthereum.

MYROLEO DE TEREBINTHINA COPAHIBA. ELEOLATO DE COPAHIBA.

Carboneto de hydrogenio $C^{10}H^{16}$, obtido pela distillação aquosa da terebinthina copahiba.

Liquido limpido, incolor; densidade 0,878 a 0,91; ferve entre 245° e 260°; levogyra ou dextrogyra, conforme a proveniencia; cheiro fraco, sabor acre.

ESSENCIA DE CRAVINHO.

Oleum Caryophylli æthereum.

MYROLEO DE CRAVO DA INDIA. ELEOLATO DE CRAVO DA INDIA.

Mistura do **Eugenol** *(Acido eugenico)* $C^{10}H^{12}O^2$ e do **Carboneto de hydrogenio** $C^{10}H^{16}$, obtida pela distillação aquosa do cravinho.

Liquido incolor, que o tempo torna amarello e por fim escuro-avermelhado; densidade 1,047 a 1,061; muito difficil de congelar, pouco volatil, fracamente levogyra; cheiro da origem, sabor acre.

ESSENCIA DE CUBEBAS.

Oleum Cubebæ æthereum.

MYROLEO DE CUBEBAS. ELEOLATO DE CUBEBAS.

Mistura da **Camphora de cubebas** *(Hydrato de cubebena)* $C^{15}H^{24}$, H^2O, e da **Cubebena** $C^{15}H^{24}$, obtida pela distillação aquosa das cubebas.

Liquido viscoso, incolor ou amarellado; densidade 0,929; ferve entre 220° e 250°; fortemente levogyra; cheiro e sabor camphoraceos. Exposta ao ar resinifica-se.

ESSENCIA DE FLORES DE LARANJEIRA.

Oleum florum Aurantii æthereum.

MYROLEO DE FLORES DE LARANJEIRA. ELEOLATO DE FLORES DE LARANJEIRA. NEROLI.

Mistura de uma essencia oxygenada não definida e de um **Carboneto de hydrogenio,** indeterminado, obtida pela distillação aquosa das flores de laranjeira azeda ou doce.

Liquido avermelhado; densidade 0,874 a 0,878; ferve a 173°; fracamente dextrogyra; cheiro agradavel, um pouco differente do das flores, sabor quente. Sobreposta de uma tenue camada de alcool desenvolve, quando se imprime ao liquido leve ondulação, fluorescencia violete.

ESSENCIA DE FUNCHO.

Oleum Fœniculi æthereum.

MYROLEO DE FUNCHO. ELEOLATO DE FUNCHO.

Mistura do **Anethol** $C^{10}H^{12}O$ e do **Carboneto de hydrogenio** $C^{10}H^{16}$, obtida pela distillação aquosa do funcho.

Liquido incolor ou amarello-pallido; densidade 0,997; congela a 10°; dextrogyra; cheiro e sabor da origem.

ESSENCIA DE HORTELÃ.

Oleum Menthæ hortensis æthereum.

MYROLEO DE HORTELÃ VULGAR. ELEOLATO DE ORTELÃ VULGAR.

Mistura de uma essencia oxygenada $C^{10}H^{14}O$ e de um **Carboneto de hydrogenio**, indeterminado, obtida pela distillação aquosa da hortelã.

Liquido incolor ou amarello-desmaiado, que o tempo avermelha; densidade 0,914 a 0,934; ferve a 160°; fortemente levogyra; cheiro e sabor da origem.

ESSENCIA DE HORTELÃ PIMENTA.

Oleum Menthæ piperitæ æthereum.

MYROLEO DE HORTELÃ PIMENTA. ELEOLATO DE HORTELÃ PIMENTA.

Mistura de dois corpos isomericos $C^{10}H^{18}$, H^2O, um liquido e outro solido, que é o **Menthol** *(Alcool isomenthylico* ou *Camphora de hortelã),* obtida pela distillação aquosa da hortelã pimenta.

Liquido incolor, ás vezes amarellado ou esverdeado; densidade 0,902 a 0,92; levogyra; cheiro da origem, sabor quente seguido de impressão de frio; pelo abaixamento de temperatura a —4° deposita o *menthol* crystallisado em prismas hexagonaes incolores. Tratada pelo chromato de potassa torna-se espessa.

ESSENCIA DE LIMÃO.

Oleum Citrii æthereum.

MYROLEO DE EPICARPO DE LIMÃO. ELEOLATO DE CASCA DE LIMÃO.

Carboneto de hydrogenio $C^{10}H^{16}$, obtido por espressão ou pela distillação aquosa do epicarpo do limão.

Liquido muito fluido, incolor ou amarellado; densidade 0,846 a 0,856; ferve entre 165° e 173°; dextrogyra; cheiro fragrante privativo, sabor um pouco acre.

ESSENCIA DE MOSTARDA.

Oleum Sinapis æthereum.

MYROLEO DE MOSTARDA. ELEOLATO DE MOSTARDA.

Sulfo-cyaneto de allyla C^3H^5, CSAz *(Ether allylsulfocyanhydrico* $\mathbf{C^8H^5AzS^2}$), obtido pela distillação aquosa da mostarda.

Liquido incolor ou citrino; densidade 1,009 a 1,017; ferve a 143°; carece de poder rotatorio; cheiro e sabor irritantes em alto grau.

ESSENCIA DE NOZ MOSCHADA.

Oleum Nucis myristicæ æthereum.

MYROLEO DE NOZ MOSCHADA. ELEOLATO DE NOZ MOSCHADA.

Mistura de uma essencia oxygenada não definida e da **Myristicena** $C^{10}H^{16}$, obtida pela distillação aquosa da noz moschada.

Liquido viscoso, incolor ou amarello-palha; densidade 0,851 a 0,948; ferve entre 160° e 224°; dextrogyra; cheiro e sabor da origem. A agua desdobra-a em duas essencias, das quaes uma é mais densa do que ella. Com o tempo deixa depositar uma substancia solida, fusivel a 100° e soluvel na agua quente, d'onde se deposita pelo resfriamento.

ESSENCIA DE ROSAS.

Oleum Rosarum æthereum.

MYROLEO DE ROSAS. ELEOLATO DE ROSAS.

Mistura de uma essencia oxygenada liquida, não definida, e de um **Carboneto de hydrogenio** $(C\,H^2)^n$, solido, obtida no Levante pela distillação e cohobação das rosas mais odoriferas.

Liquido incolor ou amarello levemente esverdeado; densidade 0,87 a 0,89; torna-se butyracea e crystallina nas temperaturas de 11° a 16°; levogyra ou dextrogyra, conforme a proveniencia; cheiro suave e caracteristico, tanto mais agradavel quanto mais diluido, sabor quente.

Rejeite a que, pela addição do acido sulfurico concentrado ou dos vapores de iodo, mudar de aroma ou de côr.

ESSENCIA DE SABINA.

Oleum Sabinæ æthereum.

MYROLEO DE SABINA. ELEOLATO DE SABINA.

Carboneto de hydrogenio $C^{10}H^{16}$, obtido pela distillação aquosa da sabina.

Liquido muito fluido e incolor, que o tempo torna espesso e amarellado; densidade 0,915; ferve a 156°; dextrogyra; cheiro da origem, sabor resinoso e acre.

ESSENCIA DE SASSAFRAZ.

Oleum Sassafras æthereum.

MYROLEO DE SASSAFRAZ. ELEOLATO DE SASSAFRAZ.

Mistura da **Safrena** $\mathbf{C^{10}H^{16}}$ e do **Safrol** $C^{10}H^{10}O^2$, obtida pela distillação aquosa do sassafraz.

Liquido incolor, que o tempo torna amarello ou avermelhado; densidade 1,09; distilla completamente a 228°; levemente dextrogyra; cheiro da origem, sabor um tanto acre. Nas temperaturas muito baixas, separa-se o *Safrol* em crystaes volumosos.

ESSENCIA DE TEREBINTHINA.

Oleum Terebinthinæ æthereum.

ESSENCIA DE TEREBINTHINA, RECTIFICADA.
MYROLEO DE TEREBINTHINA. ELEOLATO DE TEREBINTHINA.

Agua raz	mil e quinhentos grammas	1:500
Agua	nove mil grammas	9:000

Distille até obter mil grammas de essencia.

ESSENCIA DE VALERIANA.

Oleum Valerianæ æthereum.

MYROLEO DE VALERIANA. ELEOLATO DE VALERIANA.

Mistura da **Valerena** $C^{10}H^{16}$, do **Valerol** $C^{6}H^{10}O$ e do **Acido valerico** $C^{5}H^{10}O^{2}$, obtida pela distillação aquosa da valeriana.

Liquido limpido, amarello escurecido ou esverdeado; reacção neutra; densidade 0,874 a 0,969; cheiro peculiar, que o tempo torna desagradavel e caracteristico; sabor quente.

ESSENCIA DE ZIMBRO.

Oleum Juniperi æthereum.

MYROLEO DE ZIMBRO. ELEOLATO DE BAGAS DE ZIMBRO.

Mistura de **Carbonetos de hydrogenio** isomeros $C^{10}H^{16}$, obtida pela distillação aquosa do zimbro.

Liquido incolor ou amarellado, que o tempo torna espesso e escuro; densidade 0,855 a 0,879; ferve entre 155° e 205°; levogyra; cheiro da origem, sabor quente.

ESTIBINA.

Sulfuretum stibiosum venale.

SULFURETO DE ANTIMONIO, IMPURO. ANTIMONIO CRU.

Corpo que se encontra no estado nativo.

Massas laminares, cinzento-azuladas com brilho metallico; sabor desagradavel, inodoro, inalteravel ao ar, insoluvel na agua e no alcool.

ESTORAQUE.

Styrax calamita.

ESTORAQUE SOLIDO.

Balsamo obtido, por incisões, do tronco do **Styrax officinalis** Linn., Estyracacea arborea, do Oriente, cultivada na Europa meridional.

Massas pardo-avermelhadas, granulosas, com pintas brilhantes e numerosas na fractura, que exposta ao ar se cobre de efflorescencias esbranquiçadas; amollecem facilmente pelo calor dos dedos; cheiro fragrante, sabor aromatico e resinoso.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, o ESTORAQUE DO BRAZIL, fornecido por outras especies de **Styrax** e ainda pela **Pamphilia aurea** Mart., Estyracacea arborea, do Brazil. (Mat med. bras. 113.)

ESTORAQUE LIQUIDO.

Styrax liquidus vel *Stacta.*

Balsamo obtido, pela decocção na agua salgada, do entrecasco do **Liquidambar orientalis** Mill. *(Platanus orientalis* Pococke), Platanacea arborea, da Asia menor.

Liquido muito consistente, viscoso, opaco, acinzentado; cheiro agradavel, privativo, sabor aromatico sem acrimonia; incompletamente soluvel no alcoòl. Aquecido com o acido azotico ou outro oxydante, desenvolve o cheiro de amendoas amargas.

ESTRAMONIO.

Stramonium.

FIGUEIRA DO INFERNO.

Datura Stramonium Linn. (*Stramonium spinosum* Lamk.), Solanacea annual, indigena do continente, dos Açores e de Cabo Verde, acclimada na Madeira. Floresce no verão.

(Fl. lusit. I. 269 — Fl. pharm. 62 — Fl. azor. *sp.* 265 — Fl. Cap Verd. 235 — Fl. Mad. II. 107.)

Planta — *Herba Stramonii* — de caule erecto, cylindrico, pubescente, folhas pecioladas, largas, ovadas, agudas, desigual e profundamente sinuosas com dentes agudos nas margens, glabras, lustrosas, verde-escuras na pagina superior, mais pallidas na inferior, com fortes nervuras; cheiro viroso, mais pronunciado durante a exsiccação, sabor enjoativo, levemente amargo.

Colha durante a floração. Renove annualmente.

Sementes — *Semina Stramonii* — reniformes, asperas, negras por fóra, brancas por dentro; inodoras, mas quando contusas exhalam cheiro fetido, sabor levemente amargo.

Póde substituir-se-lhe a sua variedade **Tatula** De Cand. ou **Purpurascens** Hoffmseg. et Link, correspondente á **Datura Tatula** Linn., tambem indigena do continente e acclimada na Madeira. (Fl. port. I. 208 — Fl. lusit. I. 269 — Fl. Mad. *id. ibid.*)

ESTRELLAMIM.

Aristolochia.

HERVA BICHA.

Aristolochia longa Linn., Aristolochiacea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 593 — Fl. pharm. 494.)

Raiz — *Radix Aristolochiæ* — tuberosa, comprida, acylindrada ou fusiforme, dura, um tanto fragil, enrugada longitudinalmente, parda por fóra, amarellada por dentro; cheiro fraco enjoativo, que a contusão augmenta, sabor acre e amargo.

Póde substituir-se-lhe:

1.º A ARISTOLOCHIA REDONDA — **Aristolochia rotunda** Linn. — que é exotica;

2.º A ARISTOLOCHIA MENOR ou PISTOLOCHIA — **Aristolochia Pistolochia** Linn. — indigena do continente. (Fl. lusit. *id. ibid.* — Fl. pharm. 493.)

ESTRYCHNINA.

Strychninum.

$C^{42}H^{22}Az^2O^4$ —— $C^{21}H^{22}Az^2O^2$

Alcaloide obtido por decocção da noz vomica rasurada, na agua acidulada pelo acido sulfurico, subsequentes tratamentos pela cal, pelo alcool, pelo acido azotico diluido, pela ammonia, e successivas crystallisações no alcool.

Crystaes prismaticos ou octaedricos; incolor, sabor excessivamente amargo e persistente, inodora, inalteravel ao ar, soluvel em 7:000 partes de agua fria, em 2:500 de agua fervente, em 24 de alcool a 90°, no alcool amylico, na benzina e nos oleos, insoluvel no alcool absoluto; infusivel, volatil quando aquecida; levogyra no soluto alcoolico.

Deve ser completamente soluvel na agua acidulada pelo acido sulfurico. Não córa de vermelho pela addição do acido azotico. Triturada com pequena quantidade de bi-chromato de potassa e ajuntando-lhe acido sulfurico concentrado, adquire côr azul, que depois passa a violete.

ETHER.

Æther.

Oxydo de ethyla. Ether hydrico. Ether vinico. Ether sulfurico.

C^4H^5O —— $(C^2H^5)^2O$

Composto obtido pela acção do acido sulfurico sobre o alcool em temperatura proxima de 140°, e subsequentes rectificações.

Liquido limpido, incolor, muito movel; sabor acre e urente, cheiro privativo; promptamente volatil, produzindo consideravel resfriamento; miscivel em todas as proporções com o alcool, soluvel em 9 partes de agua; uma parte de agua dissolve-se em 36 de ether; muito inflammavel; densidade 0,728; ferve a 35°.

Não deve apresentar reacção acida.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

ETHER ACETICO.

Æther aceticus.

ACETATO DE ETHYLA. ACETATO DE OXYDO DE ETHYLA.

$$C^4H^5O, C^4H^3O^3 \text{ ——— } C^2H^3O, C^2H^5O$$

Composto obtido pela reacção da mistura do alcool e acido sulfurico, sobre os acetatos de potassa, de soda ou de chumbo bem seccos, lavagem com agua alcalina e posterior rectificação, depois de bem deseccado sobre carbonato de potassa pulverulento.

Liquido transparente; incolor, sabor adocicado ethereo, completamente volatil; inflammavel, produzindo chamma amarellada; miscivel em todas as proporções com o alcool e com o ether, soluvel em 11 a 12 partes de agua; densidade 0,92; ferve a 74°; neutro; alteravel.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

Rejeite o que estiver muito acido.

ETHER ALCOOLISADO.

Æther spirituosus.

ETHER SULFURICO, ALCOOLISADO. LICÔR ANODYNO.

Ether.....	setecentos grammas	700
Alcool a 90°.....	trezentos grammas	300

Misture.

Substitue o LICÔR DE HOFFMANN.

EUCALYPTO.

Eucalyptum.

Eucalyptus Globulus Labillardière, Myrtacea arborea, da Nova Hollanda, muito cultivada.

Folhas—*Folia Eucalypti*—dimorphas: as mais novas, são oppostas, amplexicaules, subcordiformes, brandas, transparentes e por fim esbranquiçadas e pontilhadas; as outras, alternas, pecioladas, agudas, obliquas na base, lanceoladas ou falciformes, coriaceas, verdes e como envernizadas; cheiro forte e balsamico, sabor acre.

Empregue só as pecioladas.

Casca—*Cortex Eucalypti*—fibrosa, muito consistente, cinzento-escurecida na face externa, amarellada na interna; cheiro que lembra o das folhas, sabor resinoso, aromatico e adstringente.

EUCALYPTOL.

Eucalyptoleum.

Principio immediato $C^{24} H^{20} O^{2}$ obtido da essencia do eucalypto distillada entre 170° e 178°, purificado por meio do hydrato de potassa e chloreto de calcio e subsequente distillação.

Liquido incolor ou levemente amarellado; densidade 0,905 a 8°; ferve a 175°, não congela a —18°; dextrogyro; cheiro e sabor da origem; pouco soluvel na agua, muito no alcool.

EUPHORBIO.

Euphorbium.

Resina cirosa obtida, por incisões, dos ramos da **Euphorbia canariensis** Linn. e da **Euphorbia resinifera** O. Berg, Euphorbiaceas-euphorbias arbustivas, das ilhas Canarias.

Lagrimas quebradiças, ás vezes perfuradas, amarello-escuras, embaciadas, quasi translucidas, de fractura cirosa; quasi inodoras, mas pulverisadas são esternutatorias; sabor acre, por fim muito ardente.

Rejeite os detritos vegetaes com que venham misturadas.

EXTRACTO DE ACONITO, ALCOOLICO.

Extractum Aconiti.

EXTRACTO DE ACONITO.

Aconito, folhas em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Alcool a 65°.....	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE ALCAÇUS.

Extractum Glycyrrhizæ.

Alcaçus em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE ALFACE, ALCOOLICO.

Extractum Lactucæ virosæ.

EXTRACTO DE ALFACE VIROSA, ALCOOLICO.
EXTRACTO DE ALFACE.

Alface virosa recente, contusa.....	mil grammas	1:000
Alcool a 90°.....	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias, côe espremendo, distille até obter dois terços do alcool empregado; filtre o residuo e evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE ALMEIRÃO.

Extractum Intybi.

Almeirão em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE BARDANA.

Extractum Persolatæ.

Bardana em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE BELLADONA.

Extractum Belladonnæ.

Belladona, planta em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE BELLADONA, ALCOOLICO.

Extractum Belladonnæ spirituosum.

Belladona: planta recente, contusa	mil grammas	1:000
Alcool a 90c	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias, côe espremendo, distille até obter dois terços do alcool empregado; filtre o residuo e evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE BELLADONA, RECTIFICADO.

Extractum Belladonnæ rectificatum.

BELLADONIO.

Extracto de belladona, alcoolico.	cem grammas	100
Alcool a 90c	trezentos grammas	300

Macere por 12 horas, agitando frequentes vezes; filtre; evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE CAINÇA, ALCOOLICO.

Extractum Cahincæ.

EXTRACTO DE CAINÇA.

Cainça em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 65c	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE CALUMBA, ALCOOLICO.

Extractum Calumbæ.

EXTRACTO DE CALUMBA.

Calumba em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Alcool a 65ᶜ.....	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE CANHAMO, ALCOOLICO.

Extractum Cannabis indicæ.

EXTRACTO DE CANHAMO INDIANO, ALCOOLICO.
EXTRACTO DE CANHAMO.

Canhamo indiano em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Alcool a 90ᶜ.....	seis mil grammas	6:000

Macere por 2 dias em metade do alcool, côe espremendo, submetta o residuo a igual maceração com o alcool restante, repita a coadura, misture os dois liquidos, distille até obter dois terços do alcool empregado; evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE CELIDONIA, ALCOOLICO.

Extractum Chelidoniæ.

EXTRACTO DE CELIDONIA.

Celidonia recente, contusa.....	mil grammas	1:000
Alcool a 90ᶜ.....	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias, côe espremendo, distille até obter dois terços do alcool empregado; filtre o residuo e evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE CICUTA.

Extractum Conii.

Cicuta, planta recente . . . . . mil grammas 1:000

Contunda, separe o succo com espressão, aqueça em temperatura que não exceda 80°, deixe depois arrefecer e côe; evapore o liquido a banho de agua a 60°, agitando constantemente, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE CICUTA, ALCOOLICO.

Extractum Conii spirituosum.

Cicuta: planta recente, contusa . . . . . mil grammas 1:000
Alcool a 90c . . . . . mil grammas 1:000

Macere por 5 dias, côe espremendo, distille até obter dois terços do alcool empregado; filtre o residuo e evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE CICUTA, RECTIFICADO.

Extractum Conii rectificatum.

CICUTIO.

Extracto de cicuta, alcoolico . . . . . cem grammas 100
Alcool a 90c . . . . . trezentos grammas 300

Macere por 12 horas, agitando frequentes vezes; filtre; evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE COLCHICO, ACETICO.

Extractum Colchici.

EXTRACTO DE COLCHICO.

Colchico, tuberculos radicaes em pó grosso . . . . . mil grammas 1:000
Acido acetico aquoso . . . . . cinco mil grammas 5:000

Macere por 3 dias; filtre e evapore a banho de agua, em capsula de porcelana, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE COLOQUINTIDAS, ALCOOLICO.

Extractum Colocynthidis.

EXTRACTO DE COLOQUINTIDAS.

Coloquintidas em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 65ᶜ	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE COLOQUINTIDAS, COMPOSTO.

Extractum Colocynthidis compositum.

EXTRACTO CATHARTICO.

Coloquintidas em pó grosso	trezentos grammas	300
Alcool a 65ᶜ	mil e oitocentos grammas	1:800
Aloes em pó	quinhentos e cincoenta grammas	550
Escamonéa em pó	duzentos e vinte grammas	220
Sabão vegetal em pó	cento e cincoenta grammas	150
Cardamomo em pó fino	trinta grammas	30

Macere por 10 dias as coloquintidas em metade de alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado; ajunte ao residuo o aloes, a escamonéa e o sabão, evapore a banho de agua até a consistencia de extracto molle; misture o cardamomo.

EXTRACTO DE DEDALEIRA.

Extractum Digitalis.

Dedaleira em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE DEDALEIRA, ALCOOLICO.

Extractum Digitalis spirituosum.

Dedaleira recente, contusa	mil grammas	1:000
Alcool a 90°	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias, côe espremendo, distille até obter dois terços do alcool empregado; filtre o residuo e evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE DEDALEIRA, RECTIFICADO.

Extractum Digitalis rectificatum.

DEDALARIO.

Extracto de dedaleira, alcoolico	cem grammas	100
Alcool a 90°	trezentos grammas	300

Macere por 12 horas, agitando frequentes vezes; filtre; evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE DOCE-AMARGA.

Extractum Dulcamaræ.

Doce-amarga em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE ESTRAMONIO.

Extractum Stramonii.

Estramonio, planta em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE ESTRAMONIO, ALCOOLICO.

Extractum Stramonii spirituosum.

Estramonio: folhas recentes, contusas. .	mil grammas	1:000
Alcool a 90ᶜ.	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias, côe espremendo, distille até obter dois terços do alcool empregado; filtre o residuo e evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE FAVA DO CALABAR, ALCOOLICO.

Extractum Fabæ calabaricæ.

EXTRACTO DE FAVA DO CALABAR.

Fava do Calabar, em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Alcool a 90c.....	seis mil grammas	6:000

Macere por 2 dias em metade do alcool, côe espremendo, submetta o residuo a igual maceração com o alcool restante, repita a coadura, misture os dois liquidos, distille até obter dois terços do alcool empregado; evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

Os DISCOS DE GELATINA CALABARISADA — *Disculi Gelatinii calabarisati* — são constituidos por delgadas laminas circulares de gelatina, tendo cada uma dois millimetros quadrados e contendo quatro centimilligrammas d'este extracto.

EXTRACTO DE FEL DE BOI.

Extractum Fellis Tauri.

Fel de boi.....	mil grammas	1:000
Alcool a 90c.....	mil grammas	1:000
Carvão animal.....	cem grammas	100

Macere por 24 horas o fel no alcool, filtre, distille até obter dois terços do alcool empregado, ajunte ao residuo o carvão; deixe em contacto por 24 horas, filtre e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto secco.

EXTRACTO DE FEL DA TERRA.

Extractum Chironii.

Fel da terra, em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE FETO MACHO, ETHEREO.

Extractum Filicis maris.

EXTRACTO DE FETO MACHO.

Feto macho em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Ether.....	tres mil grammas	3:000

Macere por 24 horas na terça parte do ether, submetta depois á deslocação com o ether restante, distille a banho de agua até que o residuo tenha a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE FUMARIA.

Extractum Capni.

Fumaria em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE GENCIANA.

Extractum Gentianæ.

Genciana em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE GRAMA.

Extractum Graminis.

Grama em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE GUAIACO.

Extractum ligni Guaiaci.

Guaiaco rasurado	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000
Alcool a 90^{c}	dez grammas	10

Ferva por 2 horas o guaiaco em metade da agua, côe, submetta o residuo a nova decocção com a agua restante, repita a coadura; misture os dois liquidos, decante e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro; ajunte o alcool.

EXTRACTO DE IPECACUANHA, ALCOOLICO.

Extractum Ipecacuanhæ.

EXTRACTO DE IPECACUANHA.

Ipecacuanha em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 65^{c}	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE LOSNA.

Extractum Absinthii.

Losna em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE LUPULO, ALCOOLICO.

Extractum Lupuli.

EXTRACTO DE LUPULO.

Lupulo em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 65°	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE MARROIO.

Extractum Marrubii.

Marroio em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE MEIMENDRO.

Extractum Hyoscyami.

Meimendro, planta em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE MEIMENDRO, ALCOOLICO.

Extractum Hyoscyami spirituosum.

Meimendro: planta recente, contusa....	mil grammas	1:000
Alcool a 90°.....	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias, côe espremendo, distille até obter dois terços do alcool empregado; filtre o residuo e evapore, em temperatura que não exceda 60°, até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE MONESIA.

Extractum Monesiæ.

Monesia em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE NOGUEIRA

Extractum Juglandis.

Nogueira, folhas em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE NOZ VOMICA, ALCOOLICO.

Extractum Nucis vomicæ.

EXTRACTO DE NOZ VOMICA.

Noz vomica em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Alcool a 90c	seis mil grammas	6:000

Digira entre 50° e 60°, por 24 horas, em successivas porções do alcool até que o liquido deixe de ser amargo; côe, distille até obter dois terços do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE OPIO.

Extractum Opii.

OPIO PURIFICADO. EXTRACTO THEBAICO.
EXTRACTO GOMMOSO DE OPIO.

Opio em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	oito mil grammas	8:000

Macere por 24 horas em metade da agua, agitando frequentes vezes; côe espremendo; submetta o residuo a nova maceração com a agua restante, côe do mesmo modo; ajunte os dois liquidos; filtre e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE PEPINOS DE S. GREGORIO.

Elaterium vel *Extractum Ecballii.*

Pepinos de S. Gregorio.....	mil grammas	1:000

Prive das sementes, contunda, separe o succo com espressão, aqueça-o até a fervura, côe, evapore a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE QUASSIA.

Extractum ligni Quassiæ.

Quassia rasurada	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE QUINA.

Extractum corticis Cinchonæ flavi.

EXTRACTO DE QUINA AMARELLA.

Quina amarella em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 65ᶜ	seis mil grammas	6:000
Agua distillada	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias a quina em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle; trate pela agua distillada; filtre e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE QUINA CINZENTA, ALCOOLICO.

Extractum corticis Cinchonæ fusci spirituosum.

EXTRACTO DE QUINA CINZENTA.

Quina cinzenta em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 65ᶜ	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE QUINA, MOLLE.

Extractum corticis Cinchonæ molle.

Extracto de quina cinzenta, alcoolico...	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	dois mil grammas	2:000

Trate o extracto pela agua, filtre, evapore a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE RATANIA.

Extractum Krameriæ.

Ratania em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE RHUIBARBO.

Extractum Rhei.

Rhuibarbo em pó grosso.....	mil grammas	1:000
Agua distillada.....	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, côe espremendo; submetta o residuo a igual maceração com a agua restante, repita a coadura; ajunte os dois liquidos, evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE ROMEIRA, ALCOOLICO.

Extractum radicis Granati.

EXTRACTO DE ROMEIRA.

Romeira: casca da raiz, em pó grosso..	mil grammas	1:000
Alcool a 65ᶜ.....	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE SABOEIRA.

Extractum Saponariæ.

Saboeira em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, submetta depois á deslocação com a agua restante, aqueça o liquido até a fervura, côe e evapore a banho de agua até a consistencia do extracto duro.

EXTRACTO DE SALSAPARRILHA, ALCOOLICO.

Extractum Sarsaparillæ.

EXTRACTO DE SALSAPARRILHA.

Salsaparrilha em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 65^{c}	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE SCILLA, ALCOOLICO.

Extractum Squillæ.

EXTRACTO DE SCILLA.

Scilla em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 65^{c}	seis mil grammas	6:000

Macere por 5 dias em dois terços do alcool, côe espremendo, submetta o residuo a nova maceração com o alcool restante, côe do mesmo modo, misture os dois liquidos, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE TAPSIA, ALCOOLICO.

Extractum vel *Resina Thapsiæ.*

EXTRACTO DE TAPSIA. RESINA DE TAPSIA.

Tapsia, casca da raiz.	mil grammas	1:000
Alcool a 90°	cinco mil grammas	5:000

Lave a tapsia com agua quente, seque-a, reduza a pó grosso e lixivie com 3:000 grammas do alcool fervente; distille a banho de agua até obter o alcool empregado; trate o residuo a frio pelo alcool restante, filtre, distille de novo até obter metade d'este alcool; evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE TARAXACO.

Extractum Taraxaci.

Taraxaco recente.	mil grammas	1:000

Contunda, separe o succo por espressão, deixe depositar, decante, aqueça até a fervura, côe; evapore a banho de agua, em temperatura que não exceda 70°, até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE TRIFOLIO FIBRINO.

Extractum Trifolii aquatici.

Trifolio fibrino em pó grosso.	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, côe espremendo; submetta o residuo a igual maceração com a agua restante, repita a coadura; ajunte os dois liquidos, evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTO DE TROVISCO, ALCOOLICO.

Extractum Daphnoidæ.

EXTRACTO DE TROVISCO.

Trovisco contuso	mil grammas	1:000
Alcool a 90°	seis mil grammas	6:000

Macere por 5 dias em metade do alcool, côe espremendo, submetta o residuo a igual maceração com o alcool restante, repita a coadura, misture os dois liquidos, distille até obter dois terços do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

Equivale ao EXTRACTO DE MEZEREÃO.

EXTRACTO DE VALERIANA, ALCOOLICO.

Extractum Valerianæ.

EXTRACTO DE VALERIANA.

Valeriana em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 65°	seis mil grammas	6:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille até obter um terço do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

EXTRACTO DE ZIMBRO.

Extractum Juniperi.

Zimbro em pó grosso	mil grammas	1:000
Agua distillada	cinco mil grammas	5:000

Macere por 24 horas em metade da agua, côe espremendo; submetta o residuo a igual maceração com a agua restante, repita a coadura; ajunte os dois liquidos, evapore a banho de agua até a consistencia de extracto duro.

EXTRACTOS.

Extracta.

Serão preparados, salvo indicação especial:

Os aquosos, pela formula do extracto de alcaçus;

Os alcoolicos de plantas recentes, pela formula do extracto de belladona, alcoolico; os outros, pela formula do extracto de aconito, alcoolico;

Os rectificados, pela formula do extracto de belladona, rectificado.

Quanto á consistencia, entenda-se por:

Extracto molle, o da consistencia de mel espesso;

Extracto duro, o da consistencia pilular;

Extracto secco, o que for reductivel a pó.

Conserve em logar fresco e não humido, em vasos perfeitamente rolhados.

FAVA DO CALABAR.

Faba calabarica.

Semente do **Physostigma venenosum** Balfour, Leguminosa-papilionacea vivaz, da Guiné superior.

(Fl. trop. Afr. II. 191.)

Reniforme, de 3 a 3,5 centimetros de comprimento, 2 a 2,5 de largura e 13 a 14 millimetros de espessura; episperma rugoso, coriaceo, espesso, quebradiço, côr de café, prolongando-se-lhe no bordo convexo um rego liso de fundo negro e bordos elevados, no extremo do qual está o hilo; amendoa branca, consistente, facilmente pulverisavel, mas difficil de cortar. Carece de cheiro ou sabor que a distingam das sementes leguminosas alimentares; mas tanto pela fervura em agua, como pela evaporação da tinctura alcoolica, desenvolve cheiro que lembra o das cantharidas.

Prive do episperma, na occasião do emprego.

FAVA DE SANTO IGNACIO.

Faba ignatiana.

FAVA INDIANA.

Amendoa do **Strychnos Ignatii** Bergius e Lamk. *(Ignatiana philippinica* Lour.), Loganiacea-strychnea arborea, das Ilhas Philippinas.

(Fl. cochinch. 155.)

Trigono-oval, um pouco maior que a azeitona, escura, muito rugosa na base, consistencia cornea; inodora, sabor fortemente amargo.

Não confunda com a FAVA DE SANTO IGNACIO DO BRAZIL, procedente de differentes generos de Nhandirobeas. (Mat. med. bras. 20-21.)

FEL DE BOI.

Fel Tauri.

BILIS DE BOI.

Liquido segregado pelo figado e contido na vesicula biliar do **Bos Taurus** Linn., Ruminante domestico.

Vulgar.

Rejeite o que não for muito recente.

FEL DA TERRA.

Chironium vel *Fel terræ.*

CENTAUREA MENOR.

Gentiana Centaureum Brot. non Linn. *(Erythræa major* Hoffmseg. et Link), Gencianacea annual, indigena do continente, onde floresce de junho a agosto.

(Fl. lusit. I. 276—Fl. pharm. 101—Fl. port. I. 349. Pl. 65.)

Summidades floridas—*Cacumina Chironii florentia*—de folhas oppostas, sesseis, lanceolado-lineares, agudas, decrescentes, integerrimas, muito glabras, inflorescencia em corymbos multifloros, de bracteas lineares, corolla infundibuliforme e quinquefida, purpurea ou branca; inodoras, sabor amargosissimo.

FERRI-CYANETO DE POTASSIO.

Cyanetum ferrico-kalicum.

FERRI-CYANURETO DE POTASSIO. CYANURETO VERMELHO DE POTASSIO. PRUSSIATO VERMELHO DE POTASSA.

$$3KCy + Fe^2Cy^3 \text{———} (Fe^2Cy^{12})^{VI}K^6$$

Composto obtido pela acção de uma corrente de chloro sobre o soluto diluido de ferro-cyaneto de potassio.

Prismas rhomboidaes obliquos; rubro, sabor salgado e amargo, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel na agua, quasi insoluvel no alcool.

Não deve precipitar os saes ferricos, mudando apenas de côr. Tratado pelo acido sulfurico, não produz effervescencia; aquecendo esta mistura, desenvolve-se acido cyanhydrico.

FERRO.

Ferrum.

$$Fe \text{———} Fe^{IV}$$

Corpo simples fornecido pela industria metallurgica, que o extrahe dos oxydos *(hematites, oxydo magnetico, etc.)* e do carbonato *(ferro spathico)*, ou obtido nos laboratorios, do oxydo preparado expressamente, empregando em ambos os casos um corpo reductor.

Vulgar.

α—**Ferro em fio.**—*Ferrum purum.*—ARAME DE FERRO.—É o ferro puxado á fieira, com o diametro de proximamente dois decimillimetros ($0^{mm},2$).

Não deve ter manchas de ferrugem.

β—**Ferro porphyrisado.**—*Ferrum pulveratum.*—É o ferro em pó obtido pela porphyrisação a secco da limalha de ferro puro, não oxydada e inteiramente privada de cobre.

Pó acinzentado, denso, com pontos brilhantes.

γ—**Ferro reduzido pelo hydrogenio.**—*Ferrum tenuissimum.*—FERRO EM PÓ IMPALPAVEL.—Obtido na reducção do oxydo ou do chloreto ferrico pelo hydrogenio puro, operando em tubo de ferro aquecido ao rubro.

Pó negro-acinzentado, finissimo, denso; inteiramente soluvel nos acidos energicos diluidos, evolvendo-se hydrogenio inodoro.

Rejeite o ferro que dissolvido no acido chlorhydrico e tratado pela ammonia em excesso der ao liquido vestigios de côr azul.

Empregue, salvo indicação especial, o **Ferro reduzido pelo hydrogenio.**

FERRO-CYANETO DE POTASSIO.

Cyanetum ferroso-kalicum.

FERRO-CYANURETO DE POTASSIO. CYANURETO AMARELLO DE POTASSIO. PRUSSIATO AMARELLO DE POTASSA.

$$FeCy + 2KCy + 3HO \text{ ——— } (FeCy^{6})^{IV}K^{4} + 3H^{2}O$$

Composto obtido das materias animaes, calcinadas em retorta de ferro com o carbonato de potassa, submettendo depois o residuo á acção prolongada da agua quente, em contacto com o ar.

Prismas de base quadrada; amarello, sabor ligeiramente amargo e salgado, inodoro; inalteravel ao ar, inteiramente soluvel na agua e insoluvel no alcool.

Não precipita pelo chloreto de bario.

FERRO SULFURADO.

Ferrum sulfuratum.

SULFURETO DE FERRO. PROTO-SULFURETO DE FERRO.

Producto obtido pela fusão do enxofre com a limalha de ferro.

Massas negras; sabor metallico, inodoro, alteravel ao ar, insoluvel na agua e no alcool.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

FETO MACHO.

Filix mas.

DENTEBRURA.

Polypodium Filix mas Linn. (*Nephrodium Filix mas* Rich. ou *Polystichum Filix mas* Roth.), Feto-polypodiaceo indigena do norte do continente.

(Fl. lusit. II. 397—Fl. pharm. 556— *Welw.* Fl. lusit. exsic. *sp.* 1389.)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz*—*Radix Filicis maris*—de 10 a 20 centimetros de comprimento e 3 a 6 centimetros de espessura, leve, internamente carnoso e esverdeado, com feixes fibro-vasculares dispostos em anneis interrompidos; externamente revestido em toda a superficie por escamas paleaceas, amarello-avermelhadas e lustrosas, de cujos intersticios sáem para os lados e para baixo numerosas raizes delgadas e fibrosas, e para cima os restos dos peciolos das frondes, ascendentes em direcção obliqua, angulosos, carnosos, escuros por fóra, esverdeados por dentro, mostrando á lente, na secção transversal, 8 feixes vasculares; cheiro peculiar e nauseoso, sabor adocicado e logo amargo, um tanto adstringente.

Faça a colheita no outono. Renove annualmente.

Empregue privado das escamas, das raizes e da casca dos restos dos peciolos.

Rejeite o que estiver esponjoso e amarellado.

Pó.—*Pulvis Filicis maris.*—Obtido na occasião do emprego, tendo o cuidado de seccar, pouco antes e a baixa temperatura, o rhizoma convenientemente preparado. Deve ser esverdeado.

FIGOS PASSADOS.

Caricæ.

Sycones seccos da FIGUEIRA—**Ficus Carica** Linn.—Moracea arborea, da Asia, cultivada no continente e em Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 59—Fl. pharm. 551—Fl. Cap Verd. 169.)

Vulgar.

FRAMBOESAS.

Morum idæum.

AMORAS FRAMBOESAS.

Soroses do **Rubus idæus** Linn. (*Rubus frambœsianus* Lamk.), Rosacea-dryadea arbustiva, de toda a Europa, cultivada no continente e na Madeira.

(Fl. lusit. II. 347 — Fl. pharm. 275 — Fl. Mad. I. 251.)

Do volume de cerejas, constituidas pela aggregação de drupulas, vermelhas, aloiradas ou brancas; cheiro suave, sabor doce, acidulo e aromatico.

FUMARIA.

Capnon vel *Fumus terræ.*

HERVA MOLARINHA.

Fumaria capreolata Linn. var. α **vulgaris** Machado (*Fumaria capreolata* Vandelli) e var. β **bastardi** Machado (*Fumaria officinalis* Brot. non Linn.), Fumariacea annual, indigena do continente e dos Açores. Floresce na primavera e no verão.

(*Mach.* Cat. meth. Jorn. da Acad. I. 127 — Fl. lusit. I. 591-590 — Fl. pharm. 387-386 — Fl. azor. *sp.* 313.)

Planta florida — *Herba Capni florens* — de caule muito diffuso, debil, tenro, procumbente mas trepador, folhas bipinnatifidas com os peciolos medios em gavinha, inflorescencia em cacho, flores de corolla arroxeado-clara com manchas purpureas; cheiro herbaceo, sabor amargo.

Póde substituir-se-lhe:

1.º **A Fumaria spicata** Linn. (*Capnos tenuifolia* Clusius), indigena do continente;

2.º **A Fumaria officinalis** Linn., indigena do continente e dos Açores;

3.º **A Fumaria muralis** Sond., indigena da Madeira. Florescem de fevereiro a setembro. (*Mach.* loc. cit. 128-127 — Fl. lusit. I. 591 — Fl. azor. *sp.* 314 — Fl. Mad. I. 13.)

FUNCHO.

Fœniculum vel *Marathron.*

Anethum Fœniculum Linn. (*Fœniculum vulgare* Gärtn. ou *Fœniculum officinale* Allioni), Umbellifera bis-annual, indigena do continente, da Madeira e de Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 465 — Fl. pharm. 146 — Fl. Mad. I. 358 — Fl. Cap Verd. 252.)

Raiz — *Radix Fœniculi* — fusiforme e ramosa, da grossura de um dedo ou mais, casca fibrosa e esbranquiçada, meditullio lenhoso; cheiro fraco, agradavel, sabor adocicado.

Prive do meditullio, na occasião do emprego.

Mericarpos ou **Akenios,** vulgarmente *Sementes* — *Fructus Fœniculi* — oblongos, ligeiramente curvos, com 5 costellas aladas e esbranquiçadas; cheiro muito aromatico, sabor um tanto doce.

Póde substituir-se-lhe o Funcho doce — **Fœniculum dulce** G. Bauh. (*Anethum dulce* De Cand.) — especie annual, cultivada no continente. (Fl. lusit. *id. ibid.* — Fl. pharm. 148.)

GALANGA.

Galanga sinensis.

Galanga da China. Pequena galanga.

Hellenia chinensis Willd. (*Alpinia chinensis* Roscoë), Amomacea vivaz, da China.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz* — *Radix Galangæ sinensis* — acylindrado, curtamente ramoso e ás vezes geniculado, de 5 centimetros de comprimento e 5 a 25 millimetros de espessura, externamente escurecido ou avermelhado com circulos esbranquiçados e franjados, ás vezes sulcado longitudinalmente; fibroso, compacto; internamente côr de canella com um circulo escuro; cheiro forte, aromatico, que lembra o do cardamomo; sabor picante e acre, que a mastigação torna urente.

GALBANO.

Galbanum.

Resina-gomma exsudada do tronco da **Ferula erubescens** O. Berg *(Ferula rubricaulis* Boissier) e da **Ferula galbaniflua** Boissier e Buhse, Umbelliferas vivazes, da Persia.

Massas irregulares, amarello-esverdeadas, encerrando lagrimas amarelladas e de consistencia mais branda, tornando-se viscosas pelo aquecimento e quebradiças pelo resfriamento; cheiro forte, caracteristico, sabor acre e amargo.

GALHAS.

Gallæ.

GALHAS DE ALEPO. NOZ DE GALHA.

Excrescencias resultantes da picada e deposição dos ovos do **Diplolepis Gallæ tinctoriæ** Latreille *(Cynips Gallæ tinctoriæ* Oliv.), Hymenoptero, nos ramos novos do **Quercus Lusitanica** Webb. sub-spec. **Orientalis** var. **infectoria** De Cand. *(Quercus infectoria* Oliv.), Cupulifera arborea, da Grecia e da Asia menor.

Globosas e pedicelladas, de 1 a 2 centimetros de diametro, duras, pesadas, externamente escuro-esverdeadas e com asperezas ou elevações, internamente amarello-pallidas; inodoras, sabor muito adstringente.

Rejeite as que se apresentarem furadas e alteradas pela saída do insecto e que são esbranquiçadas e mais leves.

GAMÕES.

Asphodelus.

Abrótea. Abrótea da primavera.

Asphodelus ramosus Linn. (*Asphodelus racemosus* Link), Asphodelea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 524—Fl. pharm. 178.)

Raiz—*Radix Asphodeli*—fasciculada, engrossada por tuberculos ovoides, oblongos, de 2 a 3 centimetros de comprimento, succulentos, escuro-amarellados por fóra, amarellos por dentro; inodora, sabor acre e amargo.

Póde substituir-se-lhe a Abrótea do verão—**Asphodelus æstivus** Brot. (*Asphodelus apiocarpus* Hoffmseg.), igualmente vivaz e indigena. (Fl. lusit. I. 525—Fl. pharm. *ibid.*)

GELATINA.

Gelatinium.

Producto azotado, amorpho, obtido pelo concurso da agua, do calor e da pressão sobre varios orgãos animaes (*pelles, ossos, etc.*).

Laminas rectangulares, muito finas, transparentes, tendo estrias ou vincos limitando losangos; neutra, inodora, insipida; completamente soluvel na agua quente.

Só para usos externos poderá ser substituida pela Gelatina escura.

GELATINA DE PEIXE.

Colla piscium.

GOMMA DE PEIXE. ICHTHYOCOLLA.

Membrana interna da vesicula natatoria, preparada e secca, do **Acipenser Huso** Linn. e de outras especies congeneres, Peixes-chondropterygios dos mares do Norte e Caspio.

Laminas rectangulares ou membranas irregulares, umas e outras coriaceas, translucidas, incolores, iriadas, soluveis na agua quente deixando pequeno residuo; ou lacinias filiformes com o aspecto de aletria, completamente soluveis na agua quente; neutra, inodora, insipida.

Só para usos externos poderá ser substituida pela GELATINA EM BUXOS ou GORUJUBA.

GELEA DE ALGA PERLADA.

Gelatina Carragaheen.

GELEA DE MUSGO BRANCO.

Sacchareto de alga perlada, em pó..	vinte e cinco grammas	25
Assucar granuloso.	oito grammas	8
Agua de flores de laranjeira.	dois grammas	2
Agua.	sessenta e cinco grammas	65

Dissolva o sacchareto e o assucar na agua, com o auxilio do calor; ajunte a agua de flores de laranjeira.

GELEA DE LICHEN.

Gelatina Lichenis islandici.

GELEA DE MUSGO ISLANDICO.

Sacchareto de lichen, em pó.....	trinta grammas	30
Assucar granuloso.....	dezoito grammas	18
Agua de flores de laranjeira.....	dois grammas	2
Agua.....	cincoenta grammas	50

Dissolva o sacchareto e o assucar na agua, com o auxilio do calor; ajunte a agua de flores de laranjeira.

GENCIANA.

Gentiana.

ARGENÇANA. GENCIANA AMARELLA.

Gentiana lutea Linn. (*Asterias lutea* Borkhaus), Gencianacea vivaz, da Europa austral e central e da serra da Estrella.

(Fl. lusit. I. 275 — Fl. pharm. 101 — Fl. port. I. 346.)

Raiz — *Radix Gentianæ* — grossa, comprida, cylindrica, ás vezes ramificada, tortuosa, de textura esponjosa um tanto compacta, fusca e annullarmente rugosa por fóra, amarello-arruivada por dentro; cheiro não muito forte, mas caracteristico, sabor francamente amargo.

GENGIBRE.

Zingiber.

Amomum Zingiber Linn. (*Zingiber officinale* Roscoë), Amomacea bis-annual, da India e da Cochinchina, cultivada no Mexico, nas Antilhas e em Cayena.

(Mat. med. bras. 106—Fl. cochinch. 2.)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz*—*Radix Zingiberis*—privado da epiderme, em pedaços achatados, nodosos, articulados, compactos, pesados, fractura farinacea com grande numero de fibras, de côr amarello-acinzentada, estriada e um tanto fibrosa por fóra, amarello-clara por dentro; cheiro um pouco camphoraceo, sabor aromatico e picante.

Rejeite o que houver sido branqueado pela cal.

GIESTA.

Genista vel *Scoparium.*

GIESTEIRA COMMUM.

Spartium scoparium Linn. (*Cytisus scoparius* Link), Leguminosa-papilionacea arbustiva, da Europa occidental, da Madeira e dos Açores.

(Fl. Mad. I. 122—Fl. azor. *sp.* 365.)

Summidades—*Cacumina Genistæ*—dos ramos mais novos, que são adelgaçados, flexiveis, angulosos, glabros, verde-escuros, com pequenissimas folhas simplices, sesseis, ovaes-oblongas e pubescentes; inodoras, mas quando contusas exhalam cheiro desagradavel, sabor amargo e nauseoso.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, a GIESTEIRA DAS SEBES—**Spartium grandiflorum** Brot. (*Cytisus grandiflorus* De Cand.)—tambem arbustiva, indigena do continente. (Fl. lusit. II. 80—Fl. pharm. 397.)

GILBARBEIRA.

Ruscum.

Ruscus aculeatus Linn., Asparaginea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 71 — Fl. pharm. 544.)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz—Radix Rusci*—da grossura de um dedo, nodoso, articulado, annellado e acinzentado, com raizes cylindricas, lenhosas e esbranquiçadas; cheiro levemente terebinthaceo, sabor amargo.

GINSÃO.

Aureliastrum.

Ginseng. Chin-Seng.

Panax quinquefolius Linn. (*Aureliana Canadensis* Lafiteau), Araliacea vivaz, do Canadá e da China.

(Jorn. Soc. Ph. Lus., 1.ª serie, vol. II, 265. Est. *in fine.*)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz—Radix Aureliastri*—das dimensões de um dedo, com depressões obliquas e alternadas n'um extremo, bifurcado no outro, por fóra amarellado, por dentro branco e amylaceo ou amarello e corneo; cheiro suavemente aromatico, sabor adocicado, um tanto amargo e acre.

GLYCERADO DE ALCATRÃO.

Glyceratum piceum.

Alcatrão	dez grammas	10
Glycerado commum	noventa grammas	90

Misture.

GLYCERADO DE BELLADONA.

Glyceratum Belladonnæ.

Extracto de belladona, alcoolico.....	dez grammas	10
Glycerado commum.....	noventa grammas	90

Misture.

GLYCERADO DE CICUTA.

Glyceratum Conii.

Extracto de cicuta, alcoolico.....	dez grammas	10
Glycerado commum.....	noventa grammas	90

Misture.

GLYCERADO COMMUM.

Glyceratum Amyli.

GLYCERADO DE AMIDO.

Amido da mandioca.....	cinco grammas	5
Agua.....	dez grammas	10
Glycerina.....	oitenta e cinco grammas	85

Misture o amido com a agua, ajunte a glycerina; aqueça a calor brando até que se torne transparente.

GLYCERADO DE ENXOFRE.

Glyceratum Sulfuris.

Enxofre sublimado.....	trinta grammas	30
Glycerado commum.....	setenta grammas	70

Misture.

GLYCERADO DE IODETO DE POTASSIO.

Glyceratum Iodeti kalici.

Iodeto de potassio	dez grammas	10
Agua distillada	dez grammas	10
Glycerado commum	oitenta grammas	80

Dissolva o iodeto na agua, ajunte ao glycerado.

GLYCERADO DE OPIO.

Glyceratum Opii.

Extracto de opio	dez grammas	10
Agua distillada	cinco grammas	5
Glycerado commum	oitenta e cinco grammas	85

Amolleça o extracto com a agua, ajunte ao glycerado.

GLYCERADO DE OXYDO DE ZINCO.

Glyceratum Oxydi zincici.

Oxydo de zinco, puro	dez grammas	10
Glycerado commum	noventa grammas	90

Misture.

GLYCERADO DE SUB-AZOTATO DE BISMUTHO.

Glyceratum Sub-azotatis bismuthici.

Sub-azotato de bismutho	dez grammas	10
Glycerado commum	noventa grammas	90

Misture.

GLYCEREO DE ACIDO PHENICO.

Glycerinum cum Acido carbolico.

GLYCEROLADO DE ACIDO PHENICO. GLYCEROLEO DE ACIDO PHENICO.

Acido phenico	um gramma	1
Glycerina	noventa e nove grammas	99

Dissolva.

GLYCEREO DE ACIDO TANNICO.

Glycerinum cum Acido tannico.

GLYCEROLADO DE TANNINO. GLYCEROLEO DE TANNINO.

Acido tannico	dez grammas	10
Glycerina	noventa grammas	90

Dissolva.

GLYCEREO DE CAMPHORA.

Glycerinum camphoratum.

GLYCEROLADO DE CAMPHORA. GLYCEROLEO DE CAMPHORA.

Tinctura de camphora	cincoenta grammas	50
Glycerina	cincoenta grammas	50

Misture.

GLYCEREO DE CHLORETO FERRICO.

Glycerinum cum Chloreto ferrico.

GLYCEROLADO DE CHLORETO FERRICO. GLYCEROLEO DE PER-CHLORURETO DE FERRO.

Soluto de chloreto ferrico	dez grammas	10
Glycerina	noventa grammas	90

Misture.

GLYCEREO DE IODETO DE POTASSIO.

Glycerinum cum Iodeto kalico.

GLYCEROLADO DE IODETO DE POTASSIO. GLYCEROLEO DE IODURETO DE POTASSIO.

Iodeto de potassio	dez grammas	10
Agua distillada	dez grammas	10
Glycerina	oitenta grammas	80

Dissolva o iodeto na agua, ajunte a glycerina.

GLYCEREO DE IODETO DE POTASSIO, IODADO.

Glycerinum cum Iodeto kalico, iodatum.

GLYCEROLADO DE IODETO DE POTASSIO, IODADO. GLYCEROLEO DE IODURETO DE POTASSIO, IODADO.

Iodeto de potassio	oito grammas	8
Iodo	dois grammas	2
Agua distillada	dez grammas	10
Glycerina	oitenta grammas	80

Dissolva o iodeto e o iodo na agua, ajunte a glycerina.

GLYCEREO DE OPIO, COMPOSTO.

Glycerinum opiatum.

GLYCEROLADO DE OPIO, COMPOSTO. GLYCEROLEO LAUDANISADO.

Vinho de opio, composto	dez grammas	10
Glycerina	noventa grammas	90

Misture.

GLYCEREO DE SUB-ACETATO DE CHUMBO.

Glycerinum cum Sub-acetato plumbico.

GLYCEROLADO DE SUB-ACETATO DE CHUMBO. GLYCEROLEO DE SUB-ACETATO DE CHUMBO.

Soluto de sub-acetato de chumbo.....	dez grammas	10
Glycerina.....	noventa grammas	90

Misture.

GLYCEREO DE SULFATO DE ATROPINA.

Glycerinum cum Sulfato atropinico.

GLYCEROLADO DE SULFATO DE ATROPINA.
GLYCEROLEO DE SULFATO DE ATROPINA.

Sulfato de atropina.....	vinte centigrammas	0,20
Glycerina.....	cem grammas	100

Dissolva.

GLYCEREO DE SULFATO FERROSO.

Glycerinum cum Sulfato ferroso.

GLYCEROLADO DE SULFATO FERROSO. GLYCEROLEO DE SULFATO DE FERRO.

Sulfato ferroso em pó.....	dez grammas	10
Glycerina.....	noventa grammas	90

Dissolva.

GLYCERINA.

Glycerinum.

HYDRATO DE OXYDO DE GLYCERYLA.

$C^6H^8O^6$ —— $C^3H^8O^3$

Composto obtido na saponificação dos corpos gordos, e subsequentemente purificado.

Liquido xaroposo, limpido; incolor, sabor doce, inodoro, hygroscopico; miscivel em todas as proporções com a agua e com o alcool, não miscivel com o ether nem com o chloroformio; densidade 1,26 (30° B.).

Não precipita pelo oxalato de ammonia. Fervida com a potassa não muda de côr. Aquecida com o sulfureto de sodio ou com algumas gottas de acido sulfurico não deve ennegrecer. Não avermelha o tornesol.

GOIVOS AMARELLOS.

Leucoion luteum.

Cheiranthus Cheiri Linn., Crucifera bis-annual ou vivaz, da Europa, muito cultivada no continente, onde floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. I. 576 — Fl. pharm. 369.)

Flores—*Flores Leucoii lutei*—de calyx tetraphyllo, verde-pallido, corolla de petalas obovadas, obtusas e amarellas; cheiro aromatico particular, sabor um tanto amargo e acre.

GOMMA ADRAGANTHA.

Gummi Tragacanthum.

ALCATIRA. ALQUITIRA.

Exsudação do tronco do **Astragalus verus** Oliv. e de outras especies congeneres, Leguminosas-papilionaceas arbustivas, da Asia menor.

Lacinias ondeadas, delgadas e vermiculares, ou pedaços largos e achatados, de côr branca ou amarellada e quasi opacos; inodora, sabor mucilaginoso. Intumesce na agua fria, transformando-se em massa gelatiniforme que se torna roxa pela tinctura de iodo.

Póde substituir-se-lhe a que provém da ALQUITIRA DO ALGARVE — **Astragalus Poterium** Vahl — especie arbustiva, indigena do continente. (Fl. lusit. II. 168 — Fl. pharm. 410.)

GOMMA-AMMONIACA.

Ammoniacum vel *Gummi Ammoniacum.*

Resina-gomma obtida, por incisões, do caule da **Dorema Ammoniacum** D. Don. (*Heracleum gummiferum* Willd.), Umbellifera vivaz, da Persia.

Lagrimas soltas, ou aggregadas em massas compactas e um tanto duras, amarelladas, de fractura conchoide e a principio branca e lustrosa como cera; amollecem pelo calor, tornando-se friaveis pelo resfriamento; cheiro peculiar, muito sensivel durante a combustão, sabor amargo e nauseoso.

GOMMA ARABICA.

Gummi Acaciæ.

GOMMA TURCA.

Exsudação do tronco da **Mimosa nilotica** Linn. (*Acacia vera* Willd.) e de outras especies do genero **Acacia**, Leguminosas-mimoseas arboreas, da Africa e da Asia.

Massas arredondadas, lagrimas ou fragmentos pequenos, incolores ou amarellados, quebradiços, vidracentos; inodora, sabor mucilaginoso; completamente soluvel na agua.

GOMMA-GUTA.

Cambogia vel *Gutti.*

GOMMA ROM.

Resina-gomma obtida, por incisões, do tronco e dos ramos da **Garcinia Morella** var. β **pedicellata** Desrousseaux *(Hebradendron cambogioides* Graham), Guttifera arborea, de Singapura, de Cambodje e de Siam.

Cylindros quebradiços, de fractura conchoide, lisa e lustrosa, côr amarello-dourada muito pronunciada quando humedecidos; inodora, sabor a principio fraco, por fim bastante acre. A agua emulsiona-a facilmente, adquirindo côr amarella muito brilhante.

GRACIOSA.

Gratiola.

CINIFOLIO.

Gratiola officinalis Brot. non Linn. *(Gratiola linifolia* Vahl), Escrophulariacea vivaz, indigena do continente, onde floresce de maio a agosto.

(Fl. lusit. I. 15 — Phyt. Lusit. II. 10. Tab. 86 — Fl. pharm. 12 — Fl. port. I. 225. Pl. 31.)

Planta florida — *Herba Gratiolæ florens* — de caule ascendente pouco ramificado, glabro, folhas oppostas, amplexicaules, lanceoladas, agudas, integerrimas, glabras, flores axillares, solitarias, pedunculadas, de corolla branca e rosada; inodora, sabor muito amargo e nauseoso.

GRAMA.

Gramen.

Panicum Dactylon Linn. (*Paspalum Dactylon* Lamk.), Graminea vivaz, indigena do continente e de Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 83 — Fl. pharm. 24 — Fl. Cap Verd. 146.)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz*—*Radix Graminis*—cylindrico, de epiderme amarellada, lustrosa e consistente, tendo nodosidades a que adherem 3 foliolos escariosos, fistuloso, com medulla branca; inodoro, sabor amylaceo um pouco saccharino.

Póde substituir-se-lhe a Grama franceza — **Triticum repens** Linn. (*Agropyrum repens* Beauvais), tambem vivaz, indigena do continente e dos Açores. (Fl. lusit. I. 121 — Fl. pharm. 23 — Fl. azor. *sp.* 126.)

GRANZA.

Rubia vel *Erythrodanus.*

Ruiva dos tinctureiros. Solda grande.

Rubia tinctorum var. **sativa** Linn. (*Rubia tinctorum* Brot.), Rubiacea vivaz, da Asia menor e da Europa austral, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 153 — Fl. pharm. 33.)

Raiz—*Radix Rubiæ*—reptante, comprida, cylindrica, da grossura de uma penna, um tanto ramosa, de epiderme acinzentada, casca mais ou menos carnosa, fragil, rubro-intensa, meditullio lenhoso e vermelho-amarellado, canal medullar vermelho mais carregado; inodora, sabor levemente amargo e adstringente.

GROSELHAS.

Ribesiæ.

Bagas recentes do **Ribes rubrum** Linn. var. **hortense** De Cand., Ribesiacea arbustiva, dos bosques da Europa, muito cultivada.

Globosas, sumarentas, um tanto deprimidas, umbilicadas no apice, com finas nervuras, vermelho-carmesim ou esbranquiçadas; inodoras, sabor assucarado e acidulo.

GUAIACO.

Lignum Guaiaci vel *Lignum sanctum.*

LENHO SANTO.

Lenho do **Guaiacum officinale** Linn. e do **Guiacum sanctum** Linn., Zygophylleas arboreas, da Jamaica, de Cuba e das ilhas Bahama.

Pesado, compacto, muito duro, de côr amarellada no alburno e esverdeada no duramen, que tem cheiro um tanto aromatico e sabor que deixa nas fauces impressão acre e ardente.

GUARANÁ.

Guarana.

UARANÁ.

Producto das sementes torradas da **Paullinia sorbilis** Mart., Sapindacea arbustiva, do Brazil.

(Mat. med. bras. 59.)

Massas cylindricas ou de fórmas caprichosas, escuro-avermelhadas, muito duras e pesadas, de fractura como resinosa; cheiro fraco, sabor adstringente um tanto amargo.

GUIABELHA.

Coronopus.

DIABELHA.

Plantago coronopifolia Brot. (*Plantago ceratophylla* Hoffmseg. et Link.), Plantaginea vivaz, indigena do continente, onde floresce na primavera.

(Fl. lusit. I. 157 — Fl. port. I. 431. Pl. 74.)

Planta florida — *Herba Coronopodis florens* — acaule, de folhas radicaes, adelgaçadas em peciolo, lanceoladas, pinnatifidas, de lacinias afastadas e ás vezes denteadas, glabras ou hirsutas, hastea cylindrica e pubescente, terminada em espiga acylindrada e densa; inodora, sabor herbaceo.

Póde substituir-se-lhe a **Plantago Coronopus** Linn., indigena dos Açores. (Fl. azor. *sp.* 188.)

GUTAPERKA.

Gutta percha.

GETTANIA.

Succo leitoso, concreto, da **Isonandra Gutta** Hook., Sapotacea arborea, do archipelago malaio.

Pedaços esbranquiçados ou amarellados, de aspecto fibro-membranoso e nacarado, duros á superficie, brandos internamente, flexiveis, pouco elasticos; cheiro particular, insipida. Immersa na agua, amollece a 65° e funde-se a 100°. Insoluvel na agua, muito pouco soluvel no alcool e no ether, muito soluvel no chloroformio, no sulfureto de carbonio e nas essencias.

Conserve dentro de agua, ao abrigo da luz.

HELLEBORO.

Helleborus niger.

HELLEBORO NEGRO.

Helleborus niger Linn., Ranunculacea vivaz, das regiões montanhosas e florestaes do centro da Europa.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz*—*Radix Hellebori nigri*—acylindrado, disposto em anneis aproximados, negro por fóra, claro por dentro, com raizes tambem negras, numerosas, muito compridas, cylindricas, sem meditullio lenhoso, quebradiças; cheiro fraco, sabor adocicado, por fim acre, amargo e nauseoso.

Póde substituir-se-lhe:

1.º O HELLEBORO DOS ANTIGOS OU DE DIOSCORIDES—**Helleborus officinalis** Sibthorp—tambem exotico;

2.º A HERVA DOS BESTEIROS—**Helleborus fœtidus** Linn.—indigena do continente. (Fl. lusit. II. 301—Fl. pharm 303.)

HERA TERRESTRE.

Hedera terrestris.

Glechoma hederaceum Linn. var. **grandifolia** Hoffmseg. et Link, Labiada vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 162—Fl. pharm. 310—Fl. port. I. 107.)

Planta—*Herba Hederæ terrestris*—de caule reptante e quasi glabro, folhas oppostas, pecioladas, reniformes, crenadas e celheadas; cheiro levemente aromatico, sabor um tanto amargo.

HORTELÃ.

Mentha hortensis.

ORTELÃ VULGAR.

Mentha rotundifolia Linn. var. **glabra** Brot. e **Mentha viridis** Linn., Labiadas vivazes, ambas indigenas dos Açores, a primeira indigena tambem do continente e a segunda muitissimo cultivada. Florescem no verão.

(Fl. azor. *sp.* 248 e 247 — Fl. lusit. I. 171 — Fl. pharm. 313-312 — Fl. port. I. 71.)

Planta florida — *Herba Menthæ hortensis florens.* — Vulgar.

HORTELÃ PIMENTA.

Mentha piperita.

HORTELÃ APIMENTADA.

Mentha piperita Linn. (*Mentha balsamea* Willd.), Labiada vivaz, da Europa septentrional, muito cultivada.

(Fl. pharm. 314.)

Planta florida — *Herba Menthæ piperitæ florens* — de caule avermelhado, folhas oppostas, pecioladas, ovaes-oblongas, agudas, serreadas; empubescidas, principalmente na face inferior; semeadas de pontos glandulosos, inflorescencia em espiga obtusa com flores de corolla esbranquiçada no tubo e arroxeada no limbo; cheiro e sabor caracteristicos.

HYDRATO DE CHLORAL.

Hydratum chloralicum.

CHLORAL HYDRATADO.

$$C^4HCl^3O^2 + 2HO \text{ ——— } C^2HCl^3O + H^2O$$

Composto que se obtem tratando pela agua o chloral derivado da acção de uma corrente de chloro secco sobre o alcool anhydro.

Grossas laminas rhomboidaes; incolor, sabor acre, cheiro particular; volatil á temperatura ordinaria, muito soluvel na agua, no alcool e no ether; fusivel a 46°; ferve, sem se decompor, a 120°; inalteravel ao ar.

Fervido com o acido azotico a 1,180 (22° B.) não deve desenvolver vapores rutilantes. Aquecido com o acido sulfurico não escurece. Não deve apresentar reacção acida.

Rejeite o que for deliquescente.

HYDRATO FERRICO.

Hydratum ferricum.

HYDRATO DE SESQUI-OXYDO DE FERRO, GELATINIFORME.

$$Fe^2O^3, 3HO \text{ ——— } H^6O^6Fe^{\overset{VI}{2}}$$

Sulfato ferrico.....	cem grammas	100
Agua distillada.....	quinhentos grammas	500
Ammonia liquida.....		q. b.

Dissolva o sulfato na agua com o auxilio do calor, deixe arrefecer, filtre, ajunte a ammonia até que não precipite; deixe depositar, decante, lave repetidas vezes o precipitado em mais agua distillada até que esta não azule o papel de tornesol vermelho.

Conserve immerso em agua distillada.

Renove de dois em dois mezes.

HYDRATO FERRICO, MAGNESICO.

Hydratum ferricum, magnesicum.

HYDRATO DE SEQUI-OXYDO DE FERRO COM MAGNESIA.
ANTIDOTO DO ARSENICO.

Soluto de chloreto ferrico	dez grammas	10
Oxydo de magnesio, anhydro.	tres grammas	3
Agua distillada	oitenta e sete grammas	87

Dilua o soluto em 30 grammas da agua, ajunte o oxydo previamente triturado com a agua restante.

Prepare só na occasião do emprego.

HYDRATO DE POTASSA.

Hydratum kalicum.

HYDRATO DE POTASSIO. POTASSA PELA CAL.
POTASSA CAUSTICA.

KO, HO —— HOK

Composto que se obtem decompondo o carbonato de potassa pelo leite de cal.

Massas ou cylindros brancos; sabor lixivioso muito caustico, inodoro; muito deliquescente, muito soluvel no alcool; absorve rapidamente o acido carbonico; o soluto concentrado, neutralisado por um acido, dá precipitado amarello pelo chloreto de platina, e branco crystallino pelo acido tartrico; o soluto alcoolico arde com chamma violacea.

Conserve em frasco bem rolhado.

HYDRATO DE SODA.

Hydratum natricum.

HYDRATO DE SODIO. SODA PELA CAL. SODA CAUSTICA.

NaO, HO —— HONa

Composto que se obtem decompondo o carbonato de soda pelo leite de cal.

Inodoro, sabor alcalino, corrosivo, ataca o vidro fosco; o soluto concentrado, neutralisado por um acido, não precipita pelo chloreto de platina nem pelo acido per-chlorico, mas dá precipitado branco crystallino pelo antimoniato de potassa; o soluto alcoolico arde com chamma amarella.

α—**Hydrato de soda solido.**—*Hydratum natricum fusum.*—SODA CAUSTICA SOLIDA.—É o producto da reacção indicada, levado á seccura, fundido e moldado em fôrma ou vertido sobre uma superficie de marmore liso.

Cylindros ou fragmentos; branco, deliquescente e logo efflorescente, soluvel na agua e no alcool.

β—**Hydrato de soda liquido.**—*Hydratum natricum solutum.*—SOLUTO DE SODA CAUSTICA. SODA CAUSTICA LIQUIDA. LIXIVIA DOS SABOEIROS.—Prepara-se dissolvendo, proximamente, 3 partes do hydrato de soda solido em 7 de agua distillada.

Liquido incolor, dando fraca effervescencia pelos acidos diluidos, densidade 1,33 (36° B.).

Conserve-os em frascos bem rolhados.

Rejeite o que estiver muito carbonatado.

Empregue, não havendo indicação especial, o **Hydrato de soda solido.**

HYPO-PHOSPHITO DE CAL.

Hypo-phosphis calcicus.

HYPO-PHOSPHITO DE CALCIO.

$$CaO, PhO, 2HO \text{ ——— } (PhO^2H^2)^2Ca''$$

Composto obtido pela ebullição prolongada do phosphoro com o leite de cal.

Prismas rectangulares pertencentes ao systema rhombico, incolores, ou pó granuloso branco; insipido, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 6 partes de agua, insoluvel no alcool.

HYPO-PHOSPHITO DE SODA.

Hypo-phosphis natricus.

HYPO-PHOSPHITO DE SODIO.

$$NaO, PhO, 2HO \text{ ——— } PhO^2H^2Na$$

Composto obtido por dupla decomposição entre o hypophosphito de cal e o carbonato de soda.

Laminas quadrangulares incolores ou pó granuloso branco; sabor salgado, inodoro, deliquescente, soluvel no alcool.

Não effervesce com os acidos.

HYPO-SULFITO DE SODA.

Hypo-sulfis natricus.

HYPO-SULFITO DE SODIO.

$$NaO, S^2O^2 + 5HO \text{ ——— } S^2O^3Na^2 + 5H^2O$$

Composto que se obtem fervendo o enxofre no soluto concentrado e quente de sulfito neutro de soda.

Prismas rhomboidaes pertencentes ao systema monoclinico; incolor, inodoro, sabor salgado, inalteravel ao ar, muito soluvel na agua.

HYSSOPO.

Hyssopum.

Hyssopus officinalis Linn., Labiada vivaz, da Europa meridional, muito cultivada.

Summidades floridas—*Cacumina Hyssopi florentia*—de folhas oppostas, sesseis, estreitas, compridas, inteiras, celheadas, flores axillares dispostas como em espiga, de corolla azul; cheiro penetrante agradavel, sabor aromatico.

INCENSO.

Thus vel *Olibanum.*

OLIBANO.

Resina-gomma exsudada do tronco da **Boswellia Carterii** Birdwood, da **Boswellia Bhau-Dajiana** Birdwood e porventura de outras especies congeneres, Terebinthaceas-burseraceas arboreas, das montanhas do Somal e da Arabia.

Lagrimas arredondadas de grandeza variavel, amarelladas ou avermelhadas, ás vezes levemente esverdeadas, pulverulentas á superficie, opacas ou translucidas, quebradiças, de fractura cirosa; cheiro fraco e balsamico, intenso e caracteristico durante a combustão; sabor um tanto acre e amargo.

INFUSO DE DEDALEIRA.

Infusum Digitalis.

Dedaleira em pó	cincoenta centigrammas	0,50
Agua distillada fervente	cem grammas	100

Infunda por 1 hora; filtre.

INFUSO DE NICOCIANA.

Infusum Tabaci.

Nicociana cortada	cincoenta centigrammas	0,50
Agua distillada fervente	cem grammas	100

Infunda por 1 hora; côe.

INFUSO DE ROSAS COMPOSTO.

Infusum Rosarum compositum.

INFUSO DE ROSAS ACIDULADO.

Rosas rubras	vinte e cinco grammas	25
Acido sulfurico diluido	dez grammas	10
Agua fervente	mil grammas	1:000

Misture o acido com a agua, infunda as rosas por meia hora; côe.

INFUSO DE SENEGA.

Infusum Senekæ.

INFUSO DE POLYGALA DA VIRGINIA.

Senega contusa	um gramma	1
Agua fervente	cem grammas	100

Infunda por 1 hora; filtre.

INFUSO DE SENNE, COMPOSTO.

Infusum Sennæ compositum.

INFUSÃO DE SENNE TARTARISADA.

Senne.	dez grammas	10
Aniz estrellado em pó grosso	dois grammas	2
Manná em sortes	vinte grammas	20
Tartrato de potassa e de soda.	dez grammas	10
Agua fervente.	cem grammas	100

Infunda por 1 hora o senne e o aniz na agua, côe espremendo; dissolva o manná com o auxilio do calor, ajunte o tartrato, filtre por pasta de papel.

Substitue a AGUA VIENNENSE.

INFUSOS.

Infusa.

Serão preparados, quando não houver indicação especial, pela seguinte formula:

Substancia a empregar.	cincoenta grammas	50
Agua fervente	mil grammas	1:000

Contunda, corte ou pulverise grosseiramente a substancia, conforme a sua natureza; infunda em vaso de louça tapado; deixe arrefecer, côe.

Das substancias muito activas não se fará infuso sem formula, que expressamente indique a relação dos componentes.

IODETO DE AMMONIO.

Iodetum ammonicum.

IODURETO DE AMMONIO. IODHYDRATO DE AMMONIACO.
HYDRIODATO DE AMMONIACO.

$$AzH^4I \text{ ——— } IAzH^4$$

Composto obtido por dupla decomposição entre o iodeto ferroso e o carbonato de ammonia, ou pela acção do acido iodhydrico sobre a ammonia.

Crystaes cubicos; incolor, sabor pouco pronunciado, inodoro, inteiramente volatil, alteravel, deliquescente, muito soluvel no alcool.

Conserve em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

IODETO DE CHUMBO.

Iodetum plumbicum.

IODURETO DE CHUMBO.

$$PbI \text{ ——— } I^2P\overset{//}{b}$$

Composto obtido por dupla decomposição entre o azotato de chumbo e o iodeto de potassio.

Pó amarello amorpho; sabor desagradavel, inodoro, inalteravel ao ar; quasi insoluvel na agua fria e no alcool, soluvel em 200 partes de agua fervente, depositando pelo resfriamento em laminas micaceas amarello-brilhantes.

IODETO FERROSO.

Iodetum ferrosum.

PROTO-IODURETO DE FERRO.

$$FeI \text{ ——— } I^2Fe''$$

Composto obtido pela acção do iodo sobre a limalha de ferro em presença da agua.

Massas crystallinas; verde-escuro, sabor metallico, cheiro do iodo, deliquescente; facilmente alteravel em presença do ar, peroxydando-se o ferro e libertando-se o iodo; soluvel na agua distillada, communicando-lhe côr verde-esmeralda; soluvel na glycerina.

Conserve em pequenos frascos opacos, bem rolhados.

IODETO MERCURICO.

Iodetum hydrargyricum.

BI-IODURETO DE MERCURIO. DEUTO-IODURETO DE MERCURIO. IODURETO VERMELHO DE MERCURIO.

$$HgI \text{ ——— } I^2Hg''$$

Composto obtido por dupla decomposição entre o chloreto mercurico e o iodeto de potassio.

Pó vermelho vivo; insipido, inodoro, quasi insoluvel na agua, ligeiramente soluvel no alcool e no ether, muito nos solutos de iodeto de potassio e nos dos saes mercuricos; levemente aquecido, torna-se amarello, readquirindo a côr vermelha pelo arrefecimento; em temperaturas mais elevadas, volatilisa-se completamente.

IODETO MERCUROSO.

Iodetum hydrargyrosum.

PROTO-IODURETO DE MERCURIO. IODURETO AMARELLO DE MERCURIO.

$$Hg^2I \text{ ——— } I^2Hg^{\prime\prime}{}^2$$

Composto obtido por trituração do mercurio com o iodo humedecido pelo alcool.

Pó verde-amarellado; sabor metallico desagradavel, inodoro; muito sensivel á acção da luz, ennegrecendo; insoluvel na agua e no alcool; aquecido, funde-se; em temperaturas mais elevadas, volatilisa-se.

Conserve em frasco opaco.

Rejeite o que houver ennegrecido.

IODETO DE POTASSIO.

Iodetum kalicum.

IODURETO DE POTASSIO. IODHYDRATO DE POTASSA. HYDRIODATO DE POTASSA.

$$KI \text{ ——— } IK$$

Composto que se obtem dissolvendo o iodo no soluto do hydrato de potassa, evaporando, calcinando o residuo com pequena porção de carvão, lixiviando e fazendo depois crystallisar.

Crystaes cubicos, opacos com brilho de porcelana; incolor, sabor acre e picante, cheiro que faz lembrar o do iodo; deliquescente, produzindo pela dissolução na agua consideravel abaixamento de temperatura; pouco soluvel no alcool, soluvel em 2,5 partes de glycerina.

Tratado pelo azotato de prata e em seguida pela agua ammoniacal em excesso, o liquido filtrado não deve dar com um excesso de acido azotico, precipitado branco soluvel na ammonia. Dissolvido em agua, addicionando-se-lhe cozimento de amido, agua de chloro e ether, e agitando em tubo de vidro, o ether que sobrenada deve permanecer incolor. Tratado pelo alcool a 90ᶜ em excesso á temperatura ordinaria, dissolve-se totalmente.

IODO.

Iodum.

$$I \text{ ——— } I^2$$

Corpo simples que se obtem saturando pelo acido sulfurico as aguas mães das sodas *vareks,* concentrando o liquido, fazendo-o atravessar por uma corrente de chloro e sublimando o iodo que se precipitou.

Laminas rhomboidaes largas e brilhantes ou octaedros alongados; côr cinzento-azulada, sabor muito acre, cheiro forte caracteristico, pouco soluvel na agua e na glycerina, soluvel em 10 partes de alcool a 90c; muito soluvel no ether, no chloroformio e no sulfureto de carbonio; densidade 4,94; inteiramente volatil, dando vapores violetes.

IODOFORMIO.

Iodoformum.

IODETO DE METHYLA DI-IODADO.

$$C^2HI^3 \text{ ——— } CHI^3$$

Composto obtido pela acção do iodo sobre o alcool em presença de um soluto de carbonato de soda ou de potassa.

Pó ou laminas hexagonaes sedosas; amarello, sabor adocicado, cheiro similhante ao do açafrão, inalteravel ao ar, volatil, insoluvel na agua, soluvel em 80 partes de alcool, em 20 de ether e no chloroformio, muito soluvel nos oleos e nas essencias; densidade 2,05; fusivel de 115° a 120°.

IPECACUANHA.

Ipecacuanha.

POAYA VERDADEIRA. IPECACUANHA FUSCA. CIPÓ EMETICO.

Callicocca Ipecacuanha Gomes e Brot. *(Cephaëlis Ipecacuanha* Rich.), Rubiacea vivaz, do Brazil.

(Gomes. Mem. Ipec. 27.)

Raiz—*Radix Ipecacuanhæ*—da grossura de uma penna, flexuosa, torcida, irregularmente annelada, adelgaçando para o extremo superior; casca espessa, dura, fragil, como cornea, fusca ou acinzentada por fóra, amarellada na superficie interna, de fractura resinosa e lisa; meditullio lenhoso, filiforme, amarellado (inerte); cheiro privativo, sabor acre, amargo, aromatico, por fim enjoativo.

Pó.—*Pulvis Ipecacuanhæ.*—Obtem-se aproveitando apenas tres quartos da quantidade empregada.

JABORANDI.

Pilocarpus.

JABORANDI DO CEARÁ.

Pilocarpus pennatifolius Lemaire, Rutacea arbustiva, da provincia de S. Paulo no Brazil, cultivada nas proximidades de Lisboa *(Lumiar).*

Folhas—*Folia Pilocarpi*—compostas, alternas, imparipinnadas, de longo peciolo, nodoso na inserção dos foliolos, que são bi ou tri-conjugados, ellipticos ou oblanceolados, coriaceos, de 10 a 15 centimetros de comprimento e 3 a 5 de largura, obtusos no apice, que é emarginado, um pouco inequilateraes na base, mui levemente ondeados nos bordos, pontilhados de glandulas transparentes, peciolos secundarios muito curtos e fracamente articulados; cheiro levemente aromatico, sabor um tanto nauseoso.

Prive dos peciolos, na occasião do emprego.

Não confunda com o JABORANDI DO PARÁ OU ALFAVACA DE COBRA DO BRAZIL—**Monniera trifolia** Nees e Mart.—Rutacea annual; nem com o **Piper Jaborandi** Velloso *(Ottonia Anisum* Spreng.), Piperacea arbustiva, tambem conhecido com o nome de *Jaborandi.* (Mat. med. bras. 100—Fl. flum. I. Tab. 55.)

JALAPA.

Jalapa.

Exogonium Purga Benth. (*Ipomœa Purga* Hayne), Convolvulacea vivaz, do Mexico.

Tuberculos radicaes, vulgarmente *Raiz—Tubera Jalapæ*— de volume variavel entre o da noz e o da laranja: os mais pequenos, inteiros e ovoide-ponteagudos; os maiores, profundamente incisados ou cortados em rodellas, compactos e pesados; uns e outros engelhados e escuros na superficie externa, amarello-acinzentados por dentro, com zonas concentricas e anegradas na secção transversal, e pontos brilhantes na fractura; cheiro enjoativo, sabor acre, prolongando-se até ás fauces.

JALAPA DO BRAZIL.

Jalapa brasiliensis.

BATATA DE PURGA.

Piptostegia Gomesii Mart. (*Convolvulus operculatus* Gomes ou *Convolvulus contortus* Velloso) e **Piptostegia Pisonis** Mart. (*Operculina Turpethum* Manso), Convolvulaceas sub-arbustivas, do Brazil.

(Mat. med. bras. 78—*Gomes*. Obs. bot. med. I. 23. Est. III.—Fl. flum. II Tab. 48.)

Tuberculos radicaes, vulgarmente *Raiz—Tubera Jalapæ brasiliensis*—fusiformes ou napiformes, cinzento-escuros por fóra, brancos por dentro; inodoros, sabor acre. Costumam vir cortados em talhadas, rugosas e escurecidas nos bordos, branco-acinzentadas nas superficies de secção, que apresentam circulos concentricos proeminentes e asperos.

JUJUBAS.

Zizyphum.

AÇUFEIFAS. MAÇÃS DE ANAFEGA.

Drupas seccas do **Rhamnus Zizyphus** Linn. *(Zizyphus sativa* Desfont.) e do **Rhamnus Lotus** Linn. *(Zizyphus Lotus* Lamk.), Rhamneas arboreas, da Syria, quasi indigenas e muito cultivadas no continente.

(Fl. lusit. I. 301—Fl. pharm. 72.)

Ovoides, do volume de azeitonas, epicarpo coriaceo, vermelho, lustroso, ás vezes enrugado, mesocarpo brando e amarellado, endocarpo osseo com 1 ou raras vezes 2 sementes; inodoras, sabor acidulo e doce.

KAMALA.

Glandulæ Rottleræ.

Pó glanduloso da superficie das capsulas da **Rottlera tinctoria** Roxb. *(Mallotus philippinensis* Müll.), Euphorbiacea-acalyphea arborea, da India e da China.

Fino, granuloso, côr de tijolo, quasi inodoro, insipido; visto ao microscopio mostra-se formado pela mistura de pellos estrellados e de corpusculos deprimidos e subglobosos cheios de cellulas que contêem materia resinosa; projectado contra uma chamma, deflagra; difficilmente miscivel com a agua; soluvel no alcool fervente e no ether, tornando-os vermelhos e deixando um residuo como capillar.

Rejeite as materias terrosas com que venha misturado.

KERMES ANIMAL.

Chermes vel *Coccum.*

KERMES VEGETAL. COCHONILHA DOS CARVALHOS.
GRÃ DO CARRASQUEIRO.

Femea do **Chermes Vermilio** G. Planchon (secção do *Coccus Ilicis* Linn.), Insecto-hemiptero que vive e se modifica sobre as folhas do CARRASQUEIRO — **Quercus coccifera** Linn. — Cupulifera arborea, indigena.

(Fl. lusit. II. 32 — Fl. pharm. 512.)

Animal globoso, do volume de uma ervilha, friavel, vermelho lustroso que o tempo transforma em negro violete, coberto de pó esbranquiçado.

Uma parte do succo do animal, tendo em dissolução tres partes de assucar granuloso, constitue o XAROPE DE KERMES — *Syrupus chermesinus.*

KERMES MINERAL.

Kermes minerale.

OXY-SULFURETO DE ANTIMONIO, HYDRATADO.
KERMES DE CLUSEL.

Sulfureto de antimonio, em pó fino....	cem grammas	100
Carbonato de soda..	dois mil duzentos e cincoenta grammas	2:250
Agua distillada.....	vinte e cinco mil grammas	25:000

Dissolva o carbonato na agua, aqueça até a fervura em capsula de ferro; ajunte o sulfureto; continue a ebullição por 2 horas, substituindo a agua á medida que se evapore; filtre o liquido fervente para vasos de louça mergulhados em agua quente. Deixe repousar por 24 horas, decante a agua mãe, lave repetidas vezes o precipitado com agua distillada fria, filtre e seque na estufa moderadamente aquecida.

KINO.

Kino.

Tanoma kino.

Succo concreto obtido, por incisões, do tronco do **Pterocarpus Marsupium** Roxb., Leguminosa-papilionacea arborea, do Malabar.

Fragmentos angulosos, brilhantes; negros e opacos, quando em massa; rubros e translucidos ou transparentes, quando em lamina; friaveis; inodoro, de sabor adstringente tingindo a saliva de vermelho-sangue; soluvel no alcool e na agua, corando-os de vermelho retinto.

LABDANO

Ladanum.

Resina da esteva.

Resina cirosa obtida, pela decocção na agua, das summidades floridas da Esteva—**Cistus ladaniferus** Linn.—Cistinea arbustiva, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 261—Fl. pharm. 291.)

Massas pegajosas, negras, facilmente fusiveis, de fractura baça; cheiro agradavel, privativo; projectado nas brasas, exhala fumos brancos, espessos e muito aromaticos; sabor um pouco amargo.

Póde substituir-se-lhe o que provém do **Cistus creticus** Linn. (*Cistus tauricus* Presl.), especie tambem arbustiva, do Levante.

LACTATO FERROSO.

Lactas ferrosus.

DI-LACTATO DE FERRO. LACTATO DE FERRO.

$$FeO, C^6H^5O^5 + 3HO \text{ ——— } (C^3H^5O^3)^2Fe + 3H^2O$$

Composto obtido por dupla decomposição entre o lactato de cal e o sulfato ferroso.

Massas formadas de crystaes aciculares prismaticos de côr amarello-esverdeada; sabor ferruginoso adocicado, cheiro fraco, inalteravel ao ar secco, soluvel em 48 partes de agua fria, em 12 da fervente, em 50 de glycerina, pouco soluvel no alcool.

LACTATO DE MAGNESIA.

Lactas magnesicus.

DI-LACTATO DE MAGNESIO.

$$MgO, C^6H^5O^5 + 3HO \text{ ——— } (C^3H^5O^3)^2Mg + 3H^2O$$

Composto que se obtem saturando o acido lactico pelo oxydo de magnesio ou pela magnesia alva.

Prismas obliquos do systema monoclinico, incolor, sabor ligeiramente amargo, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 26 partes de agua fria, em 3,5 da fervente, insoluvel no alcool; neutro aos papeis reagentes.

LACTUCARIO.

Lactucarium.

Succo concreto obtido, por incisões, do caule das Alfaces virosa e hortense e da **Lactuca altissima** Bieberstein, Composta-chicoreacea vivaz, do Caucaso, muito cultivada.

Fragmentos anegrados, opacos, friaveis, de fractura cirosa, superficie muitas vezes coberta por efflorescencias esbranquiçadas *(Mannita)*; cheiro viroso particular, sabor amargo; soluvel na agua.

LACTUCARIO PELO ALCOOL.

Lactucarium depuratum.

EXTRACTO DE LACTUCARIO.

Lactucario	mil grammas	1:000
Alcool a 65°	oito mil grammas	8:000

Macere por 10 dias em metade do alcool, côe espremendo; submetta o residuo a igual maceração no alcool restante, repita a coadura; misture os dois liquidos; distille até obter um terço do alcool empregado; evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto molle.

LAMINARIA.

Laminaria digitata.

Fucus digitatus Linn. (*Laminaria digitata* Lamour.), Algafucacea vivaz, da foz do Tejo e do litoral do Algarve.

(Fl. lusit. II. 437.)

Frondes preparadas—*Folia Laminariæ preparata*—seccas e reduzidas a pequenos cylindros ou cones, alguns canaliculados, de 10 a 25 centimetros de comprimento, de grossura variavel, côr de castanha ou verde escuros, consistentes, um pouco elasticos, tenazes, e que macerados na agua augmentam consideravelmente de volume.

LARANJADA CITRO-MAGNESICA.

Limonada magnesica, aurantiata.

LARANJADA DE CITRATO DE MAGNESIA.

Acido citrico	cem grammas	100
Magnesia alva	sessenta grammas	60
Agua	quinhentos grammas	500
Xarope de casca de laranja	cento e cincoenta grammas	150
Succo de laranja doce	duzentos grammas	200

Dissolva o acido na agua, ajunte a magnesia; quando o liquido estiver transparente, misture-lhe o xarope e o succo; côe; não filtre.

LARANJEIRA.

Aurantium.

As seguintes especies do genero **Citrus**, Auranciaceas arboreas, da Asia, muito cultivadas.

α—**Laranjeira azeda.**—*Aurantium amarum.*—É o **Citrus Bigaradia** Duham. *(Citrus vulgaris* Risso), var. **hispanica** e outras.

(Hist. nat. des Orang. 98. Tab. 44.)

Folhas—*Folia Aurantii amari.*
Flores—*Flores Aurantii amari.*
Hesperideo, vulgarmente *Laranja azeda*—*Fructus Aurantii amari.*
Epicarpo, vulgarmente *Curaçau, Casca de laranja* ou *Amarello de casca de laranja*—*Cortex Aurantii amari.*

β—**Laranjeira doce.**—*Aurantium dulce.*—É o **Citrus Aurantium** Risso var. **sinense** *(Aurantium Olyssiponense* Tournefort), var. **Lusitanicum** e outras.

(Id. ibid. 34 e 65. Tab. 4 e 26.)

Flores—*Flores Aurantii dulcis.*
Hesperideo, vulgarmente *Laranja doce*—*Fructus Aurantii dulcis.*

LEITE.

Lac.

Liquido segregado pelas glandulas mammarias das femeas do **Bos Taurus** Linn., ou do **Capra Hircus** Linn., Ruminantes domesticos.

Vulgar.

Empregue o que não seja desnatado e que marque pelo menos 30° na respectiva escala do lacto-densimetro de **Bouchardat** e **Quevenne.**

LEPIDIO.

Lepidium.

HERVA SERRA. HERVA PIMENTEIRA.

Lepidium latifolium Linn., Crucifera vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 567 — Fl. pharm. 360.)

Folhas — *Folia Lepidii* — as radicaes, grandes, ovaes, serreadas, de longos peciolos membranosos na base e sulcados longitudinalmente; as caulinares, de curtos peciolos amplexicaules; as cimeiras, pequenas, rentes e não serreadas; cheiro fraco, sabor um tanto amargo e bastante acre.

LICHEN.

Lichen islandicus.

MUSGO ISLANDICO. MUSGO AMARGO.

Lichen islandicus Linn. (*Cetraria islandica* Acharius), Lichenalia do norte da Europa e da Serra da Estrella.

(*Welw.* Fl. lusit. exsic. *sp.* 257.)

Thallo — *Thallus Lichenis* — membranoso, coriaceo, crespo, irregularmente lobado, de lobulos denteados e ás vezes celheados, com uma face escura e outra esbranquiçada, de côr sanguinea na base; inodoro, sabor amargo e mucilaginoso.

Expurgue de outros **Lichens** *e dos mais corpos estranhos que o acompanham.*

LICHEN SEM AMARGO.

Lichen islandicus sine amaritudine.

MUSGO ISLANDICO SEM AMARGO. MUSGO DOCE.

Lichen	mil grammas	1:000
Carbonato de potassa	cincoenta grammas	50
Agua		q. b.

Dissolva o carbonato em 6:000 grammas de agua; macere o lichen no soluto por 24 horas, decante, repita a maceração em outra tanta agua, por igual espaço de tempo; lave repetidas vezes até que a agua de lavagem não azule o papel de tornesol vermelho; seque ao ar.

LIMÃO.

Citrium.

Hesperideo do **Citrus Limonum** Risso var. **hispanicum**, var. **vulgaris** e outras, Auranciacea arborea, da Asia, muito cultivada.

(Hist. nat. des Orang. 168 e 176. Tab. 84).

Epicarpo, vulgarmente *Casca de limão* ou *Amarello da casca do limão — Cortex Citrii.*

LIMONADA AZOTICA.

Limonada Acidi azotici.

ACIDRITO AZOTICO. LIMONADA NITRICA.

Acido azotico puro	tres grammas	3
Assucar granuloso	sessenta grammas	60
Agua	novecentos e quarenta grammas	940

Dissolva; filtre.

LIMONADA DE CHLORETO FERRICO.

Limonada Chloreti ferrici.

LIMONADA DE PER-CHLORURETO DE FERRO.

Soluto de chloreto ferrico	quatro grammas	4
Assucar granuloso	cincoenta e seis grammas	56
Agua distillada	novecentos e quarenta grammas	940

Dissolva; filtre.

LIMONADA CHLORHYDRICA.

Limonada Acidi chlorhydrici.

ACIDRITO CHLORHYDRICO.

Acido chlorhydrico puro	tres grammas	3
Assucar granuloso	cincoenta e sete grammas	57
Agua	novecentos e quarenta grammas	940

Dissolva; filtre.

LIMONADA CITRICA.

Limonada Acidi citrici.

ACIDRITO CITRICO.

Acido citrico	tres grammas	3
Assucar granuloso	cincoenta e sete grammas	57
Agua	novecentos e quarenta grammas	940

Dissolva; filtre.

LIMONADA CITRO-MAGNESICA.

Limonada magnesica.

LIMONADA DE CITRATO DE MAGNESIA.

Acido citrico	cem grammas	100
Magnesia alva	sessenta grammas	60
Xarope de casca de limão	cento e cincoenta grammas	150
Agua	setecentos grammas	700

Dissolva o acido na agua, addicione a magnesia; quando o liquido estiver transparente, ajunte o xarope; filtre.

LIMONADA PHOSPHORICA.

Limonada Acidi phosphorici.

ACIDRITO PHOSPHORICO.

Acido phosphorico medicinal	tres grammas	3
Assucar granuloso	cincoenta e sete grammas	57
Agua distillada	novecentos e quarenta grammas	940

Dissolva; filtre.

LIMONADA SULFURICA.

Limonada Acidi sulfurici.

ACIDRITO SULFURICO.

Acido sulfurico puro	dois grammas	2
Assucar granuloso	cincoenta e oito grammas	58
Agua	novecentos e quarenta grammas	940

Dissolva; filtre.

LIMONADA DE TARTRATO BORO-POTASSICO.

Limonada Tartratis boro-kalici.

LIMONADA DE CREMOR DE TARTARO SOLUVEL.

Tartrato boro-potassico	vinte grammas	20
Assucar granuloso	sessenta grammas	60
Agua	novecentos e vinte grammas	920

Dissolva; filtre.

LINHO.

Linum.

Linum usitatissimum Linn. (*Linum sativum* Blackw.), Linea annual, dos campos da Europa, muito cultivada no continente, na Madeira e na Africa portugueza.

(Fl. lusit. I. 481 — Fl. pharm. 165 — Fl. Mad. I. 98 — Fl. trop. Afr. I. 269.)

Sementes, vulgarmente *Linhaça* — *Semina Lini* — ovaes-aguçadas, pequenas, achatadas, lisas e lustrosas, côr de castanha por fóra, amarelladas por dentro; inodoras, sabor oleo-mucilaginoso.

As sementes pulverisadas e tamisadas, constituem a FARINHA DE LINHAÇA — *Farina linea.*

Fios. — *Linum stamineum.* — São as fibras tecidas, e puidas pelo uso.

LINIMENTO AMMONIACAL.

Linimentum ammoniacale.

LINIMENTO VOLATIL. SABÃO AMMONIACAL.

Oleo de amendoas	oitenta grammas	80
Ammonia liquida	vinte grammas	20

Misture, agitando, em frasco rolhado.

LINIMENTO AMMONIACAL, CAMPHORADO.

Linimentum ammoniacale, camphoratum.

LINIMENTO VOLATIL CAMPHORADO. SABÃO AMMONIACAL CAMPHORADO.

Oleo camphorado	oitenta grammas	80
Ammonia liquida	vinte grammas	20

Misture, agitando, em frasco rolhado.

LINIMENTO CALCAREO.

Linimentum calcicum.

LINIMENTO OLEO-CALCAREO. SABÃO CALCAREO.

Oleo de amendoas	cem grammas	100
Agua de cal	novecentos grammas	900

Misture, agitando fortemente; deixe em quietação por 1 hora; rejeite a agua que se deposita.

LINIMENTO DE ESPERMACETE.

Linimentum Spermaceti.

OLEO PROPRIO.

Espermacete	dez grammas	10
Oleo de amendoas	noventa grammas	90

Funda a calor brando; agite até arrefecer.

LIQUIDAMBAR.

Fluidambar.

Succo balsamico obtido, por incisões, do tronco do **Liquidambar Styraciflua** Linn. (*Liquidambar macrophylla* Orst.), Platanacea arborea, da America do norte.

Liquido de consistencia oleosa, transparente, amarello-alambreado, cheiro suave, sabor aromatico, por fim acre; avermelha o tornesol.

LIRIO.

Iris florentina.

LIRIO FLORENTINO.

Iris germanica Linn., **Iris pallida** Lamk. e **Iris florentina** Linn., Irideas vivazes, da Europa meridional.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz — Radix Iridis florentinæ* — descorticado, em pedaços da grossura do pollegar, oblongos, articulados, ramosos, compactos, de côr branca pontilhada de negro nas cicatrizes das raizes; cheiro que lembra o da violeta, sabor acre e amargo.

LOBELIA.

Lobelia.

TABACO INDIANO.

Lobelia inflata Linn. (*Rapuntium inflatum* Mill.), Lobeliacea annual, da America do norte.

Planta florida — *Herba Lobeliæ florens* — de caule anguloso, folhas alternas, oblongo-pecioladas ou ovaes-sesseis, irregularmente serreado-denteadas e um tanto pubescentes, flores pequenas, de curto pedunculo e corolla bi-labiada de côr azul violacea, capsula ovoide intumecida; cheiro particular, sabor urente, só apreciavel algum tempo depois de mastigada. Costuma vir já cortada e comprimida em pequenos pacotes, apresentando no todo côr verde-amarellada.

LOOCH BRANCO.

Look album.

Oleo de amendoas	dez grammas	10
Gomma adragantha em pó	trinta centigrammas	0,30
Agua de loureiro-cerejeira	dez grammas	10
Emulsão commum	oitenta grammas	80

Misture em gral de pedra a gomma, o oleo e a agua, agitando vivamente por algum tempo; ajunte a pouco e pouco a emulsão.

LOOCH VERDE.

Look viride.

Pistacios	dez grammas	10
Gomma adragantha em pó	cincoenta centigrammas	0,50
Oleo de amendoas	dez grammas	10
Xarope de violetas	dez grammas	10
Agua de flores de laranjeira	dez grammas	10
Agua	setenta grammas	70

Contunda em gral de pedra os pistacios com a agua, para fazer emulsão; côe espremendo; emulsione o oleo com a gomma, o xarope e a agua de flores de laranjeira; ajunte a pouco e pouco as duas emulsões; agite até obter mistura perfeita.

LOSNA.

Absinthium.

ABSINTHIO. ACINTRO.

Artemisia Absinthium Linn. (*Absinthium officinale* Brot.), Composta-senecionidea vivaz, indigena do continente, onde floresce em julho e agosto.

(Fl. lusit. I. 357 — Fl. pharm. 450 — Fl. port. II. 267.)

Summidades floridas — *Cacumina Absinthii florentia* — de folhas alternas, bi ou tri-pinnatifidas, de segmentos lanceolados um tanto obtusos, sedosas, pontilhadas, verde-prateadas, inflorescencia em cacho de capitulos sub-globosos, pendentes e amarellados; cheiro aromatico privativo, sabor extremamente amargo.

Póde substituir-se-lhe a LOSNA DO ALGARVE — **Artemisa arborescens** Linn. (*Absinthium arborescens* Brot.) — arbustiva e tambem indigena do continente, onde floresce de junho a agosto. (Fl. lusit. *id. ibid.* — Fl. pharm. 452 — Fl. port. II. 266.)

LOUREIRO-CEREJEIRA.

Lauro-cerasus.

LOURO-CEREJO.

Prunus Laurocerasus Linn. (*Cerasus Lauro cerasus* Loiseleur), Rosacea-amygdalea arborea, do Oriente, muito cultivada.

Folhas recentes — *Folia Lauro-cerasi* — de peciolo curto e consistente, rijas, ovaes, lanceoladas ou ellipticas, com dentes muito afastados, recurvadas nos bordos, lisas e lustrosas na pagina superior, de côr verde intensa, mais clara na inferior, com 2 a 4 glandulas junto ao peciolo; inodoras, mas quando contundidas desenvolvem cheiro cyanhydrico; sabor adstringente e amargo.

Devem ser colhidas no verão.

LUPULO.

Lupulus vel *Lupus salictarius.*

LUPARO. PÉ DE GALLO.

Humulus Lupulus Linn. (*Lupulus communis* Gärtn.), Cannabinea vivaz e dioica, da Europa, cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 469 — Fl. pharm. 534.)

Estrobilos, vulgarmente *Flores* — *Fructus Lupuli* — em fórma de pinha ovoide composta de escamas soltas, membranosas, quasi transparentes, amarello-claras, um tanto glutinosas, cobertas na base e na face interna por pó glanduloso; cheiro suave e balsamico, sabor amargo.

Rejeite os que apresentarem cheiro sulfuroso.

O pó glanduloso dos estrobilos, que é resinoso, amarello côr de oiro, de granulos arredondados ou ovoides um tanto transparentes, que tem cheiro e sabor como o dos estrobilos e deflagra sem fumo quando projectado contra uma chamma, constitue o LUPULINO — *Lupulinum.*

LYCOPODIO.

Sporulæ Lycopodii.

ENXOFRE VEGETAL.

Esporos do **Lycopodium clavatum** Linn., Lycopodiacea vivaz, da Europa central.

Pó amarello-claro, impalpavel, muito leve, inodoro, insipido; difficil de misturar com a agua; projectado contra uma chamma deflagra sem fumo; molhado com alcool ou com acido sulfurico revela-se ao microscopio como essencialmente formado de granulos isolados, com a superficie em parte convexa e granulosa, em parte triedrica e lisa.

MACELLA.

Amaranthus.

MACELLA GALLEGA. MACELLÃO. FALSA CAMOMILLA.

Anacyclus aureus Brot. non Linn. (*Anthemis odora* Hoffmseg. et Link.), Composta-senecionidea vivaz, indigena do continente e da Madeira. Floresce de maio a agosto.

(Fl. lusit. I. 363 — Phyt. Lusit. II. 188. Tab. 163. — Fl. pharm. 455 — Fl. port. II. 358 — Fl. Mad. I. 467-469.)

Capitulos, vulgarmente *Cabeças de macella* — *Flores Amaranthi* — terminaes, solitarios, de receptaculo conico e como tomentoso, flosculos amarellos, infundibuliformes e quinquefidos; cheiro forte desagradavel, sabor muito amargo.

Póde substituir-se-lhe a CAMOMILLA DOS ALLEMÃES — **Matricaria Chamomilla** Linn. — especie annual, cultivada.

Não se lhe substitua, sem indicação especial:

1.º A MACELLA FETIDA — **Anthemis Cotula** Linn. (*Maruta Cotula* De Cand.);

2.º A MACELLA FUSCA OU MARGAÇA FUSCA — **Anthemis fuscata** Brot. non Linn. (*Maruta fuscata* De Cand.);

3.º A MACELLA ESPATHULADA — **Anthemis repanda** Brot. (*Lepidophorum repandum* De Cand.); especies todas annuaes: a primeira, indigena do continente e dos Açores, acclimada na Madeira; as outras, indigenas do continente. (Fl. azor. *sp.* 200 — Fl. Mad. I. 470 — Fl. lusit. I. 393-394 — Phyt. Lusit. I. 59-61. Tab. 27 e 28 — Fl. pharm. 473, 475 e 476 — Fl. port. II. 353, 354 e 357).

MACERADO DE ALTHEA.

Maceratum Althææ.

INFUSO DE ALTHEA, A FRIO.

Althea contusa	cincoenta grammas	50
Agua	mil grammas	1:000

Macere por 1 hora, côe.

MACERADO DE DEDALEIRA.

Maceratum Digitalis.

INFUSO DE DIGITAL, A FRIO.

Dedaleira em pó	um gramma	1
Agua distillada	mil grammas	1:000

Macere por 4 horas; filtre.

MACERADO DE QUASSIA.

Maceratum ligni Quassiæ.

INFUSO DE QUASSIA, A FRIO.

Quassia rasurada	vinte grammas	20
Agua	mil grammas	1:000

Macere por 2 horas; filtre.

MACERADO DE QUINA.

Maceratum corticis Cinchonæ flavi.

MACERADO DE QUINA CALISAYA. INFUSO DE QUINA, A FRIO.

Quina amarella em pó	cincoenta grammas	50
Agua distillada	mil grammas	1:000

Macere por 2 horas; filtre.

MACERADOS.

Macerata.

Infusos a frio.

Serão preparados, quando não houver indicação especial, pela seguinte formula:

Substancia a empregar	vinte grammas	20
Agua	mil grammas	1:000

Contunda, corte ou pulverise grosseiramente a substancia, conforme a sua natureza; macere por 2 horas; côe ou filtre.

Das substancias muito activas não se fará macerado sem formula, que expressamente indique a relação dos componentes.

MAGNESIA ALVA.

Magnesia alba.

Hydro-carbonato de magnesia. Sub-carbonato de magnesia. Carbonato de magnesia.

Producto que se obtem precipitando o sulfato de magnesia pelo carbonato de soda.

Pães ou massas brancas; insipida, inodora, inalteravel ao ar; soluvel em 2:500 partes de agua fria e em 9:000 de agua fervente.

Totalmente soluvel, com effervescencia, no acido chlorhydrico; este soluto, tratado por uma grande quantidade de chloreto de ammonio e neutralisado pela ammonia, não precipita pelo oxalato de ammonia.

MALVA.

Malva.

Malva rotundifolia Linn. e **Malva sylvestris** Linn., Malvaceas annuaes, indigenas do continente e, a primeira, dos Açores. Florescem em junho e julho.

(Fl. lusit. II. 273 — Fl. pharm. 381-383 — Fl. azor. *sp.* 338.)

Raiz — *Radix Malvæ.*
Folhas — *Folia Malvæ.*
Flores — *Flores Malvæ.*

Vulgares.

Póde substituir-se-lhes a **Lavatera sylvestris** Brot. e as outras especies do genero **Malva**, indigenas do continente, da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde. (Fl. lusit. II. 277, 274 e 275 — Phyt. Lusit. II. 223-225. Tab. 179 — Fl. pharm. 384 — Fl. Mad. I. 64-66 — Fl. azor. *sp.* 337 — Fl. Cap Verd. 280 a 282.)

MANDIOCA.

Radix Manihot.

Raiz da **Jatropha Manihot** Linn. (*Manihot utilissima* Pohl), Euphorbiacea-hippomanea arbustiva, do Brazil e da Africa occidental portugueza, cultivada em Cabo Verde.

(Mat. med. bras. 3 — Fl. flum. X. Tab. 80 — Fl. Cap Verd. 307.)

Farinha, vulgarmente *Farinha de pau.* — *Farina Manihot.* — É a raiz descorticada, reduzida a polpa, privada do succo amylaceo, secca e submettida a ligeira torrefacção.

Pó grosso, branco-amarellado, com o aspecto de serradura. A agua intumece-a mesmo a frio.

Fecula ou **Amido**, vulgarmente *Cepipa* ou *Pós de gomma.* — *Amylum Manihot.* — Proveniente do succo da raiz.

Constituida por finissimos granulos, que o microscopio mostra serem proximamente iguaes em volume, pela maior parte nummulares, alguns ovoides truncados, com anneis circumscrevendo o hilo ás vezes fracturado em estrella; muito menores que os da araruta e do trigo.

Quando tem sido secca pelo calor e fica no estado grumeloso, chama-se TAPIOCA.

MANNÁ.

Manna.

Succo concreto obtido, por incisões, da casca do **Fraxinus Ornus** Linn. *(Ornus europæa* Pers.) e do **Fraxinus rotundifolia** Lamk. *(Ornus rotundifolia* Pers.), Oleaceas-fraxineas arboreas, cultivadas na Sicilia e na Calabria.

α—**Manná em lagrimas.**—*Manna purissimum.*—Pedaços compridos, amarello-esbranquiçados, irregularmente prismaticos ou cannellados, conservando a impressão da superficie do tronco sobre que se solidificaram, porosos, friaveis, tendo na fractura pequenos crystaes assetinados; cheiro que lembra o do mel, sabor doce, por fim ligeiramente amargo; totalmente soluvel na agua e no alcool absoluto fervente, o qual pelo resfriamento deixa depositar a *Mannita* em crystaes.

β—**Manná em sortes.**—*Manna commune* vel *Geracina.*—Massas informes, viscosas, heterogeneas, constituidas pela frouxa adhesão de fragmentos mais ou menos escuros; cheiro enjoativo, sabor doce, um tanto acre.

Rejeite o que estiver fermentado.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Manná em sortes.**

MANTEIGA.

Butyrum.

Parte gordurosa do leite, extrahida por meios mechanicos.

Vulgar.

Empregue só depois de tratada pela agua fervente, da qual se separa pelo arrefecimento.

MARMELO.

Cydonium vel *Cotonium.*

Pomo recente do MARMELEIRO—**Pyrus Cydonia** Linn. var. **minor** Brot. *(Cydonia vulgaris* Pers.)—Rosacea-pomacea arborea, do Oriente, muito cultivada no continente e na Madeira.

(Fl. lusit. II. 330—Fl. pharm. 262—Fl. Mad. I. 261.)

Vulgar.

Sementes, vulgarmente *Pevides—Semina Cydonii.*

MARROIO.

Marrubium.

MARROIO BRANCO.

Marrubium vulgare Linn. *(Marrubium hamatum* Kunth), Labiada vivaz, indigena do continente, onde floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. I. 168—Fl. pharm. 334—Fl. port. I. 116.)

Folhas—*Folia Marrubii*—pecioladas, ovaes, obtusas, rugosas, tomentosas e agudamente crenadas, esverdeadas na pagina superior, esbranquiçadas na inferior; cheiro aromatico, sabor acre e amargo.

Faça a colheita ao apontar da floração.

MASTICA.

Mastiche.

ALMECEGA DA INDIA.

Resina obtida, por incisões, dos troncos da **Pistacia Lentiscus** Linn. var. **Chia** Duham. *(Pistacia Chia* Desfont.), Terebinthacea-anacardia arbustiva, do archipelago grego.

Lagrimas pequenas, esphericas ou achatadas, de côr amarello-desvanecida que o tempo escurece, opalinas principalmente no centro, de superficie farinacea, fractura conchoide; amollecem quando mastigadas; cheiro e sabor suaves e aromaticos; em grande parte soluvel no alcool, completamente no ether e na essencia de terebinthina fervente.

MASTRUÇO.

Nasturtium.

Lepidium sativum Linn. var. β **crispum** De Cand. (*Nasturtium crispum* J. Bauh.), Crucifera annual, da Persia e da ilha de Chypre, cultivada no continente e na Madeira.

(Fl. lusit. I. 567 — Fl. pharm. 359 — Fl. Mad. I. 34.)

Folhas recentes—*Folia Nasturtii*—pecioladas, glabras e um tanto carnosas: as radicaes, bi-pinnuladas, de pinnulas cuneiformes, recortado-denteadas, um tanto agudas; as caulinares, pinnuladas, de pinnulas linear-lanceoladas, agudas; as cimeiras, rentes, lineares, agudas, quasi integerrimas, um tanto concavas, ligeiramente empubescidas; cheiro fraco, mas aromaticas quando contusas, sabor acre.

MATE.

Herba paraguayensis.

CHÁ MATE.

Ilex paraguayensis Lambert var. γ Walpers (*Ilex paraguariensis* S.t Hil.), Ilicinea arbustiva, do Paraguay e do Brazil.

(Mat. med. bras. 61 e 126.)

Folhas—*Folia Herbæ paraguayensis*—pecioladas, muito glabras, oblongo-oblanceoladas, irregularmente serreadas de dentes obtusos, pontilhadas de negro na pagina inferior; cheiro aromatico, sabor levemente adstringente.

MATICO.

Maticum.

Piper angustifolium Ruiz e Pavon (*Artanthe elongata* Miquel), Piperacea arbustiva, do Perú e do Brazil.

Folhas—*Folia Matici*—de curto peciolo, oblongas, lanceoladas, acuminadas, um tanto coriaceas, marchetadas na pagina superior, reticuladas e lanuginosas na inferior; cheiro aromatico, que lembra o das cubebas, sabor um pouco adstringente. Costumam vir comprimidas em massas arredondadas, apresentando no todo côr esverdeada.

Rejeite as flores e hasteas com que venham misturadas.

MEIMENDRO.

Hyoscyamus vel *Apollinaris.*

Meimendro negro.

Hyoscyamus niger Linn., Solanacea annual ou bis-annual, indigena do continente, onde floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. I. 274 — Fl. pharm. 64 — Fl. port. I. 205.)

Planta — *Herba Hyoscyami* — de caule cylindrico, ramoso e villoso, folhas alternas, ovaes-oblongas, agudas, amplexicaules, com lacinias lanceoladas, cotanilhosas, molles, pegajosas, de côr verde-desmaiado; cheiro desagradavel e sabor acre, que a exsiccação desvanece.

Colha sómente a planta bis-annual e espontanea, antes de terminada a floração.

Sementes — *Semina Hyoscyami* — pequenissimas, achatadas, sub-reniformes, reticuladas, cinzentas; quasi inodoras, sabor oleoso repugnante.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, o Meimendro branco — **Hyoscyamus albus** Linn. — especie annual, indigena do continente e da Madeira. (Fl. lusit. *id. ibid.* — Fl. pharm. 65 — Fl. port. I. 206 — Fl. Mad. II. 111.)

MEL.

Mel crudum.

Mel commum.

Parte saccharina dos favos construidos pelo **Apis mellifica** Linn., Hymenoptero indigena do continente.

Liquido de consistencia semi-fluida, ás vezes grumeloso, mais ou menos amarellado; cheiro e sabor caracteristicos.

Rejeite o que estiver acido.

MELANCIA.

Tetranguria vel *Aquosus Pepo.*

Cucurbita Citrullus Linn. (*Cucumis Citrullus* Seringe), Cucurbitacea annual, da Africa e da India, cultivada no continente e na Madeira.

(Fl. cochinch. 730 — Fl. lusit. I. 312 — Fl. pharm. 527 — Fl. Mad. I. 291.)

Sementes, vulgarmente *Pevides — Semina Tetranguriæ.*

Prive do episperma, só na occasião do emprego.

MELÃO.

Pepo.

Cucumis Melo Linn., Cucurbitacea annual, da Asia, cultivada no continente, na Madeira e em Cabo Verde.

(Fl. cochinch. 726 — Fl. lusit. I. 310 — Fl. pharm. 525 — Fl. Mad. I. 291 — Fl. Cap Verd. 273.)

Sementes, vulgarmente *Pevides — Semina Peponis.*

Prive do episperma, só na occasião do emprego.

MELILOTO.

Sertula.

TREVO DE CHEIRO. CORÔA DE REI.

Trifolium Melilotus officinalis Linn. (*Melilotus officinalis* Lamk. e *Melilotus vulgaris* Willd.), Leguminosa-papilionacea annual ou bis-annual, indigena do continente, onde floresce em junho e julho.

(Fl. lusit. II. 101 — Fl. pharm. 415.)

Summidades floridas — *Cacumina Sertulæ florentia* — de folhas alternas, pecioladas, glabras, compostas de 3 foliolos ovaes-oblongos, despontados e serreados, estipulas assoveladas, inflorescencia em cacho de flores amarellas ou brancas; cheiro suave e particular, sabor um tanto amargo.

MELISSA.

Apiastrum vel *Melitæna.*

HERVA CIDREIRA.

Melissa officinalis Linn. (*Melissa graveolens* Host), Labiada vivaz, indigena do continente, onde floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. I. 178 — Fl. pharm. 342 — Fl. port. I. 145.)

Planta florida — *Herba Apiastri florens* — de caule ramoso e hirsuto, folhas oppostas, pecioladas, ovaes ou cordiformes, crenadas e serreadas, um tanto empubescidas, semeadas de pontos glandulosos, inflorescencia em cymeiras axillares com flores de corolla branca; cheiro aromatico, suave e privativo, sabor levemente amargo.

MELLITO DE ROSAS.

Mellitum Rosarum.

MEL ROSADO.

Rosas rubras	cem grammas	100
Agua fervente	mil grammas	1:000
Mel	mil grammas	1:000

Infunda por 12 horas as rosas na agua, côe espremendo, ajunte o mel, filtre por pasta de papel; evapore até marcar, fervendo, 1,26 (30° B.).

MELLITO SIMPLES.

Mel depuratum.

MEL ESCUMADO. MEL PURIFICADO.

Mel.....	mil grammas	1:000
Agua.....	duzentos grammas	200

Ferva, escume; filtre por pasta de papel; evapore até marcar, fervendo, 1,26 (30° B.).

MERCURIAL.

Mercurialis.

ORTIGA MORTA.

Mercurialis annua Linn. e **Mercurialis ambigua** Linn. fil., especies reunidas na *Mercurialis annua* var. *genuina* De Cand., Euphorbiacea-acalyphea annual e dioica, indigena do continente, onde floresce da primavera ao outomno.

(Fl. lusit. II. 51-52 — Fl. pharm. 541.)

Planta — *Herba Mercurialis* — de caule tetragono quasi cylindrico, folhas oppostas, pecioladas, ovaes ou ovaes-lanceoladas, serreadas, um tanto celheadas, glabras, molles; cheiro desagradavel, sabor amargo e um tanto salino.

Faça a colheita antes de começada a floração.

MERCURIO.

Hydrargyrum.

HYDRARGYRIO. MERCURIO METALLICO. AZOUGUE.

$$Hg \text{———} \overset{//}{Hg}$$

Corpo simples que se obtem ustulando o *cinabrio* (sulfureto de mercurio nativo) e recebendo os vapores metallicos em apparelhos condensadores.

Liquido de brilho metallico; densidade 13,59; pouco volatil á temperatura ordinaria, ferve e distilla a 350°.

α—**Mercurio impuro.**—*Hydrargyrum venale.*—É o producto da industria mineira, que o entrega ao commercio em garrafas de ferro.

Brilho embaciado por tenue camada de um sub-oxydo de mercurio; quando vertido de um vaso para outro forma gottas alongadas; vem sempre amalgamado com pequenissima quantidade de outros metaes.

β—**Mercurio puro.**—*Hydrargyrum depuratum.*—Obtem-se deixando em contacto de 6 a 12 horas o mercurio impuro com agua ligeiramente acidulada pelo acido azotico, lavando repetidas vezes o metal com agua distillada, até esta não avermelhar o tornesol, e seccando-o por ligeiro aquecimento.

Brilho argentino.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Mercurio puro.**

MERCURIO COM CARBONATO DE CAL.

Hydrargyrum cum Creta.

MERCURIO CRETACEO.

Mercurio puro.....	trinta grammas	30
Carbonato de cal.....	setenta grammas	70

Triture em gral de pedra, até que com o auxilio de uma lente se não distingam globulos metallicos.

MERCURIO DOCE.

Precipitatum album.

CHLORURETO DE MERCURIO, PRECIPITADO. CAL BRANCA DE MERCURIO. PRECIPITADO BRANCO.

Producto que se obtem precipitando o soluto acido do azotato mercuroso pelo acido chlorhydrico.

Pó ou massas informes; branco, insipido, inodoro; a luz directa ennegrece-o, a diffusa torna-o cinzento; insoluvel na agua e no alcool; densidade 9,15.

MILFOLHADA.

Millefolium.

MIL EM RAMA

Achillea Millefolium Linn., Composta-senecionidea vivaz, indigena do continente, acclimada na Madeira.

(Fl. lusit. I. 397 — Fl. pharm. 478 — Fl. port. II. 360 — Fl. Mad. I. 472.)

Folhas—*Folia Millefolii*—as radicaes pecioladas, as outras sesseis; lanceoladas, pubescentes, regularmente tri-pinnatifidas de pinnulas hirtas; cheiro fraco, sabor amargo, um tanto adstringente.

MILFURADA.

Herba perforata.

HYPERICÃO. HERVA DE S. JOÃO.

Hypericum perforatum Linn. (*Hypericum vulgare* G. Bauh.), Hypericinea vivaz, indigena do continente, da Madeira e dos Açores. Floresce de maio a setembro.

(Fl. lusit. II. 322—Fl. pharm. 425—Fl. Mad. I. 79—Fl. azor. *sp.* 340.)

Summidades floridas—*Cacumina Herbæ perforatæ florentia*—de folhas oppostas, sesseis, ovaes ou ovaes-oblongas, integerrimas, glabras, pontilhadas na face por glandulas transparentes e nos bordos por glandulas negras; inflorescencia em pannicula com flores de corolla amarello-vivo, glandulosa na orla; cheiro aromatico e resinoso, que a contusão augmenta, sabor amargo, adstringente, um pouco salino.

Póde substituir-se-lhe o HYPERICÃO CELHEADO—**Hypericum ciliatum** Lamk.—tambem vivaz, indigena do continente. (Phyt. Lusit. I. 189. Tab. 77—Fl. pharm. 426.)

MILHO.

Milium.

Zea Mays Linn. (*Zea vulgaris* Mill.), Graminea annual, do Paraguay, muito cultivada no continente e em Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 60—Fl. pharm. 495—Fl. Cap Verd. 133.)

Estyletes seccos, vulgarmente *Barbas de milho*—*Capillamenta Milii.*

MINIO.

Oxydum plumbicum, ustum.

Oxydo rubro de chumbo. Zarcão. Azarcão. Deut'oxydo de chumbo.

Producto obtido pela calcinação do *massicote* (oxydo amarello de chumbo).

Pó vermelho-vivo, amorpho; sabor adocicado e estyptico, inodoro, inalteravel ao ar, insoluvel na agua e no alcool.

MIRRA.

Myrrha.

Gomma-resina exsudada do tronco do **Balsamodendron Ehrenbergianum** O. Berg, Terebinthacea-burseracea arborea, da Nubia.

Lagrimas soltas ou reunidas em massas, pulverulentas á superficie, translucidas, amarellas ou avermelhadas, quebradiças, de fractura como unctuosa; cheiro aromatico particular, sabor acre e amargo.

Rejeite os pedaços escurecidos, os brancos, os esverdeados, os que intumecerem na agua ou n'ella se dissolverem, e aquelles cujo soluto alcoolico não adquirir côr violete pela addição do acido azotico.

MISTURA DE ALMISCAR.

Mixtura moschata.

Julepo almiscarado.

Almiscar	um gramma	1
Alcool a 85°	quatro grammas	4
Xarope de gomma arabica	dez grammas	10
Agua	oitenta e cinco grammas	85

Triture o almiscar com o alcool, misture o xarope, ajunte a pouco e pouco a agua.

MISTURA DE CAMPHORA.

Mixtura camphorata.

JULEPO CAMPHORADO.

Camphora em pó	um gramma	1
Alcool a 85ᶜ	quatro grammas	4
Xarope de gomma arabica	dez grammas	10
Agua	oitenta e cinco grammas	85

Dissolva a camphora no alcool, misture o xarope, triture, ajunte a pouco e pouco a agua.

MISTURA DE CARBONATO DE CAL.

Mixtura Carbonatis calcici.

MISTURA CRETACEA.

Carbonato de cal	tres grammas	3
Gomma arabica em pó	tres grammas	3
Xarope de canella	dez grammas	10
Agua	oitenta e quatro grammas	84

Misture.

MISTURA DE COPAIBA.

Mixtura balsamica.

Terebinthina copaiba	vinte grammas	20
Gema de ovo	dez grammas	10
Xarope de balsamo de Tolu	vinte grammas	20
Agua de alcatrão	cincoenta grammas	50

Misture em gral de pedra a terebinthina copaiba, a gema e o xarope, ajunte a pouco e pouco a agua de alcatrão.

MISTURA DE MAGNESIA.

Mixtura Oxydi magnesici.

LEITE DE MAGNESIA.

Oxydo de magnesio, anhydro.....	cinco grammas	5
Xarope de flores de laranjeira...	vinte e cinco grammas	25
Agua.....	setenta grammas	70

Misture o oxydo com a agua, aqueça até a fervura, deixe arrefecer, ajunte o xarope.

MISTURA DE PHOSPHATO DE CAL.

Mixtura Phosphatis calcici.

Ossos calcinados, em pó.....	tres grammas	3
Gomma arabica em pó.....	tres grammas	3
Xarope de flores de laranjeira.....	dez grammas	10
Agua.....	oitenta e quatro grammas	84

Misture.

MONESIA.

Monesia vel *Cortex Buranhem.*

CASCA DE GUARANHEM.

Liber ou Entrecasco, vulgarmente *Casca,* do **Chrysophyllum Buranhem** Riedel *(Chrysophyllum glycyphlœum* Casaretti), Sapotacea arborea, do Brazil.

(Mat. med. bras. 48.)

Pedaços planos, da espessura de 4 a 6 millimetros, pesados, compactos, vermelho-escuros, de fractura lisa; inodora, sabor doce, por fim amargo e um pouco adstringente.

MORANGUEIRO.

Fragaria.

Fragaria vesca Linn. var. **hortensis** Duch., Rosacea-dryadea vivaz, indigena do continente, da Madeira e dos Açores, muito cultivada.

(Fl. lusit. II. 349 — Fl. pharm. 278 — Fl. Mad. I. 246 — Fl. azor. *sp.* 357.)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz*—*Radix Fragariæ*—levemente fusiforme, com escamas entelhadas de cujos intersticios sáem pela parte inferior raizes fibrillares, escuro por fóra, amarello-avermelhado por dentro; inodoro, sabor adstringente.

Folhas—*Folia Fragariæ*—de longos peciolos sulcados, com 3 foliolos ovaes, serreados e inferiormente empubescidos; inodoras, sabor um pouco adstringente.

MORPHINA.

Morphinum.

$$C^{34}H^{19}AzO^{6} + 2HO \text{ ——— } C^{17}H^{19}AzO^{3} + H^{2}O$$

Alcaloide que se obtem precipitando pela ammonia o chlorhydrato de morphina resultante dos convenientes tratamentos do macerado de opio.

Prismas rectangulares ou octaedros do systema rhombico; branca, sabor amargo persistente, inodora, inalteravel ao ar, pouco soluvel na agua fria e na glycerina, soluvel em 40 partes de alcool anhydro e em 24 de alcool fervente, muito soluvel no alcool a 80^{c}, soluvel no chloroformio, quasi insoluvel no ether; levogyra no soluto alcoolico.

Reduzida a pó e misturada com o soluto de chloreto ferrico em excesso, deve produzir coloração azul, que depois passa a verde. Tratada pelo acido azotico concentrado produz côr vermelha intensa, passando a amarello-claro permanente.

MOSTARDA.

Sinape nigrum.

MOSTARDA NEGRA.

Sinapis nigra Linn. (*Brassica nigra* Koch) e **Sinapis arvensis** Linn. (*Eruca arvensis* Noulet), Cruciferas annuaes, indigenas ou cultivadas no continente, na Madeira, nos Açores e em Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 585-584 — Fl. pharm. 374 — Fl. Mad. I. 27-28 — Fl. azor. *sp.* 322 — Fl. Cap Verd. 269.)

Folhas recentes—*Folia Sinapis nigri*—pecioladas, as inferiores lyro-pinnatifidas, de lóbo terminal grande e sinuado, hirsutas com pellos afastados; as superiores lanceoladas, agudas, integerrimas e glabras; inodoras, desenvolvendo, quando contusas, cheiro irritante, sabor picante e acre.

Sementes—*Semina Sinapis nigri*—pequenas, esphericas ou espheroides, avermelhadas ou escuras por fóra, amarellas por dentro; inodoras, desenvolvendo, quando contusas e humedecidas a frio, cheiro irritante e sabor picante e acre.

As sementes pulverisadas e tamisadas, constituem a FARINHA DE MOSTARDA—*Farina Sinapis nigri.*

MOSTARDA BRANCA.

Sinape album.

Sinapis alba Linn. (*Sinapis foliosa* Willd.), Crucifera annual, indigena do continente, cultivada na Madeira.

(Fl. lusit. I. 585 — Fl. pharm. 375 — Fl. Mad. I. 28.)

Sementes—*Semina Sinapis albi*—espheroides, branco-amarelladas, glabras; inodoras, desenvolvendo, quando contusas e humedecidas a frio, cheiro picante e sabor acre.

MUCILAGEM DE GOMMA ADRAGANTHA.

Mucilago Gummi Tragacanthi.

GOMMITO ADRAGANTHICO. MUCILAGEM DE ALCATIRA.

Gomma adragantha.....	dez grammas	10
Agua.....	noventa grammas	90

Macere por 24 horas; côe espremendo.

MUCILAGEM DE GOMMA ADRAGANTHA, FRACA.

Mucilago Gummi Tragacanthi mitior.

GOMMITO ADRAGANTHICO DILUIDO. MUCILAGEM DE ALCATIRA, FRACA.

Gomma adragantha em pó.....	um gramma	1
Agua.....	noventa e nove grammas	99

Macere por 1 hora; côe espremendo.

MUCILAGEM DE GOMMA ARABICA.

Mucilago Gummi Acaciæ.

GOMMITO ARABICO.

Gomma arabica em pó.....	quarenta grammas	40
Agua.....	sessenta grammas	60

Dissolva; côe.

MUCILAGEM DE SEMENTES DE MARMELO.

Mucilago seminum Cydonii.

GOMMITO DE SEMENTES DE MARMELO.

Sementes de marmelo	um gramma	1
Agua	cem grammas	100

Macere por 1 hora; côe espremendo.

MURTA.

Myrtus.

MURTA ORDINARIA.

Myrtus communis var. **lusitanica** Linn. *(Myrtus acuta Mill.),* Myrtacea arbustiva, indigena do continente e da Madeira.

(Fl. lusit. II. 246 — Fl. pharm. 249 — Fl. Mad. I. 267.)

Folhas—*Folia Myrti*—pecioladas, ovaes-lanceoladas, muito agudas, virentes, glabras, pontilhadas e consistentes; cheiro levemente aromatico, sabor quente e adstringente.

NICOCIANA.

Tabacum.

HERVA SANTA. HERVA DO TABACO.

Nicotiana Tabacum Linn. *(Nicotiana Havanensis* Lag.), Solanacea annual, da America tropical, muito cultivada.

Folhas—*Folia Tabaci*—grandes, sesseis, ovaes ou lanceolado-ponteagudas, inteiras, de nervuras muito salientes na pagina inferior; quando recentes, pegajosas, de côr verde, mais carregada na pagina superior, cheiro fraco, sabor levemente picante; quando seccas, amarelladas, cheiro activo e viroso, sabor acre, amargo e nauseoso.

Empregue, quando não houver indicação especial, a folha não manufacturada da especie commercial TABACO DA VIRGINIA.

NOGUEIRA.

Juglans.

Juglans regia Linn. *(Wallia regia* Alefeld), Juglandacea arborea, da Asia, muito cultivada no continente.

(Fl. cochinch. 702 — Fl. lusit. II. 295 — Fl. pharm. 514.)

Folhas — *Folia Juglandis* — pinnuladas, com 7 a 9 foliolos quasi sesseis, glabros, ovaes e acuminados, verdes, escurecendo com o tempo; inodoras, sabor um tanto amargo e adstringente.

Sementes, vulgarmente *Nozes* ou *Miolo da noz* — *Caryon.*

NOZ MOSCHADA.

Nux myristica.

Amendoa da semente da **Myristica moschata** Thunb. *(Myristica fragans* Houttuyn), Myristicacea arborea, das ilhas Moluccas, cultivada ahi, nas Philippinas, no Brazil e em Moçambique.

(Mat. med. bras. 109 — Reise nach Mossamb. 171.)

Espheroidal, tendo no maior diametro 20 a 25 millimetros, pesada, de superficie reticulada e acinzentada coberta as mais das vezes por um pó branco, internamente marmorea com o fundo cinzento e veios avermelhados; cheiro forte e privativo, sabor amargo e aromatico.

Arillo, vulgarmente Macis, impropriamente *Flor* — *Arillus Nucis myristicæ* — membranoso, consistente, quebradiço, irregularmente laciniado formando reticulos, amarello-açafroado; cheiro como o da noz moschada e sabor ainda mais forte.

NOZ VOMICA.

Nux vomica.

Sementes do **Strychnos Nux vomica** Linn. (*Strychnos colubrina* Wight), Loganiacea-strychnea arborea, da India e da Cochinchina.

(Fl. cochinch. 154.)

Discoides, de 20 a 25 millimetros de diametro, levemente convexas n'uma das faces, umbilicadas, acinzentadas, avelludadas, de consistencia cornea, translucidas na fractura; inodoras, sabor muitissimo amargo.

Pó.—*Pulvis Nucis vomicæ.*—Obtem-se lavando as sementes em agua fria, expondo-as em tamis de crina ao vapor da agua fervente até que amolleçam, seccando-as, pulverisando-as depois pelo methodo ordinario ou em moinho apropriado e, finalmente, passando por tamis fino.

OLEO DE AMBAR.

Oleum Succinii rectificatum.

CARBUROLEO DE AMBAR. OLEO VOLATIL DE SUCCINO.

Producto complexo que constitue a camada menos densa do liquido resultante da distillação secca do Ambar, e que deve ter sido rectificado mediante distillação aquosa.

Liquido muito fluido, incolor, que o tempo amarellece, volatil; cheiro empyreumatico caracteristico, sabor acre; soluvel em 12 partes de alcool; neutro ou levemente acido.

Rejeite o que houver ennegrecido ou se tiver tornado espesso.

OLEO DE AMENDOAS.

Oleum Amygdalarum.

FLUIDOLEO DE AMENDOAS. OLEINA VEGETAL.

Obtido por espressão a frio das amendoas doces ou das amargas.

Liquido muito fluido, limpido, amarello-claro, congelavel a —10° e de todo solidificavel a —25°; densidade 0,917 a 0,920; não siccativo; quasi inodoro, sabor agradavel.

OLEO DE AMENDOIM.

Oleum Mundubi.

FLUIDOLEO DE AMENDOIM.

Obtido por espressão a frio das sementes do AMENDOIM (*Mandobi* ou *Ginguba*)—**Arachis hypogæa** Linn. (*Arachis asiatica* Lour. e *Arachis africana* Lour.)—Leguminosa-cesalpinea annual, da America tropical e de Cabo Verde, cultivada na Africa portugueza.

(Fl. Cap Verd. 330—Mat. med. bras. 19—Fl. cochinch. 522-523—Fl. trop. Afr. II. 158.)

Liquido limpido, amarellado, não siccativo; densidade 0,918; turva-se a 3°, solidifica-se entre —3° e —4°, endurece a —7°; inodoro, sabor adocicado.

OLEO DE ARRUDA.

Oleum Rutæ infusum.

OLEOLADO DE ARRUDA. ELEOLEO DE ARRUDA.

Arruda em pó grosso	cem grammas	100
Alcool a 90°	cincoenta grammas	50
Azeite	mil grammas	1:000

Macere por 24 horas a arruda no alcool, ajunte o azeite; digira a banho de agua até a completa evaporação do alcool; côe espremendo, decante, filtre.

OLEO DE BACALHAU.

Oleum jecoris Aselli.

OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU.

Fluidoleo existente nos figados do **Gadus Morrhua** Linn. (*Morrhua vulgaris* Cloq.), do **Gadus Callarias** Linn. (*Morrhua Callarias* Cuv.), do **Gadus Merlangus** Linn. (*Merlangus vulgaris* Cuv.) e de outras especies congeneres, Malacopterygios do norte do Atlantico.

α—**Oleo de bacalhau, louro.**—*Oleum jecoris Aselli flavum.*—Obtido por simples exsudação dos figados frescos, com o auxilio de temperatura inferior a 85°.

Liquido limpido, de côr variavel entre o amarello-desmaiado e o esverdeado; cheiro e sabor privativos, suaves, não repugnantes.

Equivale ao OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU, PURIFICADO.

β—**Oleo de bacalhau, escuro.**—*Oleum jecoris Aselli fuscum.*

γ—**Oleo de bacalhau, negro.**—*Oleum jecoris Aselli nigrum.*

Obtidos por decocção dos figados, em graus diversos de fermentação.

Liquidos turvos, mais ou menos escurecidos, de cheiro e sabor muito pronunciados e repugnantes.

Empregue, não havendo indicação especial, o **Oleo de bacalhau, louro.**

OLEO DE BELLADONA.

Oleum Belladonnæ infusum.

OLEOLADO DE BELLADONA. ELEOLEO DE BELLADONA.

Belladona, folhas em pó grosso.....	cem grammas	100
Alcool a 90°.....	cincoenta grammas	50
Azeite.....	mil grammas	1:000

Macere por 24 horas a belladona no alcool, ajunte o azeite; digira a banho de agua até a completa evaporação do alcool; côe espremendo, decante, filtre.

OLEO DE CACAO.

Oleum seminum Theobromæ.

MANTEIGA DE CACAO.

Corpo gordo obtido por espressão a quente das sementes do cacao.

Solido, de côr amarellada que a luz desvanece, opaco, fractura lisa, fusivel a 30°; densidade 0,961; cheiro e sabor da origem. Rança difficilmente.

OLEO DE CADE.

Oleum cadinum.

CARBUROLEO DO OXYCEDRO.

Producto condensado da distillação secca dos ramos e raiz do OXYCEDRO — **Juniperus Oxycedrus** Linn. (*Juniperus rufescens* Link) — Conifera arbustiva, indigena do continente e da Madeira.

(Fl. lusit. I. 126 — Fl. Mad. I.111.)

Liquido consistente, escuro, inflammavel; cheiro forte, empyreumatico, privativo, sabor muito acre e quasi caustico.

OLEO DE CAMOMILLA.

Oleum Chamœmeli infusum.

OLEOLADO DE CAMOMILLA. ELEOLEO DE CAMOMILLA.

Camomilla em pó grosso	cem grammas	100
Alcool a 90°	cincoenta grammas	50
Azeite	mil grammas	1:000

Macere por 24 horas a camomilla no alcool, ajunte o azeite; digira a banho de agua até a completa evaporação do alcool; côe espremendo, decante, filtre.

OLEO CAMPHORADO.

Oleum camphoratum.

OLEINITO DE CAMPHORA. ELEOLEO DE CAMPHORA.

Camphora	cem grammas	100
Oleo de amendoas	novecentos grammas	900

Dissolva a calor brando; filtre.

OLEO CANTHARIDADO.

Oleum Cantharidum.

OLEOLADO DE CANTHARIDAS. ELEOLEO DE CANTHARIDAS.

Cantharidas em pó grosso	cem grammas	100
Agua	trezentos grammas	300
Azeite	mil grammas	1:000

Digira por 6 horas a banho de agua, agitando algumas vezes; côe espremendo, separe a agua, filtre o oleo.

OLEO DE CASTANHAS DA INDIA.

Oleum seminum Hippocastani.

FLUIDOLEO DO CASTANHEIRO DA INDIA.

Castanhas da India, amendoa em pó grosso	mil grammas	1:000
Ether	dois mil grammas	2:000

Macere por 24 horas em metade do ether, submetta depois á deslocação com a metade restante; separe por distillação o ether; filtre o oleo.

Conserve em frascos opacos, bem rolhados.

OLEO DE CICUTA.

Oleum Conii infusum.

OLEOLADO DE CICUTA. ELEOLEO DE CICUTA.

Cicuta, folhas em pó grosso	cem grammas	100
Alcool a 90°	cincoenta grammas	50
Azeite	mil grammas	1:000

Macere por 24 horas a cicuta no alcool, ajunte o azeite; digira a banho de agua até a completa evaporação de alcool; côe espremendo, decante, filtre.

OLEO DE COÔCO.

Oleum Cocos.

Corpo gordo obtido, por espressão ou por decocção na agua, da amendoa do **Cocos nucifera** Linn., Palmacea arborea, das regiões tropicaes, cultivada na Cochinchina e em Cabo Verde.

(Fl. cochinch. 692 — Fl. Cap Verd. 168.)

Butyraceo, branco, fusivel a 22°; cheiro fraco privativo, sabor adocicado; muito soluvel no alcool a 90°. Rança com extrema facilidade.

OLEO DE CROTON.

Oleum Crotonis Tiglii.

FLUIDOLEO DE CROTON.

Croton: sementes privadas do esperma, em pó grosso	mil grammas	1:000
Ether	dois mil grammas	2:000

Macere por 24 horas em metade do ether, submetta depois á deslocação com a metade restante; separe por distillação o ether; filtre o oleo.

Conserve em frascos opacos, bem rolhados.

OLEO IODADO.

Oleum iodatum.

OLEINITO DE IODO. ELEOLEO DE IODO.

Iodo	cinco grammas	5
Oleo de amendoas	novecentos noventa e cinco grammas	995

Divida por trituração o iodo n'uma porção do oleo, misture o oleo restante; digira a banho de agua, em temperatura inferior a 95°, até a descoloração; deixe arrefecer, filtre.

OLEO DE IODOFORMIO.

Oleum Iodoformi.

OLEINITO DE IODOFORMIO. ELEOLEO DE IODOFORMIO.

Iodoformio	cinco grammas	5
Oleo de amendoas	novecentos noventa e cinco grammas	995
Essencia de amendoas amargas	vinte e cinco centigrammas	0,25

Dissolva a frio; filtre.

OLEO DE LINHAÇA.

Oleum seminum Lini.

FLUIDOLEO DE SEMENTES DE LINHO.

Obtido por espressão das sementes do linho.

Liquido espesso, um tanto viscoso, amarello-alambreado, congelavel a — 20° e de todo solidificavel a — 27°; densidade 0,93; siccativo; cheiro e sabor privativos.

OLEO DE LOSNA.

Oleum Absinthii infusum.

OLEOLADO DE LOSNA. ELEOLEO DE ABSINTHIO.

Losna em pó grosso	cem grammas	100
Alcool a 90°	cincoenta grammas	50
Azeite	mil grammas	1:000

Macere por 24 horas a losna no alcool, ajunte o azeite; digira a banho de agua até a completa evaporação do alcool; côe espremendo, decante, filtre.

OLEO DE LOUREIRO.

Oleum laurinum.

OLEO DE BAGAS DE LOUREIRO.

Obtido por espressão das drupas recentes, vulgarmente *bagas,* do LOUREIRO — **Laurus nobilis** Linn. *(Laurus vulgaris* G. Bauh.) — Lauracea arborea, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 50 — Fl. pharm. 214.)

Butyraceo, granuloso, verde-claro, cheiro forte, aromatico e caracteristico, sabor amargo; completamente soluvel no ether.

Rejeite o que azular quando tratado por um excesso de ammonia.

OLEO DE MEIMENDRO.

Oleum Hyoscyami infusum.

OLEOLADO DE MEIMENDRO. ELEOLEO DE MEIMENDRO.

Meimendro, folhas em pó grosso.....	cem grammas	100
Alcool a 90°.....	cincoenta grammas	50
Azeite.....	mil grammas	1:000

Macere por 24 horas o meimendro no alcool, ajunte o azeite; digira a banho de agua até a completa evaporação do alcool; côe espremendo, decante, filtre.

OLEO DE NICOCIANA.

Oleum Tabaci infusum.

OLEOLADO DE NICOCIANA. ELEOLEO DE NICOCIANA.

Nicociana em pó grosso.....	cem grammas	100
Alcool a 90°.....	cincoenta grammas	50
Azeite.....	mil grammas	1:000

Macere por 24 horas a nicociana no alcool, ajunte o azeite; digira a banho de agua até a completa evaporação do alcool, côe espremendo, decante, filtre.

OLEO DE NICOCIANA, COMPOSTO.

Balsamum tranquillum.

OLEOLADO POLYAMICO DE NICOCIANA. ELEOLEO DE NARCOTICOS. BALSAMO TRANQUILLO.

Nicociana	quarenta grammas	40
Belladona, folhas	quinze grammas	15
Meimendro, folhas	quinze grammas	15
Solano, folhas	quinze grammas	15
Estramonio, folhas	quinze grammas	15
Alcool a 90^{c}	cincoenta grammas	50
Azeite	novecentos e noventa grammas	990
Essencia de alfazema	cinco grammas	5
Essencia de alecrim	cinco grammas	5

Reduza as folhas a pó grosso; macere-as por 24 horas no alcool; ajunte o azeite; digira a banho de agua até a completa evaporação do alcool; côe espremendo, decante, filtre; ajunte as essencias.

OLEO DE NOZ MOSCHADA.

Oleum Nucis myristicæ expressum.

OLEO ESPRESSO DE NOZ MOSCHADA. MANTEIGA DE NOZ MOSCHADA.

Corpo gordo obtido por espressão a quente da noz moschada.

Solido, unctuoso, um tanto friavel, de côr alaranjada e aspecto marmoreo, fusivel entre 45° e 48°; densidade 0,948; cheiro e sabor da origem. Com o tempo adquire aspecto granuloso e crystallino.

OLEO DE NOZES.

Oleum carvinum.

FLUIDOLEO DE NOZES.

Obtido por espressão a frio das sementes da nogueira.

Liquido limpido, amarello um tanto esverdeado, coagulavel a —15° e de todo solidificavel a—27°; densidade 0,92; siccativo; sabor adocicado, cheiro fraco.

OLEO DE OVOS

Oleum Ovorum.

FLUIDOLEO DE OVOS.

Gemas de ovos..... mil grammas 1:000

Evapore a banho de agua em capsula de porcelana, agitando constantemente; côe espremendo entre chapas de ferro aquecidas; filtre.

Conserve em pequenos frascos, bem rolhados.

OLEO DE PALMA.

Oleum Elæis.

OLEO DE DEMDEM.

Corpo gordo obtido, por espressão ou por decocção na agua, das drupas da **Elæis guineensis** Jacq. *(Palma Avoira* Aubl.), Palmacea arborea, da Guiana, da Guiné e do Brazil.

(Mat. med. bras. 15.)

Butyraceo, de côr amarello-alaranjada que a luz desvanece, fusivel a 27° quando recente e a 37° quando antigo; cheiro que lembra o do rhizoma do lirio, sabor adocicado; soluvel a frio no alcool anhydro, e no ether em todas as proporções. Muito facilmente saponificavel pelos alcalis. Rança com facilidade.

OLEO PHOSPHORADO.

Oleum phosphoratum.

OLEINITO DE PHOSPHORO. ELEOLEO DE PHOSPHORO.

Phosphoro.....	um gramma	1
Oleo de amendoas.....	cem grammas	100

Aqueça o oleo em capsula de porcelana á temperatura de 250°; deixe arrefecer, filtre; introduza-o em frasco cuja capacidade não seja muito superior ao volume do oleo, aqueça a banho de agua, e depois de expellido todo o ar ajunte o phosphoro; rolhe o frasco e continue a aquecer a 80°, agitando repetidas vezes até a completa saturação.

OLEO DE PONTA DE VEADO, EMPYREUMATICO.

Oleum animale empyreumaticum.

CARBUROLEO DE PONTA DE VEADO. OLEO VOLATIL DE CORNO DE VEADO. OLEO PYROZOONICO. OLEO ANIMAL DE DIPPEL.

Producto complexo e um dos ultimos da distillação destructiva da ponta de veado, rectificado por subsequentes distillações.

Liquido limpido, incolor ou levemente amarellado, densidade 0,75; cheiro forte, desagradavel, privativo, sabor acre.

Conserve em pequenos frascos opacos, esmerilhados, completamente cheios, com o collo immerso em agua.

Rejeite o que houver escurecido.

OLEO DE RICINO.

Oleum Ricini vel *Cicinum oleum.*

FLUIDOLEO DE SEMENTES DE RICINO. OLEO DE MAMMONA.

Obtido por espressão a frio das sementes do ricino.

Liquido espesso, viscoso, limpido, amarello-desmaiado, congelavel a —18°; densidade 0,96; cheiro fraco, enjoativo, sabor nauseoso sem acrimonia; soluvel em 5 partes de alcool a 90° e em todas as proporções no alcool anhydro.

OLEO DE SOLANO.

Oleum Solani nigri infusum.

OLEOLADO DE SOLANO. OLEO DE HERVA MOURA.
ELEOLEO DE HERVA MOURA.

Solano, folhas em pó grosso.....	cem grammas	100
Alcool a 90°.....	cincoenta grammas	50
Azeite.....	mil grammas	1:000

Macere por 24 horas o solano no alcool, ajunte o azeite; digira a banho de agua até a completa evaporação do alcool; côe espremendo, decante, filtre.

OLEO DE TRIGO.

Oleum Tritici.

CARBUROLEO DO TRIGO. OLEO EMPYREUMATICO DE TRIGO.

Trigo rijo.....	mil grammas	1:000

Comprima fortemente entre duas chapas de ferro candentes, até que se não produza mais oleo; separe e rejeite o residuo solido.

Conserve em frasco bem rolhado.

OLEO DE TROVISCO.

Oleum Daphnoidæ infusum.

OLEOLADO DE TROVISCO. ELEOLEO DE TROVISCO.

Trovisco em pó grosso	cem grammas	100
Azeite	mil grammas	1:000

Digira por 6 horas a banho de agua, côe espremendo, filtre.

OLIVEIRA.

Olea.

Olea europæa Linn. var. β **sativa** De Cand. (*Olea sativa* Hoffmseg. et Link), Oleacea-oleinea arborea, do Oriente, quasi espontanea no continente e na Madeira.

(Fl. lusit. I. 10—Fl. pharm. 3—Fl. port. I. 388—Fl. Mad. II. 20.)

Folhas—*Folia Oleæ*—curtamente pecioladas, lanceoladas, mucronadas, integerrimas, coriaceas, verdes na pagina superior, esbranquiçadas e miudamente escamosas na inferior; inodoras, sabor amargo.

Fructo, vulgarmente *Azeitona*—*Oliva.*

OLMO.

Ulmus.

ULMEIRO.

Ulmus campestris Linn., Ulmacea arborea, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 411—Fl. pharm. 99.)

Liber ou **Entrecasco,** vulgarmente *Casca*—*Cortex Ulmi*—rasgado em tiras avermelhadas, frageis, longitudinalmente estriadas; inodoro, sabor um tanto amargo e mucilaginoso.

Deve ser colhido na primavera, dos ramos de dois a tres annos.

OPIO.

Opium.

Opio de Smyrna.

Succo concreto obtido, por incisões, das capsulas quasi maduras do **Papaver somniferum** Linn., Papaveracea annual, da Asia menor.

Pães orbiculares mais ou menos achatados, de peso variavel entre 150 a 300 grammas, conservando na superficie externa, que é castanho-escura, os vestigios ou impressões das folhas da propria planta que lhes serviram de involucro, e alguns fructos de uma especie de **Rumex**, os quaes ás vezes se introduzem para o interior da massa; internamente, quando recentes, de consistencia branda côr hepatica, constituidos pela agglutinação de miudas lagrimas amarelladas; quando seccos, de côr mais carregada e fractura resinosa; cheiro viroso peculiar, sabor acre e amargo.

Dez grammas de opio, secco em temperatura não excedente a 30°, devem conter pelo menos um gramma de morphina, doseada pelo seguinte modo:

Opio em pó	dez grammas	10
Alcool a 70°	cem grammas	100
Ammonia liquida	tres grammas	3
Ether		q. b.
Chloroformio		q. b.
Agua distillada		q. b.

Macere por 24 horas o opio em 65 grammas do alcool, em balão de vidro convenientemente tapado; agite depois até que o opio se ache perfeitamente dividido, filtre por papel sem pregas, para um frasco de vidro de bôca larga e rolha esmerilhada; terminada a filtração, lave o balão e residuo com o alcool restante. Ao liquido filtrado ajunte a ammonia, rolhe o frasco, agite, deixando depois em repouso por 3 dias; agite de novo por modo a destacar os crystaes que possam estar adherentes ao frasco e lance tudo em filtro tambem sem pregas; lave o frasco com agua distillada e verta-a depois sobre este filtro. Deixe-o seccar sobre o funil e esgote o residuo, primeiro pelo ether, depois pelo chloroformio e finalmente pelo ether. Seque novamente o filtro. Os crystaes *(morphina)* que elle contém devem pesar pelo menos um gramma.

Póde substituir-se-lhe o opio proveniente da Turquia, que tenha a mesma percentagem de morphina.

Rejeite o opio proveniente do Egypto, da Persia ou da India.

OPODELDOCH.

Balsamum Opodeldoch.

SAPONITO AMMONIACAL CAMPHORADO. ALCOOLEO DE SABÃO CAMPHORO-AMMONIACAL.

Sabão animal	oitenta grammas	80
Camphora	oitenta grammas	80
Ammonia liquida	quarenta grammas	40
Essencia de alfazema	cinco grammas	5
Essencia de alecrim	cinco grammas	5
Alcool a 85c	setecentos e noventa grammas	790

Dissolva o sabão e a camphora no alcool, a banho de agua ; filtre ainda quente, ajunte a ammonia e as essencias.

OPOPONACO.

Opopanax.

Resina-gomma obtida, por incisões, da raiz da **Pastinaca Opopanax** Linn. e do **Laserpitium Chironium** Linn., especies reunidas no *Opopanax Chironium* Koch, Umbellifera vivaz, da Europa meridional.

Lagrimas agglomeradas, leves e quebradiças, exteriormente amarello-avermelhadas e um tanto vitreas, internamente esbranquiçadas e opacas; cheiro forte, que lembra o da mirra, sabor amargo e acre.

ORTIGA.

Urtica.

Urtiga caudada.

Urtica Lusitanica Brot. (*Urtica caudata* Vahl), Urticacea annual, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 205—Phyt. Lusit. II. 163. Tab. 151 — Fl. pharm. 499.)

Planta—*Herba Urticæ*—de caule quadrangular e quadrisulcado, folhas oppostas, pecioladas, ovaes, quasi cordiformes, serreadas, revestidas de pellos glandulosos e urentes; inodora, sabor herbaceo.

Póde substituir-se-lhe:

1.º O Ortigão ou Ortiga maior—**Urtica dioica** Linn.;

2.º A Ortiga menor — **Urtica urens** Linn.; aquella vivaz, esta annual, ambas indigenas do continente. (Fl. lusit. I. 206—Fl. pharm. 497 e 499.)

OSSOS CALCINADOS.

Os ustum.

Phosphato calcareo dos ossos.

Producto da calcinação dos ossos em presença do ar.

Fragmentos ou pó branco amorpho; insipido, inodoro, inalteravel ao ar, insoluvel na agua.

OUREGÃO.

Origanum.

Origanum vulgare Linn. var. **virens** Brot. non De Cand. *(Origanum virens* Hoffmseg. et Link), Labiada vivaz, indigena do continente, da Madeira e dos Açores. Floresce em junho.

(Phyt. Lusit. II. 89. Tab. 112 — Fl. lusit. I. 169 — Fl. port. I. 119. Pl. 9 — *De Cand.* Prodr. XII. 193.)

Summidades floridas — *Cacumina Origani florentia* — de folhas oppostas, curtamente pecioladas, ovaes-agudas, serreadas e celheadas, glabras na pagina superior, empubescidas na inferior, inflorescencia em pannicula com flores de corolla branca; cheiro aromatico, sabor um tanto quente.

Póde substituir-se-lhe:

1.º O Ouregão de Creta — **Origanum creticum** Linn. — indigena dos Açores;

2.º O Ouregão longal — **Origanum creticum** Linn. var. **macrostachyum** Brot. *(Origanum macrostachyum* Hoffmseg. et Link) — indigena do continente, onde floresce em agosto. (Fl. azor. *sp.* 250 — Phyt. Lusit. II. 91. Tab. 113. — Fl. port. I. 120. Pl. 10.)

OVO.

Ovum.

Corpo segregado no ovario e completado no oviducto da femea do **Phasianus Gallus** Linn. *(Gallus Banckiva* var. *domesticus* Temminck), Gallinacea domestica.

Albumina, vulgarmente *Clara de ovo.* — *Albumen Ovi.*

Gema — *Luteum Ovi* seu *Vitellus.*

Vulgares.

OXALATO DE CERIO.

Oxalas Cerii.

$$CeO, C^2O^3 + 3HO \text{ ——— } CeC^2O^4 + 3H^2O$$

Composto obtido por dupla decomposição entre o oxalato de ammonia e o sulfato de cerio.

Pó granuloso, branco; inodoro, insipido, insoluvel na agua, no alcool e no ether.

OXYDO DE ANTIMONIO.

Oxydum stibiosum.

OXYDO BRANCO DE ANTIMONIO. OXYDO DE ANTIMONIO, PRECIPITADO.

$Sb O^3$ —— $O^3 Sb^2$

Oxy-chloreto de antimonio	duzentos grammas	200
Carbonato de soda.....	cem grammas	100
Agua distillada.....	mil grammas	1:000

Dissolva o carbonato na agua, misture o oxy-chloreto, ferva por 1 hora substituindo a agua que se evapore, deixe repousar, decante, lave repetidas vezes o precipitado em agua distillada até que sáia insipida e não precipite pelo azotato de prata; côe espremendo; seque o oxydo entre folhas de papel absorvente.

Não confunda com o bi-antimoniato de potassa, que impropriamente tem sido chamado OXYDO BRANCO DE ANTIMONIO.

OXYDO DE CALCIO.

Oxydum calcicum.

CAL ANHYDRA. CAL VIRGEM. CAL GORDA.

$Ca O$ —— $O Ca''$

Composto obtido pela calcinação do *calcareo* (carbonato de cal nativo).

Massas compactas; branco, sabor acre e alcalino, inodoro; absorve a humidade da atmosphera, hydratando-se com grande desenvolvimento de calor e reduzindo-se a pó; pouco soluvel na agua, insoluvel no alcool e no ether; densidade 2,3.

Conserve em frasco bem rolhado.

OXYDO DE CHUMBO.

Oxydum plumbicum fusum.

PROT'OXYDO DE CHUMBO. OXYDO DE CHUMBO, SEMIVITREO. LITHARGYRIO. FEZES DE OURO.

$$PbO \text{ ——— } O\overset{''}{Pb}$$

Composto obtido, como producto secundario, na copellação dos minerios de chumbo argentiferos.

Escamas brilhantes; amarello-avermelhado, sabor assucarado e estyptico, inodoro, inalteravel ao ar, quasi insoluvel na agua.

Totalmente soluvel sem effervescencia no acido azotico; este soluto tratado pela ammonia em excesso não deve azular nem dar precipitado amarello avermelhado.

OXYDO DE COBRE.

Oxydum cupricum.

OXYDO CUPRICO. OXYDO NEGRO DE COBRE.

$$CpO \text{ ——— } O\overset{''}{Cp}$$

Composto obtido pela calcinação do azotato de cobre.

Pó negro; insipido, inodoro, attrahe e condensa facilmente a humidade da atmosphera; insoluvel na agua e no alcool.

Tratado pelo acido sulfurico, não deve dar vapores nitrosos.

Conserve em frasco bem rolhado.

OXYDO FERRICO.

Oxydum ferricum.

PER-OXYDO DE FERRO. SESQUI-OXYDO DE FERRO.

Composto de ferro e oxygenio.

Amorpho, inodoro, insipido, insoluvel na agua e no alcool, inalteravel ao ar.

α—**Oxydo ferrico anhydro.** — *Oxydum ferricum igne paratum.* — COLCOTHAR. — Fe^2O^3 ou $O^3F\overset{VI}{e^2}$. — Obtido por calcinação do sulfato ferroso.

Vermelho côr de tijolo.

β—**Oxydo ferrico carbonatado.** — *Oxydum ferricum aqua paratum.* — SESQUI-OXYDO DE FERRO, HYDRATADO. SUB-CARBONATO DE FERRO. CARBONATO DE FERRO. AÇAFRÃO DE MARTE, APERIENTE. — Obtem-se decompondo o sulfato ferroso puro pelo carbonato de soda, lavando o precipitado e seccando-o na estufa.

Vermelho claro; soluvel com effervescencia nos acidos diluidos.

Rejeite o **Oxydo ferrico carbonatado** que dissolvido no acido chlorhydrico diluido e tratado pela ammonia em excesso der coloração azul.

Empregue, não havendo indicação especial, o **Oxydo ferrico anhydro.**

OXYDO DE MAGNESIO.

Oxydum magnesicum.

Magnesia.

Composto formado na combustão do magnesio ou obtido dos seus derivados.

Amorpho, branco, inodoro, quasi insipido, muito leve, insoluvel na agua e no alcool, muito avido de humidade e do gaz carbonico.

α — **Oxydo de magnesio, anhydro.** — *Oxydum magnesicum igne paratum.* — Magnesia anhydra. Magnesia calcinada. — **Mg O** ou OMg''. — Obtido pela calcinação da magnesia alva.
Pó impalpavel; densidade 2,3.

β — **Oxydo de magnesio, hydratado.** — *Hydratum magnesicum.* — Hydrato de magnesio. Magnesia hydratada. — **Mg O** + **A q** ou OMg'' + A q — Prepara-se fazendo ferver por meia hora o oxydo de magnesio anhydro em 25 vezes o seu peso de agua distillada, filtrando por tecido branco e seccando o magma gelatiniforme em temperatura que não exceda 50°.
Pó impalpavel, mais denso que o antecedente.

Devem ser soluveis sem effervescencia nos acidos diluidos.

Conserve-os em frascos de rolha esmerilhada.

Empregue, salvo indicação especial, o **Oxydo de magnesio, anhydro.**

OXYDO MERCURICO.

Oxydum hydrargyricum.

DEUT'OXYDO DE MERCURIO. OXYDO RUBRO DE MERCURIO. PRECIPITADO RUBRO. PÓS DE JOANNÈS DE VIGO.

$$HgO \text{ —— } OHg''$$

Composto obtido pela calcinação do azotato mercurico em pequenos crystaes.

Pó vermelho crystallino, muito pesado; sabor metallico, inodoro, um pouco alteravel á luz, pouco soluvel na agua, completamente soluvel no acido chlorhydrico e no azotico; totalmente volatil quando aquecido.

Conserve em frasco opaco.

OXYDO DE ZINCO.

Oxydum zincicum.

Producto obtido no tratamento metallurgico dos minerios de zinco, ou composto preparado á custa do metal ou dos seus derivados.

Amorpho, inodoro, insipido, insoluvel na agua, no alcool e no ether, soluvel nos acidos e nos alcalis.

α — **Oxydo de zinco, impuro.** — *Nihil griseum* vel *Oxydum zincicum venale.* — CADMIA PREPARADA. TUTHIA PREPARADA. — Producto lavado e porphyrisado, proveniente do tratamento dos minerios de zinco, de composição complexa, constituido em grande parte por oxydo de zinco e contendo muitas vezes arsenico.

Trociscos ou pó cinzento-escuro.

β — **Oxydo de zinco, puro.** — *Nihil album* vel *Oxydum zincicum purum.* — **ZnO** ou OZn''. — Composto que se obtem queimando os vapores de zinco em corrente de ar ou calcinando o carbonato de zinco hydratado.

Flocos alvos e leves (FLORES DE ZINCO) ou pó denso e branco (ALVAIADE DE ZINCO).

Deve ser soluvel nos acidos, sem effervescencia. Não ennegrece quando aquecido a mais de 100°. Não deve dar vestigios de arsenio no apparelho de Marsh. Os solutos salinos dão precipitado branco pelo sulfhydrato de ammonia.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Oxydo de zinco, puro.**

OXYMEL DE SCILLA.

Oxymel Squillæ.

OXYMELLITO DE SCILLA. OXYMEL SCILLITICO.

Vinagre de scilla.....	duzentos grammas	200
Mellito simples.....	oitocentos grammas	800

Evapore em capsula de porcelana até marcar, fervendo, 1,26 (30° B.).

OXYMEL SIMPLES.

Oxymel simplex.

OXYMELLITO SIMPLES.

Acido acetico glacial.....	quinze grammas	15
Mellito simples.....	novecentos oitenta e cinco grammas	985

Misture.

OXYMEL DE VERDETE.

Oxymel Æruginis.

OXYMELLITO DE VERDETE.

Mel.....	quinhentos grammas	500
Vinagre.....	trezentos grammas	300
Verdete em pó.....	duzentos grammas	200

Misture em vaso de cobre, aqueça agitando constantemente até que a mistura tenha adquirido a consistencia de mel espesso.

É impropriamente conhecido com o nome de UNGUENTO EGYPCIACO.

PAPARRAZ.

Pedicularia vel *Staphis agria.*

ASTAPHYSAGRIA.

Delphinium Staphis agria Linn., Ranunculacea annual, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 304 — Fl. pharm. 298.)

Sementes — *Semina Pedicularіæ* — angulosas, trigonas ou tetragonas, truncadas na base, aguçadas no topo, exteriormente escuras e reticuladas, internamente brancas e oleosas; cheiro desagradavel, sabor acre, amargo e nauseoso.

PAPEL ARSENIADO.

Charta arsenicalis.

Arseniato de soda	um gramma	1
Agua distillada	vinte grammas	20
Papel branco, sem colla: um rectangulo de 80 × 40 centimetros		

Dissolva o arseniato na agua, mergulhe no soluto o papel até a completa embebição; faça seccar ao ar. Divida em 20 pedaços iguaes.

Enrola-se cada um d'estes pedaços sobre si mesmo e introduz-se em um tubo de papel de cigarro.

PAPEL NITRADO.

Charta nitrata.

Azotato de potassa, em pó	trinta grammas	30
Agua distillada	duzentos e cincoenta grammas	250
Papel branco, sem colla		q. b.

Dissolva o azotato na agua, mergulhe no soluto as folhas de papel; seque ao ar.

PAPOILAS.

Rhœas.

PAPOILA VERMELHA.

Papaver Rhœas Linn., Papavaracea annual, indigena do continente, da Madeira e de Cabo Verde. Floresce na primavera e principio do verão.

(Fl. lusit. II. 253 — Fl. pharm. 286 — Fl. Mad. I. 10 — Fl. Cap Verd. 262.)

Petalas — *Flores Rhœadis* — semi-orbiculadas, rentes, vermelhas, com a unha muito nervosa e de côr violete-escura; cheiro ligeiramente viroso, que a exsiccação desvanece, sabor levemente amargo.

PARACARY.

Clinopodium brasiliense.

ORTELÃ DO MATO. MELADINHA.

Peltodon radicans Pohl et Benth. (*Clinopodium repens* Velloso), Labiada vivaz, do Brazil.

(Fl. flum. VI. Tab. 7 — Mat. med. bras. 102.)

Planta florida — *Herba Clinopodii brasiliensis florens* — de caule tetragono, reptante e ramoso, folhas oppostas, pecioladas, ovaes orbiculares ou obtusas, crenadas, celheadas, um tanto rugosas, inflorescencia em capitulo com flores de corolla branca; cheiro que lembra os da melissa e da hortelã; sabor quente.

PARIETARIA.

Helxine.

ALFAVACA DE COBRA.

Parietaria officinalis Linn. e **Parietaria lusitanica** Linn., Urticaceas vivazes, indigenas do continente e, a primeira, dos Açores.

(Fl. lusit. I. 204—Fl. pharm. 547-548—Fl. azor. *sp.* 176.)

Planta—*Herba Helxines*—de caule roliço, inferiormente ramoso, ás vezes avermelhado, ou caules filiformes, prostrados, estriados, folhas alternas, pecioladas, ovadas, agudas ou obtusas, integerrimas, empubescidas, semeadas de pontos glandulosos e transparentes, flores axillares apetalas; inodora, sabor herbaceo.

PASTA DE ALTHEA.

Pasta Althææ.

Gomma arabica	quatrocentos grammas	400
Assucar de fôrma	quatrocentos grammas	400
Macerado de althea	quatrocentos grammas	400
Agua de flores de laranjeira	quarenta grammas	40
Albumina de ovos	oitenta grammas	80

Dissolva a calor brando a gomma no macerado, côe, ajunte o assucar; evapore a banho de agua, agitando constantemente, até a consistencia de mel; ajunte a albumina batida na agua de flores de laranjeira, continue a evaporação até que a pasta não adhira aos dedos; verta-a sobre uma superficie de marmore polvilhada com amido.

Conserve em caixa de lata, bem fechada.

PASTA CARBO-SULFURICA.

Massa sulfurico-carbonica.

CAUSTICO SULFO-CARBONICO DE RICORD.

Acido sulfurico puro	dez grammas	10
Carvão vegetal em pó fino		q. b.

Faça pasta homogenea.

PASTILHAS DE ALTHEA.

Pastilli Althææ.

Assucar de fôrma, em pó	mil grammas	1:000
Gomma adragantha em pó	dez grammas	10
Macerado de althea	noventa grammas	90

Faça mucilagem da gomma no macerado; ajunte ao assucar; divida em pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS BALSAMICAS.

Pastilli balsamici.

PASTILHAS DE BALSAMO DO PERU.

Balsamo peruviano liquido	um gramma	1
Assucar de fôrma, em pó	mil grammas	1:000
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS DE BI-CARBONATO DE SODA.

Pastilli Bi-carbonatis natrici.

Bi-carbonato de soda	cincoenta grammas	50
Assucar de fôrma, em pó	novecentos e cincoenta grammas	950
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS DE CARVÃO.

Pastilli Carbonis.

Carvão vegetal em pó	duzentos grammas	200
Assucar de fôrma, em pó	oitocentos grammas	800
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS DE CHLORATO DE POTASSA.

Pastilli Chloratis kalici.

Chlorato de potassa, em pó	cem grammas	100
Assucar de fôrma, em pó	novecentos grammas	900
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS DE ENXOFRE.

Pastilli Sulfuris.

Enxofre lavado	cem grammas	100
Assucar de fôrma, em pó	novecentos grammas	900
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS DE HORTELÃ PIMENTA.

Pastilli Menthæ piperitæ.

Essencia de hortelã pimenta	cinco grammas	5
Assucar de fôrma, em pó	mil grammas	1:000
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS DE IPECACUANHA.

Pastilli Ipecacuanhæ.

Ipecacuanha em pó	dez grammas	10
Assucar de fôrma, em pó . .	novecentos e noventa grammas	990
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS DE MAGNESIA.

Pastilli Magnesiæ.

PASTILHAS DE CARBONATO DE MAGNESIA.

Magnesia alva em pó	duzentos grammas	200
Assucar de fôrma, em pó	oitocentos grammas	800
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS DE SANTONINA.

Pastilli Santonini.

Santonina em pó	dez grammas	10
Assucar de fôrma, em pó . .	novecentos e noventa grammas	990
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PASTILHAS DE SUB-AZOTATO DE BISMUTHO.

Pastilli Sub-azotatis bismuthici.

Sub-azotato de bismutho	cem grammas	100
Assucar de fôrma, em pó	novecentos grammas	900
Mucilagem de gomma adragantha		q. b.

Faça pastilhas de 1 gramma.

PECEGUEIRO.

Persicus.

Amygdalus Persica Linn. *(Persica vulgaris* Mill.), Rosacea-amygdalea arborea, da Persia, cultivada no continente onde floresce na primavera, e na Madeira onde floresce de dezembro a março.

(Fl. lusit. II. 249 — Fl. pharm. 256 — Fl. Mad. I. 233.)

Flores — *Flores Persici* — solitarias, sesseis, de côr rosada viva, calyx com 5 divisões lanceoladas, corolla de petalas inteiras, arredondadas e unguiculadas; cheiro fraco, sabor levemente cyanhydrico.

Devem ser colhidas antes de completamente desabrochadas. Seque rapidamente.

PECHORIM.

Puchury.

FAVA PUCHURY.

Cotyledones da **Nectanda Puchury major** Nees *(Ocotea Puchury major* Mart.), Lauracea arborea, do Brazil.

(Mat. med. bras. 109.)

Ellipticos-oblongos, convexos e um tanto rugosos n'uma das faces, planos e longitudinalmente sulcados na outra, que tem uma pequena excavação; côr de castanha por fóra, rosado-marmoreos por dentro; cheiro forte, aromatico, que lembra o da noz moschada; sabor acre e picante.

PEPINO.

Cucumis.

Peponideo recente do **Cucumis sativus** Linn., Cucurbitacea annual, da Tartaria e da India, cultivada no continente, na Madeira e na Africa.

(Fl. lusit. I. 310 — Fl. pharm. 526 — Fl. Mad. I. 291 — Fl. trop. Afr. II. 542.)

Vulgar.

Epicarpo, vulgarmente *Casca — Cortex Cucumis.*

Colha o fructo na completa maturação.

PEPINOS DE S. GREGORIO.

Ecballium vel *Cucumis sylvestris.*

MOMORDICA.

Peponideos recentes da **Momordica Elaterium** Linn. (*Ecballium Elaterium* Rich.), Cucurbitacea annual ou vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 309 — Fl. pharm. 524 — Fl. port. II. 24.)

Ellipsoides, verdes, tornando-se aloirados quando completamente maduros, hispidos, tri-loculares, de polpa succolenta contendo numerosas sementes oblongas; inodoros, sabor extremamente amargo.

Devem ser colhidos antes da plena maturação.

PEPSINA.

Pepsinum.

Chymosina. Gasterase.

Producto segregado na mucosa gastrica dos mammiferos e das aves, e que se obtem macerando na agua a 15° a mucosa do estomago do porco ou o coagulador do estomago do carneiro, tratando o macerado pelo acetato de chumbo, decompondo pelo sulfhydrico o precipitado lavado e evaporando o liquido á seccura em temperatura que não exceda 40°.

Amorpho, azotado, cheiro privativo não putrido, sabor acidulo; soluvel na agua, avermelhando o tornesol; insoluvel no alcool, deliquescente, muito alteravel, precipitavel do soluto aquoso pelo tannino ou pelos saes mineraes; transforma em *peptonas* a fibrina e a albumina coagulada.

Esta pepsina natural não tem, por si só, emprego medico.

α—**Pepsina amylacea.**—*Pepsinum cum Amylo.*—Pepsina neutra.—Mistura de partes iguaes de pepsina natural, recentemente preparada, e amido secco a 100°.

Pó branco-amarellado; sabor acidulo fraco; um tanto estavel.

β—**Pepsina acidificada.**—*Pepsinum cum Amylo et Acido.*—Mistura de 96 partes de pepsina amylacea, recentemente preparada, com 4 partes de acido tartrico.

Pó branco-amarellado; sabor acidulo pronunciado; um tanto estavel.

Conserve-as em pequenos vidros de rolha esmerilhada.

Empregue, quando não houver indicação especial, a **Pepsina acidificada**.

PER-MANGANATO DE POTASSA.

Hyper-manganas kalicus.

PER-MANGANATO DE POTASSIO.

$$KO, Mn^2O^7 \text{ ——— } M\overset{//}{n}^2O^8K^2$$

Composto obtido pela calcinação do bi-oxydo de manganesio com o chlorato de potassa e com o hydrato de potassa.

Crystaes aciculares prismaticos; côr castanho-escura com reflexo metallico, sabor adstringente, inodoro, soluvel em 16 partes de agua fria e em 2 de agua fervente; o soluto, que é de côr arroxeada, esverdêa pela acção dos alcalis e é promptamente descórado pelo contacto das materias organicas.

PEROS PASSADOS.

Pira siccata.

Pomos seccos do **Pyrus Malus** Linn. var. **Camoeza** e **Pero** Brot., Rosacea-pomacea arborea, dos bosques da Europa, muito cultivada no continente, na Madeira e em Cabo Verde.

(Fl. lusit. II. 329 — Fl. Mad. I. 258 — Fl. Cap Verd. 318.)

Vulgar.

PERPETUAS ROXAS.

Xeranthemum.

SAUDADES PERPETUAS.

Xeranthemum annuum Brot. non Linn. (*Xeranthemum inapertum* Hoffmseg. et Link), Composta-cynarea annual, indigena do continente, onde floresce de abril a julho.

(Fl. lus. I. 364 — Fl. port. II. 265.)

Capitulos, vulgarmente *Flores* — *Flores Xeranthemi* — solitarios, terminaes, de receptaculo plano e paleaceo, involucro de escamas entelhadas, escariosas, membranaceas, de côr purpureo-arroxeada; inodoros, insipidos.

PETROLEO RECTIFICADO.

Oleum petræ rectificatum.

CARBUROLEO MINERAL. PETROLINO.

Mistura de carbonetos de hydrogenio, obtida por successivas rectificações do *petroleo nativo.*

Liquido limpido, incolor ou levemente alambreado, muito refrangente; ferve de 150° a 280°; densidade 0,75 a 0,85; cheiro forte caracteristico, sabor acre; miscivel com os oleos, com as essencias, com o alcool anhydro e com o ether; pouco miscivel com o alcool fraco.

Equivale ao producto denominado OLEO DE NAPHTA — *Oleum Naphtæ.*

PEZ DE BORGONHA.

Pix burgundica.

RESINA DO ABETO.

Residuo do succo leitoso, inspissado ao ar, fundido na agua e coado ainda quente, do ABETO — **Pinus Abies** Linn. (*Abies excelsa* De Cand.) — Conifera arborea, das regiões alpinas.

Massas escuro-avermelhadas, opacas, quebradiças a frio, com fractura conchoide, amollecendo facilmente pelo calor, que as torna pegajosas; soluvel no alcool anhydro e no acido acetico glacial; cheiro balsamico, sabor aromatico não amargo.

Aquecido não exhala vapores de agua.

PEZ LOURO.

Pix flava vel *Resina Terebinthinæ venalis.*

COLOPHONIA DO COMMERCIO. PEZ SECCO.
RESINA DO PINHEIRO.

Residuo da distillação aquosa do succo leitoso do Pinheiro.

Massas irregulares, alouradas, translucidas, quebradiças, de fractura vitrea; inodoras.

PEZ NEGRO.

Pix solida vel *Pix navalis.*

BREU SECCO.

Residuo da distillação secca do alcatrão.

Massas negras e lustrosas, que o calor amollece facilmente e torna pegajosas; fractura conchoide; cheiro empyreumatico, sabor amargo e acre.

PEZ RESINA.

Resina flava.

RESINA AMARELLA.

Residuo da distillação aquosa do succo leitoso do Pinheiro, incorporado com certa porção de agua.

Massas amarellas, opacas, friaveis, de cheiro e sabor um tanto terebinthinosos.

PHELLANDRIO.

Phellandrium.

FUNCHO DE AGUA. CICUTARIA DOS PAÚES.

Phellandrium aquaticum Linn. (*Œnanthe Phellandrium* Lamk.), Umbellifera bis-annual, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 461 — Fl. pharm. 138.)

Mericarpos ou **Akenios**, vulgarmente *Sementes* — *Fructus Phellandrii* — oblongos, conservando os dentes do calyx e 2 estyletes lustrosos, glabros, planos de um lado e convexos do outro; em que ha 5 costellas, sendo mais salientes as marginaes; amendoa escurecida; quasi inodoros, mas quando mastigados exhalam cheiro forte, caracteristico; sabor levemente acre.

PHOSPHATO DE AMMONIA.

Phosphas ammonicus.

PHOSPHATO DI-AMMONICO. PHOSPHATO BI-BASICO DE AMMONIA.

$$2(AzH^4O), HO, PhO^5 \text{ ——— } PhO^4, H(AzH^4)^2$$

Composto que se obtem fazendo crystallisar o producto da reacção da ammonia sobre o phosphato acido de cal, depois de separar, pela filtração, o phosphato insoluvel.

Prismas rhomboidaes obliquos; incolor, inodoro, sabor ligeiramente amargo, muito efflorescente, soluvel na agua, insoluvel no alcool.

PHOSPHATO DE CAL.

Phosphas calcicus.

PHOSPHATO TRI-CALCICO. PHOSPHATO TRI-BASICO DE CAL.

$$3CaO, PhO^5 \text{ ——— } Ph^2O^8\overset{//}{C}a^3$$

Ossos calcinados, em pó	mil grammas	1:000
Acido chlorhydrico puro	mil e quinhentos grammas	1:500
Agua distillada	dez mil grammas	10:000
Ammonia liquida		q. b.

Trate os ossos pelo acido em vaso de grés, ajuntando-lhe alguma agua distillada para lhe dar a consistencia de pasta molle; deixe repousar por 5 dias, dilua na agua restante, filtre e ao liquido filtrado ajunte a ammonia até lhe dar reacção alcalina. Ferva ligeiramente, decante, lave o precipitado repetidas vezes com mais agua distillada quente até que não dê reacção alcalina; côe espremendo, seque na estufa.

PHOSPHATO DE SODA.

Phosphas natricus.

PHOSPHATO DI-SODICO. SUB-PHOSPHATO DE SODA.

$$2NaO, HO, PhO^5 + 24HO \text{ ——— } PhO^4HNa^2 + 12H^2O$$

Composto que se obtem filtrando e fazendo crystallisar, por evaporação abaixo de 30°, o producto da dupla decomposição entre o phosphato acido de cal e o carbonato de soda.

Prismas rhomboidaes obliquos; incolor, sabor salgado, inodoro, efflorescente, soluvel em 6 partes de agua fria e no seu peso de agua fervente, insoluvel no alcool. Dá precipitado amarello com os saes de prata.

Deve ser soluvel sem effervescencia no acido azotico diluido; este soluto tratado pelo chloreto de bario não deve precipitar.

PHOSPHORO.

Phosphorus.

$$Ph \text{ ——— } Ph^{\overset{v}{4}}$$

Corpo simples que se obtem reduzindo o phosphato acido de cal pelo carvão.

Solido, incolor ou ligeiramente amarellado; exposto ao ar espalha fumos brancos de cheiro alliaceo e inflamma-se facilmente; densidade 1,77; fusivel a 44°; ferve a 290°; insoluvel na agua, pouco soluvel no alcool, no ether e nos corpos gordos, muito soluvel no sulfureto de carbonio.

Conserve mergulhado na agua, em frasco opaco e bem rolhado.

PILULAS.

Pilulæ.

A massa pilular só na occasião do emprego será dividida.

Quando não houver indicação especial, cada pilula pesará 20 centigrammas.

Ás formulas magistraes, cujos componentes não formarem massa de consistencia conveniente, juntar-se-ha ou mellito simples ou um pó inerte.

As pilulas serão envolvidas em lycopodio, quando expressamente não for indicada outra substancia.

Revestidas de uma camada de assucar, constituem os CONFEITOS.

As pequenas pilulas do peso de 5 centigrammas, contendo de $^1/_2$ a 1 milligramma de substancia activa, denominam-se GRANULOS.

PILULAS DE ACETATO DE CHUMBO OPIADAS.

Pilulæ Acetatis plumbici cum Opio.

Acetato de chumbo purificado.....	cinco grammas	5
Extracto de opio.....	um gramma	1
Extracto de alcaçus.....	quatorze grammas	14

Misture e divida em 100 pilulas.

Prepare na occasião do emprego.

PILULAS DE ALOES E GOMMA-GUTA.

Pilulæ Aloes et Cambogiæ.

PILULAS DE CAMBOGIA COMPOSTAS.

Aloes em pó	trinta e seis grammas	36
Gomma-guta em pó	trinta e seis grammas	36
Sabão vegetal	dez grammas	10
Essencia de aniz	tres grammas	3
Mellito simples	quinze grammas	15

Misture. Divida, na occasião do emprego, em pilulas de 20 centigrammas.

Substituem as PILULAS DE ANDERSON ou PILULAS ESCOCEZAS.

PILULAS DE ALOES E MIRRA.

Pilulæ Aloes et Myrrhæ.

Aloes em pó	quarenta grammas	40
Mirra em pó	vinte grammas	20
Açafrão em pó	dez grammas	10
Conserva de rosas	trinta grammas	30

Misture. Divida, na occasião do emprego, em pilulas de 20 centigrammas.

Equivalem ás PILULAS DE RUFUS OU DE TRIBUS.

PILULAS DE ALOES E QUINA.

Pilulæ ante-cibum.

Aloes em pó	cincoenta grammas	50
Extracto de quina, molle	vinte grammas	20
Canella em pó	dez grammas	10
Sabão vegetal	dez grammas	10
Mellito simples	dez grammas	10

Misture. Divida, na occasião do emprego, em pilulas de 20 centigrammas.

PILULAS ARSENICAES.

Pilulæ cum Acido arsenioso.

PILULAS ASIATICAS.

Acido arsenioso em pó fino....	cincoenta centigrammas	0,50
Pimenta em pó fino.....	cinco grammas	5
Gomma arabica em pó fino.....	um gramma	1
Agua distillada.....		q. b.

Misture perfeitamente os pós em gral de porcelana; ajunte a agua para formar massa, que dividirá em 100 pilulas.

Prepare na occasião do emprego.

PILULAS DE ASSAFETIDA COMPOSTAS.

Pilulæ Asæ fœtidæ, compositæ.

Assafetida em pó.....	trinta grammas	30
Galbano em pó.....	trinta grammas	30
Mirra em pó.....	trinta grammas	30
Alcool a 65ᶜ.....	dois grammas	2
Mellito simples.....	oito grammas	8

Misture; aqueça a banho de agua até que a massa adquira consistencia propria. Divida, na occasião do emprego, em pilulas de 20 centigrammas.

PILULAS BALSAMICAS.

Pilulæ balsamicæ.

Gomma-ammoniaca em pó.....	cincoenta grammas	50
Balsamo de Tolu.....	quinze grammas	15
Acido benzoico em pó.....	dez grammas	10
Açafrão em pó.....	cinco grammas	5
Essencia de aniz sulfurada.....	cinco grammas	5
Alcool a 85ᶜ.....	cinco grammas	5
Mellito simples.....	dez grammas	10

Misture. Divida, na occasião do emprego, em pilulas de 20 centigrammas.

Substituem as PILULAS DE MORTON.

PILULAS DE CARBONATO FERROSO.

Pilulæ Carbonatis ferrosi.

PILULAS FERRUGINOSAS. PILULAS MARCIAES.

Sulfato ferroso	cem grammas	100
Carbonato de soda	cento e vinte grammas	120
Assucar granuloso	cem grammas	100
Assucar de leite, em pó	trinta grammas	30
Mellito simples	trinta grammas	30
Agua distillada, fervida	mil grammas	1:000

Dissolva em metade da agua, primeiro o assucar granuloso e depois o sulfato; na agua restante dissolva o carbonato; misture em vaso de vidro os solutos depois de filtrados, deixe depositar, decante, côe espremendo, rejeite o liquido, ajunte ao residuo o mellito e o assucar de leite, evapore em banho de agua até a consistencia pilular. Divida em pilulas de 20 centigrammas.

Substituem as PILULAS DE VALLET e as DE BLAUD.

PILULAS DE IODETO FERROSO.

Pilulæ Iodeti ferrosi.

PILULAS DE PROTO-IODURETO DE FERRO.

Iodo	quatro grammas	4
Ferro porphyrisado	dois grammas	2
Agua distillada	seis grammas	6
Assucar de leite, em pó	cinco grammas	5
Alcaçus em pó	seis grammas	6
Althea em pó	quatro grammas	4

Introduza o iodo, o ferro e a agua em balão de vidro, aqueça ligeiramente até que o liquido adquira côr verde; filtre, dissolva o assucar, ajunte os pós de althea e de alcaçus; divida logo a massa em 100 pilulas, que se rolam em nova quantidade de ferro porphyrisado e se seccam na estufa a calor brando. Agite-as em capsula de porcelana com o soluto de 1 parte de mastica e 1 parte de balsamo de Tolu em 6 partes de ether, até que ellas comecem a adherir entre si; separe-as, termine a deseccação em taboleiros de lata com a superficie amalgamada.

Equivalem ás PILULAS DE BLANCARD.

PILULAS DE IPECACUANHA, COMPOSTAS.

Pilulæ Ipecacuanhæ compositæ.

Pó de ipecacuanha composto	cincoenta grammas	50
Scilla em pó.	quinze grammas	15
Gomma-ammoniaca em pó.	quinze grammas	15
Mellito simples.	vinte grammas	20

Misture. Divida, na occasião do emprego, em pilulas de 20 centigrammas.

PILULAS MERCURIAES.

Pilulæ Hydrargyri.

Pilulas azues.

Mercurio puro.	trinta e cinco grammas	35
Conserva de rosas.	cincoenta grammas	50
Alcaçus em pó fino	quinze grammas	15

Triture em gral de pedra o mercurio com a conserva, até que se não distingam com a lente globulos metallicos; ajunte o alcaçus para formar massa. Divida, na occasião do emprego, em pilulas de 20 centigrammas

PILULAS DE OPIO, COMPOSTAS.

Pilulæ Opii compositæ.

PILULAS DE CYNOGLOSSA.

Cynoglossa em pó	quinze grammas	15
Extracto de opio	dez grammas	10
Meimendro, mericarpos em pó	dez grammas	10
Mirra em pó	dez grammas	10
Incenso em pó	dez grammas	10
Açafrão em pó	cinco grammas	5
Castoreo em pó	cinco grammas	5
Alcool a 65^{c}	quinze grammas	15
Mellito simples	vinte grammas	20

Dilua o extracto no mellito, addicione-lhe o alcool; ajunte os pós, previamente misturados. Divida, na occasião do emprego, em pilulas de 20 centigrammas.

Cada pilula contém 2 centigrammas (0,02) de extracto de opio.

PILULAS DE OXYDO DE ZINCO, COMPOSTAS.

Pilulæ Oxydi zincici compositæ.

Extracto de valeriana, alcoolico	cinco grammas	5
Extracto de meimendro, alcoolico	cinco grammas	5
Oxydo de zinco, puro	cinco grammas	5

Misture e divida em 100 pilulas.

Prepare na occasião do emprego.

Equivalem ás PILULAS DE MÉGLIN.

PILULAS DE TEREBINTHINA.

Pilulæ Terebinthinæ.

Terebinthina	cincoenta e sete grammas	57
Oxydo de magnesio, anhydro	quarenta e tres grammas	43

Misture. Divida, na occasião do emprego, em pilulas de 30 centigrammas.

PIMENTA.

Piper nigrum.

PIMENTA NEGRA.

Drupas seccas, colhidas antes da maturação, vulgarmente *Baqas,* do **Piper nigrum** Linn., Piperacea arborea, da India e da Cochinchina.

(Fl. cochinch. 37.)

Pequenas, escuras, enrugadas, com uma semente amarellada; cheiro e sabor caracteristicos.

PIMENTA DA JAMAICA.

Piper jamaicense.

Drupas seccas, colhidas antes da maturação, do **Myrtus Pimenta** Linn. (*Eugenia Pimenta* De Cand.), Myrtacea arborea, da Jamaica, cultivada na India.

Redondas, do tamanho de pequenas ervilhas, superficie granulosa e escuro-avermelhada, coroadas pelos dentes do calyx; endocarpo lenhoso, bi-locular, com 2 sementes escuras e reniformes; cheiro agradavel aromatico, sabor quente e privativo.

PIMENTA LONGA.

Piper longum.

Soroses seccas, colhidas antes da maturação, do **Piper longum** Linn. (*Chavica Roxburghii* Miquel e *Chavica officinarum* Miquel), Piperacea arborea, da India e de Timor.

(Fl. cochinch. 40.)

Cylindricas, de 3 ou mais centimetros de comprimento, cinzento-escuras, pesadas, duras, constituidas pela agglomeração de drupulas contendo cada qual 1 semente avermelhada por fóra e branca por dentro; cheiro muito aromatico, sabor ainda mais acre e picante que o da *Pimenta*.

PIMENTÃO.

Piperitis vel *Piper hispanicum.*

PIMENTÃO CORNICABRA.

Capsula do **Capsicum annuum** Linn. var. **fructu pyramidali longo** Brot., Solanacea annual, da America, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 281 — Fl. pharm. 71.)

De paredes membranosas, conica-alongada, muito vermelha, lustrosa, tri-locular, com pequenas sementes discoides nas quaes o cheiro e sabor, caracteristicos, sobresáem mais que no pericarpo.

PINHEIRO.

Pinus vel *Pinaster.*

Pinheiro bravo.

Pinus maritima Brot. e Poir. (*Pinus Pinaster* Solander), Conifera arborea, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 284 — Fl. pharm. 519.)

Turiões ou **Renovos terminaes**, vulgarmente *Gomos* — *Turiones Pini* — dispostos em torno de um que lhes serve de eixo central, revestidos de escamas avermelhadas, entelhadas, lineares, membranosas e cobertas pela resina glutinosa que segregam; cheiro forte e balsamico, sabor resinoso um tanto amargo.

Succo leitoso, vulgarmente *Leite* ou *Gemma de Pinheiro* — *Latex Pini.* — Extrahido, por excisões, da casca da arvore adulta.

De consistencia semifluida, branco, cheiro terebinthinoso. Desdobra-se, pelo repouso, em duas camadas, uma inferior alva e butyracea, outra superior amarellada e liquida, que é a Terebinthina do pinheiro — *Terebinthina Pini* — impropriamente chamada Oleo de terebinthina — *Oleum Terebinthinæ.*

Seiva. — *Lympha Pini.* — Seiva aquosa. Seiva ascendente. Obtida do lenho recente, injectando-o com forte pressão n'um dos topos e recolhendo o producto que sáe pelo outro.

Liquido aquoso, opalino, muito alteravel, depositando no fim de pouco tempo flocos amarellados; cheiro resinoso, sabor balsamico.

Rejeite a que não for muito recente.

Deve ser colhida nos mezes de agosto ou setembro.

PISTACIOS.

Pistacia.

Sementes da **Pistacia vera** Linn., Terebinthacea-anacardia arborea, da Asia menor, cultivada na Europa meridional.

Acylindradas, angulosas, episperma membranoso e avermelhado, amendoa esverdeada, oleosa, inodora e adocicada.

Prive do episperma, só na occasião do emprego.

PÓ DE ALUMEN E KINO.

Pulvis Aluminis kalici compositus.

Pós de alumen compostos. Pós estypticos.

Sulfato de alumina e de potassa, em pó..	oitenta grammas	80
Kino em pó.....	vinte grammas	20

Misture.

PÓ ANTIMONIAL.

Pulvis stibiosus.

Pós antimoniaes compostos.

Oxydo de antimonio, em pó ...	trinta e cinco grammas	35
Phosphato de cal, em pó.....	sessenta e cinco grammas	65

Misture.

Substitue os Pós de James.

PÓ DE CAL E POTASSA.

Pulvis Calcis kalicus.

Oxydo de calcio.....	cincoenta grammas	50
Hydrato de potassa.....	cincoenta grammas	50

Reduza o oxydo a pó fino em gral de porcelana aquecido, misture o hydrato; triture rapidamente.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

Equivale ao Caustico de Vienna ou Pós de Vienna.

PÓ DE CALOMELANOS E OXYDO DE ZINCO.

Pulvis Chloreti hydrargyrosi cum Oxydo zincico.

COLLYRIO SECCO COM CALOMELANOS.

Chloreto mercuroso amorpho.....	tres grammas	3
Oxydo de zinco, puro.....	tres grammas	3
Assucar candi em pó fino.....	quatro grammas	4

Misture intimamente, triturando.

Equivale ao COLLYRIO SECCO DE DUPUYTREN.

PÓ DE CANELLA COMPOSTO.

Pulvis corticis Cinnamomi compositus.

PÓS AROMATICOS.

Canella em pó.....	trinta e cinco grammas	35
Cardamomo em pó.....	trinta e cinco grammas	35
Gengibre em pó.....	trinta grammas	30

Misture.

PÓ CITRO-MAGNESICO.

Pulvis citro-magnesicus.

CITRATO DE MAGNESIA ASSUCARADO.

Acido citrico em pó.....	trezentos grammas	300
Magnesia alva em pó.....	duzentos grammas	200
Assucar de fôrma, em pó.....	quinhentos grammas	500
Essencia de limão.....	um gramma	1

Misture.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

PÓ DE ESCAMONÉA COMPOSTO.

Pulvis Scammonii compositus.

Escamonéa em pó....	cincoenta grammas	50
Jalapa em pó.....	quarenta grammas	40
Gengibre em pó.....	dez grammas	10

Misture.

PÓ DE IPECACUANHA COMPOSTO

Pulvis Ipecacuanhæ compositus.

Ipecacuanha em pó	dez grammas	10
Opio em pó	dez grammas	10
Sulfato de potassa, em pó.....	oitenta grammas	80

Misture.

Equivale aos Pós de Dower.

PÓ DE LIRIO COMPOSTO.

Pulvis Iridis florentinæ compositus.

Pós dentifricos salinos.

Lirio em pó fino	quinhentos grammas	500
Carbonato de cal, em pó fino	duzentos grammas	200
Magnesia alva em pó.....	duzentos grammas	200
Borato de soda, em pó fino.....	cem grammas	100

Misture.

PÓ DE OXYDO MERCURICO E ALUMEN.

Pulvis Oxydi hydrargyrici compositus.

PÓS DE OXYDO MERCURICO COMPOSTOS. PÓS DOBRADOS.

Oxydo mercurico em pó.....	cincoenta grammas	50
Alumen anhydro em pó.....	cincoenta grammas	50

Misture.

PÓ DE SIBA E ASSUCAR.

Pulvis ossis Sepiæ cum Saccharo.

COLLYRIO SECCO.

Siba em pó fino.....	cinco grammas	5
Assucar candi em pó fino.....	cinco grammas	5

Misture.

PÓ DE SIBA E LACTOSE.

Pulvis ossis Sepiæ com Saccharo Lactis.

PÓS DENTIFRICOS.

Siba em pó fino.....	quinhentos grammas	500
Assucar de leite, em pó fino.....	quatrocentos e noventa grammas	490
Carmim em pó fino.....	quatro grammas	4
Essencia de aniz.....	tres grammas	3
Essencia de hortelã pimenta.....	dois grammas	2
Essencia de flores de laranjeira.....	um gramma	1

Misture.

PODOPHYLLO.

Podophyllum.

Podophyllum peltatum Linn. *(Podophyllum callicarpum* Raf.), Berberidea vivaz, da America do norte.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz* — *Radix Podophylli* — em pedaços de 8 a 10 centimetros de comprimento, mais delgados do que uma penna, longitudinalmente rugosos, quebradiços, vermelho-escuros por fóra, brancos por dentro; cheiro desagradavel, sabor amargo, acre e enjoativo.

POEJO.

Pulegium.

Mentha Pulegium Linn. var. β **villosa** De Cand. *(Mentha tomentella* Hoffmseg. et Link), Labiada vivaz, indigena do continente, onde floresce no verão.

(Fl. lusit. I. 172 — Fl. pharm. 316 — Fl. port. I. 73.)

Planta florida — *Herba Pulegii florens* — de caule prostrado e reptante, mas erecto durante a floração, villoso-hirsuto, folhas oppostas, pecioladas, quasi redondas, um tanto obtusas, crenado-serreadas, tomentosas, flores em verticillos axillares de corolla arroxeada e revestida de longas villosidades; cheiro muito fragrante, sabor aromatico camphoraceo.

Póde substituir-se-lhe a **Mentha Pulegium** Linn. *(Pulegium vulgare* Mill.), tambem vivaz, indigena de Cabo Verde e da Madeira. (Fl. Cap Verd. 220.)

POLPA DE CANNAFISTULA.

Pulpa Casiæ.

Abra as vagens da Cannafistula, introduza o conteúdo em vaso de porcelana com sufficiente quantidade de agua quente, faça digerir por 2 horas; passe depois por tamis de crina e evapore a banho de agua até a consistencia propria.

POLPA DE TAMARINDOS.

Pulpa Tamarindorum.

Trate a POLPA DE TAMARINDOS EM RAMA por sufficiente quantidade de agua quente, em vaso de porcelana; digira até que a massa esteja convenientemente amollecida; passe por tamis de crina e evapore a banho de agua até a consistencia propria.

POLYGALA.

Polygala amara.

POLYGALA AMARGA.

Polygala amara Linn. (*Polygala amarella* Reichenbach), Polygalea vivaz, das montanhas da Europa.

Toda a planta florida—*Herba Polygalæ florens cum radice*—de raiz delgada, fibrosa, inferiormente ramificada, amarellada, caules numerosos e ramificados, com as folhas radicaes espathuladas ou obovaes e dispostas em roseta, as caulinares menores, distanciadas, sesseis e lanceoladas, inflorescencia em cacho de flores levemente azuladas ou brancas, com 2 sepalas petaloides aladas; inodora, sabor extremamente amargo.

Só na falta d'esta poderá substituir-se-lhe a POLYGALA ORDINARIA ou HERVA LEITEIRA — **Polygala vulgaris** Linn. — indigena do continente e dos Açores. Floresce na primavera. (Fl. lusit. II. 29—Fl. pharm. 388—Fl. port. I. 277—Fl. azor. *sp.* 344.)

POMADA DE ACIDO TANNICO.

Unguentum Acidi tannici.

POMADA DE TANNINO.

Acido tannico em pó	dez grammas	10
Banha	noventa grammas	90

Misture.

Prepare na occasião do emprego.

POMADA DE ALCATRÃO.

Unguentum piceum.

Alcatrão	dez grammas	10
Banha	noventa grammas	90

Misture.

POMADA DE ALVAIADE.

Unguentum Cerussæ.

Alvaiade em pó	vinte grammas	20
Banha	oitenta grammas	80

Misture.

Prepare na occasião do emprego.

Equivale ao Unguento branco.

POMADA AMMONIACAL.

Unguentum ammoniacale.

Caustico ammoniacal.

Banha	vinte e cinco grammas	25
Acido estearico	vinte e cinco grammas	25
Ammonia liquida	cincoenta grammas	50

Funda as duas primeiras substancias, em vidro tapado, a banho de agua; ajunte a ammonia; agite vivamente.

Prepare na occasião do emprego.

Substitue a Pomada de Gondret.

POMADA DE AZOTATO MERCURICO.

Unguentum Azotatis hydrargyrici.

Pomada citrina.

Azeite	quatrocentos e cincoenta grammas	450
Banha	quatrocentos e cincoenta grammas	450
Soluto de azotato mercurico	cem grammas	100

Funda a calor brando, em capsula de porcelana, a banha no azeite; côe; ajunte o soluto; agite até arrefecer.

POMADA DE BELLADONA.

Unguentum Belladonnæ mitius.

POMADA DE BELLADONA, FRACA.

Extracto de belladona	cem grammas	100
Banha	novecentos grammas	900

Misture.

Deve dar-se esta, quando não houver indicação especial.

POMADA DE BELLADONA, FORTE.

Unguentum Belladonnæ fortius.

Extracto de belladona, alcoolico	dez grammas	10
Banha	noventa grammas	90

Misture.

POMADA CAMPHORADA.

Unguentum camphoratum.

POMADA DE CAMPHORA.

Camphora em pó	duzentos grammas	200
Cera branca	cem grammas	100
Espermacete	cem grammas	100
Banha	seiscentos grammas	600

Funda a calor brando a banha, a cera e o espermacete; dissolva a camphora, côe, agite até arrefecer.

POMADA DE CANTHARIDAS.

Unguentum Cantharidum.

POMADA EPISPASTICA.

Cera banca	quinhentos grammas	500
Espermacete	duzentos grammas	200
Oleo de amendoim	duzentos e quarenta grammas	240
Terebinthina	sessenta grammas	60
Cantharidas em pó grosso	sessenta grammas	60
Agua	trezentos grammas	300

Digira por 4 horas; côe, deixe arrefecer, separe a agua que se deposita; funda de novo.

Com esta pomada se preparam os PAPEIS EPISPASTICOS.

POMADA DE CICUTA.

Unguentum Conii.

Extracto de cicuta, alcoolico	dez grammas	10
Banha	noventa grammas	90

Misture.

POMADA DE CROTON.

Unguentum Crotonis Tiglii.

Oleo de croton	vinte grammas	20
Acido estearico	dez grammas	10
Banha	setenta grammas	70

Funda a calor brando.

POMADA DE DEDALEIRA.

Unguentum Digitalis.

Extracto de dedaleira, alcoolico.....	dez grammas	10
Banha.....	noventa grammas	90

Misture.

POMADA DE ENXOFRE.

Unguentum Sulfuris.

Enxofre sublimado	trinta grammas	30
Banha.....	setenta grammas	70

Misture.

Prepare na occasião do emprego.

POMADA DE ENXOFRE COMPOSTA.

Unguentum Sulfuris compositum.

POMADA SULFURO-ALCALINA.

Enxofre sublimado.....	vinte grammas	20
Carbonato de potassa.....	dez grammas	10
Agua distillada.....	dez grammas	10
Banha.....	sessenta grammas	60

Dissolva o carbonato na agua, ajunte a banha e o enxofre.

Prepare na occasião do emprego.

Equivale á POMADA DE HELMERICH.

POMADA DE ENXOFRE IODADO.

Unguentum Sulfuris iodati.

POMADA DE IODURETO DE ENXOFRE.

Enxofre iodado em pó fino	dez grammas	10
Banha.....	noventa grammas	90

Misture.

Prepare na occasião do emprego.

POMADA ESTIBIADA.

Unguentum stibiatum.

Tartrato de potassa e de antimonio, em pó fino	vinte e cinco grammas	25
Banha	setenta e cinco grammas	75

Misture.

Equivale á Pomada de Autenrieth.

POMADA DE IODETO DE CHUMBO.

Unguentum Iodeti plumbici.

Pomada de iodureto de chumbo.

Iodeto de chumbo	dez grammas	10
Banha	noventa grammas	90

Misture.

POMADA DE IODETO DE POTASSIO.

Unguentum Iodeti kalici.

Pomada de iodureto de potassio. Pomada de hydriodato de potassa.

Iodeto de potassio	dez grammas	10
Agua distillada	dez grammas	10
Banha	oitenta grammas	80

Dissolva o iodeto na agua, misture com a banha.

Prepare na occasião do emprego.

POMADA DE IODETO DE POTASSIO, IODADA.

Unguentum Jodeti kalicis iodatum.

POMADA DE IODURETO DE POTASSIO IODADA. POMADA DE HYDRIODATO DE POTASSA COM IODO.

Iodo	dois grammas	2
Iodeto de potassio	oito grammas	8
Agua distillada	dez grammas	10
Banha	oitenta grammas	80

Dissolva o iodo e o iodeto na agua, misture com a banha.

Prepare na occasião do emprego.

POMADA MERCURIAL.

Unguentum hydrargyricum.

POMADA DE MERCURIO. UNGUENTO NAPOLITANO.

Mercurio	quinhentos grammas	500
Sebo	cem grammas	100
Banha	quatrocentos grammas	400

Funda o sebo e a banha a calor brando, côe, deixe arrefecer; triture a quarta parte d'esta mistura com o mercurio em gral de pedra até que se não distingam com a lente globulos metallicos; ajunte o resto da mistura.

POMADA DE MERCURIO DOCE.

Unguentum Precipitati albi.

Mercurio doce em pó	dez grammas	10
Banha	noventa grammas	90

Misture.

Substitue o UNGUENTO ROSADO COMPOSTO.

POMADA OPIADA.

Unguentum opiatum.

POMADA DE OPIO.

Extracto de opio	dez grammas	10
Agua distillada	cinco grammas	5
Banha	oitenta e cinco grammas	85

Amolleça o extracto com a agua; ajunte á banha.

POMADA DE OXYDO MERCURICO.

Unguentum Oxydi hydrargyrici.

Oxydo mercurico em pó fino	cinco grammas	5
Banha	noventa e cinco grammas	95

Misture, porphyrisando.

Prepare na occasião do emprego.

POMADA DE OXYDO MERCURICO, COMPOSTA.

Unguentum Oxydi hydrargyrici compositum.

Oxydo mercurico em pó fino	cinco grammas	5
Acetato de chumbo, em pó fino	cinco grammas	5
Manteiga	noventa grammas	90

Misture perfeitamente.

Prepare na occasião do emprego.

Substitue a POMADA DE REGENT e a DA VIUVA FARNIER.

POMADA OXYGENADA.

Unguentum oxygenatum.

POMADA NITRICA.

Acido azotico	cem grammas	100
Banha	oitocentos grammas	800
Oleo de amendoim	duzentos grammas	200

Funda a banha a calor brando em capsula de porcelana, ajunte a pouco e pouco o acido; continue o aquecimento agitando sempre até que termine a reacção e o liquido não avermelhe o papel de tornesol; côe, ajunte o oleo, agite até arrefecer.

POMADA DE PEPINO.

Unguentum Cucumis.

Banha	seiscentos grammas	600
Sebo	quatrocentos grammas	400
Tinctura de balsamo de Tolu	dez grammas	10
Succo de pepinos	oitocentos grammas	800

Funda a banha com o sebo a banho de agua, ajunte a tinctura; quando a mistura readquirir transparencia, decante para capsula estanhada ou de porcelana; ajunte a terça parte do succo, mexa durante 4 horas e separe, pelo arrefecimento, o liquido da gordura; ajunte outra terça parte do succo, mexendo ainda por 4 horas e separando tambem o liquido; repita as mesmas operações com o succo restante. Funda novamente a banho de agua, deixe repousar por algumas horas, tire a escuma, separe o liquido.

Guarde em pequenos potes bem fechados, em logar fresco.

Na occasião de ser expedida deve a pomada ser amollecida a calor brando e agitada vivamente até adquirir quasi o dobro do volume.

POMADA PHOSPHORADA.

Unguentum phosphoratum.

POMADA DE PHOSPHORO.

Phosphoro	dois grammas	2
Banha	noventa e oito grammas	98

Introduza o phosphoro e a banha em frasco de vidro de bôca larga, que deve conservar-se tapado mas de modo que a rolha não impeça de todo a saída do ar; aqueça em banho de agua, agitando até a completa solução do phosphoro; feche então completamente o frasco e continue agitando até o arrefecimento.

POMADA POPULEA.

Unguentum populeum.

UNGUENTO POPULEÃO.

Choupo, renovos contusos	duzentos grammas	200
Belladona: folhas recentes, contusas	duzentos grammas	200
Meimendro: folhas recentes, contusas	duzentos grammas	200
Banha	mil grammas	1:000

Misture; ferva até que a agua de vegetação se tenha evaporado; côe espremendo.

POMADA ROSADA.

Unguentum rosatum.

CERATO ROSADO. POMADA ALVISSIMA.

Cera branca	setenta e cinco grammas	75
Espermacete	setenta e cinco grammas	75
Oleo de amendoas	seiscentos grammas	600
Agua de rosas	duzentos e cincoenta grammas	250

Funda a cera e o espermacete no oleo a calor brando, côe, ajunte a agua; agite até arrefecer.

POMADA DE SULFATO FERROSO.

Unguentum Sulfatis ferrosi.

POMADA MARCIAL.

Sulfato ferroso em pó fino.....	dez grammas	10
Agua distillada.....	dez grammas	10
Banha.....	oitenta grammas	80

Dissolva o sulfato na agua; ajunte á banha.

Prepare na occasião do emprego.

POMADA DE TROVISCO.

Unguentum Daphnoidæ.

Extracto de trovisco, alcoolico.....	dez grammas	10
Banha.....	noventa grammas	90

Misture.

Equivale á POMADA DE MEZEREÃO.

POMADA DE VERATRINA.

Unguentum Veratrini.

Veratrina.....	dois grammas	2
Alcool a 85c.....	dois grammas	2
Banha.....	noventa e seis grammas	96

Dissolva a veratrina no alcool; ajunte á banha.

PONTA DE VEADO EM RASPAS.

Cornu Cervi rasuræ.

RASPAS DE CORNO DE VEADO.

Fragmentos obtidos pela raspadura dos cornos do **Cervus Elaphus** Linn., Ruminante das florestas da Europa e da Asia.

Irregulares, esponjosos, leves, acinzentados, inodoros, insipidos.

Póde substituir-se-lhe a RASPA DE OSSO ou OSSO EM RASPA — *Ossis rasuræ* — proveniente da raspadura dos ossos seccos do **Bos Taurus** Linn. e do **Ovis Aries** Linn., Ruminantes domesticos.

PÓS.

Pulveres.

Quanto á sua gradação, entenda-se por:

Pó grosso: o que passar através de um sedaço que em cada centimetro quadrado contenha approximadamente 80 malhas;

Pó, ou *pó ordinario:* o que passar através de um tamis que em cada centimetro quadrado contenha approximadamente 1:000 malhas;

Pó fino, ou *pó impalpavel:* o que passar através de um tamis que em cada centimetro quadrado contenha approximadamente 2:500 malhas.

Conserve em vaso perfeitamente secco, em logar frio e não humido.

PÓS EFFERVESCENTES.

Pulveres aërophori.

Pós gazogeneos. Pós de soda.

Acido tartrico em pó..... dezoito grammas 18

Divida em 10 papeis *brancos.*

Bi-carbonato de soda..... vinte grammas 20

Divida em 10 papeis *azues.*

PÓS EFFERVESCENTES FERRUGINOSOS.

Pulveres aërophori ferruginei.

Pós gazogeneos ferruginosos.

Acido tartrico em pó..... vinte grammas 20

Bi-carbonato de soda..... quinze grammas 15

Assucar de fôrma, em pó.... sessenta e quatro grammas 64

Sulfato ferroso em pó..... um gramma 1

Misture.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

PÓS EFFERVESCENTES DE SEIDLITZ.

Pulveres aërophori seidlitzenses.

PÓS GAZOGENEOS DE SEIDLITZ. PÓS DE SODA SEIDLITZ.

Acido tartrico em pó..... dezoito grammas 18

Divida em 10 papeis *brancos*.

Tartrato de potassa e de soda, em pó.. oitenta grammas 80
Bi-carbonato de soda..... vinte grammas 20

Misture; divida em 10 papeis *azues*.

POTASSA SULFURADA.

Hepar sulfureum kalicum.

POLY-SULFURETO DE POTASSIO. FIGADO DE ENXOFRE.
SULFURETO DE POTASSA SOLIDO.

Enxofre sublimado..... mil grammas 1:000
Carbonato de potassa secco.. mil e setecentos grammas 1:700

Misture, aqueça em cadinho coberto até a completa fusão; verta a massa sobre uma superficie de pedra; guarde-a ainda quente.

PULMONARIA.

Pulmonaria.

LICHEN PULMONARIA. PULMONARIA DAS ARVORES.

Lichen pulmonarius Linn. (*Pulmonaria reticulata* Hoffm. ou *Sticta pulmonacea* Acharius), Lichenalia indigena, parasita do tronco dos carvalhos e de outras arvores.

(Fl. lusit. II. 450 — Fl. pharm. 561.)

Thallo, vulgarmente *Folhas* — *Thallus Pulmonariæ* — membranoso, cartilagineo, irregular e profundamente sinuado, de lacinias chanfradas e truncadas, com uma das faces verde-amarellada e reticulado-lacunosa e a outra maculada de branco e bosselada, sendo glabra nas convexidades e tomentosa nas concavidades; inodoro, sabor amargo levemente adstringente.

Não confunda com a **Pulmonaria officinalis** Linn. nem com a **Pulmonaria angustifolia** Linn., Borragineas vivazes, a primeira da Europa, a outra indigena do continente, ambas as quaes têem o nome vulgar de *Pulmonaria*. (Fl. pharm. 49.)

PYRETHRO.

Pyrethrum.

SALIVARIA.

Anthemis Pyrethrum Linn. (*Anacyclus Pyrethrum* De Cand.), Composta-senecionidea vivaz, das regiões mediterraneas, muito cultivada.

Raiz — *Radix Pyrethri* — fusiforme, da grossura de uma penna a um dedo, cortada em pedaços de comprimento variavel, casca pardacenta, engelhada e semeada de pontos pretos e brilhantes, meditullio esbranquiçado e radiado; cheiro forte e desagradavel quando em massa; sabor acre e ardente, promovendo facilmente a salivação.

PYRO-PHOSPHATO DE SODA.

Pyro-phosphas natricus.

PYRO-PHOSPHATO DE SODIO.

$$2NaO, PhO^5 + 10HO \text{ ——— } Ph^2O^7Na^4 + 10H^2O$$

Composto obtido pela calcinação do phosphato de soda.

Pó branco amorpho ou laminas rhomboedricas incolores; sabor ligeiramente salgado, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 10 partes de agua. Dá precipitado branco com os saes de prata.

Dissolvido na agua acidulada pelo acido azotico, não precipita pelo azotato de prata nem pelo chloreto de bario.

QUASSIA.

Lignum Quassiæ.

QUASSIA AMARGA. PAU QUASSIA.

Lenho, incompletamente descorticado, da **Quassia amara** Linn., Simarubea arborea, de Surinam, cultivada na Cayena e no Brazil.

Grosso e cylindrico, de casca delgada, lisa, esbranquiçada e pouco adherente; não muito denso, de contextura delicada e côr branco-amarellada; inodoro, sabor francamente amargo.

O lenho da **Picræna excelsa** Lindl. (*Quassia excelsa* Swartz), arvore da Jamaica, póde substituir-se ao da especie supra, que no Brazil é conhecido pelo nome de QUINA DE CAYENA. (Mat. med. bras. 43.)

QUINA.

Cortex Cinchonæ.

Casca peruviana.

Liber ou Entrecasco, umas vezes revestido outras privado do periderme, de differentes especies do genero **Cinchona,** Rubiaceas.

α—**Quina amarella.** — *Cortex Cinchonæ flavus.* — Quina calisaya. Quina real. — Proveniente da **Cinchona Calisaya** Weddel, arvore da Bolivia e da provincia de Carabaya no Perú.

Liber em pedaços achatados, de 1 a 2 centimetros de espessura, compactos, pesados, amarello-arruivados ; superficie externa um pouco mais escura com depressões longitudinaes conchoides, superficie interna um pouco mais clara, lisa, fibrosa, semeada de cellulas brilhantes; secção transversal parenchymatosa, deixando ver as fibras dispostas regularmente; fractura transversal totalmente constituida por fibras curtas e duras, fractura longitudinal regular, lisa e cheia de cellulas brilhantes. **Casca** (não privada do periderme) enrolada sobre o eixo, formando canudos exteriormente pardacentos, cobertos de **Lichens** esbranquiçados, com regos e fendas no sentido longitudinal e profundamente fendilhados no transversal, constituindo-se assim o periderme em pedaços mais ou menos quadrangulares, facilmente separaveis do liber cuja superficie externa é amarello-escura, violacea e conserva as impressões das fendas transversaes do periderme, sendo a superficie interna amarello mais claro; fractura transversal quasi regular exteriormente, fibrosa interiormente. Inodora, sabor amargo e adstringente.

Rejeite a que contiver menos de 2 por cento de quinina.

β—**Quina cinzenta.** — *Cortex Cinchonæ fuscus.* — Quina Huanuco. — Proveniente da **Cinchona micrantha** Ruiz e Pavon, da **Cinchona nitida** Ruiz e Pavon, da **Cinchona Urituzinga** Pavon e de outras especies congeneres, arvores dos Andes peruvianos.

Casca da espessura de 3 millimetros, ou menos, enrolada sobre o eixo, formando canudos de diametro variavel entre 1 e 2 centimetros; superficie externa cinzenta mais ou menos esbranquiçada, como que prateada por pequenos **Lichens** e concreções cretaceas, sulcada no sentido longitudinal e apresentando algumas vezes no transversal fendas superficiaes pouco profundas e quasi nunca circulares; superficie interna de côr de canella clara; fractura transversal lisa no bordo externo, fibrosa no interno e escurecida por materia resinosa na superficie; inodora, sabor amargo.

Costuma vir misturada com a **Quina pallida** — *Cortex Cinchonæ pallidus* — QUINA DE LOXA — proveniente da **Cinchona Condaminea** Humb. et Bonpl. (*Cinchona Chahuarguera* Pavon e *Cinchona crispa* Tafula), arvore da provincia de Loxa. De espessura nunca inferior a 1 millimetro, enrolada ás vezes sobre ambos os bordos, formando canudos mais grossos e mais compridos, que lascam facilmente no sentido longitudinal; superficie externa escurecida, tendo numerosas fendas transversaes profundas e quasi todas circulares, em grande parte occultas por **Lichens**; superficie interna de côr de canella escurecida; inodora, sabor amargo.

Rejeite a que contiver menos de 0,5 por cento de quinina.

γ — **Quina vermelha.** — *Cortex Cinchonæ ruber.* — QUINA DO CHIMBORAZO. — Proveniente da **Cinchona succirubra** Pavon, arvore do Chimborazo, na Nova Granada.

Casca em pedaços achatados mui levemente incurvados, de comprimento variavel, largura de 2 a 10 centimetros, espessura de 5 a 20 millimetros, de periderme suberoso e espesso, vermelho-escuro em alguns pontos, branqueado por **Lichens**, fendilhado nos sentidos longitudinal e transversal; liber compacto, pesado, fibroso, vermelho menos escuro, accidentado na superficie externa, a qual apresenta frequentes vezes elevações verrugosas que levantam o periderme; fractura transversal muito fibrosa; inodora, sabor amargo muito adstringente.

Rejeite a que contiver menos de 1,5 por cento de quinina.

Empregue, quando não houver indicação especial, a **Quina amarella.**

Doseamento da quinina: Ferva durante 15 minutos 10 grammas da quina a ensaiar, reduzida a pó fino, em 100 grammas de

agua distillada acidulada com 3 grammas de acido chlorhydrico puro; deixe em maceração por 24 horas; lance em apparelho de deslocação e esgote o residuo por 150 grammas de agua distillada e do mesmo modo acidulada, ou por quanta baste para que o liquido passe incolor. Precipite do liquido a materia corante pelo soluto de sub-acetato de chumbo, sem todavia lhe fazer perder a reacção acida. Filtre por papel sem pregas e lave o residuo no filtro com pequena quantidade de agua distillada; ao liquido filtrado ajunte 3,5 grammas de hydrato de potassa dissolvido em agua distillada, ou mais se tanto for preciso para quasi redissolver o precipitado que se formára. Trate o liquido por 40 grammas de ether; agite fortemente; separe o ether que pelo repouso sobrenada; repita o tratamento por mais 20 grammas de ether; separe-o pelo mesmo modo; repita ainda uma vez o tratamento pelo ether até que uma gota d'elle, evaporada, não dê residuo. Reuna os solutos ethereos; abandone á evaporacão espontanea em capsula tarada. O residuo, depois de secco, constitue a *Quinina*.

QUININA.

Quininum.

$$C^{40}H^{24}Az^{2}O^{4} \text{———} C^{20}H^{24}Az^{2}O^{2}$$

Alcaloide que se obtem precipitando o sulfato de quinina pela ammonia ou pelo carbonato de soda.

Pó amorpho; branca, sabor muito amargo, inodora, inalteravel ao ar, soluvel em 350 partes de agua, em 2 de alcool, em 60 de ether, no chloroformio, nos oleos e nas essencias; levogyra no soluto alcoolico. Dissolvida no soluto de chloro e ajuntando-lhe ligeiro excesso de ammonia, adquire côr verde-esmeralda.

QUINIO.

Quinium.

QUININA BRUTA. EXTRACTO DE QUINA, PELA CAL.

Quina amarella em pó.....	setecentos grammas	700
Quina cinzenta em pó.....	trezentos grammas	300
Cal bem hydratada.....	quinhentos grammas	500
Alcool a 90^{c}.....	seis mil grammas	6:000

Triture as quinas com a cal, ajunte alcool em quantidade bastante para humedecer o pó, deixe em maceração por 24 horas, submetta depois á deslocação com o restante alcool fervente, distille até obter dois terços do alcool empregado, evapore o residuo a banho de agua até a consistencia de extracto secco.

Equivale ao QUINIO DE LABARRAQUE.

RÁBÃO RUSTICO.

Armoracium vel *Raphanos agria.*

Cochlearia Armoracia Linn. (*Armoracia rusticana* Gärtn., Meyer et Scherbius), Crucifera vivaz, da Europa septentrional, muito cultivada.

Raiz recente—*Radix Armoracii*—comprida, cylindrica, carnosa, amarellada com rugas transversaes por fóra, branca internamente; quando contusa exhala cheiro irritante; sabor picante em alto grau.

RAN.

Rana.

Rana esculenta Linn. e **Rana temporaria** Linn., Batrachios das aguas estagnadas.

Animal, privado da pelle, da cabeça e das visceras.

RATANIA.

Krameria vel *Ratanhia.*

RATANHA.

Krameria triandra Ruiz e Pavon, Polygalea arbustiva, do Peru e do Chili.

Raiz—*Radix Krameriæ*—da grossura de 1 a 3 centimetros, muito ramificada, dura, aspera; casca vermelho-escura, fibrosa, com sabor muito adstringente, tingindo a saliva de vermelho; meditullio lenhoso, vermelho-amarellado, insipido.

RESINA DE GUAIACO.

Resina ligni Guaiaci.

Guaiaco rasurado	mil grammas	1:000
Alcool a 90ᶜ	seis mil grammas	6:000
Agua distillada	mil grammas	1:000

Digira, por 24 horas, o guiaco em metade do alcool, á temperatura de 50°; submetta depois á deslocação com o alcool restante, ajunte ao producto a agua e distille até obter dois terços do alcool empregado; deixe arrefecer, separe por decantação o residuo depois de frio, lave duas vezes com agua distillada quente; seque na estufa.

RESINA DE JALAPA.

Resina Jalapæ.

Jalapa em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 90ᶜ	seis mil grammas	6:000
Agua distillada	mil grammas	1:000

Digira, por 24 horas, a jalapa em metade do alcool, á temperatura de 50°; submetta depois á deslocação com o alcool restante, ajunte ao producto a agua e distille até obter dois terços do alcool empregado; separe por decantação o residuo depois de frio, lave duas vezes com agua distillada quente; seque na estufa.

RESINA DE PODOPHYLLO.

Resina Podophylli.

EXTRACTO RESINOSO DE PODOPHYLLO. PODOPHYLLINO. PODOPHYLLINA.

Podophyllo em pó grosso	mil grammas	1:000
Alcool a 90°	seis mil grammas	6:000
Agua distillada	mil grammas	1:000

Digira, por 24 horas, o podophyllo em metade do alcool, á temperatura de 50°; submetta depois á deslocação com o alcool restante; distille até obter dois terços do alcool empregado, evapore o residuo até a consistencia de extracto molle; ajunte-lhe a agua, agite repetidas vezes, deixe em repouso por 24 horas, filtre, lave em nova agua distillada e seque na estufa.

RHUIBARBO.

Rheum vel *Rhacoma.*

RHABARBARO.

Rheum officinale Baillon e porventura outras especies congeneres, Polygonaceas arbustivas, da China, da Tartaria e do Thibet.

Raiz descorticada—*Radix Rhei preparata*—dura, pesada, em pedaços trapesoides ou irregularmente cylindricos, largamente perfurados no sentido transversal, com a superficie exterior pulverulenta e de côr francamente amarella, textura compacta, superficie de secção amarellada, com veios avermelhados, muito mais evidentes na fractura longitudinal, que é irregularissima; mastigados dão crepitação, devida á fractura dos crystaes de oxalato de cal, e tingem fortemente a saliva de amarello-açafroado; cheiro forte, aromatico e privativo, sabor amargo levemente adstringente.

Rejeite o que estiver perfurado pelos vermes.

Pulverisado e submettido á torrefação em vaso destapado, até adquirir a côr pardo-escurecida, constitue o RHUIBARBO TORRADO — *Rheum torridum.*

RICINO.

Ricinus vel *Cici* vel *Palma-Christi.*

MAMMONA. CARRAPATEIRO.

Ricinus communis Linn., Euphorbiacea-acalyphea arbustiva, da India, da Cochinchina e de Cabo Verde, muito cultivada e quasi espontanea no continente, nos Açores e em Moçambique.

(Fl. cochinch. 716 — Fl. Cap Verd. 307 — Fl. lusit. II. 326 — Fl. pharm. 522 — Fl. azor. *sp.* 173 — Reise nach Mossamb. I. 98.)

Folhas — *Folia Ricini* — peltadas, palmatinerveas, de segmentos ovaes-lanceolados, acuminados e serreados, lustrosas na pagina superior; inodoras, sabor herbaceo.

Sementes — *Semina Ricini* — ovaes achatadas, de episperma liso, lustroso, cinzento, variegado, duro e quebradiço, amendoa branca, oleosa, inodora, de sabor adocicado e logo acre.

ROMEIRA.

Granatum.

ROMANZEIRA.

Punica Granatum Linn., Granatea arborea, da Mauritania, quasi espontanea no continente e na Madeira, muito cultivada em Cabo Verde. Floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. II. 247 — Fl. pharm. 250 — Fl. Mad. I. 262 — Fl. Cap Verd. 318.)

Flores em estivação, vulgarmente *Balaustias* — *Flores Granati* — de calyx espesso, liso, vermelho e quinque-lobado, corolla escarlate de petalas membranosas; inodoras, sabor muito adstringente.

Epicarpo secco, vulgarmente *Casca de romã* — *Malicorium* — coriaceo, quebradiço, avermelhado na face externa, amarello-verdoengo na interna, que conserva a impressão das sementes; inodoro, sabor amargo e muito adstringente.

Casca da raiz — *Cortex radicis Granati* — espessa, dura, não fibrosa, quebradiça, rugosa e amarello-acinzentada na superficie externa, lisa e amarellada na interna; cheiro fraco, sabor adstringente e amargo.

RORELLA.

Ros Solis.

ORVALHINHA.

Drosera rotundifolia Linn. *(Drosera capillaris* Poir.), Droseracea annual, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 491 — Fl. pharm. 167.)

Folhas recentes — *Folia Roris Solis* — radicaes, orbiculares, de peciolos sedosos e mais compridos do que o limbo, revestidas nos bordos e na pagina inferior de pellos glandulosos e vermelhos, intermeados de glandulas sesseis; inodoras, sabor acidulo e bastante acre.

Póde substituir-se-lhe a RORELLA DE FOLHAS COMPRIDAS — **Drosera longifolia** Linn. *(Drosera foliosa* Elliott) — tambem annual e igualmente indigena, cujas folhas são obovaes lanceoladas, quasi decorrentes e de peciolo glabro. (Fl. lusit. *id. ibid.* — Fl. pharm. 168.)

ROSA CANINA.

Cynorrhodon.

SILVA MACHA.

Rosa canina Linn. *(Rosa hibernica* Smith), Rosacea-rosea arbustiva, indigena do continente e da Madeira.

(Fl. lusit. II. 340 — Fl. pharm. 268 — Fl. Mad. I. 252.)

Sycones, vulgarmente *Cynosbatos* — *Fructus Cynorrhodi* — ovoides, lustrosos, avermelhados, coroados pelas divisões do calyx, succolentos, encerrando akenios pelludos; inodoros, sabor adstringente e adocicado.

Empregue privados dos akenios.

ROSAS PALLIDAS.

Rosæ pallidæ.

Petalas da **Rosa centifolia** Linn. e da **Rosa Damascena** Mill., Rosaceas-roseas arbustivas, da Asia, muito cultivadas no continente, na Madeira e, a primeira, em Cabo Verde. Florescem na primavera.

(Fl. lusit. II. 344 — Fl. pharm. 272 — Fl. Mad. I. 254 — Fl. Cap Verd. 319.)

Obovaes cordiformes, de côr rosada typica, cheiro suave, caracteristico, sabor adocicado, levemente adstringente.

ROSAS RUBRAS.

Puniceæ Rosæ.

Rosa franceza dobrada. Rosa de Alexandria.

Botões (flores em estivação) da **Rosa gallica** Linn. var. **plena** e var. **prænestina** Brot., Rosacea-rosea arbustiva, da Europa central e meridional, muito cultivada no continente e na Madeira. Floresce na primavera.

(Fl. lusit. II. 342-343 — Fl. pharm. 270 a 272 — Fl. Mad. I. 254.)

Ovaes-acuminados, de côr rubra, fragrancia privativa e sabor adstringente.

Despoje do calyx e seque rapidamente.

SABÃO ANIMAL.

Sapo animalis.

Saponito animal. Sabão de sebo.

Sebo	mil grammas	1:000
Hydrato de soda liquido	quinhentos grammas	500

Funda o sebo a banho de agua; misture em vaso de louça o hydrato; agite até que comece a adquirir consistencia rija; corte em pequenos pedaços; seque ao ar.

SABÃO VEGETAL.

Sapo vegetalis.

SAPONITO AMYGDALINO. SABÃO AMYGDALINO.
SABÃO MEDICINAL.

Oleo de amendoas	mil grammas	1:000
Hydrato de soda liquido . .	quatrocentos e oitenta grammas	480

Misture em vaso de louça, agitando até começar a endurecer; corte em pedaços; exponha-os ao ar por 2 mezes, ou mais, até completo endurecimento.

Deve dar-se este, quando se pedir simplesmente SABÃO.

SABINA.

Sabina.

Juniperus Sabina Linn., Conifera arbustiva, da Asia e da Europa meridional, muito cultivada.

Summidades—*Cacumina Sabinæ*—de diminutas folhas ovaes, conchegadas, entelhadas e dispostas em 4 series, ou lanceoladas e distanciadas, espessas, verde-escuras; cheiro forte, desagradavel, sabor resinoso, amargo-enjoativo.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, o ZIMBRO PHENICIO — **Juniperus phœnicia** Linn. — arbusto indigena do continente e cujas folhas são dispostas em 3 series. (Fl. lusit. I. 127 — Fl. pharm. 543.)

SABOEIRA.

Saponaria.

Saponaria officinalis Linn. (*Bootia vulgaris* Necker), Caryophyllea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 175 — Fl. pharm. 218.)

Raiz—*Radix Saponariæ*—comprida, nodosa, da grossura de uma penna a um dedo, de casca escuro-avermelhada, enrugada longitudinalmente e fendilhada, meditullio amarello-citrino, esponjoso; inodora, sabor mucilaginoso, enjoativo, por fim amargo e acre.

SABUGUEIRO.

Sambucus.

Sambucus nigra Linn. (*Sambucus vulgaris* Lamk.), Caprifoliacea sub-arborea, indigena do continente, onde floresce de março a agosto.

(Fl. lusit. I. 474 — Fl. pharm. 159 — Fl. port. II. 33.)

Cymeiras, vulgarmente *Flores* — *Flores Sambuci* — umbelliformes, de 5 raios, com pequenas flores brancas e pedicelladas, que a exsiccação torna amarellas; cheiro fraco, particular, mais activo quando seccas, sabor um pouco amargo.

Bagas — *Fructus Sambuci* — coroadas pelo calyx, ovaes, negras, lustrosas, sumarentas, com o succo vermelho-escuro, que os acidos avivam; quasi inodoras, sabor acidulo.

Póde substituir-se-lhe o **Sambucus maderensis** Lowe, tambem sub-arboreo, indigena da Madeira. (Fl. Mad. I. 381.)

SACCHARETO DE ALGA PERLADA.

Saccharetum Carragaheen.

GELEA SECCA DE MUSGO BRANCO.

Alga perlada.....	duzentos e cincoenta grammas	250
Assucar granuloso.....	mil grammas	1:000
Agua.....		q. b.

Lave a alga com agua fria, ferva-a depois em agua por 1 hora; côe espremendo, dissolva o assucar, evapore até a consistencia de extracto molle; termine a evaporação na estufa.

SACCHARETO DE LICHEN.

Saccharetum Lichenis islandici.

GELEA SECCA DE MUSGO ISLANDICO.

Lichen	mil grammas	1:000
Assucar granuloso	mil grammas	1:000
Agua		q. b.

Ferva o lichen na agua por 1 hora; côe espremendo, deixe depositar, decante, dissolva o assucar, evapore até a consistencia de extracto molle; termine a evaporação na estufa.

SACCHARETO DE LICHEN SEM AMARGO.

Saccharetum Lichenis sine amaritudine.

GELEA SECCA DE MUSGO DOCE.

Lichen sem amargo	mil grammas	1:000
Assucar granuloso	mil grammas	1:000
Agua		q. b.

Ferva o lichen na agua por 1 hora; côe espremendo, deixe depositar, decante, dissolva o assucar, evapore até a consistencia de extracto molle; termine a evaporação na estufa.

SAGAPENO.

Sagapenum.

GOMMA SERAPHICA.

Resina-gomma fornecida por uma especie, ainda não determinada, do genero **Ferula**, Umbellifera da Asia menor.

Massas heterogeneas, constituidas por fragmentos escuro-esverdeados, molles, espalhando muito fumo quando ardem; cheiro que lembra o da assafetida, sabor acre.

Distingue-se da ASSAFETIDA por não avermelhar na fractura, e do GALBANO por ser mais escura do que este.

SAGÚ.

Amylum Sagi.

AMIDO DO SAGÚ.

Fecula extrahida da medulla do estipe do **Sagus lævis** Rumph. (*Metroxylon Sagus* Rottböll), do **Sagus Rhumphii** Willd. (*Metroxylon Rumphii* Mart.) e ainda de outras especies, Palmaceas arboreas, do archipelago indico.

α — **Sagú granuloso.** — *Sagus granulosa.* — Grãos pouco angulosos, brancos ou levemente cinzentos e tambem avermelhados, muito duros, diaphanos; inodoro, insipido.

β — **Sagú pulverulento.** — *Pulvis Sagi.* — Pó branco constituido por impalpaveis granulações que vistas ao microscopio se mostram irregularmente ellipticas, adelgaçadas n'um dos topos, de superficie como tuberculosa, hilo circular e largo, zonas concentricas pouco apparentes; inodoro, insipido.

SAIÃO.

Sedum magnum.

SAIÃO MAIOR. SEMPRE-VIVA.

Sempervivum arboreum Linn. (*Sempervivum africanum* Mill.), Crassulacea arbustiva, indigena do continente, quasi espontanea na Madeira.

(Fl. lusit. II. 378 — Fl. Mad. I. 337.)

Folhas — *Folia Sedi magni* — carnosas, espathuladas, glabras e miudamente celheadas; inodoras, sabor adstringente com sensação de frescura.

Póde substituir-se-lhe o **Sempervivum tectorum** Linn., que é vivaz e cultivado nos jardins.

SALEPO.

Salep vel *Salab.*

Tuberculos mixtos de um grande numero de especies dos generos **Orchis** e **Ophrys,** Orchideas vivazes, da Europa e da Asia, indigenas do continente.

(Fl. lusit. I. 19 a 24 — Phyt. Lusit. II. 12 a 38. Tab. 87 a 93 — Fl. pharm. 489 a 491.)

Tuberideos — *Tubera Salep* — arredondados ou ovaes-alongados, approximadamente do volume de azeitonas, um pouco translucidos, de consistencia cornea quando seccos, côr cinzento-amarellada; cheiro fraco, sabor mucilaginoso.

Faça a colheita quando, amadurecida a semente, começa o caule a seccar. Prive da epiderme, enfie em rosario, ferva em agua até que adquiram transparencia; seque.

Rejeite os do anno anterior, já engelhados, e as radiculas.

Pó. — *Pulvis Salep.* — Obtem-se macerando por 24 horas os tuberideos em agua, enxugando-os depois, esfregando-os em panno aspero, contundindo-os, seccando os fragmentos a calor que não exceda 50° e terminando a pulverisação pelo methodo ordinario.

SALGUEIRO.

Salix.

Salix alba Linn., Salicinea arborea, indigena do continente.

(Fl. lusit. I.29 — Fl. pharm. 529.)

Casca dos ramos — *Cortex Salicis* — tenaz, facil de rasgar parallelamente ás fibras, escuro-acinzentada na superficie externa, amarellada na interna; inodora, sabor amargo e adstringente. A superficie interna, tocada com o acido sulfurico, adquire côr vermelha.

Faça a colheita dos ramos de dois a tres annos.

SALICINA.

Salicinum.

$C^{26}H^{18}O^{14}$ —— $C^{13}H^{18}O^{7}$

Principio immediato obtido do cozimento concentrado da casca do salgueiro, precipitando-o pela cal hydratada, tratando o precipitado pelo alcool e submettendo-o a successivas crystallisações.

Crystaes aciculares brilhantes; branca, sabor amargo, inodora, inalteravel no ar, soluvel em 16 partes de agua fria e em todas as proporções na agua fervente, soluvel no alcool, insoluvel no ether, fusivel a 120°; neutra; levogyra no soluto alcoolico. O acido sulfurico concentrado e frio córa-a de vermelho intenso, sem a dissolver totalmente.

SALSA.

Petroselinum.

SALSA HORTENSE.

Apium Petroselinum Linn. (*Petroselinum sativum* Hoffm. e Koch), Umbellifera bis-annual, indigena da Madeira e dos Açores, quasi espontanea no continente.

(Fl. Mad. I. 347—Fl. azor. *sp.* 294—Fl. lusit. I. 463—Fl. pharm. 152.)

Raiz — *Radix Petroselini* — fusiforme, da grossura de uma penna a um dedo, arrugada circularmente, de côr amarello-acinzentada, meditullio amarello, não lenhoso; cheiro fraco agradavel, sabor um tanto acre.

Mericarpos ou **Akenios**, vulgarmente *Sementes* — *Fructus Petroselini* — oblongos, semi-lunares, com 5 costellas esbranquiçadas, limitando sulcos verde-escuros; ás vezes unidos em *schizocarpos* ovoides, achatados lateralmente; cheiro fraco, privativo, sabor aromatico, um tanto urente e amargo.

SALSAPARRILHA.

Sarsaparilla.

Salsa americana.

Smilax papyracea Poir. (*Smilax syphilitica* Mart. non Humb.), **Smilax officinalis** Kunth e **Smilax medica** Schlectendal, Asparagineas sub-arbustivas, da America tropical.

(Mat. med. bras. 64-65.)

Raiz — *Radix Sarsaparillæ* — muito comprida, da grossura de uma penna, flexivel, escura, estriada e facil de rasgar longitudinalmente; periderme de duas zonas, a mais exterior amarellada, pouco espessa e revestida da cuticula, a outra mais clara ou rosada e amylacea; meditullio lenhoso, amarellado exteriormente, consistente e disposto em canal cheio de medulla farinacea e branca. A do Brazil, conhecida no commercio europeu com o nome de *Salsaparrilha de Lisboa,* é escuro-avermelhada, muito amylacea, de sabor mucilaginoso um pouco amargo. A de Vera Cruz e a da Jamaica são a primeira denegrida, a outra escuro-alaranjada, ambas de meditullio muito consistente e predominante; sabor levemente amargo e no fim um tanto acre.

Rejeite o rhizoma e radiculas que possam vir adherentes.

SALSAPARRILHA INDIGENA.

Sarsaparilla nostras.

Legacão.

Smilax aspera Linn., Asparaginea arbustiva, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 604 — Fl. pharm. 538.)

Raiz — *Radix Sarsaparillæ nostratis* — comprida, da grossura de uma penna ou menos, flexivel, sulcada longitudinalmente, casca tenue e acinzentada, parenchyma branco e amylaceo, meditullio lenhoso com medulla quasi amylacea; inodora, sabor levemente amargo e mucilaginoso.

Não confunda com o *Rhizoma,* que é mais grosso, articulado, provido de gemmas foliferas junto ás nodosidades, amarellado por fóra, branco e esponjoso por dentro.

SALVA.

Herba sacra.

SALVA MANSA.

Salvia officinalis Linn. (*Salvia grandiflora* Ten. non Ettling), Labiada sub-arbustiva, da Europa meridional, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. I. 18 — Fl. pharm. 9.)

Folhas — *Folia Herbæ sacræ* — pecioladas, ovaes-lanceoladas, finamente crenuladas, aveludadas, rugosas; cheiro aromatico privativo, sabor adstringente e amargo.

SAMBULA.

Sumbulum.

SAMBULA DA RUSSIA.

Sumbulus moschatus Koch (*Euryangium Sumbul* Kauffmann), Umbellifera vivaz, da Asia central, acclimada na Russia.

(Pharm. Journ. 3.ª serie. vol. I. 807 — *Flück.* & *Hanb.* Pharmacog. 278.)

Raiz — *Radix Sumbuli* — secca e cortada em talhadas um tanto bi-concavas, de 5 a 15 centimetros de diametro e 2 a 5 de espessura no perimetro, de casca cinzenta, papyracea e engelhada, em muitas d'ellas coberta de pellos asperos e curtos, esponjosas na substancia interna, que é escura com veios brancos, amylacea, intermeada de numerosas fibras irregulares e facilmente separaveis, ás vezes coberta, sobretudo na peripheria, por exsudação de natureza resinosa e de côr amarellada ou avermelhada; cheiro pronunciadissimo de almiscar; sabor adocicado, depois levemente amargo, por fim acre.

Não confunda com a SAMBULA DA INDIA, cuja raiz é mais densa, mais dura, avermelhada e tem cheiro menos activo.

SANAMUNDA.

Caryophyllata.

HERVA BENTA. CRAVOILA.

Geum urbanum Linn. (*Caryophyllata vulgaris* G. Bauh.), Rosacea-dryadea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 354 — Fl. pharm. 281.)

Raiz — *Radix Caryophyllatæ* — fusiforme, da grossura de uma penna, com muitas radiculas, escamosa, principalmente no topo ou collo, que é tumefacto, denegrida por fóra, internamente de côr branca que o ar avermelha; cheiro caracteristico do cravinho, sabor aromatico, amargo e adstringente.

Deve ser colhida na primavera. Renove annualmente.

SANDALO RUBRO.

Santalum rubrum vel *Lingoum rubrum.*

Duramen (lenho privado do alburno) do **Pterocarpus indicus** Willd. (*Pterocarpus Draco* Lamk. non Linn.), Leguminosa-papilionacea arborea, da India.

Pedaços duros, pesados, de fractura fibrosa muito irregular, côr vermelha intensa, que se torna arroxeada para a peripheria; cheiro fragrante privativo, sabor aromatico; cede pouco á agua a materia córante, que o alcool dissolve bem.

SANGUE DE DRAGO.

Sanguis Draconis.

Resina obtida por espressão das bagas do **Calamus Draco** Willd. *(Palmijuncus Draco* Rumph.), Palmacea arborea, do archipelago indico.

Cylindros de 30 a 50 centimetros de comprimento, da grossura de um dedo, escuro-avermelhados, opacos, frageis, friaveis, dando pó vermelho vivo; fractura resinosa, aspera, um tanto porosa; inodoro, insipido; parcialmente soluvel no ether, nos oleos e nas essencias, completamente no alcool, corando-o de vermelho retinto.

Póde substituir-se-lhe o que provém:

1.º Da **Dracæna Draco** Linn., Asparaginea arborea, das Indias, cultivada em Cabo Verde (Fl. Cap Verd. 166);

2.º Do **Pterocarpus Draco** Linn. *(Pterocarpus officinalis* Jacq.), Leguminosa-papilionacea arborea, das ilhas americanas.

SANGUESUGAS.

Hirudines.

Bichas.

Especies de genero **Hirudo,** Annelides-abranchios da Europa meridional e da Africa septentrional.

Animaes alongados, de 6 a 9 centimetros de comprimento, adelgaçados para a extremidade bocal, obtusos para a outra, tendo em cada qual uma ventosa, plano-convexos mais ou menos esverdeados, molles, escorregadiços, tomando, quando se contrahem, a fórma olivar; a face dorsal, convexa, apresenta 95 anneis transversaes distinctos, iguaes, salientes nos lados, e 6 fitas longitudinaes parallelas e escurecidas; a face ventral, plana, unicolor ou marmorea, bordada em cada lado por uma faxa longitudinal.

α—**Sanguesuga verde.**—É a **Hirudo officinalis** Moq. *(Sanguisuga officinalis* Savigny).

Superficie dorsal verde mais ou menos claro, com as fitas longitudinaes arruivadas e geralmente continuas; superficie ventral côr de azeitona, não maculada, com as faxas lateraes rectilineas anegradas.

β—**Sanguesuga cinzenta.**—É a **Hirudo medicinalis** Linn. *(Sanguisuga medicinalis* Savigny).

Superficie dorsal côr de azeitona um tanto acinzentada, com as fitas longitudinaes arruivadas e pontilhadas de negro; superficie ventral, verde-amarellada maculada de negro, com as faxas lateraes rectilineas anegradas.

γ—**Sanguesuga dragão.**—É a **Hirudo troctina** Johns. *(Sanguisuga interrupta* Moq.).

De côr verde mais ou menos brilhante; fitas longitudinaes do dorso formadas por pequenos circulos distinctos, ventre manchado de negro, com as faxas lateraes em zigue-zague.

SANTONATO DE SODA.

Santonas natricus.

SANTONATO DE SODIO.

$NaO, HO, C^{30}H^{18}O^{6}$ —— $C^{15}H^{18}O^{3}, NaOH$

Composto obtido pela acção do soluto alcoolico de santonina sobre o carbonato de soda secco.

Prismas rhomboidaes ou laminas; incolor, inodoro, sabor salino um tanto amargo; pouco sensivel á luz, soluvel em 3 partes de agua e em 12 de alcool; em contacto com o soluto alcoolico de potassa adquire côr vermelha.

SANTONICO.

Flores Cinæ.

BARBOTINA. SEMENCINA. SEMEN-CONTRA.
SEMENTES DE ALEXANDRIA.

Capitulos floraes, fechados, da **Artemisia Cina** O. Berg e de algumas outras Compostas-senecionideas, do Levante, ainda não determinadas, e da **Artemisia pauciflora** Stechmann, Composta-senecionidea vivaz, da Russia.

Com o aspecto de miudas sementes, prismaticos, alongados, glabros, de côr verde-amarellada, que o tempo escurece, com escamas imbricadas, escariosas, de superficie glandulosa, envolvendo 3 a 5 flosculos; cheiro forte privativo, sabor acre, amargo e desagradavel.

Rejeite os fragmentos dos pedunculos e das folhas, com que costumam vir misturados.

SANTONINA.

Santoninum.

ACIDO SANTONICO.

$C^{30}H^{18}O^{6}$ —— $C^{15}H^{18}O^{3}$

Principio immediato obtido do santonico em pó, submettendo-o a decocções com a cal hydratada, tratando subsequentemente o liquido pelo acido chlorhydrico e pela ammonia e fazendo crystallisar no alcool a 90°.

Prismas hexagonaes achatados, incolores, que expostos á luz natural ou aos raios azues e violetes se desaggregam e adquirem côr amarellada; pouco amarga, inodora, soluvel em 300 partes de agua fria, em 250 de agua fervente, em 50 de alcool frio a 90°, em 70 de ether, no chloroformio, no sulfureto de carbonio e na essencia de terebinthina; o soluto aquoso é muito amargo; densidade 1,247; volatil; neutra aos papeis reagentes. O acido sulfurico córa-a de amarello e dissolve-a tomando côr vermelha.

Conserve em frasco opaco.

SARGACINHA.

Lithospermon.

HERVA DAS SETE SANGRIAS. SARGAÇA HISPIDA.
SARAGAÇA BASTARDA.

Lithospermum fructicosum Linn. *(Anchusa angustifolia* G. Bauh.), Borraginea arbustiva, indigena do continente, onde floresce de fevereiro a junho.

(Fl. lusit. I. 292 — Phyt. Lusit. II. 171. Tab. 155 — Fl. pharm. 50 — Fl. port. I. 170. Pl. 21.)

Summidades floridas — *Cacumina Lithospermi florentia* — de folhas alternas, sesseis, sub-lineares, agudas, integerrimas, hispidas, inflorescencia em cachos terminaes com flores de corolla purpurea ou azul-violete; inodoras; insipidas.

SASSAFRAZ.

Sassafras.

Laurus Sassafras Linn. (*Sassafras officinale* Nees), Lauracea arborea, da America do norte.

Raiz—*Radix Sassafras*—mais ou menos volumosa, de casca espessa, esponjosa, quebradiça, fendida e acinzentada por fóra, avermelhada por dentro, e lenho tambem esponjoso, leve, amarellado ou vermelho-desmaiado; cheiro que lembra o do funcho, sabor adocicado aromatico, menos pronunciado no lenho.

SCILLA.

Squilla.

ALVARRÃ BRANCA. CEBOLA ALBARRÃ.

Scilla maritima Linn. var. **radice alba** G. Bauh. (*Ornithogalum maritimum* Tournefort e Brot.), Asphodelea vivaz, indigena do continente e dos Açores.

(Fl. lusit. I. 533—Fl. pharm. 185—Fl. azor. *sp.* 152 *.)

Bolbo—*Bulbus Squillæ*—volumoso, conico, pesado, de escamas entelhadas e muito conchegadas: as externas, seccas, membranosas e avermelhadas; as medianas, carnosas na base, estriadas, brancas, levemente rosadas, sobretudo no prolongamento das nervuras; as internas, de todo brancas e muito succulentas; quasi inodoro, sabor intensamente amargo e acre, sobretudo nas *escamas medianas*.

Deve ser colhido no outomno.

Rejeite as escamas externas e as internas; seque as medianas, rasgando-as em lacinias, que a exsicacção torna amarelladas, corneas e quebradiças.

Conserve em vaso fechado, ao abrigo da humidade.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, a ALVARRÃ DO PERU—**Scilla peruviana** Linn.—nem qualquer das outras especies congeneres indigenas do continente. (Fl. lusit. I. 526 a 528—Fl. pharm. 184.)

Pó.—*Pulvis Squillæ.*—Obtem-se pela pulverisação das escamas seccas, devendo ser em seguida submettido á dessecação em estufa moderadamente aquecida.

Guarde logo em pequenos frascos, completamente seccos, bem rolhados.

SEBO.

Sevum preparatum.

SEBO PREPARADO.

Sebo em rama ..... q. s.

Corte em pequenos pedaços, contunda-os em gral de pedra e funda a banho de agua; côe espremendo.

Conserve em vasos não porosos, de pequena capacidade e completamente cheios, em logar fresco.

SEBO EM RAMA.

Sevum.

Tecido conjunctivo-adiposo do **Bos Taurus** Linn. e do **Ovis Aries** Linn., Ruminantes domesticos.

Massas gordurosas muito consistentes, amarelladas ou levemente rosadas.

SENEGA.

Seneka.

POLYGALA DA VIRGINIA.

Polygala Senega Linn., Polygalea vivaz, da America do norte.

Raiz — *Radix Senekæ* — nodosa, da grossura de uma penna, ramificada, sulcada circularmente, torcida sobre o eixo, com uma crista unilateral em todo o comprimento, de casca espessa, fragil, cinzenta por fóra, amarellada por dentro, meditullio lenhoso e esbranquiçado; cheiro fraco, sabor enjoativo, por fim acre.

SENNE.

Senna.

Senne de Alexandria. Senne de Italia.

Cassia Senna Linn., especie subdividida nas *Cassia acutifolia* Delile e *Cassia obovata* Colladon, Leguminosas-cesalpineas sub-arbustivas, da India, a segunda de Cabo Verde, cultivadas no Egypto, na Nubia e na Italia.

(Fl. trop. Afr. II. 278-277 — Fl. Cap Verd. 338.)

Foliolos — *Folia Sennæ* — papyraceos, quebradiços, obovaes e mucronados ou lanceolados e attenuados nas duas extremidades, de base obliqua com lados desiguaes, côr verde-pallida na face superior e verde-amarellada na inferior, nervura mediana muito apparente e 6 a 8 pares de venulas iguaes, distanciadas regularmente e dirigidas para o vertice; cheiro particular, sabor nauseoso um tanto amargo.

Expurgue das folhas do **Cynanchum Argel** Delile *(Solenostemma Argel* Hayne), que são mais asperas e rijas, de base não obliqua nem desigual, não mucronadas, sem venulas apparentes e de sabor amargo muito forte; das da **Coriaria myrtifolia** Linn., que são mais asperas e têem 3 nervuras curvas dirigidas da base ao apice, de sabor acre e adstringente; e ainda dos peciolos e dos fragmentos dos folliculos.

Póde substituir-se-lhe o Senne de Tinnevelly ou da India, proveniente da **Cassia elongata** Lemaire *(Cassia angustifolia* Vahl), especie da Africa oriental portugueza, cultivada no Indostão, e cujos foliolos são muito maiores, lanceolados, agudos, muito flexiveis e de côr verde-clara. (Fl. trop. Afr. II. 279.)

Não se lhe substitua, sem indicação especial, o Senne do Brazil, fornecido principalmente pela **Cassia cathartica** Mart. (Mat. med. bras. 74.)

SERPENTARIA.

Serpentaria virginiana.

SERPENTARIA DA VIRGINIA.

Aristolochia Serpentaria Linn. (*Aristolochia reticulata* Nuttall) e outras especies congeneres, Aristolochiaceas vivazes, da America do norte.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz — Radix Serpentariæ virginianæ* — curto, nodoso, com raizes numerosas, compridas, delgadas, entrelaçadas, cinzento-amarelladas; cheiro aromatico e camphoraceo, sabor igualmente camphoraceo, amargo e quente.

SERPILHO.

Serpyllum.

SERPÃO. SERPOL.

Thymus Serpyllum Brot. non Linn. (*Thymus glabratus* Hoffmseg. et Link) e **Thymus Zygis** Linn. var. **variabilis** Brot. (*Thymus variabilis* Hoffmseg. et Link), Labiadas arbustivas, indigenas do continente, onde florescem de maio a julho.

(Phyt. Lusit. II. 103 e 107. Tab. 120 e 122 — Fl. port. I. 130 e 134. Pl. 15 e 17.)

Summidades floridas — *Cacumina Serpylli florentia* — de folhas oppostas, curto peciolo e bordos levemente revirados, lanceoladas ou oblongo-lanceoladas e lineares, obtusas, integerrimas, glabras e celheadas na base, ou glabras na pagina superior e pilosas na inferior; inflorescencia em cymeira contrahida de flores com corolla lilaz; cheiro aromatico forte, sabor amargo e acre.

SIBA.

Os Sepiæ.

SEPIOSTARIO. OSSO DO CHÔCO.

Concreção calcarea da região dorsal da **Sepia officinalis** Linn. e da **Sepia elegans** Blainville, Mulluscos-cephalopodos do Atlantico e do Mediterraneo.

Corpo branco, ovoide-deprimido, alongado, de textura laminar esponjosa, cornea n'uma das faces; inodoro, insipido.

Pó.—*Pulvis ossis Sepiæ.*—Obtem-se rejeitando a parte de textura cornea.

SILICATO DE POTASSA.

Silicas kalicus.

SILICATO DE POTASSIO.

Producto obtido na reacção da arêa ou quartzo sobre o carbonato de potassa, ao rubro em cadinho de grés.

Incolor, inodoro, sabor alcalino; tratado pelo acido chlorhydrico, deposita-se a silica gelatiniforme.

α—**Silicato de potassa solido.**—*Silicas kalicus fusus.*—VIDRO SOLUVEL.—Obtido na reacção indicada, lixiviando, evaporando á seccura e fundindo de novo.

Fragmentos translucidos; deliquescente.

β—**Silicato de potassa liquido.**—*Silicas kalicus solutus.*—SOLUTO DE SILICATO DE POTASSA.—Obtem-se dissolvendo a quente na agua distillada até solução concentrada, o silicato solido, recentemente preparado.

Liquido viscoso, que estendido em camada sobre os tecidos ou outras superficies constitue um verniz; densidade 1,28 (32° B.).

Empregue, não havendo indicação especial, o **Silicato de potassa liquido.**

SIMAROUBA.

Simaruba.

SIMARRUBA. MARUBÁ.

Quassia Simaruba Linn. (*Simaruba officinalis* De Cand.), Simarubea arborea, do Brazil, da Guiana, da Cayena e da Jamaica.

(Mat. med. bras. 43.)

Casca da raiz — *Cortex Simarubæ* — em tiras compridas, muito fibrosas, difficeis de romper e de pulverisar, acinzentadas com estrias transversaes na face externa, de côr amarello-clara na face interna; inodora, sabor extremamente amargo.

SODA SULFURADA.

Hepar sulfureum natricum.

POLY-SULFURETO DE SODIO. SULFURETO DE SODA SOLIDO. FIGADO DE ENXOFRE, SODICO.

Enxofre sublimado.....	mil grammas	1:000
Carbonato de soda secco...	mil e quatrocentos grammas	1:400

Misture, aqueça em cadinho coberto até a completa fusão; verta a massa fundida sobre uma superficie de pedra; guarde-a ainda quente.

SOLANO.

Solanum nigrum.

HERVA MOURA.

Solanum nigrum Linn. (*Solanum vulgatum* Willd.), Solanacea annual, indigena do continente, dos Açores e de Cabo Verde, acclimada na Madeira. Floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. I. 283 — Fl. pharm. 70 — Fl. port. I. 200 — Fl. azor. *sp.* 268 — Fl. Cap Verd. 237 — Fl. Mad. II. 73.)

Planta florida — *Herba Solani nigri florens* — de caule ramoso, anguloso, quasi pubescente, folhas alternas, pecioladas, ovaes, agudas, quasi glabras, celheadas nas margens e sinuadas, inflorescencia em cacho com flores de pedunculo longo e corolla branca; cheiro fetido, sabor herbaceo.

SOLUTO DE ACETATO DE AMMONIA.

Solutum Acetatis ammonici.

ACETATO DE AMMONIA LIQUIDO.

Acido acetico aquoso	mil grammas	1:000
Carbonato de ammonia		q. b.

Aqueça ligeiramente o acido em capsula de porcelana, ajunte a pouco e pouco o carbonato até a completa saturação, filtre.

O producto deve marcar 1,029 (4° B.).

Substitue o ESPIRITO DE MINDERERUS.

SOLUTO DE ARSENIATO DE SODA.

Solutum Arseniatis natrici.

Arseniato de soda	vinte centigrammas	0,20
Agua distillada	cem grammas	100

Dissolva.

Substitue o LICÔR ARSENICAL DE PEARSON.

SOLUTO DE ARSENITO DE POTASSA.

Solutum Arsenitis kalici.

Acido arsenioso em pó	um gramma	1
Carbonato de potassa	um gramma	1
Agua distillada		q. b.

Misture em capsula de porcelana o acido e o carbonato com 10 grammas da agua; ferva até a completa dissolução; filtre, ajunte tanta agua distillada quanta baste para que o producto perfaça cem grammas.

Equivale ao Licôr arsenical de Fowler.

SOLUTO DE AZOTATO MERCURICO.

Solutum Azotatis hydrargyrici.

Azotato de mercurio, liquido. Nitrato acido de mercurio.

Mercurio puro	quarenta grammas	40
Acido azotico puro	oitenta grammas	80

Dissolva; evapore, a calor brando, até ficar reduzido a cem grammas.

SOLUTO DE CAL SULFURADA.

Solutum Hepatis sulfurei calcici.

Soluto de poly-sulfureto de calcio.
Sulfureto de cal liquido.

Cal sulfurada	trezentos grammas	300
Agua	setecentos grammas	700

Dissolva, filtre.

Deve marcar 1,26 (30° B.).

SOLUTO DE CHLORETO FERRICO.

Solutum Chloreti ferrici.

PER-CHLORURETO DE FERRO, LIQUIDO.

Ferro em fio	cem grammas	100
Acido chlorhydrico puro		q. b.
Agua distillada		q. b.

Dilua o acido em 3 vezes o seu peso da agua, ajunte o ferro, agitando repetidas vezes, até que tenha cessado o desenvolvimento de gaz; filtre e evapore o soluto até a graduação de 1,10 (13° B.). Faça-o então atravessar, em apparelho de Woolff, por uma corrente de chloro, até que ensaiado pelo ferri-cyaneto de potassio não dê vestigios de côr azul. Dilua o producto em quanto baste de agua distillada para que o soluto marque 1,26 (30° B.).

Conserve em frasco opaco, de rolha esmerilhada.

SOLUTO DE CHLORETO MERCURICO.

Solutum Chloreti hydrargyrici.

SOLUTO DE SUBLIMADO CORROSIVO.

Chloreto mercurico	dez centigrammas	0,10
Alcool a 85^{c}	dez grammas	10
Agua distillada	noventa grammas	90

Dissolva o chloreto no alcool, ajunte a agua.

Equivale ao LICÔR DE VAN-SWIETEN.

SOLUTO DE CHLORHYDRATO DE MORPHINA.

Solutum Chloreti morphinici.

SOLUTO DE CHLORHYDRATO DE MORPHINA PARA INJECÇÃO HYPODERMICA.

Chlorhydrato de morphina. . . .	cincoenta centigrammas	0,50
Agua distillada.	dez grammas	10

Dissolva.

SOLUTO DE CHLORO.

Solutum Chlori.

AGUA CHLORADA. CHLORO LIQUIDO.

Bi-oxydo de manganesio, em pó. . .	vinte e cinco grammas	25
Acido chlorhydrico puro.	cem grammas	100

Introduza o bi-oxydo em matraz de vidro, fechado por uma rolha atravessada por 2 tubos, um em S de carga e segurança, e outro adductor a um apparelho de Woolff composto de 1 frasco de lavagem e 2 condensadores da capacidade de 1 litro, aquelle com pouca agua e estes com agua distillada até dois terços, devendo manter-se quanto possivel á temperatura de 8°. O ramo do tubo do ultimo frasco deve abrir-se em uma proveta contendo leite de cal. Verta pelo tubo de carga, proximamente o terço do acido, aqueça moderadamente o matraz a banho de arêa, ajuntando a pouco e pouco o resto do acido á medida que a reacção affrouxar. Corte a communicação do matraz com o resto do apparelho, deixe arrefecer e aproveite sómente o liquido contido nos dois ultimos frascos.

Conserve em pequenos vidros opacos, de rolha esmerilhada, completamente cheios.

SOLUTO DE CITRATO DE POTASSA.

Solutum Citratis kalici.

MISTURA SALINA. HYDROLEO DE CITRATO DE POTASSA.

Citrato de potassa	vinte grammas	20
Assucar granuloso	cincoenta grammas	50
Agua	novecentos e trinta grammas	930

Dissolva; filtre.

SOLUTO EFFERVESCENTE.

Solutum aëropborum.

SOLUTO GAZOGENEO.

N.º 1. — *Soluto acido.*

Acido citrico	dois grammas	2
Xarope commum	oito grammas	8
Agua distillada	quarenta grammas	40

Dissolva.

N.º 2. — *Soluto alcalino.*

Bi-carbonato de potassa	dois grammas	2
Xarope commum	oito grammas	8
Agua distillada	quarenta grammas	40

Dissolva.

Estes dois solutos devem ser expedidos em separado.

Equivale á POÇÃO ANTI-EMETICA DE RIVIÈRE.

SOLUTO DE ERGOTINO COM GLYCERINA.

Solutum Ergotini cum Glycerino.

SOLUTO DE ERGOTINA PARA INJECÇÃO HYPODERMICA.

Ergotino	um gramma	1
Glycerina	quatro grammas	4
Agua distillada	cinco grammas	5

Dissolva o ergotino na agua, ajunte a glycerina.

SOLUTO DE GAZ SULFUROSO.

Solutum Acidi sulfurosi.

AGUA SULFUROSA. ACIDO SULFUROSO LIQUIDO.

Mercurio	duzentos grammas	200
Acido sulfurico puro	trezentos grammas	300

Introduza o mercurio em balão de vidro de 1 litro de capacidade, fechado por uma rolha atravessada por 2 tubos, um em S de carga e segurança, e outro adductor a um apparelho de Woolff composto de 1 frasco de lavagem e 2 condensadores, de capacidade igual á do matraz, aquelle com pouca agua e estes com agua distillada até dois terços, devendo manter-se quanto possivel á temperatura de 8°. O ramo do tubo do ultimo frasco deve abrir-se em uma proveta contendo leite de cal. Verta o acido pelo tubo de carga, aqueça moderadamente o matraz até terminar a reacção. Corte a communicação do matraz com o frasco de lavagem, deixe arrefecer o apparelho e aproveite sómente o liquido contido nos dois ultimos frascos.

Conserve em pequenos vidros opacos, de rolha esmerilhada, completamente cheios.

SOLUTO GOMMOSO.

Solutum Gummi acaciæ.

JULEPO GOMMOSO.

Gomma arabica em pó	dez grammas	10
Xarope de flores de laranjeira	vinte grammas	20
Agua	setenta grammas	70

Dissolva a gomma na agua, côe, ajunte o xarope.

SOLUTO DE IODETO DE POTASSIO COM DEDALEIRA.

Solutum Iodeti kalici cum Digitale.

Tinctura de dedaleira recente	um gramma	1
Iodeto de potassio	quatro grammas	4
Xarope de flores de laranjeira	quinze grammas	15
Agua de alface	oitenta grammas	80

Dissolva.

Substitue a MISTURA ATROPHICA DE MAGENDIE.

SOLUTO IODO-IODETADO.

Solutum Iodi cum Iodeto kalico.

SOLUTO IODO-IODURADO.

Tinctura de iodo	trinta grammas	30
Iodeto de potassio	cinco grammas	5
Agua distillada	sessenta e cinco grammas	65

Dissolva.

SOLUTO DE POTASSA SULFURADA.

Solutum Hepatis sulfurei kalici.

SOLUTO DE POLY-SULFURETO DE POTASSIO. SULFURETO DE POTASSA LIQUIDO. FIGADO DE ENXOFRE, LIQUIDO.

Potassa sulfurada.....	trezentos grammas	300
Agua.....	setecentos grammas	700

Dissolva; filtre.

Deve marcar 1,26 (30° B.).

SOLUTO DE PYRO-PHOSPHATO DE FERRO E DE SODA.

Solutum Pyro-phosphatis ferrico-natrici.

PHOSPHATO DE FERRO, SOLUVEL.

Soluto de chloreto ferrico.....	dois grammas	2
Pyro-phosphato de soda.....	tres grammas	3
Agua distillada	novecentos noventa e cinco grammas	995

Dilua o soluto em 300 grammas da agua, dissolva o pyro-phosphato na agua restante; verta o segundo soluto sobre o primeiro; filtre.

Equivale ao PHOSPHATO DE FERRO DE LERAS.

SOLUTO DE SODA CHLORADA.

Solutum Natri chlorati.

SOLUTO DE HYPO-CHLORITO DE SODA.
CHLORURETO DE SODA LIQUIDO.

Cal chlorada.....	vinte e cinco grammas	25
Carbonato de soda.....	cincoenta grammas	50
Agua.....	mil grammas	1:000

Trate a cal chlorada por metade da agua; filtre; dissolva separadamente o carbonato na agua restante; ajunte os dois solutos; filtre.

Equivale ao LICÔR OU AGUA DE LABARRAQUE.

SOLUTO DE SODA SULFURADA.

Solutum Hepatis sulfurei natrici.

SOLUTO DE POLY-SULFURETO DE SODIO. SULFURETO DE SODA LIQUIDO.

Soda sulfurada	trezentos grammas	300
Agua	setecentos grammas	700

Dissolva; filtre.

Deve marcar 1,26 (30° B.).

SOLUTO DE SUB-ACETATO DE CHUMBO.

Solutum Sub-acetatis plumbici.

ACETATO DE CHUMBO, LIQUIDO. EXTRACTO DE SATURNO. VINAGRE DE SATURNO.

Acetato de chumbo	trezentos grammas	300
Oxydo de chumbo, em pó	cem grammas	100
Agua distillada	mil grammas	1:000

Dissolva o acetato na agua com o auxilio do calor, ajunte o oxydo, ferva até que este se tenha dissolvido e que o liquido marque, fervendo, 1,26 (30° B.); deixe arrefecer, filtre.

SOLUTO DE SULFATO DE ATROPINA.

Solutum Sulfatis atropinici.

SOLUTO DE SULFATO DE ATROPINA PARA INJECÇÃO HYPODERMICA.

Sulfato de atropina	dez centigrammas	0,10
Agua distillada	dez grammas	10

Dissolva.

SORO DE LEITE.

Serum Lactis.

Leite	mil grammas	1:000
Acido tartrico	dois grammas	2
Agua distillada	dez grammas	10
Albumina de ovo	cincoenta grammas	50

Aqueça o leite até a fervura; ajunte o acido, previamente dissolvido na agua; côe; clarifique com a albumina; filtre.

SORO DE LEITE, ALUMINADO.

Serum Lactis aluminatum.

Leite	mil grammas	1:000
Alumen crystallino	cinco grammas	5
Agua distillada	dez grammas	10

Aqueça o leite até a fervura; ajunte o alumen, previamente dissolvido na agua; filtre.

SORO DE LEITE, SALSADO.

Serum Lactis cum Sarsaparilla.

Soro de leite	novecentos grammas	900
Xarope de salsaparrilha	cem mmas	100

Misture.

SORVAS.

Sorba.

Pomos recentes da Sorveira — **Sorbus domestica** Linn. (*Pyrus Sorbus* Gärtn.) — Rosacea-pomacea arborea, dos bosques da Europa, muito cultivada no continente.

(Fl. lusit. II. 298 — Fl. pharm. 258.)

Pyriformes, do volume de um ovo de pomba, epicarpo verde-amarellado, mesocarpo carnoso e amarellado, com 5 sementes oblongas e membranosas; inodoros, sabor muito adstringente.

SQUINA.

Tubera Chinæ.

Raiz da China.

Tuberculos radicaes do **Smilax China** Linn. (*Smilax ferox* Wallich), Asparaginea arbustiva, da Asia oriental.

(Fl. cochinch. 763.)

Pesados, compactos, nodosos, um tanto achatados. Vêem privados das escamas, das raizes e de uma parte da casca, apresentando a superficie lisa e lustrosa; escuro-avermelhados por fóra, branco-rosados por dentro; cheiro fraco, sabor farinaceo, adocicado, levemente adstringente.

SUB-AZOTATO DE BISMUTHO.

Azotas bismuthicus, basicus.

SUB-NITRATO DE BISMUTHO. MAGISTERIO DE BISMUTHO.

$$BiO^3, AzO^5 + 2HO \text{ ——— } AzO^4\overset{///}{Bi} + H^2O$$

Bismutho purificado, em pó grosso....	cem grammas	100
Acido azotico puro	trezentos grammas	300
Agua distillada.....	oito mil grammas	8:000

Introduza em matraz de vidro o acido e a pouco e pouco o bismutho, operando em logar onde se possa estabelecer a tiragem dos vapores nitrosos da reacção, podendo accelerar-se a dissolução por ligeiro aquecimento. Evapore o liquido, em capsula de porcelana, até o reduzir a um terço; verta-o lentamente na agua indicada, agitando sempre com vareta de vidro; deixe depositar; decante, lave repetidas vezes o precipitado com agua distillada até esta vir sem acção sobre o tornesol; seque sobre um filtro.

A agua mãe e as primeiras aguas de lavagem contêem quantidade aproveitavel de bismutho; tratam-se pelo carbonato de soda em excesso e lava-se bem o precipitado; este, ou é dissolvido em acido azotico e se trata como a dissolução do metal, ou se secca e guarda para nova operação.

SUCCO DE COCHLEARIA COMPOSTO.

Succus Cochleariæ compositus.

SUMOS ANTISCORBUTICOS.

Succo de cochlearia.....	quatrocentos grammas	400
Succo de agrião.....	trezentos grammas	300
Succo de laranja azeda.....	trezentos grammas	300

Misture; filtre.

Prepare na occasião do emprego.

SULFATO DE ALUMINA E DE POTASSA.

Sulfas aluminicus et kalicus.

SULFATO DE ALUMINIO E DE POTASSIO. ALUMEN DE POTASSA.

Composto cujos elementos constituem em grande parte a *alunita* e que abunda nos *schistos aluminosos.*

Solido, inodoro, sabor acido e estyptico, soluvel na agua e insoluvel no alcool. Tratado pela potassa dá precipitado gelatiniforme, inteiramente soluvel no excesso de reagente, devendo o soluto ficar incolor.

α — **Alumen crystallino.** — *Alumen fusum* et *Alumen crystallisatum.* — ALUMEN. PEDRA HUME. — $Al^2O^3, 3SO^3, KOSO^3 + 24HO$ ou $(SO^4)^3 \overset{VI}{Al^2}, SO^4K^2 + 24H^2O$. — Obtido na calcinação da *alunita* ou dos *schistos* e lixiviação da massa; ou tambem tratando pelo sulfato ou pelo chloreto de potassio o sulfato de alumina proveniente da sulfatisação das argillas, fazendo-o crystallisar e fundindo ou não os crystaes na sua agua de crystallisação.

ALUMEN DE ROCHA: massas vitreas.

ALUMEN DE ROMA ou ALUMEN CUBICO: crystaes cubicos, quasi sempre opacos.

ALUMEN OCTAEDRICO: crystaes octaedricos transparentes, de densidade 1,71.

β — **Alumen anhydro.** — *Alumen exsiccatum.* — ALUMEN CALCINADO. PEDRA HUME CALCINADA. — $Al^2O^3, 3SO^3, KOSO^3$ ou $(SO^4)^3 \overset{VI}{Al^2}, SO^4K^2$. — Prepara-se fazendo fundir o alumen crystallino em cadinho de grés, até perder toda a agua da crystallisação.

Massas esponjosas, brancas, facilmente pulverisaveis.

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Alumen crystallino.**

SULFATO DE AMMONIA.

Sulfas ammonicus.

SULFATO DI-AMMONICO. SULFATO NEUTRO DE AMMONIO.

$$AzH^4O, SO^3 \text{ ——— } SO^4(AzH^4)^2$$

Composto obtido pela reacção do acido sulfurico sobre a ammonia ou pela filtração das aguas ammoniacaes do gaz sobre o gesso.

Prismas hexaedricos; incolor, sabor amargo e picante, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 2 partes de agua fria e no seu peso de agua fervente, insoluvel no alcool.

SULFATO DE ATROPINA.

Sulfas atropinicus.

SULFATO NEUTRO DE ATROPINA.

$$C^{34}H^{23}AzO^6, HO, SO^3 \text{ ——— } SO^4, H^2, (C^{17}H^{23}AzO^3)^2$$

Composto obtido pela acção do acido sulfurico, diluido no alcool a 95°, sobre o soluto ethereo de atropina.

Crystaes aciculares, sedosos e incolores ou pó branco; sabor amargo, inodoro, inalteravel ao ar, muito soluvel na agua e no alcool, insoluvel no ether; queima-se sem deixar residuo.

SULFATO DE BEBERINA.

Sulfas bebirinicus.

$$C^{38}H^{21}AzO^6, HO, SO^3 \text{ ——— } SO^4, H^2, (C^{19}H^{21}AzO^3)^2$$

Composto obtido da casca do *Beberu,* fervendo-a na agua acidulada pelo acido sulfurico, tratando o cozimento pela ammonia, dissolvendo o precipitado no acido sulfurico diluido, concentrando o soluto e fazendo-o seccar na estufa em temperatura que não exceda 60°.

Laminas escuras e translucidas ou pó amarello; inodoro, sabor extremamente amargo; inalteravel ao ar, soluvel na agua e no alcool; queima-se sem deixar residuo.

SULFATO DE CADMIO.

Sulfas cadmicus.

SULFATO DE PROT'OXYDO DE CADMIO.

$$CdO,SO^3 + 4HO \text{ ——— } SO^4\overset{\prime\prime}{Cd} + 4H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido sulfurico sobre o carbonato de cadmio ou sobre o proprio metal oxydado pelo acido azotico, cujo excesso se elimina por evaporação.

Prismas rectangulares pertencentes ao systema rhombico; incolor, sabor amargo, inodoro, inalteravel ao ar, muito soluvel na agua. Dá pelo sulfureto de ammonio precipitado amarello, insoluvel no excesso de reagente.

Tratado pela potassa em excesso, o liquido filtrado não dá precipitado branco pelo sulfureto de ammonio.

SULFATO DE CINCHONINA.

Sulfas cinchoninicus.

SULFATO NEUTRO DE CINCHONINA.

$$C^{40}H^{24}Az^2O^2,HO,SO^3 + 4HO \text{ ——— } SO^4,H^2,(C^{20}H^{24}Az^2O)^2 + 2H^2O$$

Composto obtido pela acção directa do acido sulfurico diluido sobre a cinchonina.

Prismas rhomboidaes; incolor, sabor amargo, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 54 partes de agua, em 6 de alcool a 85° e em 11 de alcool anhydro, insoluvel no ether; torna-se phosphorecente pelo calor; fusivel logo acima de 100°, perdendo a 120° dois terços da agua de crystallisação; queima-se sem deixar residuo.

SULFATO DE COBRE.

Sulfas cupricus.

SULFATO CUPRICO. VITRIOLO AZUL. CAPARROSA AZUL. PEDRA LIPES.

$$CpO, SO^3 + 5HO \text{ —— } SO^4\overset{//}{Cp} + 5H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido sulfurico sobre o cobre, ou pela ustulação das *pyrites cupricas.*

Parallelipipedos pertencentes ao systema dissymetrico; azul, sabor metallico muito desagradavel, inodoro, ligeiramente efflorescente, soluvel em 4 partes de agua fria, em metade do seu peso de agua fervente, em 5 partes de glycerina, insoluvel no alcool; densidade 2,19.

Tratado pela ammonia, dá precipitado azul, soluvel no excesso de reagente, que communica ao liquido côr saphirina.

SULFATO DE COBRE AMMONIACAL.

Sulfas cupro-ammonicus.

CUPRO-SULFATO DE AMMONIACO.

Sulfato de cobre, em pó	cem grammas	100
Ammonia liquida.	trezentos grammas	300
Alcool a 90^c	seiscentos grammas	600

Dissolva o sulfato na ammonia, ajunte o alcool, deixe depositar, decante, lave o precipitado com pequena quantidade de alcool; seque-o rapidamente, ao abrigo do ar, entre folhas de papel absorvente.

SULFATO DE ESTRYCHNINA.

Sulfas strychninicus.

SULFATO NEUTRO DE ESTRYCHNINA.

$$C^{42}H^{22}Az^2O^4, HO, SO^3 + 7HO \text{ ——— } SO^4, H^2, (C^{21}H^{22}Az^2O^2)^2 + 7H^2O$$

Composto obtido por solução da estrychnina na agua acidulada pelo acido sulfurico.

Prismas rectangulares pertencentes ao systema rhombico; branco, muito amargo, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 10 partes de agua fria; levogyro no soluto aquoso; queima-se sem deixar residuo.

O soluto não deve córar-se com a addição do acido azotico.

SULFATO FERRICO.

Sulfas ferricus.

SULFATO DE SESQUI-OXYDO DE FERRO. SULFATO DE PER-OXYDO DE FERRO.

$$Fe^2O^3, 3SO^3 \text{ ——— } (SO^4)^3 F\overset{VI}{e}^2$$

Sulfato ferroso.....	cento e cincoenta grammas	150
Acido sulfurico puro.....	vinte e cinco grammas	25
Agua distillada.....	trezentos grammas	300
Acido azotico puro.....		q. b.

Dissolva o sulfato na agua, ajunte o acido sulfurico; aqueça em matraz de vidro, até a ebullição; ajunte a pouco e pouco o acido azotico até que se não desenvolva gaz; evapore á seccura em capsula de porcelana, redissolva em agua distillada fervente, filtre, evapore novamente á seccura.

Conserve em frasco de rolha esmerilhada.

SULFATO FERROSO.

Sulfas ferrosus.

SULFATO DE FERRO. SULFATO DE PROT'OXYDO DE FERRO.

$$FeO, SO^3 + 7HO \text{ ——— } SO^4\overset{//}{Fe} + 7H^2O$$

Composto obtido pela dissolução do ferro em fio no acido sulfurico puro.

Prismas rhomboidaes obliquos; verde-esmeralda, sabor estyptico, inodoro; exposto ao ar perde a transparencia, efflorescendo e tornando-se amarello-esbranquiçado á superficie; soluvel em 1,5 partes de agua fria, em 0,33 de agua fervente, em 4 de glycerina, insoluvel no alcool.

Conserve no alcool a 90c, em frasco opaco de rolha esmerilhada.

SULFATO DE MAGNESIA.

Sulfas magnesicus.

SULFATO DE MAGNESIO. SAL AMARGO. SAL INGLEZ.
SAL DE EPSOM.

$$MgO, SO^3 + 7HO \text{ ——— } SO^4\overset{//}{Mg} + 7H^2O$$

Composto obtido pela evaporação de algumas aguas naturaes magnesianas, ou na decomposição da *dolomia* (carbonato de cal e de magnesia) pelo acido sulfurico.

Prismas rectangulares de quatro faces; incolor, sabor salgado e amargo, inodoro, ligeiramente efflorescente, soluvel em 3 partes de agua fria, no seu peso de agua fervente, insoluvel no alcool.

SULFATO DE MANGANEZ.

Sulfas manganosus.

SULFATO DE MANGANESIO. SULFATO DE PROT'OXYDO DE MANGANESIO. SULFATO MANGANOSO.

$$MnO, SO^3 + 5HO \text{ ——— } SO^4\overset{//}{Mn} + 5H^2O$$

Composto obtido pela lixiviação e crystallisação do producto da calcinação do bi-oxydo de manganesio com o sulfato ferroso.

Prismas rhomboidaes obliquos; côr de rosa, sabor estyptico, inodoro, efflorescente, muito soluvel na agua, insoluvel no alcool.

SULFATO MERCURICO.

Sulfas hydrargyricus.

SULFATO DE DEUT'OXYDO DE MERCURIO.
BI-SULFATO DE MERCURIO.

$$HgO, SO^3 \text{ ——— } SO^4\overset{//}{Hg}$$

Composto obtido pela reacção do acido sulfurico sobre o mercurio.

Crystaes aciculares incolores ou pó crystallino-branco; sabor metallico desagradavel, inodoro, deliquescente, muito pouco soluvel na agua fria, completamente soluvel no soluto fervente de chloreto de sodio.

Decompõe-se pela agua em um sal acido, que fica dissolvido, e em um sub-sal, que se precipita e a que n'outro tempo se dava os nomes de TURBITH MINERAL, PRECIPITADO AMARELLO, SUB-DEUTO-SULFATO DE MERCURIO.

SULFATO DE MORPHINA.

Sulfas morphinicus.

SULFATO NEUTRO DE MORPHINA.

$$C^{34}H^{10}AzO^{6},HO,SO^{3}+5HO \text{ ——— } SO^{4},H^{2},(C^{17}H^{10}AzO^{3})^{2}+5H^{2}O$$

Composto que se obtem fazendo dissolver a morphina na agua acidulada pelo acido sulfurico.

Crystaes aciculares prismaticos e sedosos; branco, sabor amargo, inodoro, inalteravel ao ar, muito soluvel na agua e no alcool; queima-se sem deixar residuo.

SULFATO DE POTASSA.

Sulfas kalicus.

SULFATO DI-POTASSICO. SULFATO NEUTRO DE POTASSIO.

$$KO,SO^{3} \text{ ——— } SO^{4}K^{2}$$

Composto obtido pela reacção do acido sulfurico sobre o carbonato de potassa.

Prismas de seis faces; incolor, sabor amargo e salino, inodoro, inalteravel ao ar, soluvel em 9 partes de agua fria, em 4 de agua fervente, insoluvel no alcool.

SULFATO DE QUININA.

Sulfas quininicus.

SULFATO NEUTRO DE QUININA. SAL ANTI-PERIODICO.
SAL ANTI-FEBRIL. SAL FEBRIFUGO.

$$C^{40}H^{24}Az^2O^4,HO,SO^3+7HO \text{———} SO^4,H^2,(C^{20}H^{24}Az^2O^2)^2+7H^2O$$

Composto obtido por decocções repetidas da quina amarella em agua acidulada pelo acido chlorhydrico, precipitação pelo carbonato de soda, successivos tratamentos pelo alcool acidulado pelo acido sulfurico, pela agua fervente e subsequentes crystallisações.

Crystaes aciculares sedosos, do systema monoclinico; branco, sabor muito amargo, inodoro, efflorescente, perdendo $^3/_4$ da agua de crystallisação; soluvel em 740 partes de agua fria, em 30 de agua fervente, em 60 de alcool a 90°, pouco soluvel no ether e no chloroformio; levogyro no soluto alcoolico; aquecido a 100° torna-se luminoso, decompondo-se em temperaturas superiores; queima-se sem deixar residuo.

Deve ser completamente soluvel na agua acidulada pelo acido sulfurico e o soluto apresenta reflexo azulado. Agitando 1 gramma de sulfato de quinina com 10 grammas de ether e tratando em seguida por 3 grammas de ammonia, o precipitado deve dissolver-se completamente, ficando os dois liquidos transparentes separados pela differença de densidade. O acido sulfurico a 66° não deve córal-o de vermelho.

SULFATO DE SODA.

Sulfas natricus.

SULFATO DI-SODICO. SULFATO NEUTRO DE SODIO.
SAL DE GLAUBER.

$$NaO,SO^3+10HO \text{———} SO^4Na^2+10H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido sulfurico sobre o chloreto de sodio ou sobre o carbonato de soda.

Prismas rhomboidaes obliquos; incolor, sabor fresco e amargo, inodoro, efflorescente, muito soluvel na agua, insoluvel no alcool.

SULFATO DE ZINCO.

Sulfas zincicus.

SULFATO DE PROT'OXYDO DE ZINCO. VITRIOLO BRANCO. CAPARROSA BRANCA.

$$ZnO,SO^3 + 7HO \text{ ——— } SO^4Zn'' + 7H^2O$$

Composto obtido pela reacção do acido sulfurico diluido sobre o zinco.

Prismas rhomboidaes rectos; incolor, sabor estyptico, inodoro, ligeiramente efflorescente, soluvel no seu peso de agua fria, em 4 partes de glycerina, insoluvel no alcool.

Dissolvido em seis partes de agua fervente, acidulado depois o soluto com acido azotico e tratado em seguida pela ammonia em excesso, o precipitado deve redissolver-se, ficando o liquido incolor.

SULFITO DE SODA.

Sulfis natricus.

SULFITO DE SODIO.

$$NaO,SO^2 + 7HO \text{ ——— } SO^3Na^2 + 7H^2O$$

Composto obtido pela reacção do gaz sulfuroso sobre o carbonato de soda.

Prismas de 4 ou 6 faces, terminados por vertices diedros; incolor, sabor e cheiro sulfurosos, efflorescente, muito soluvel na agua.

O soluto aquoso não precipita pelo azotato de prata nem pelo chloreto de bario.

Conserve em frasco opaco, de rolha esmerilhada.

SULFURETO DE AMMONIO.

Sulfuretum ammonicum.

SULFHYDRATO DE AMMONIACO.

AzH^4S —— $S(AzH^4)^2$

Composto que se obtem tomando um volume conhecido de ammonia, dividindo-o em duas partes iguaes, saturando completamente uma d'ellas pelo sulfhydrico, ajuntando-lhe a outra, e fazendo-o crystallisar.

Laminas crystallinas; incolor, sabor picante e sulfureo, cheiro fetido caracteristico; muito soluvel na agua; oxyda-se ao ar, tornando-se amarello.

Conserve em frasco opaco, de rolha esmerilhada.

SULFURETO DE ANTIMONIO.

Sulfuretum stibiosum.

SULFURETO DE ANTIMONIO, PURO.

Sb^2S^3 —— $S^3\overset{V}{S}b^2$

Antimonio em pó.....	mil grammas	1:000
Enxofre sublimado.....	quatrocentos grammas	400

Misture, funda em cadinho de grés; quando a materia estiver em completa fusão, eleve a temperatura ao rubro-claro; verta o liquido sobre superficie de marmore lisa e fria.

SULFURETO DE CARBONIO.

Sulfuretum carbonicum.

Acido sulfo-carbonico. Carboneto de enxofre.
Bi-sulfureto de carbonio.

CS^2 —— S^2C

Composto obtido pela acção do vapor do enxofre sobre o carvão aquecido ao rubro.

Liquido incolor, muito fluido; cheiro fetido; refrange fortemente a luz; volatil, inflammavel, miscivel com o alcool e com o ether, não miscivel com a agua; dissolve os corpos gordos, as essencias e a gutaperka; densidade 1,271.

SULFURETO DE SODIO.

Sulfuretum natricum.

Mono-sulfureto de sodio. Sulfureto sulfurado de sodio.

NaS —— SNa^2

Composto obtido pela reacção do acido sulfhydrico sobre o hydrato de soda liquido, até que não seja absorvido mais gaz, e subsequente crystallisação.

Prismas rectangulares; incolor, sabor caustico, deliquescente, pouco soluvel no alcool, muito na glycerina; o ar transforma-o em hypo-sulfito.

SUMAGRE.

Rhus.

SUMAGRE DOS CORTIDORES.

Rhus Coriaria Linn., Terebinthacea-sumachinea arbustiva, indigena do continente, quasi espontanea na Madeira.

(Fl. lusit. I. 475 — Fl. pharm. 156 — Fl. Mad. I. 113.)

Folhas — *Folia Rhois* — de peciolo sub-alado no apice, imparipinadas, tendo 5 a 7 pares de foliolos avelludados, ovaes-oblongos, com dentes obtusos; cheiro fraco, que lembra o do chá, sabor adstringente.

SUMAGRE PUBESCENTE.

Toxicodendron.

SUMAGRE VENENOSO.

Rhus Toxicodendron Linn. (*Toxicodendron pubescens* Mill.), Terebinthacea-sumachinea arbustiva, da America do norte, muito cultivada.

Folhas — *Folia Toxicodendri* — de longo peciolo, com 3 foliolos membranosos, ovaes-acuminados, sendo sesseis os 2 lateraes, inteiros ou levemente denteados, verdes e lustrosos na pagina superior, pubescentes na inferior; inodoras. Quando recentes contêem succo lactescente muito acre e caustico, que exige cuidado na colheita.

Renove annualmente.

Póde substituir-se-lhe o **Rhus radicans** Linn., tambem cultivado.

TAMARAS.

Dactyli vel *Caryotæ.*

Drupas seccas da TAMAREIRA — **Phœnix dactylifera** Linn. (*Phœnix excelsior* Cavanilles) — Palmacea arborea, da India e do norte da Africa, acclimada no continente, em Cabo Verde e em Moçambique.

(Fl. lusit. I. 594 — Fl. pharm. 530 — Fl. Cap Verd. 168 — Reise nach Mossamb. I. 507.)

Vulgar.

TAMARINDO.

Tamarindus.

Tamarindus indica Linn. (*Tamarindus officinalis* Hook.) e **Tamarindus occidentalis** Gärtn., Leguminosas-cesalpineas arboreas, de Cabo Verde e das regiões tropicaes, muito cultivadas na Africa portugueza e no Brazil.

(Fl. Cap Verd. 337 — Fl. trop. Afr. II. 308 — Reise nach Mossamb. I. 21 — Mat. med. bras. 28.)

Vagem — *Fructus Tamarindi* — irregularmente cylindrica, com depressões circulares, um tanto arqueada, de epicarpo crustaceo, escuro e quebradiço, mesocarpo polposo, escuro-avermelhado, acidulo, atravessado por filamentos rijos, endocarpo membranoso, unilocular, contendo numero variavel de sementes ovaes-ellipticas ou arredondadas, deprimidas, escuras, lustrosas e duras.

Esta vagem privada do epicarpo e reduzida a massa consistente, negra, inodora, de sabor acidulo, doce, não desagradavel, constitue a POLPA DE TAMARINDOS EM RAMA, vulgarmente TAMARINDOS.

TANACETO.

Athanasia.

TANASIA.

Tanacetum vulgare Linn., Composta-senecionidea vivaz, indigena ou quasi espontanea no continente, onde floresce de julho a setembro.

(Fl. lusit. I. 354 — Fl. pharm. 452 — Fl. port. II. 273.)

Planta florida — *Herba Athanasiæ florens* — de caule estriado e ramoso, folhas alternas, amplexicaules, glabras, pontilhadas por glandulas reniferas, de pinnulas oblongas recortadas e serreadas, inflorescencia em corymbo de capitulos com flosculos amarellos e tubolosos, os periphericos quinquefidos, os centraes trifidos; cheiro forte e camphoraceo, sabor amargo e aromatico.

TANCHAGEM.

Plantago.

TANCHAGEM TERRESTRE.

Plantago major Linn., Plantaginea vivaz, indigena do continente, dos Açores e de Cabo Verde. Floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. I. 155 — Fl. pharm. 35 — Fl. port. I. 422 — Fl. azor. *sp.* 189 — Fl. Cap Verd. 181.)

Planta florida — *Herba Plantaginis florens* — acaule, com folhas de longo peciolo, ovaes, largas, obtusas, miudamente denteadas, com alguns pellos e 7 nervuras salientes, hastea cylindrica medindo 10 a 20 centimetros e terminada em longa espiga com muitas flores de corolla branco-suja; inodora, sabor herbaceo, um pouco amargo e adstringente.

Póde substituir-se-lhe a TANCHAGEM MENOR — **Plantago lanceolata** Linn. var. β **irrigua** De Cand. *(Plantago altissima* Jacq.) e var. γ **eriophylla** De Cand. *(Plantago eriophora* Hoffmseg. et Link ou *Plantago azorica* Hochstetter) — tambem vivaz, indigena do continente, da Madeira e dos Açores. Floresce na primavera. (Fl. lusit. I. 156 — Fl. pharm. 36 — Fl. port. I. 423 — *De Cand.* Prodr. XIII. sect. pr. 715 — Fl. azor. *sp.* 191-192. Tab. VII. fig. 2.)

TANCHAGEM AQUATICA.

Alisma.

Alisma Plantago Linn. var. δ **minus** Kunth, Alismacea vivaz, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 606 — Fl. pharm. 197.)

Tuberculo radical, vulgarmente *Bolbo* — *Tuber Alismæ* — conico, com pequenas excrescencias tuberosas dispostas em serie longitudinal, revestido de numerosas radiculas fibrosas e enfeixadas, internamente branco, fibro-amylaceo e compacto; cheiro um tanto azedo, sabor farinaceo, levemente adstringente.

TANNATO DE QUININA.

Tannas quininicus.

TANNATO NEUTRO DE QUININA.

$C^{40}H^{24}Az^2O^4, C^{54}H^{22}O^{34}$ —— $(C^{27}H^{22}O^{17})^2 C^{20}H^{24}Az^2O^2$

Composto obtido pela acção do acido tannico sobre o acetato de quinina.

Pó amorpho; branco-amarellado, sabor ligeiramente amargo e adstringente, inodoro, inalteravel ao ar, pouco soluvel na agua, mais no alcool.

TAPSIA.

Thapsia.

Thapsia garganica Linn., Umbellifera vivaz, da Europa meridional.

Raiz — *Radix Thapsiæ* — comprida, da grossura de um dedo ou mais, estriada circularmente, escura por fóra, internamente branca e compacta; inodora, sabor levemente caustico.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, o BRUCO FETIDO — **Thapsia gummifera** Sprengel (*Laserpitium thapsiæforme* Brot.) — tambem vivaz, indigena do continente. (Fl. lusit. I. 427—Phyt. Lusit. I. 77. Tab. 34—Fl. pharm. 130—Fl. port. II. 430.)

TARAXACO.

Taraxacum.

DENTE DE LEÃO.

Leontodon Taraxacum Linn. (*Taraxacum officinale* Villars), Composta-chicoreacea vivaz, indigena do continente, acclimada na Madeira.

(Fl. lusit. I. 324—Fl. pharm. 433—Fl. port. II. 162—Fl. Mad. I. 543.)

Toda a planta — *Herba Taraxaci cum radice* — de raiz acylindrada, da grossura de um dedo, enrugada transversalmente, pardacenta por fóra, branca por dentro, lactescente emquanto fresca, folhas todas radicaes, pecioladas, dispostas em roseta, denteadas, roncinadas e quasi glabras; cheiro fraco, sabor amargo.

Deve ser colhida na primavera, antes da floração. Renove annualmente.

TARTARUGA.

Testudo.

Testudo Mydas Linn. (*Testudo viridis* Schneider) e **Testudo græca** Linn., Reptis-chelonios dos mares da zona torrida e das costas do Mediterraneo.

Musculos, vulgarmente *Carne* — *Caro Testudinis.*

Póde substituir-se-lhe o Kagado — **Testudo orbicularis** Linn. (*Emys europæa* Duméril) e **Testudo lutaria** Linn. (*Emys lutaria* Duméril) — que habita os logares pantanosos do continente.

TARTRATO BORO-POTASSICO.

Tartras boro-kalicus.

Boro-tartrato de potassio. Cremor de tartaro, soluvel.

$$KO, BO^3, C^8H^4O^{10} \text{ ——— } C^4H^4O^6, BO, K$$

Composto obtido pela acção do acido borico sobre o soluto quente do bi-tartrato de potassa e posterior evaporação na estufa.

Laminas brilhantes, transparentes e incolores ou pó amorpho branco; sabor acido, inodoro, deliquescente, soluvel na agua, insoluvel no alcool.

TARTRATO DE POTASSA.

Tartras kalicus.

TARTRATO DI-POTASSICO. TARTRATO NEUTRO DE POTASSIO.

$$2KO, C^8H^4O^{10} \text{ ——— } C^4H^4O^6K^2$$

Composto que se obtem saturando o bi-tartrato de potassa pelo carbonato da mesma base.

Prismas rhomboidaes pertencentes ao systema monoclinico; incolor, inodoro, sabor salino, inalteravel ao ar, muito soluvel na agua, insoluvel no alcool forte.

Deve dissolver-se completamente sem effervescencia na agua simples ou acidulada. Dissolvido na agua acidulada pelo acido azotico, e tratado pelo azotato de prata ou pelo chloreto de bario, não dá precipitado.

TARTRATO DE POTASSA E DE ANTIMONIO.

Tartras stibio-kalicus.

STIBIO-TARTRATO DE POTASSIO. TARTRATO DE POTASSIO E DE ANTIMONIO. ANTIMONIO TARTARISADO. TARTARO STIBIADO. TARTARO EMETICO.

$$KO, SbO^3, C^8H^4O^{10} + 2HO \text{ ——— } C^4H^4O^6, SbO, K + H^2O$$

Composto obtido pela acção do oxydo de antimonio sobre o soluto quente de bi-tartrato de potassa.

Octaedros de base rhomba; incolor, sabor estyptico desagradavel, inodoro, efflorescente, soluvel em 14 partes de agua fria, em 2 da fervente, insoluvel no alcool anhydro.

Tratado por algumas gottas de acido chlorhydrico, azotico ou sulfurico deve dar precipitado branco soluvel no excesso de reagente; pela potassa, precipitado branco soluvel no excesso de reagente e no acido tartrico; pela ammonia, precipitado branco insoluvel no excesso de reagente.

TARTRATO DE POTASSA E DE FERRO.

Tartras ferro-kalicus.

Ferro-tartrato de potassio. Tartrato de potassio e de ferro. Ferro tartarisado.

$$KO, Fe^2O^3, C^8H^4O^{10} \text{ ——— } C^4H^4O^6, FeO, K$$

Composto que se obtem saturando o bi-tartrato de potassa pelo hydrato ferrico.

Escamas brilhantes; vermelho-escuro, sabor salino levemente estyptico, inodoro, incrystallisavel, deliquescente, soluvel em todas as proporções na agua, insoluvel no alcool anhydro.

TARTRATO DE POTASSA E DE SODA.

Tartras kalo-natricus.

Tartrato de potassio e de sodio. Sal de Seignette.

$$KO, NaO, C^8H^4O^{10} + 8HO \text{ ——— } C^4H^4O^6, K, Na + 4H^2O$$

Composto que se obtem saturando o bi-tartrato de potassa pelo carbonato de soda.

Prismas rhomboidaes rectos de 8 faces; incolor, sabor salino, inodoro, ligeiramente efflorescente, soluvel em 2,5 partes de agua, insoluvel no alcool.

TEREBINTHINA.

Terebinthina vulgaris.

TEREBENOLEO DO ABETO. TEREBINTHINA ORDINARIA.

Producto myroleo-resinoso obtido por puncturas na casca do ABETO MAIOR — **Pinus Picea** Linn. (*Abies pectinata* De Cand.) — Conifera arborea, dos Alpes suissos e da Allemanha, muito cultivada.

Liquido da consistencia de mel pouco espesso, viscoso, transparente, de côr clara mais ou menos amarellada, cheiro suave e balsamico, que lembra o do limão, sabor um tanto amargo e acre; imperfeitamente soluvel no alcool. Exposto ao ar, secca-se e transforma-se n'uma especie de verniz, que no fim de 48 horas perde a propriedade adhesiva. Solidifica-se com $^1/_{16}$ de oxydo de magnesio anhydro.

Só para usos externos se lhe póde substituir a TEREBINTHINA DO PINHEIRO.

TEREBINTHINA DE CHIO.

Terebinthina Cypria.

TEREBENOLEO DO TEREBINTHO.

Producto myroleo-resinoso obtido, por incisões, dos troncos do TEREBINTHO — **Pistacia Terebinthus** Linn. — Terebinthacea-anacardia arbustiva, indigena do continente.

(Fl. lusit. I. 478 — Fl. pharm. 536.)

Liquido da consistencia de mel, nebuloso ou quasi transparente, amarello-esverdeado; cheiro fragrante que lembra o do jasmim, sabor acre e amargo. O ar torna-o siccativo e faz-lhe perder o aroma.

TEREBINTHINA COPAHIBA.

Copaiva vel *Terebinthina Copaiferæ.*

TEREBENOLEO DAS COPAHIFERAS. COPAIBA. OLEO DE COPAIBA. BALSAMO DE COPAIBA.

Producto myroleo-resinoso obtido, por incisões, do tronco da **Copaifera officinalis** Linn. *(Copaifera Jacquini* Desfont.), da **Copaifera Guianensis** Desfont., da **Copaifera Langsdorffii** Desfont. e de outras especies congeneres, Leguminosas-cesalpineas arboreas, da America meridional, principalmente do Brazil.

(Mat. med. bras. 114–115.)

Liquido de consistencia oleosa, amarello, transparente, densidade 0,950 a 1,000; cheiro proprio, sabor acre enjoativo; completamente soluvel em volume igual de benzol, no alcool concentrado, no ether, nos oleos e nas essencias.

Aquecido a 132º não se torna gelatiniforme. Dissolve, a quente, 1/4 do seu peso de magnesia alva, ficando o liquido transparente.

TEREBINTHINA GILEADENSE.

Opobalsamum vel *Terebinthina Balsamodendri.*

TEREBENOLEO DOS AMYRES. OPOBALSAMO. BALSAMO DE MECA. BALSAMO DA JUDEA.

Producto myroleo-resinoso obtido, por decocção na agua, dos ramos e das folhas do **Amyris Opobalsamum** Linn. *(Balsamodendron Opobalsamum* Kunth) e do **Amyris gileadensis** Linn. *(Balsamodendron gileadense* Kunth), Terebinthaceas-burseraceas arboreas ou arbustivas, da Nubia e da Arabia.

Liquido viscoso, amarellado, translucido e turvo, que o tempo escurece e torna mais consistente; cheiro suave privativo, sabor amargo um tanto acre.

Não deve solidificar-se pelo oxydo de magnesio anhydro.

TEREBINTHINA DE S. THOMÉ.

Terebinthina Sorindeiæ.

TEREBENOLEO DA SORINDÊA. BALSAMO DE S. THOMÉ.

Producto myroleo-resinoso obtido, por incisões, do tronco da **Sorindeia trimera** Oliv., Terebinthacea-anacardia arborea, da Africa occidental portugueza.

(Fl. trop. Afr. I. 441.)

Liquido da consistencia de mel, amarello-escurecido, transparente; cheiro forte e agradavel, sabor amargo um tanto acre; completamente soluvel no alcool e no ether; exposto ao ar perde gradualmente a essencia, ficando a resina.

Costuma vir incluido no endocarpo do **Cocos nucifera** Linn.

TEREBINTHINA DE VENEZA.

Terebinthina Laricis.

TEREBENOLEO DO LARICIO. TEREBINTHINA FINA.

Producto myroleo-resinoso obtido por perforações no tronco do LARICIO — **Pinus Larix** Linn. *(Larix europæa* De Cand.) — Conifera arborea, das regiões alpinas.

Liquido da consistencia de mel, mais fluido do que a Terebinthina ordinaria, e não de todo transparente; côr levemente alambreada um tanto verde; cheiro forte, particular, sabor amargo e acre; completamente soluvel no alcool rectificado e no chloroformio. O ar não o torna siccativo. Não solidificavel pela magnesia. Aquecido brandamente perde a essencia, ficando a resina, que é quebradiça.

THUIA.

Thuya vel *Arbor vitæ.*

CEDRO BRANCO.

Thuya occidentalis Linn. (*Biota Tatarica* Gord.), Conifera arborea, da America do norte, muito cultivada.

Summidades — *Cacumina Thuyæ* — de diminutas folhas verde-aloiradas, conchegadas, mais ou menos entelhadas em 4 series, tendo na face dorsal e convexa 1 a 3 glandulas resiniferas ovaes e proeminentes; inodoras, mas quando contusas exhalam aroma; sabor camphoraceo, ligeiramente acre.

Não se lhe substitua, sem indicação especial, o CEDRO PALMAR — **Thuya orientalis** Linn. (*Biota orientalis* Endl.) — tambem muito cultivado, cujas folhas têem apenas uma glandula, que é linear.

TILIA.

Tilia.

TIL.

Tilia europæa var. γ Linn. (*Tilia microphylla* Vent.) e **Tilia europæa** Desfont. (*Tilia platyphylla* Scop.), Tiliaceas arboreas, dos bosques da Europa, muito cultivadas.

Bracteas floriferas, vulgarmente *Flores* — *Flores Tiliæ* — oblongas, espathuladas, membranosas, amarelladas, com cymeiras epiphyllas de 3 a 7 pequenas flores branco-amarelladas; cheiro fraco particular, sabor adocicado.

TINCTURA DE ACONITO.

Tinctura Aconiti.

ALCOOLADO DE ACONITO. ALCOOLEO DE ACONITO.

Aconito, folhas em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65°.	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

Deve dar-se esta, quando não houver indicação especial.

TINCTURA DE ACONITO, DA RAIZ.

Tinctura radicis Aconiti.

ALCOOLADO DE RAIZ DE ACONITO. ALCOOLEO DE RAIZ DE ACONITO.

Aconito, raiz em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE ACONITO RECENTE.

Tinctura Aconiti recentis.

ALCOOLATURA DE ACONITO.

Obtida pela maceração, durante 10 dias, de partes iguaes de folhas recentes de aconito e de alcool a 90ᶜ.

TINCTURA DE ALMISCAR.

Tinctura Moschi.

ALCOOLADO DE ALMISCAR. ALCOOLEO DE ALMISCAR.

Almiscar.....	cem grammas	100
Alcool a 65ᶜ.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, filtre.

TINCTURA DE ALOES.

Tinctura Aloes.

ALCOOLITO DE ALOES. ALCOOLEO DE ALOES.

Aloes em pó grosso.....	cento e cincoenta grammas	150
Alcool a 65ᶜ.....	oitocentos e cincoenta grammas	850

Dissolva por maceração; filtre.

TINCTURA DE AMBAR COMPOSTA.

Tinctura Succinii composita.

ALCOOLITO POLYAMICO DE AMBAR. TINCTURA NERVINA. ALCOOL NERVINO.

Oleo de ambar	duzentos e oitenta grammas	280
Essencia de alfazema	quarenta grammas	40
Essencia de canella	quarenta grammas	40
Essencia de cravinho	quarenta grammas	40
Alcool a 90^{c}	seiscentos grammas	600

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE ANEMOLA RECENTE.

Tinctura Phenii recentis.

ALCOOLATURA DE PULSATILLA.

Anemola recente, contusa	mil grammas	1:000
Alcool a 90^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE ARNICA.

Tinctura Arnicæ.

ALCOOLADO DE ARNICA. ALCOOLEO DE ARNICA.

Arnica (os capitulos)	cem grammas	100
Alcool a 65^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

Deve dar-se esta, quando não houver indicação especial.

TINCTURA DE ARNICA, DO RHIZOMA.

Tinctura radicis Arnicæ.

TINCTURA DE ARNICA, DA RAIZ. ALCOOLADO DE RHIZOMA DE ARNICA. ALCOOLEO DE RAIZ DE ARNICA.

Arnica, rhizoma em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE ASSAFETIDA.

Tinctura Asæ fœtidæ.

ALCOOLADO DE ASSAFETIDA. ALCOOLEO DE ASSAFETIDA.

Assafetida em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 85ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, filtre.

TINCTURA DE ATROPINA.

Tinctura Atropini.

ALCOOLITO DE ATROPINA. ALCOOLEO DE ATROPINA.

Atropina	um gramma	1
Alcool a 85ᶜ	noventa e nove grammas	99

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE BALSAMO DE TOLU.

Tinctura Balsami tolutani.

ALCOOLITO DE BALSAMO DE TOLU. ALCOOLEO DE BALSAMO DE TOLU.

Balsamo de Tolu, contuso . . .	cento e cincoenta grammas	150
Alcool a 85ᶜ	oitocentos e cincoenta grammas	850

Dissolva por maceração; filtre.

TINCTURA DE BELLADONA.

Tinctura Belladonnæ.

ALCOOLADO DE BELLADONA. ALCOOLEO DE BELLADONA.

Belladona, folhas em pó grosso....	duzentos grammas	200
Alcool a 65c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE BELLADONA RECENTE.

Tinctura Belladonnæ recentis.

ALCOOLATURA DE BELLADONA.

Belladona: folhas recentes, contusas...	mil grammas	1:000
Alcool a 90c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE BENJOIM.

Tinctura Benzoini.

ALCOOLADO DE BENJOIM. ALCOOLEO DE BENJOIM.

Benjoim em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Alcool a 85c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, filtre.

TINCTURA DE BENJOIM COMPOSTA.

Tinctura Benzoini composita.

ALCOOLADO POLYAMICO DE BENJOIM.
ALCOOLEO DE BENJOIM, COMPOSTO. TINCTURA BALSAMICA.
BALSAMO CATHOLICO.

Benjoim em pó grosso	cento e vinte grammas	120
Balsamo peruviano liquido	cincoenta grammas	50
Aloes em pó grosso	trinta grammas	30
Alcool a 85^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, filtre.

TINCTURA DE CALUMBA.

Tinctura Calumbæ.

ALCOOLADO DE CALUMBA. ALCOOLEO DE CALUMBA.

Calumba em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Alcool a 65^{c}.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CAMPHORA.

Tinctura Camphoræ.

ALCOOLITO DE CAMPHORA. ALCOOLEO DE CAMPHORA.
ALCOOL CAMPHORADO.

Camphora	cem grammas	100
Alcool a 85^{c}.....	novecentos grammas	900

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE CAMPHORA, COMPOSTA.

Tinctura Camphoræ composita.

ALCOOLADO POLYAMICO DE CAMPHORA. ALCOOLEO DE SABÃO, CAMPHORO-OPIADO. LINIMENTO DE SABÃO COM OPIO. LINIMENTO ANODYNO.

Camphora	setenta e cinco grammas	75
Sabão vegetal	setenta e cinco grammas	75
Extracto de opio	cincoenta grammas	50
Alcool a 65^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CAMPHORA, ETHEREA.

Tinctura Camphoræ ætherea.

ETHERITO DE CAMPHORA. ETHEROLEO DE CAMPHORA.

Camphora	cem grammas	100
Ether alcoolisado	novecentos grammas	900

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE CANELLA.

Tinctura corticis Cinnamomi.

ALCOOLADO DE CANELLA. ALCOOLEO DE CANELLA.

Canella em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CANELLA, COMPOSTA.

Tinctura corticis Cinnamomi composita.

ALCOOLADO POLYAMICO DE CANELLA.
ALCOOLEO DE CANELLA COMPOSTO. TINCTURA AROMATICA.

Canella em pó grosso	cem grammas	100
Cardamomo em pó grosso	quarenta grammas	40
Cravinho em pó grosso	quarenta grammas	40
Gengibre em pó grosso	vinte grammas	20
Alcool a 85^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CANHAMO INDIANO.

Tinctura Cannabis indicæ.

ALCOOLITO DE EXTRACTO DE CANHAMO.
ALCOOLEO DE CANHAMO INDICO.

Extracto de canhamo, alcoolico	cincoenta grammas	50
Alcool a 85^{c}	novecentos e cincoenta grammas	950

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE CANTHARIDAS.

Tinctura Cantharidum.

ALCOOLADO DE CANTHARIDAS. ALCOOLEO DE CANTHARIDAS.

Cantharidas em pó	cem grammas	100
Alcool a 85^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CANTHARIDAS, ETHEREA.

Tinctura Cantharidum ætherea.

ETHERLADO DE CANTHARIDAS. ETHEROLEO DE CANTHARIDAS.

Cantharidas em pó	cem grammas	100
Ether alcoolisado	mil grammas	1:000

Trate as cantharidas pelo ether em apparelho de deslocação.

TINCTURA DE CARDAMOMO.

Tinctura Cardamomi.

ALCOOLADO DE CARDAMOMO. ALCOOLEO DE CARDAMOMO.

Cardamomo em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CASTOREO.

Tinctura Castorei.

ALCOOLADO DE CASTOREO. ALCOOLEO DE CASTOREO.

Castoreo em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 85^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CATO.

Tinctura Catechu.

ALCOOLADO DE CATO. ALCOOLEO DE CATO.

Cato em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, filtre.

TINCTURA DE CHLORETO FERRICO, ETHEREA.

Tinctura Chloreti ferrici ætherea.

ETHERITO DE CHLORETO FERRICO.
ETHEROLEO DE SESQUI-CHLORURETO DE FERRO.
TINCTURA DE PER-CHLORURETO DE FERRO, ETHEREA.

Chloreto ferrico anhydro.....	cem grammas	100
Ether alcoolisado.....	novecentos grammas	900

Dissolva; filtre.

Substitue a TINCTURA DE BESTUCHEFF.

TINCTURA DE CICUTA.

Tinctura Conii.

ALCOOLADO DE CICUTA. ALCOOLEO DE CICUTA.

Cicuta, mericarpos em pó grosso ..	duzentos grammas	200
Alcool a 65°.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CICUTA RECENTE.

Tinctura Conii recentis.

ALCOOLATURA DE CICUTA.

Cicuta: folhas recentes, contusas.....	mil grammas	1:000
Alcool a 90°.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE COLCHICO.

Tinctura Colchici.

ALCOOLADO DE COLCHICO. ALCOOLEO DE COLCHICO.

Colchico, tuberculos radicaes em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

Deve dar-se esta, quando não houver indicação especial.

TINCTURA DE COLCHICO, DAS SEMENTES.

Tinctura seminum Colchici.

ALCOOLADO DE SEMENTES DE COLCHICO. ALCOOLEO DE SEMENTES DE COLCHICO.

Colchico, sementes em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CRAVAGEM DE CENTEIO.

Tinctura Ergotæ.

ALCOOLADO DE CRAVAGEM DE CENTEIO. ALCOOLEO DE CRAVAGEM DE CENTEIO.

Cravagem de centeio, em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE CROTON.

Tinctura Crotonis Tiglii.

ALCOOLITO DE CROTON.

Oleo de croton	quatro grammas	4
Alcool a 90ᶜ	noventa e seis grammas	96

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE DEDALEIRA.

Tinctura Digitalis.

ALCOOLADO DE DIGITAL. ALCOOLEO DE DIGITALIS.

Dedaleira em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE DEDALEIRA, ETHEREA.

Tinctura Digitalis ætherea.

ETHERLADO DE DIGITAL. ETHEROLEO DE DEDALEIRA.

Dedaleira em pó	cem grammas	100
Ether alcoolisado	mil grammas	1:000

Trate a dedaleira pelo ether em apparelho de deslocação.

TINCTURA DE DEDALEIRA RECENTE.

Tinctura Digitalis recentis.

ALCOOLATURA DE DIGITALIS.

Dedaleira recente, contusa	mil grammas	1:000
Alcool a 90ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE DIGITALINA.

Tinctura Digitalini.

ALCOOLITO DE DIGITALINA. ALCOOLEO DE DIGITALINA.

Digitalina	um gramma	1
Alcool a 65ᶜ	noventa e nove grammas	99

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE ESTRAMONIO.

Tinctura Stramonii.

ALCOOLADO DE ESTRAMONIO. ALCOOLEO DE ESTRAMONIO.

Estramonio, folhas em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

Deve dar-se esta, quando não houver indicação especial.

TINCTURA DE ESTRAMONIO RECENTE.

Tinctura Stramonii recentis.

ALCOOLATURA DE ESTRAMONIO.

Estramonio: folhas recentes, contusas	mil grammas	1:000
Alcool a 90ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE ESTRAMONIO, DAS SEMENTES.

Tinctura seminum Stramonii.

ALCOOLADO DE SEMENTES DE ESTRAMONIO. ALCOOLEO DE SEMENTES DE ESTRAMONIO.

Estramonio, sementes em pó grosso..	duzentos grammas	200
Alcool a 65c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE ESTRYCHNINA.

Tinctura Strychnini.

ALCOOLITO DE ESTRYCHNINA. ALCOOLEO DE ESTRYCHNINA.

Estrychnina.....	um gramma	1
Alcool a 90c.....	noventa e nove grammas	99

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE EUCALYPTO.

Tinctura Eucalypti.

ALCOOLADO DE EUCALYPTO. ALCOOLEO DE EUCALYPTO.

Eucalypto, folhas em pó grosso....	duzentos grammas	200
Alcool a 65c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE EUPHORBIO.

Tinctura Euphorbii.

ALCOOLADO DE EUPHORBIO. ALCOOLEO DE EUPHORBIO.

Euphorbio em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Alcool a 85°.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, filtre.

TINCTURA DE GENCIANA.

Tinctura Gentianæ.

ALCOOLADO DE GENCIANA. ALCOOLEO DE GENCIANA.

Genciana em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Alcool a 65°.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE GENCIANA, COMPOSTA.

Tinctura Gentianæ composita.

ALCOOLADO POLYAMICO DE GENCIANA. ALCOOLEO DE GENCIANA COMPOSTO.

Genciana em pó grosso.....	cento e quarenta grammas	140
Epicarpo de laranja azeda.....	cincoenta grammas	50
Cardamomo em pó grosso.....	dez grammas	10
Alcool a 65°.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE GENGIBRE.

Tinctura Zingiberis.

ALCOOLADO DE GENGIBRE. ALCOOLEO DE GENGIBRE.

Gengibre em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Alcool a 65°.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE GUAIACO.

Tinctura ligni Guaiaci.

ALCOOLADO DE GUAIACO. ALCOOLEO DE GUAIACO.

Guaiaco rasurado.....	duzentos grammas	200
Alcool a 65°.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE GUAIACO, AMMONIACAL.

Tinctura resinæ Guaiaci ammoniata.

ALCOOLITO DE RESINA DE GUAIACO,
AMMONIACAL. AMMONI-ALCOOLEO DE GUAIACO.
TINCTURA DE GUAIACO, VOLATIL.

Resina de guaiaco, em pó grosso	cento e cincoenta grammas	150
Ammonia liquida.....	cento e cincoenta grammas	150
Alcool a 85°.....	setecentos grammas	700

Dissolva a resina no alcool, ajunte a ammonia, macere por 5 dias, filtre.

TINCTURA DE HELLEBORO.

Tinctura Hellebori nigri.

ALCOOLADO DE HELLEBORO NEGRO. ALCOOLEO DE HELLEBORO NEGRO.

Helleboro em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 85c	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE IODO.

Tinctura Iodi.

ALCOOLITO DE IODO. ALCOOLEO DE IODO.

Iodo	cem grammas	100
Alcool a 90c	novecentos grammas	900

Dissolva; filtre.

Conserve em frasco opaco.

TINCTURA DE IPECACUANHA.

Tinctura Ipecacuanhæ.

ALCOOLADO DE IPECACUANHA. ALCOOLEO DE IPECACUANHA.

Ipecacuanha em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65c	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE JALAPA.

Tinctura Jalapæ.

ALCOOLADO DE JALAPA. ALCOOLEO DE JALAPA.

Jalapa em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE JALAPA, COMPOSTA.

Tinctura Jalapæ composita.

ALCOOLADO POLYAMICO DE JALAPA. ALCOOLEO DE JALAPA COMPOSTO. AGUA-ARDENTE ALLEMÃ.

Jalapa em pó grosso	setenta grammas	70
Turbith vegetal em pó grosso	dez grammas	10
Escamonéa em pó grosso	vinte grammas	20
Alcool a 65ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE LOBELIA.

Tinctura Lobeliæ.

ALCOOLADO DE LOBELIA. ALCOOLEO DE LOBELIA.

Lobelia em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE LOSNA.

Tinctura Absinthii.

ALCOOLADO DE LOSNA. ALCOOLEO DE ABSINTHIO.

Losna em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE MEIMENDRO.

Tinctura Hyoscyami.

ALCOOLADO DE MEIMENDRO. ALCOOLEO DE MEIMENDRO.

Meimendro, folhas em pó grosso...	duzentos grammas	200
Alcool a 65c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE MEIMENDRO RECENTE.

Tinctura Hyoscyami recentis.

ALCOOLATURA DE MEIMENDRO.

Meimendro: folhas recentes, contusas..	mil grammas	1:000
Alcool a 90c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE MIRRA.

Tinctura Myrrhæ.

ALCOOLADO DE MIRRA. ALCOOLEO DE MIRRA.

Mirra em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Alcool a 85c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, filtre.

TINCTURA DE MOSTARDA.

Tinctura Sinapis.

ALCOOLITO DE MYROLEO DE MOSTARDA. ALCOOLEO DE MOSTARDA.

Essencia de mostarda.....	vinte grammas	20
Alcool a 85c.....	novecentos e oitenta grammas	980

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE NOZ VOMICA.

Tinctura Nucis vomicæ.

ALCOOLADO DE NOZ VOMICA. ALCOOLEO DE NOZ VOMICA.

Noz vomica em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Alcool a 65c.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE OPIO.

Tinctura Opii.

ALCOOLADO DE OPIO. ALCOOLEO DE OPIO.
TINCTURA THEBAICA.

Extracto de opio.....	cincoenta grammas	50
Alcool a 65c.....	mil grammas	1:000

Macere por 2 dias, filtre.

TINCTURA DE OPIO COMPOSTA.

Tinctura Opii composita.

ALCOOLADO POLYAMICO DE OPIO. ALCOOLEO DE OPIO, CAMPHORADO. ELIXIR PAREGORICO.

Extracto de opio	cinco grammas	5
Acido benzoico	cinco grammas	5
Essencia de aniz	cinco grammas	5
Camphora	cinco grammas	5
Alcool a 65^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias; filtre.

TINCTURA DE QUINA.

Tinctura corticis Cinchonæ flavi.

ALCOOLADO DE QUINA. ALCOOLEO DE QUINA AMARELLA.

Quina amarella em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE QUINA, COMPOSTA.

Tinctura corticis Cinchonæ composita.

ALCOOLADO POLYAMICO DE QUINA. ALCOOLEO DE QUINA COMPOSTO.

Quina amarella em pó grosso	cem grammas	100
Epicarpo de laranja azeda	cincoenta grammas	50
Serpentaria em pó grosso	cincoenta grammas	50
Alcool a 65^{c}	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE RATANIA.

Tinctura Krameriæ.

ALCOOLADO DE RATANIA. ALCOOLEO DE RATANHA.

Ratania em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65c	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE RHUIBARBO.

Tinctura Rhei.

ALCOOLADO DE RHUIBARBO. ALCOOLEO DE RHUIBARBO.

Rhuibarbo em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65c	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE ROMEIRA.

Tinctura radicis Granati.

ALCOOLADO DE CASCA DE RAIZ DE ROMEIRA. ALCOOLEO DE CASCA DE RAIZ DE ROMEIRA.

Romeira: casca da raiz, em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 85c	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE SCILLA.

Tinctura Squillæ.

ALCOOLADO DE SCILLA. ALCOOLEO DE SCILLA.

Scilla em pó grosso	duzentos grammas	200
Alcool a 65c	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE SULFATO DE MORPHINA.

Tinctura Sulfatis morphinici.

ALCOOLITO DE SULFATO DE MORPHINA.
ALCOOLEO DE SULFATO DE MORPHINA.

Sulfato de morphina	um gramma	1
Alcool a 65°.	noventa e nove grammas	99

Dissolva, filtre.

TINCTURA DE SULFATO DE QUININA.

Tinctura Sulfatis quininici.

ALCOOLITO DE SULFATO DE QUININA. ALCOOLEO DE SULFATO DE QUININA.

Sulfato de quinina	dez grammas	10
Alcool a 85°	novecentos e noventa grammas	990

Dissolva; filtre.

TINCTURA DE THUIA RECENTE.

Tinctura Thuyæ recentis.

ALCOOLATURA DE THUIA.

Thuia recente, contusa	mil grammas	1:000
Alcool a 90°	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE VALERIANA.

Tinctura Valerianæ.

ALCOOLADO DE VALERIANA. ALCOOLEO DE VALERIANA.

Valeriana em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Alcool a 65ᶜ.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE VALERIANA, AMMONIACAL.

Tinctura Valerianæ ammoniata.

ALCOOLADO DE VALERIANA, AMMONIACAL.
AMMONI-ALCOOLEO DE VALERIANA. TINCTURA DE VALERIANA, VOLATIL.

Valeriana em pó grosso.....	duzentos grammas	200
Ammonia liquida.....	duzentos grammas	200
Alcool a 85ᶜ.....	oitocentos grammas	800

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURA DE VERATRINA.

Tinctura Veratrini.

ALCOOLITO DE VERATRINA. ALCOOLEO DE VERATRINA.

Veratrina.....	um gramma	1
Alcool a 85ᶜ.....	noventa e nove grammas	99

Dissolva, filtre.

TINCTURA DE ZIMBRO.

Tinctura Juniperi.

ALCOOLADO DE ZIMBRO. ALCOOLEO DE BAGAS DE ZIMBRO.

Zimbro contuso	duzentos grammas	200
Alcool a 65^{c}.	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

TINCTURAS.

Tincturæ.

ALCOOLADOS. ALCOOLEOS.

Serão preparadas, quando não houver indicação especial:

As de plantas seccas, pela formula da tinctura de aconito;

As de plantas recentes (ALCOOLATURAS), pela formula da tinctura de anemola recente;

As de substancias resinosas, pela formula da tinctura de benjoim;

As ethereas (ETHERLADOS), pela formula da tinctura de dedaleira, etherea.

Conserve em vidros de rolha esmerilhada.

TOMILHO.

Thymum.

Thymus vulgaris Linn. e **Thymus Zygis** Linn. var. **sylvestris** Brot. (*Thymus sylvestris* Hoffmseg. et Link), Labiadas subarbustivas, indigenas do continente, onde florescem na primavera.

(Fl. lusit. I. 175-176 — Phyt. Lusit. II. 105. Tab. 121 — Fl. pharm. 328 — Fl. port. I. 132. Pl. 16.)

Summidades floridas — *Cacumina Thymi florentia* — de folhas oppostas, sesseis, lineares ou ovaes-lanceoladas, pubescentes, de margem revoluta, com outras, enfeixadas, nas axillas; inflorescencia em cymeira contrahida, de flores com corolla esbranquiçada ou avermelhada; cheiro aromatico forte, sabor amargo e acre.

TOSSILAGEM.

Tussilago vel *Bechion.*

FARFARA.

Tussilago Farfara Linn. (*Tussilago vulgaris* Lamk.), Composta-eupatoriacea vivaz, indigena do continente, onde floresce na primavera.

(Fl. lusit. I. 391—Fl. pharm. 472.)

Folhas—*Folia Tussilaginis*—radicaes, dispostas em roseta, longamente pecioladas, cordiformes, de lóbos angulosos e denteados, de côr verde-clara e glabras na pagina superior, desmaiadas e cotanilhosas na inferior; cheiro fraco, sabor adstringente e amargo.

Capitulos, vulgarmente *Flores*—*Flores Tussilaginis*—terminaes, solitarios, radiados, receptaculo plano e nú, involucro com foliolos lanceolados e estreitos, flosculos amarellos, os centraes (masculinos) pouco numerosos, tubolosos, campanulados e quinquedentados, os periphericos (femininos) numerosos, dispostos em muitas series e estreitamente ligulados; cheiro forte agradavel, sabor levemente amargo.

TRIFOLIO FIBRINO.

Trifolium aquaticum.

TREVO DE AGUA. TREVO DOS CHARCOS.

Menyanthes trifoliata Linn. (*Trifolium palustre* G. Bauh.), Gencianacea vivaz, das lagoas do continente.

Folhas—*Folia Trifolii aquatici*—de longos peciolos redondos e invaginantes na base, com 3 foliolos um tanto carnosos, ovaes, obtusos, flexuosos e glabros; inodoras, sabor muito amargo.

TRIGO.

Triticum.

As seguintes especies do genero **Triticum**, Gramineas annuaes, de patria desconhecida, muito cultivadas.

(*Lapa*, Trigos portuguezes, pag. 23 e seg.)

α — **Trigo mollar.** — **Triticum æstivum** Linn. e **Triticum hybernum** Linn. (especies reunidas no *Triticum sativum* Lamk. ou *Triticum vulgare* Willars) e **Triticum turgidum** Linn. var. **simplex** e var. **compositum.**

β — **Trigo rijo.** — **Triticum durum** Desfont. (*Triticum hordeiforme* Host).

Caryopses, vulgarmente *Sementes* — *Fructus Tritici.*

Farinha, vulgarmente *Flor da farinha* — *Farina triticea* vel *Simila.* — Caryopses pulverisadas e espoadas.

Sêmea — *Farina triticea secunda.* — Caryopses pulverisadas e privadas da *flor da farinha* e do *rolão branco.*

Farelo — *Furfur triticeus.* — Tegumentos das caryopses, pulverisados.

Pão (privado da codea), vulgarmente *Miolo de pão* — *Mica Panis.*

Fecula ou **Amido** — *Amylum Tritici* — de grãos brancos que o microscopio mostra serem de volume desigual, translucidos, discoides ou lenticulares, tendo n'uma das faces o hilo em torno do qual se vêem circulos concentricos.

TROVISCO.

Daphnoides vel *Thymelæa.*

TROVISCO FEMEA.

Daphne Gnidium Linn. (*Thymelæa Gnidium* Allioni), Thymeleacea arbustiva, indigena do continente.

(Fl. lusit. II. 27 — Fl. pharm. 207.)

Casca dos ramos — *Cortex Daphnoidæ* — rasgada em lacinias pouco espessas, de periderme acinzentado e tuberculoso, que a seccura enruga, escurece e em parte destaca, liber tenaz com filamentos sedosos e brilhantes, amarello-palha, esgarçado por dentro; inodora, sabor acre e caustico.

Póde substituir-se-lhe o MEZERÉO MENOR ou LAUREOLA MACHA — **Daphne Laureola** Linn. (*Thymelæa Laureola* Scop. e Allioni) — especie tambem arbustiva, indigena do continente e dos Açores. (Fl. lusit. *id. ibid.* — Fl. pharm. 208 — Fl. azor. *sp.* 187.)

Qualquer d'estas especies substitue o MEZEREÃO — **Daphne Mezereum** Linn. (*Thymelæa Mezereum* Scop.) — arbusto da Europa.

TURBITH VEGETAL

Tripolium.

Convolvulus Turpethum Linn. (*Ipomœa Turpethum* R. Brown), Convolvulacea vivaz, da India.

Raiz — *Radix Tripolii* — cylindrica, da grossura de um dedo ou mais, como formada por cordões torcidos sobre um eixo, compacta, por fóra cinzento-avermelhada, por dentro amarellada, de secção cribriforme; inodora, sabor nauseoso, ligeiramente amargo.

ULMEIRA.

Ulmaria.

RAINHA DOS PRADOS.

Spiræa Ulmaria Linn. *(Ulmaria palustris* Mönch), Rosacea-spiracea vivaz, indigena no continente, onde floresce em junho e julho.

(Fl. lusit. II. 335 — Fl. pharm. 266.)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz — Radix Ulmariæ* — acylindrado, da grossura de um dedo, escamoso, com raizes filiformes, negro por fóra, internamente esbranquiçado e um tanto carnoso; inodoro, sabor adstringente.

Folhas — *Folia Ulmariæ* — estipulo-aladas, alternas, pecioladas, divididas em segmentos ovaes, sendo o terminal maior, cordiforme e trilobado, irregularmente serreados, glabros e verdes na pagina superior, cotanilhosos e acinzentados na inferior; inodoras, sabor adstringente, um tanto amargo e aromatico.

Inflorescencia, vulgarmente *Flores — Flores Ulmariæ* — em umbella de cymeiras com flores brancas, pequenas e numerosas; cheiro penetrante e agradavel, sabor aromatico, um tanto amargo.

UNGUENTO DE ELEMI.

Unguentum Elemi vel *Balsamum Arcæi.*

BALSAMO DE ARCEU.

Elemi	duzentos grammas	200
Cera branca	duzentos grammas	200
Banha	quinhentos grammas	500
Terebinthina	cem grammas	100

Funda a calor brando; côe, agite até arrefecer.

UNGUENTO DE LOUREIRO.

Unguentum laurinum.

UNGUENTO DE BAGAS DE LOUREIRO. UNGUENTO NERVINO.

Oleo de loureiro.....	setecentos grammas	700
Cera branca.....	duzentos grammas	200
Agua raz.....	cem grammas	100

Funda a cera no oleo a calor brando; côe, ajunte a agua raz; agite até arrefecer.

UNGUENTO DE RESINA.

Unguentum basilicum.

UNGUENTO AMARELLO. UNGUENTO BASILICÃO.

Cera amarella.....	duzentos e cincoenta grammas	250
Pez resina.....	duzentos e cincoenta grammas	250
Oleo de amendoim	quinhentos grammas	500

Funda a calor brando; côe, agite levemente até arrefecer.

UNGUENTO DE TEREBINTHINA.

Unguentum Terebinthinæ.

UNGUENTO DIGESTIVO.

Terebinthina.....	sessenta grammas	60
Gemas de ovos.....	trinta grammas	30
Oleo de amendoim.....	dez grammas	10

Misture.

Prepare na occasião do emprego.

UVA URSINA.

Uva ursi.

BUXULO.

Arbutus Uva ursi Linn. (*Arctostaphylos Uva ursi* Spreng.), Ericacea arbustiva, do norte e das regiões alpinas do sul da Europa.

Folhas—*Folia Uvæ ursi*—de curto peciolo, obovaes, com os bordos levemente incurvados, de 2 a 3 centimetros de comprimento, integerrimas, verde-escuras, lustrosas, sobretudo na pagina superior, reticuladas, não pontilhadas, coriaceas; cheiro que lembra o do chá, sabor muito adstringente, um tanto amargo.

Não confunda com as folhas do *Bucco*, do *Buxo*, da *Murta*, do *Arando*, nem com as do ARANDO DE BAGA VERMELHA—**Vaccinium Vitis idæa** Linn.—

UVAS PASSADAS.

Passulæ.

PASSAS DE UVA.

Bagas seccas da **Vitis vinifera** Linn., Ampelidea arbustiva, da Asia austral, muito cultivada no continente, na Madeira, nos Açores e em Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 300—Fl. pharm. 74—Fl. Mad. I. 81—Fl. Cap Verd. 256.)

Vulgar.

Prive das sementes, só na occasião do emprego.

VALERATO DE ATROPINA.

Valeras atropinicus.

VALERIANATO DE ATROPINA.

$$C^{34}H^{23}AzO^{6}, C^{10}H^{10}O^{4} + HO \text{ ——— } C^{5}H^{10}O^{2}, C^{17}H^{23}AzO^{3} + H^{2}O$$

Composto que se obtem saturando o soluto ethereo de acido valerico pela atropina.

Crostas crystallinas; branco, sabor amargo, cheiro analogo ao do acido valerico; exposto ao ar ou á luz torna-se amarello; muito soluvel na agua, menos no alcool, quasi insoluvel no ether.

Conserve em frasco opaco, de rolha esmerilhada.

VALERATO DE QUININA.

Valeras quininicus.

VALERIANATO DE QUININA.

$$C^{40}H^{24}Az^{2}O^{4}, C^{10}H^{10}O^{4} + 2HO \text{ ——— } C^{5}H^{10}O^{2}, C^{20}H^{24}Az^{2}O^{2} + 2H^{2}O$$

Composto obtido pela acção directa do acido valerico sobre o soluto alcoolico concentrado de quinina, e crystallisação em temperatura não superior a 50°.

Massas formadas de prismas hexagonaes ou octaedros; branco translucido, sabor muito amargo, cheiro analogo ao do acido valerico; exposto ao ar perde a transparencia; soluvel em 110 partes de agua fria, em 40 da fervente, em 6 de alcool, pouco no ether; a 90° perde um equivalente de agua, tornando-se em massa de aspecto vitroso.

Dissolvido na agua acidulada pelo acido chlorhydrico e tratado pelo chloreto de bario não dá precipitado.

VALERATO DE ZINCO.

Valeras zincicus.

DI-VALERATO DE ZINCO. VALERIANATO DE ZINCO.
VALERIANATO DE OXYDO DE ZINCO.

$$ZnO, C^{10}H^{9}O^{3} + 12HO \text{ ——— } (C^{5}H^{9}O^{2})^{2}Zn + 12H^{2}O$$

Composto obtido pela acção do acido valerico sobre o carbonato de zinco hydratado.

Pó amorpho, branco; muito leve, sabor muito estyptico, cheiro analogo ao da valeriana, inalteravel ao ar, soluvel em 40 partes de agua fria, em 5 da fervente, em 6 de alcool fervente, pouco no ether; a 50° amollece como a cera.

Dissolvido na ammonia e tratado pelo chloreto de calcio ou pelo phosphato de soda não deve turvar.

VALERIANA.

Valeriana sylvestris.

VALERIANA MENOR.

Valeriana officinalis Linn. (*Valeriana altissima* Mikan), Valerianea vivaz, dos logares humidos da Europa.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz—Radix Valerianæ sylvestris*— curto, escamoso, amarellado e com raizes numerosas, estriadas, do comprimento de 8 a 10 centimetros, de côr amarellada tanto mais escura quanto mais antigas; cheiro forte, caracteristico, que augmenta com o tempo, sabor acre e amargo.

Conserve em vaso bem fechado.

VERATRINA.

Veratrinum venale.

Producto que se obtem precipitando pela potassa o liquido resultante da lixiviação da cevadilha pela agua acidulada com o acido chlorhydrico e tratamentos successivos com o ether.

Pó crystallino ou pequenas massas amorphas, efflorescentes, tornando-se opacas com aspecto de porcelana; branca, sabor acre e urente, muito irritante; inodora, mas promove excessiva esternutação; inalteravel ao ar, insoluvel na agua mesmo fervente, muito soluvel no alcool a 85^{c} e em 6 partes de ether. Tratada pelo acido sulfurico córa-se de amarello e depois de vermelho intenso, que passa a violete pela addição de pequena quantidade de agua. Tratada pelo acido azotico frio, adquire côr violete. Fervida com o acido chlorhydrico muito concentrado, desenvolve côr violete intensa.

VERATRO BRANCO.

Veratrum album.

HELLEBORO BRANCO.

Veratrum album Linn. var. **albiflorum** *(Veratrum album* Bernhardi) e var. **viridiflorum** *(Veratrum Lobelianum* Bernhardi), Melanthacea vivaz, das regiões montanhosas da Europa, espontanea no Gerez.

(Fl. lusit. I. 604 — Fl. pharm. 545.)

Rhizoma, vulgarmente *Raiz—Radix Veratri albi*—em pedaços cylindro-conicos, engelhados, de 5 a 8 centimetros de comprimento e 2 a 3 de espessura, amarello-escuros por fóra, brancos por dentro, tendo numerosas raizes da grossura de uma penna; cheiro fraco, mas quando pulverisado é fortemente esternutatorio; sabor amargo desagradavel, por fim acre e ardente.

VERATRO VERDE.

Veratrum viride.

HELLEBORO VERDE. HELLEBORO AMERICANO.

Veratrum viride Aiton *(Melanthium virens* Thunb.), Melanthacea vivaz, dos Estados Unidos e do Canadá.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz — Radix Veratri viridis* — cortado em discos esbranquiçados, côr de anta ou escurecidos, de 2 a 4 centimetros de diametro, engelhados e arqueados; cheiro e sabor como os do *Veratro branco.*

Não confunda com o HELLEBORO DE FLOR VERDE — **Helleborus viridis** Linn. — Ranunculacea vivaz, da Europa, que tambem tem sido chamado *Helleboro verde.*

VERBASCO.

Verbascum vel *Phlomos.*

BARBASCO.

Verbascum crassifolium Hoffmseg. et Link e **Verbascum Thapsus** Linn., Escrophulariaceas bis-annuaes, indigenas do continente, onde florescem na primavera e no verão.

(Fl. port. I. 213. Pl. 26. — Fl. lusit. I. 270 — Phyt. Lusit. II. 166. Tab. 152 — Fl. pharm. 60.)

Folhas — *Folia Verbasci* — ovaes-oblongas, um tanto crenadas, rugosas e verde-claras na pagina superior, nervoso-venulosas e esbranquiçadas na inferior, tomentosas em ambas: as radicaes, pecioladas e obtusas; as outras, sesseis, agudas e decorrentes; inodoras, sabor mucilaginoso um tanto amargo.

Faça a colheita no segundo anno da vegetação, antes de terminada a floração.

Summidades floridas — *Cacumina Verbasci florentia* — em espiga terminal muito alongada, de bracteas lanceoladas, lisas por cima e felpudas por baixo, corolla amarella, quinquefida, aberta ou com as lacinias voltadas para dentro, sendo a inferior patente; cheiro suave, sabor adocicado.

Seque rapidamente.

Póde substituir-se-lhes o **Verbascum macranthum** Hoffmseg. et Link, o **Verbascum Thapsoides** Linn., o **Verbascum simplex** Hoffmseg. et Link e o **Verbascum sinuatum** Linn., igualmente indigenas, que florescem de maio a julho. (Fl. port. I. 214 a 218. Pl. 27 — Phyt. Lusit. II. 168. Tab. 153.)

VERBENA.

Verbenaca.

URGEBÃO. GERVÃO.

Verbena officinalis Linn. (*Verbena sororia* D. Don), Verbenacea annual, indigena do continente, dos Açores e de Cabo Verde. Floresce no verão.

(Fl. lusit. I. 160 — Fl. pharm. 39 — Fl. port. I. 160 — Fl. azor. *sp.* 255 — Fl. Cap Verd. 224.)

Planta florida — *Herba Verbenacæ florens* — de caule tetragono, estriado e purpurino, folhas quasi sesseis, ovaes-agudas, crenadas e laciniadas, muito asperas, inflorescencia em espigas filiformes e paniculadas, de flores azues; cheiro fraco, sabor adstringente e amargo.

Faça a colheita no principio da floração. Seque rapidamente.

VERDETE.

Ærugo.

ACETATO BASICO DE COBRE. SUB-ACETATO DE COBRE.

Producto obtido pela acção das borras do vinho, em fermentação acetica, sobre o cobre.

Massas compactas, opacas; verde-azulado, sabor metallico muito desagradavel, cheiro acetico pouco pronunciado; inalteravel ao ar, pouco soluvel na agua, soluvel no acido acetico.

VERONICA.

Veronica.

VERONICA DA ALLEMANHA. CHÁ DA EUROPA.

Veronica officinalis Linn., Escrophulariacea vivaz, indigena do continente e dos Açores. Floresce de maio a julho.

(Fl. lusit. I. 12 — Fl. pharm. 5 — Fl. port. I. 285 — Fl. azor. *sp.* 277.)

Summidades floridas — *Cacumina Veronicæ florentia* — de folhas oppostas, curtamente pecioladas, ovaes, um pouco obtusas, finamente denteadas, muito pubescentes, inflorescencia em cachos oppostos, densos, de pedunculos cylindricos e pubescentes, flores quasi sesseis, de corolla azul; cheiro fraco, sabor amargo e aromatico.

VINAGRE.

Acetum.

VINAGRE BRANCO.

Producto da fermentação acetica dos vinhos brancos.

Vulgar.

Distillado não deve precipitar pelo chloreto de bario, nem pelo azotato de prata, nem descorar o soluto de sulfato de indigo.

Deve conter de 7 a 9 por cento de acido acetico, doseado pelo **Acetimetro de Reveil e Salleron.**

VINAGRE AROMATICO.

Acetum aromaticum.

ACETULADO AROMATICO. ACETOLEO AROMATICO.
VINAGRE ANTISEPTICO.

Especies aromaticas	cem grammas	100
Vinagre	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINAGRE CAMPHORADO.

Acetum camphoratum.

ACETULITO DE CAMPHORA. ACETOLEO DE CAMPHORA.

Camphora em pó	vinte grammas	20
Acido acetico glacial	vinte grammas	20
Vinagre	novecentos e sessenta grammas	960

Dissolva por maceração; filtre.

VINAGRE DE CANTHARIDAS COMPOSTO.

Acetum Cantharidum compositum.

ACETULADO POLYAMICO DE CANTHARIDAS. ACETOLEO DE CANTHARIDAS COMPOSTO.

Cantharidas em pó	cento e oitenta grammas	180
Euphorbio em pó	vinte grammas	20
Acido acetico hydratado	oitocentos grammas	800
Vinagre	duzentos grammas	200

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINAGRE DE COLCHICO.

Acetum Colchici.

ACETULADO DE COLCHICO. ACETOLEO DE COLCHICO.

Colchico, tuberculos radicaes em pó grosso	cem grammas	100
Vinagre	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

Deve dar-se este, quando não houver indicação especial.

VINAGRE DE COLCHICO, DAS SEMENTES.

Acetum seminum Colchici.

ACETULADO DE SEMENTES DE COLCHICO. ACETOLEO DE SEMENTES DE COLCHICO.

Colchico, sementes em pó grosso	cem grammas	100
Vinagre	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINAGRE DE SCILLA.

Acetum Squillæ.

ACETULADO DE SCILLA. ACETOLEO DE SCILLA. VINAGRE SCILLITICO.

Scilla em pó grosso.	cem grammas	100
Vinagre	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINAGRES.

Aceta.

ACETULADOS. ACETOLEOS.

Serão preparados, quando não houver indicação especial, pela formula do vinagre de colchico.

Conserve em vidros de rolha esmerilhada.

VINHO.

Vinum.

Producto da fermentação alcoolica do fructo da **Vitis vinifera** Linn., Ampelidea arbustiva, da Asia austral, muito cultivada no continente, na Madeira, nos Açores e em Cabo Verde.

(Fl. lusit. I. 300 — Fl. pharm. 74 — Fl. Mad. I. 81 — Fl. Cap Verd. 256.)

α — **Vinho do Porto.** — *Vinum portuense.* — Deve ser generoso e conter 18 a 20 por cento d'alcool.

β — **Vinho da Madeira.** — *Vinum maderense.* — Deve ser generoso e conter 18 a 20 por cento d'alcool.

γ — **Vinho branco.** — *Vinum album.* — Deve conter de 13 a 15 por cento d'alcool.

A força alcoolica deve ser determinada no apparelho de **Salleron.**

Empregue, quando não houver indicação especial, o **Vinho do Porto**.

VINHO ANTIMONIAL.

Vinum stibiatum.

Oinito de tartrato de potassa e de antimonio.
Oinoleo de antimonio. Vinho emetico.

Tartrato de potassa e de antimonio . . .	cinco grammas	5
Vinho do Porto	novecentos noventa e cinco grammas	995

Dissolva; filtre.

VINHO AROMATICO.

Vinum aromaticum.

OINOLADO AROMATICO. OINOLEO AROMATICO.

Especies aromaticas . . . . . cem grammas 100
Vinho branco . . . . . mil grammas 1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINHO DE COLCHICO.

Vinum Colchici.

OINOLADO DE COLCHICO. OINOLEO DE COLCHICO.

Colchico, tuberculos radicaes em pó grosso . . . . . cem grammas 100
Vinho da Madeira . . . . . mil grammas 1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

Deve dar-se este, quando não houver indicação especial.

VINHO DE COLCHICO, DAS SEMENTES.

Vinum seminum Colchici.

OINOLADO DE SEMENTES DE COLCHICO.
OINOLEO DE SEMENTES DE COLCHICO.

Colchico, sementes em pó grosso . . . . . cem grammas 100
Vinho da Madeira . . . . . mil grammas 1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINHO DE DEDALEIRA COMPOSTO.

Vinum Digitalis compositum.

OINOLADO POLYAMICO DE DEDALEIRA.
OINOLEO DE DEDALEIRA COMPOSTO. VINHO DIURETICO.

Zimbro contuso	sessenta e cinco grammas	65
Dedaleira em pó grosso	treze grammas	13
Scilla em pó grosso	sete grammas	7
Acetato de potassa	vinte grammas	20
Alcool a 90ᶜ	cem grammas	100
Vinho branco	novecentos grammas	900

Macere por 10 dias as tres primeiras substancias na mistura do alcool com o vinho; côe espremendo, dissolva o acetato, filtre.

Equivale ao VINHO DE TROUSSEAU ou VINHO DO HÔTEL-DIEU.

VINHO DE FERRO.

Vinum Ferri.

OINOLADO DE FERRO. OINOLEO DE FERRO. VINHO FERRUGINOSO. VINHO CHALYBEADO.

Ferro em fio	cincoenta grammas	50
Vinho da Madeira	mil grammas	1:000

Humedeça o ferro com pequena quantidade do vinho; deixe-o exposto ao ar por 5 dias; ajunte o resto do vinho, macere por 10 dias; filtre.

VINHO DE GENCIANA.

Vinum Gentianæ.

OINOLADO DE GENCIANA. OINOLEO DE GENCIANA.

Genciana em pó grosso	cincoenta grammas	50
Vinho do Porto	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINHO DE IPECACUANHA.

Vinum Ipecacuanhæ.

OINOLADO DE IPECACUANHA. OINOLEO DE IPECACUANHA.

Ipecacuanha em pó grosso.....	cincoenta grammas	50
Vinho do Porto.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINHO DE OPIO.

Vinum Opii.

OINOLADO DE OPIO. OINOLEO DE OPIO.

Extracto de opio.....	cincoenta grammas	50
Vinho da Madeira.....	mil grammas	1:000

Macere por 2 dias; filtre.

VINHO DE OPIO, COMPOSTO.

Vinum Opii compositum.

OINOLADO POLYAMICO DE OPIO. OINOLEO DE OPIO, COMPOSTO. LAUDANO LIQUIDO.

Extracto de opio.....	cincoenta grammas	50
Açafrão cortado.....	trinta grammas	30
Canella em pó grosso.....	dez grammas	10
Cravinho em pó grosso.....	dez grammas	10
Vinho da Madeira.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

Equivale ao LAUDANO LIQUIDO DE SYDENHAM.

VINHO DE QUINA.

Vinum corticis Cinchonæ flavi.

OINOLADO DE QUINA. OINOLEO DE QUINA AMARELLA.
VINHO QUINADO.

Quina amarella em pó grosso.....	cincoenta grammas	50
Vinho do Porto.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINHO DE QUINA CINZENTA.

Vinum corticis Cinchonæ fusci.

OINOLADO DE QUINA HUANUCO. OINOLEO DE QUINA CINZENTA.

Quina cinzenta em pó grosso	cem grammas	100
Vinho da Madeira.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINHO DE QUINA COMPOSTO.

Vinum corticis Cinchonæ compositum.

OINOLADO POLYAMICO DE QUINA. OINOLEO DE QUINA
COMPOSTO.

Quina amarella em pó grosso.....	quarenta grammas	40
Genciana em pó grosso	dez grammas	10
Epicarpo de laranja azeda.....	dez grammas	10
Vinho do Porto.....	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINHO DE QUINA FERRUGINOSO.

Vinum corticis Cinchonæ cum Ferro.

OINOLADO DE QUINA FERRUGINOSO. OINOLEO DE QUINA FERRUGINOSO.

Tartrato de potassa e de ferro.....	cinco grammas	5
Vinho de quina cinzenta.....	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias; filtre.

VINHO DE QUINIO.

Vinum Quinii.

OINOLADO DE QUINIO. OINOLEO DE QUINIO.

Quinio em pó.....	cinco grammas	5
Vinho do Porto.....	mil grammas	1:000

Macere por 5 dias; filtre.

VINHO DE RÁBÃO RUSTICO, COMPOSTO.

Vinum Armoracii compositum.

OINOLADO POLYAMICO DE RÁBÃO RUSTICO. OINOLEO DE RÁBÃO RUSTICO, COMPOSTO. VINHO ANTISCORBUTICO.

Rábão rustico recente, contuso.....	trinta grammas	30
Cochlearia recente, contusa.....	trinta grammas	30
Agrião recente, contuso.....	vinte grammas	20
Trifolio fibrino recente, contuso	vinte grammas	20
Chloreto de ammonio.....	dez grammas	10
Tinctura de mostarda	dez grammas	10
Espirito de cochlearia.....	noventa grammas	90
Vinho do Porto.....	novecentos grammas	900

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINHO DE RHUIBARBO.

Vinum Rhei.

OINOLADO DE RHUIBARBO. OINOLEO DE RHUIBARBO.

Rhuibarbo em pó grosso	cem grammas	100
Vinho do Porto	mil grammas	1:000

Macere por 10 dias, côe espremendo, filtre.

VINHO DE SCILLA.

Vinum Squillæ.

OINOLADO DE SCILLA. OINOLEO DE SCILLA.
VINHO SCILLITICO.

Scilla em pó grosso	cem grammas	100
Alcool a 90ᶜ	cem grammas	100
Vinho branco	novecentos grammas	900

Macere por 10 dias; filtre.

VINHO DE SCILLA COMPOSTO.

Vinum Squillæ compositum.

Scilla em pó grosso	oito grammas	8
Jalapa em pó grosso	sete grammas	7
Azotato de potassa, em pó	quinze grammas	15
Alcool a 90ᶜ	cem grammas	100
Vinho branco	novecentos grammas	900

Macere por 10 dias a scilla e a jalapa na mistura do alcool com o vinho; côe espremendo, ajunte o azotato; filtre.

Equivale ao VINHO HYDRAGOGO MAIOR DE DEBREYNE.

VINHOS.

Vina.

OINOLADOS. OINOLEOS.

Serão preparados, quando não houver indicação especial, pela fórmula do vinho de quina.

Conserve em vidros de rolha esmerilhada.

VIOLETA TRICOLOR.

Jacea.

AMOR PERFEITO. HERVA SERAPHICA.

Viola tricolor Linn. var. **arvensis** De Cand. (*Viola tenella* Lewis), Violaria annual, indigena do continente, quasi espontanea na Madeira. Floresce na primavera e no verão.

(Fl. lusit. I. 306 — Fl. pharm. 85 — Fl. Mad. I. 46.)

Planta florida — *Herba Jaceæ florens* — de caule anguloso, ramoso e levantado, folhas alternas, pecioladas, oblongas, crenadas, um tanto asperas, estipulas pinnatifidas, flores axillares de longo pedunculo, corolla apenas um pouco maior que o calyx e tricolor, predominando o azulado; cheiro suave, sabor amargo, um pouco urente.

VIOLETAS.

Violæ.

VIOLAS. VIOLAS ROXAS.

Viola odorata Linn. var. **vulgaris** De Cand., Violaria vivaz, indigena do continente e dos Açores. Floresce de março a maio.

(Fl. lusit. I. 305 — Fl. pharm. 83 — Fl. azor. *sp.* 325.)

Folhas — *Folia Violarum* — de longos peciolos sulcados, rotundas-cordiformes, obtusas, crenuladas e miudamente celheadas na margem, glabras na pagina superior, empubescidas na inferior; inodoras, sabor herbaceo.

Petalas — *Flores Violarum* — de côr e aroma caracteristicos, emquanto ellas são recentes.

Faça a colheita logo ao desabrochar da flor.

Póde substituir-se-lhe a var. **maderensis** Lowe, correspondente á *Viola maderensis* Prim., indigena da Madeira, onde floresce de outubro a junho. (Fl. Mad. I. 44.)

XAROPE DE AÇAFRÃO.

Syrupus Croci.

XAROPE DE AÇAFRÃO, VINOSO.

Açafrão	vinte e cinco grammas	25
Vinho da Madeira	quatrocentos e cincoenta grammas	450
Assucar granuloso	quinhentos e cincoenta grammas	550

Macere por 2 dias o açafrão no vinho; côe espremendo, filtre; dissolva o assucar a banho de agua.

XAROPE DE ACETATO DE MORPHINA.

Syrupus Acetatis morphinici.

Acetato de morphina	cinco centigrammas	0,05
Acido acetico aquoso	dez centigrammas	0,10
Agua distillada	dois grammas	2
Xarope commum	noventa e oito grammas	98

Misture o acido com a agua, dissolva o acetato; ajunte ao xarope.

XAROPE DE ACIDO CITRICO.

Syrupus Acidi citrici.

Acido citrico	dez grammas	10
Agua distillada	dez grammas	10
Xarope de casca de limão	novecentos e oitenta grammas	980

Dissolva o acido na agua, ajunte ao xarope.

Substitue o XAROPE DE LIMÃO.

XAROPE DE AGRIÃO.

Syrupus Cardami.

Succo de agrião, depurado..	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Dissolva a calor brando, em vaso tapado.

XAROPE DE ALCATRÃO.

Syrupus piceus.

Agua de alcatrão.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Dissolva a calor brando, em vaso tapado.

XAROPE DE ALTHEA.

Syrupus Althææ.

Macerado de althea.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar de fôrma.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Dissolva a calor brando.

XAROPE DE AMENDOAS.

Syrupus Amygdalarum.

XAROPE DE ORXATA.

Amendoas doces	cem grammas	100
Amendoas amargas	vinte grammas	20
Assucar granuloso	seiscentos e cincoenta grammas	650
Agua	trezentos e cincoenta grammas	350
Agua de flores de laranjeira	cincoenta grammas	50

Contunda as amendoas com uma pequena porção do assucar, até obter pasta homogenea; ajunte a pouco e pouco a agua, côe espremendo; dissolva no liquido o assucar restante, a banho de agua; côe, deixe arrefecer, ajunte a agua de flores de laranjeira.

XAROPE DE AVENCA.

Syrupus Capilli Veneris.

XAROPE DE CAPILLARIA.

Avenca	vinte grammas	20
Agua fervente	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso	seiscentos e cincoenta grammas	650

Infunda por 2 horas a avenca na agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE BALSAMO DE TOLU.

Syrupus Balsami tolutani.

XAROPE BALSAMICO.

Balsamo de Tolu	trinta grammas	30
Agua	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar de fôrma	seiscentos e cincoenta grammas	650

Digira por 4 horas, em vaso tapado, o balsamo na agua, agitando repetidas vezes; filtre, dissolva o assucar a banho de agua.

XAROPE DE BELLADONA.

Syrupus Belladonnæ.

Tinctura de belladona recente.....	cinco grammas	5
Xarope commum.....	noventa e cinco grammas	95

Misture.

XAROPE DE CANELLA.

Syrupus corticis Cinnamomi.

Agua de canella.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar de fôrma.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Dissolva a banho de agua, em vaso tapado.

XAROPE DE CASCA DE LARANJA.

Syrupus corticis Aurantii.

Epicarpo de laranja azeda, recente....	cem grammas	100
Agua fervente.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Infunda por 4 horas o epicarpo na agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando, em vaso tapado.

XAROPE DE CASCA DE LIMÃO.

Syrupus corticis Citrii.

Epicarpo de limão, recente.....	cem grammas	100
Agua fervente.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Infunda por 4 horas o epicarpo na agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando, em vaso tapado.

XAROPE DE CHLORETO FERRICO.

Syrupus Chloreti ferrici.

XAROPE DE PER-CHLORURETO DE FERRO.

Soluto de chloreto ferrico	dois grammas	2
Xarope commum.	noventa e oito grammas	98

Misture.

Prepare na occasião do emprego.

XAROPE DAS CINCO RAIZES.

Syrupus quinque radicum.

XAROPE DAS RAIZES APERIENTES.

Especies das raizes.	cincoenta grammas	50
Agua fervente	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso	seiscentos e cincoenta grammas	650

Infunda por 24 horas as especies na agua, côe espremendo, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE CITRATO DE FERRO AMMONIACAL.

Syrupus Citratis ferrici ammoniati.

Citrato de ferro ammoniacal.	dois grammas	2
Agua distillada.	dois grammas	2
Xarope commum	noventa e seis grammas	96

Dissolva o citrato na agua, ajunte ao xarope.

XAROPE DE COCHLEARIA COMPOSTO.

Syrupus Cochleariæ compositus.

XAROPE ANTISCORBUTICO.

Succo de cochlearia composto	duzentos e cincoenta grammas	250
Assucar granuloso	seiscentos e cincoenta grammas	650
Espirito de cochlearia composto	cem grammas	100

Dissolva a frio o assucar no succo; ajunte o espirito.

XAROPE COMMUM.

Syrupus simplex.

XAROPE SIMPLES.

Assucar de fôrma	seiscentos e cincoenta grammas	650
Agua distillada	trezentos e cincoenta grammas	350

Dissolva a calor brando.

XAROPE DE DEDALEIRA.

Syrupus Digitalis.

Tinctura de dedaleira recente	dois grammas	2
Xarope commum	noventa e oito grammas	98

Misture.

XAROPE DE DORMIDEIRAS.

Syrupus capitum Papaveris.

XAROPE DIACODIO.

Dormideiras, capsulas contusas.....	cem grammas	100
Agua distillada.....	setecentos grammas	700
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Ferva as dormideiras na agua até que esta fique reduzida a metade; filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE ESPARGO.

Syrupus Asparagi.

XAROPE DE PONTAS DE ESPARGOS.

Succo de turiões de espargo, depurado.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Dissolva a calor brando.

XAROPE DE ETHER.

Syrupus Ætheris.

XAROPE DE ETHER SULFURICO.

Ether alcoolisado.....	cem grammas	100
Xarope commum.....	novecentos grammas	900

Introduza os dois liquidos em frasco munido de torneira na parte inferior, agite repetidas vezes durante 3 dias; quando a mistura estiver transparente tire, pela torneira, a camada inferior, rejeitando o liquido que sobrenadar.

Guarde em pequenos frascos, bem rolhados.

XAROPE DE FLORES DE LARANJEIRA.

Syrupus florum Aurantii.

Agua de flores de laranjeira	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar de fôrma	seiscentos e cincoenta grammas	650

Dissolva a banho de agua, em vaso tapado.

XAROPE DE FRAMBOESAS.

Syrupus Mori idæi.

Succo de framboesas, depurado	quatrocentos grammas	400
Assucar granuloso	seiscentos grammas	600

Dissolva a calor brando.

XAROPE DE GOMMA.

Syrupus Gummi Acaciæ.

XAROPE DE GOMMA ARABICA.

Mucilagem de gomma arabica	duzentos grammas	200
Xarope commum	oitocentos grammas	800

Misture.

XAROPE DE GROSELHAS.

Syrupus Ribesiarum.

Succo de groselhas, depurado...	quatrocentos grammas	400
Assucar granuloso.....	seiscentos grammas	600

Dissolva a calor brando.

XAROPE DE HERA TERRESTRE.

Syrupus Hederæ terrestris.

Hera terrestre....	vinte grammas	20
Agua fervente.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Infunda por 2 horas a hera terrestre na agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE HYDRATO DE CHLORAL.

Syrupus Hydrati chloralici.

XAROPE DE CHLORAL.

Hydrato de chloral.....	dois grammas	2
Agua distillada.....	tres grammas	3
Xarope commum.....	noventa e cinco grammas	95

Dissolva o hydrato na agua; ajunte ao xarope.

XAROPE DE HYSSOPO.

Syrupus Hyssopi.

Hyssopo.....	vinte grammas	20
Agua fervente.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Infunda por 2 horas o hyssopo na agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE IODETO FERROSO.

Syrupus Iodeti ferrosi.

XAROPE DE PROTO-IODURETO DE FERRO.

Iodo	quatro grammas	4
Ferro em fio	dois grammas	2
Agua distillada	dez grammas	10
Xarope commum	novecentos e noventa grammas	990

Introduza o iodo, o ferro e a agua em balão de vidro; aqueça ligeiramente até que o liquido tenha adquirido côr verde; filtre sobre o xarope; misture.

XAROPE DE IODETO MERCURICO, IODETADO.

Syrupus Iodeti hydrargyrici et Iodeti kalici.

XAROPE DE IODHYDRARGYRATO DE IODURETO DE POTASSIO.
XAROPE DE GIBERT.

Iodeto mercurico	quarenta centigrammas	0,40
Iodeto de potassio	vinte grammas	20
Agua distillada	vinte grammas	20
Xarope commum	novecentos e sessenta grammas	960

Dissolva os iodetos na agua, filtre; ajunte ao xarope.

XAROPE IODO-TANNICO.

Syrupus Iodo-tannicus.

Iodo	tres grammas	3
Acido tannico	dezoito grammas	18
Agua distillada	trezentos grammas	300
Xarope commum	novecentos e quarenta grammas	940

Aqueça ligeiramente o iodo e o acido na agua em capsula de porcelana, evapore o soluto a banho de agua até ficar reduzido a 60 grammas; deixe arrefecer, filtre; ajunte ao xarope.

XAROPE DE IPECACUANHA.

Syrupus Ipecacuanhæ.

Extracto de ipecacuanha, alcoolico	dez grammas	10 1/100
Agua distillada	trezentos e cincoenta grammas	350 1/100
Assucar granuloso	seiscentos e cincoenta grammas	650

Trate o extracto pela agua, filtre, dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE LACTUCARIO.

Syrupus Lactucarii.

Lactucario pelo alcool	dois grammas	2
Agua distillada	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso	seiscentos e cincoenta grammas	650

Trate o lactucario pela agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE MARMELO.

Syrupus Cydonii.

Succo de marmelo, depurado . . .	quatrocentos grammas	400
Assucar granuloso	seiscentos grammas	600

Dissolva a calor brando.

XAROPE DE OPIO.

Syrupus Opii.

XAROPE THEBAICO.

Extracto de opio	dois grammas	2
Agua distillada	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso	seiscentos e cincoenta grammas	650

Trate o extracto pela agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE PHELLANDRIO.

Syrupus Phellandrii.

Phellandrio em pó grosso.	vinte grammas	20
Agua fervente	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso	seiscentos e cincoenta grammas	650

Infunda por 2 horas o phellandrio na agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE QUINA.

Syrupus corticis Cinchonæ flavi.

XAROPE DE QUINA AMARELLA.

Extracto de quina	dez grammas	10
Agua distillada	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso	seiscentos e cincoenta grammas	650

Trate o extracto pela agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE QUINA FERRUGINOSO.

Syrupus corticis Cinchonæ cum Ferro.

XAROPE DE QUINA E FERRO.

Extracto de quina cinzenta, alcoolico..	vinte grammas	20
Vinho do Porto.....	trezentos e setenta grammas	370
Assucar granuloso.....	seiscentos grammas	600
Citrato de ferro ammoniacal.....	dez grammas	10
Agua distillada.....	dez grammas	10

Trate o extracto pelo vinho, filtre; dissolva o assucar a banho de agua; ajunte o citrato, previamente dissolvido na agua.

XAROPE DE RATANIA.

Syrupus Krameriæ.

Extracto de ratania.....	vinte grammas	20
Agua.....	trezentos e trinta grammas	330
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Trate o extracto pela agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE RHUIBARBO.

Syrupus Rhei.

Rhuibarbo em pó grosso.....	cincoenta grammas	50
Agua.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Macere por 24 horas o rhuibarbo na agua; côe espremendo, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE ROSAS COMPOSTO.

Syrupus Rosarum compositus.

XAROPE DE ROSAS E SENNE. XAROPE ROSADO SOLUTIVO.

Rosas pallidas.....	quinze grammas	15
Senne.....	quinze grammas	15
Agua fervente.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Infunda por 2 horas as rosas e o senne na agua, côe espremendo; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE SALSAPARRILHA.

Syrupus Sarsaparillæ.

Extracto de salsaparrilha, alcoolico..	cincoenta grammas	50
Agua.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar granuloso.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Trate o extracto pela agua, filtre; dissolva o assucar a calor brando.

XAROPE DE SALSAPARRILHA COMPOSTO.

Syrupus Sarsaparillæ compositus.

Extracto de salsaparrilha, alcoolico..	cincoenta grammas	50
Borragem, flores.....	vinte grammas	20
Rosas pallidas.....	vinte grammas	20
Senne.....	vinte grammas	20
Aniz em pó grosso.....	vinte grammas	20
Assucar granuloso.....	quatrocentos grammas	400
Mellito simples.....	quatrocentos grammas	400
Agua fervente.....	trezentos grammas	300

Infunda por 12 horas a borragem, as rosas, o senne e o aniz na agua; côe espremendo; trate o extracto por este infuso, filtre; dissolva o assucar a calor brando; ajunte o mellito.

Equivale ao Arrobe anti-syphilitico ou Xarope de Cuisinier.

XAROPE DE SEIVA DE PINHEIRO.

Syrupus lymphæ Pini.

Seiva de pinheiro, filtrada..	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar de fôrma.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Dissolva a banho de agua.

XAROPE DE SORVAS.

Syrupus Sorborum.

Succo de sorvas, depurado.....	quatrocentos grammas	400
Assucar granuloso.....	seiscentos grammas	600

Dissolva a calor brando.

XAROPE DE SULFATO DE MORPHINA.

Syrupus Sulfatis morphinici.

Sulfato de morphina.....	cinco centigrammas	0,05
Agua distillada.....	dois grammas	2
Xarope commum.....	noventa e oito grammas	98

Dissolva o sulfato na agua; ajunte ao xarope.

XAROPE DE TEREBINTHINA.

Syrupus Terebinthinæ.

Agua de terebinthina.....	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar de fôrma.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Dissolva a calor brando, em vaso tapado.

XAROPE DE VIOLETAS.

Syrupus Violarum.

Xarope de violas roxas.

Violetas, petalas recentes....	cento e cincoenta grammas	150
Agua distillada fervente..	trezentos e cincoenta grammas	350
Assucar de fôrma.....	seiscentos e cincoenta grammas	650

Lave as petalas com agua distillada fria, infunda-as por 24 horas, em vaso de estanho, na agua distillada fervente; côe espremendo, deixe depositar, decante; dissolva o assucar a banho de agua.

ZEDOARIA.

Zedoaria.

Curcuma Zedoaria Roxb. (*Curcuma aromatica* Roscoë), Amomacea vivaz, da Asia tropical.

Rhizoma, vulgarmente *Raiz* — *Radix Zedoariæ* — ovoide ou arredondado, em segmentos compactos, duros, de consistencia cornea, esbranquiçados na face convexa, que conserva vestigios das raizes, amarellado-marmoreos nas superficies de secção; cheiro forte e camphoraceo, sabor quente e amargo.

ZIMBRO.

Juniperus.

JUNIPERO.

Juniperus communis Linn., Conifera arborea, da Europa septentrional, tambem espontanea no Gerez e na serra da Estrella.

(Fl. lusit. I. 126 — Fl. pharm. 542.)

Estrobilos, vulgarmente *Bagas* — *Fructus Juniperi* — globosos, do tamanho de ervilhas, carnosos, glabros, um tanto lustrosos e anegrados, com 3 sementes osseas; cheiro suave e aromatico, sabor resinoso, a principio doce, depois amargo.

ZINCO.

Zincum.

$$Zn \text{ ——— } Z\overset{\prime\prime}{n}$$

Corpo simples que se obtem reduzindo pelo carvão o oxydo resultante da ustulação da *blenda* (sulfureto de zinco) ou da calcinação da *calamina*.

Branco-azulado, brilhante; exposto ao ar humido perde o brilho, formando-se á superficie um oxydo em parte carbonatado, que preserva o resto do metal de ulterior oxydação; densidade 6,86; funde-se a 450°; volatilisa-se ao rubro claro.

Ensaiado no apparelho de Marsh, não deve dar manchas arsenicaes.

INDEX

NOMINUM LATINORUM

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

W

X

Z

INDICE

DOS NOMES PORTUGUEZES

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Y

Z